10.º ANNO JANEIRO DE 1907 N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

As praças de pret das tropas coloniaes

O recrutamento das praças de pret europeias ao serviço das colonias constitue um problema de solução bastante difficil. Não ignoramos que é praxe no reino dizer-se que—para as colonias tudo serve. Esta orientação, com a qual não concordamos, parece-nos ser bem contraproducente e contraria aos interesses das colonias, do paiz e mesmo do bom nome portuguez. E é isso que vamos procurar evidenciar para mostrar que a rapida solução que ao problema ahi se dá não é acertada nem conveniente, antes errada e prejudicial.

A praça de pret colonial, soldado, cabo ou sargento, tem de satisfazer a muitas condições. Alem das condições de ordem physica, que nem sempre teem sido muito attendidas, quando é certo que são muito recommendadas, ha o comportamento, que aqui deve ser irreprehensivel, as faculdades de trabalho, que n'estas regiões são indispensaveis, e por fim a energia, competencia e aptidões, que no ultramar são tanto ou mais necessarias do que na metropole.

Para mostrar a necessidade de um comportamento exemplar bastará dizer que as praças de pret europeias

são aqui a guarda de honra da bandeira nacional. E n'essa qualidade precisam ser correctas na apresentação e modelares no proceder, para, com o seu exemplo, educar o preto e conter o estrangeiro branco em respeito.

Uma outra razão existe e que só pode conhecer quem tenha servido nas colonias, e que a nós nos prendeu a attenção logo nos primeiros dias. Como bem sabido é, nas colonias ha o soldado europeu e o soldado indigena. Esta dualidade de procedencias, aliás inevitavel, necessaria e indispensavel, faz com que se possa estabelecer o confronto e parallelo entre o proceder de uns e outros. Succede, porém, que, em regra geral, o soldado preto é tudo quanto de mais correcto e aprumado se pode imaginar, qualidades estas que lhe são dadas pela sua bella, robusta e herculea constituição, e pelo espirito de que é dotado, que, sendo geralmente submisso, não é, comtudo, humilhante. O preto, bem instruido, educado e disciplinado, é um soldado que se pode apresentar em toda a parte. As suas continencias são rasgadas, amplas e regulamentares. O seu porte é altivo, soberbo, quasi magestatico. O seu caminhar é correcto, firme e resoluto. Os seus movimentos são compassados, methodicos e harmonicos. A arma maneja-a com facilidade, promptidão e rapidez. Este conjuncto de predicados faz com que se reconheça logo n'elle um bom e magnifico soldado.

Outro tanto não se poderá dizer do soldado europeu. A sua constituição não rivalisa com a do preto, nem o seu andar, nem o seu aspecto e apresentação, nem mesmo ás vezes o seu modo de proceder. As febres e as saudades da patria fazem com que alguns se apresentem acabrunhados, quasi succumbidos. O pouco estimulo que se nota em muitos contribue immenso para que elles se desempenhem dos seus deveres com pouca dedicação. Finalmente, e esta para nós é a razão principal, a falta de sentimentos e de caracter, que são proprias de todo o individuo mal comportado, fazem com que o soldado branco se apresente abandonado, um vencido da vida, quando não é um insubordinado e um individuo sem respeito e obediencia, sem brio, sem dignidade e sem espirito militar. E é d'esta forma que se apresenta muitas vezes o branco, quando elle devia ser o educador.

Este facto, porém, a nós apenas nos causa lastima, porque, se houvesse um bom systema de recrutamento, que fosse escrupulosamente seguido, quer-nos parecer que os individuos que d'esta forma se apresentassem não seriam frequentes. E tanto mais que não ha razão para assim succeder, porque o soldado europeu tem aqui bons quarteis, muitas vezes melhores do que no reino, pret regular, mesmo bom, rancho optimo, que corresponde perfeitamente ás exigencias dos climas tropicaes, e geralmente serviço moderado. São a guarda de honra da bandeira, e n'essa qualidade gozam de innumeras vantagens.

Ora, devido á orientação seguida e á qual já tive occasião de me referir, succede por cá acontecer muitas vezes precisamente o contrario d'aquillo que certamente devia ser, porque é frequente vêr que essas guardas da bandeira nacional nem sempre a honram, como era para desejar. E se se investigar a causa, se se chegar mesmo aos archivos das companhias, reconhece-se que esses factos succedem porque o registo disciplinar de muitas praças precisa de 4 e 5 folhas para ser todo elle lançado, mesmo com a caracteristica lettra miudinha. N'estas condições poderá haver guarda e bandeira, mas o que com certeza não pode haver é honra para a bandeira, porque as praças a deshonram, nem mesmo honra para as praças, porque a bandeira só honra quando é honrada por quem a serve e defende.

A seguir ao comportamento, uma das primeiras condições a que deve satisfazer o recrutamento das praças de pret, temos a considerar as faculdades de trabalho. As colonias não são para os indolentes, nem moral, nem physica, nem economicamente. Quem não trabalha nas colonias succumbe por preoccupações de ordem moral que se apoderam de todo aquelle que se entrega á ociosidade, ou por causas de ordem physica, porque as febres, como verdadeiras plantas parasitas, enleiam-se no organismo do indolente, do que não reage, do que não lucta, do que não põe todo o seu organismo em acção, até lhe sugar toda a seiva, toda a vida, acabando pelo vencer e matar. O trabalho aqui é tão necessario como o proprio pão que se come. Aqui, bem mais do que n'outra qualquer parte, deve-se trabalhar para viver, e viver para trabalhar.

E alem d'estas razões, peculiares aos climas tropicaes, ha a mais a propria necessidade de trabalho que assiste e subsiste a todo o cidadão e em toda a parte para não ser tido, julgado e considerado como um ser inutil e prejudicial. A propria razão economica, se não representa factor attendivel para o soldado emquanto desempenha este mistér, deve represental-o se esse mesmo soldado passar a colono depois de ter terminado o seu serviço militar, como é conveniente que passe. A este respeito direi, por vir a proposito, que a lei determina se concedam terrenos e garantias aos soldados que desejem estabelecer-se nas colonias, concluido o tempo de serviço, dizendo que se publicará um regulamento. Outro tanto se promettia na organisação de 1869 e, no entretanto, nada se tem feito até hoje. É pena é que assim succeda, porque o soldado europeu podia ser aproveitado como colono, para o que muito contribuiria a sua aclimação e o conhecimento que já possuisse da região.

A uma outra razão que se deve attender é á competencia e aptidão para determinados serviços. Como é sobejamente conhecido, o soldado indigena não é apto para desempenhar determinados mistéres, o que é devido ao seu temperamento, educação, habitos, costumes e falta de conhecimentos proprios. O soldado preto ignora tudo; não sabe abrir uma trincheira, preparar um talude, fazer uma parede, nem construir um telhado; ignora a forma de cortar, serrar e apparelhar a madeira para os usos mais vulgares; não faz a construcção d'uma ponte, por mais rudimentar que possa ser, nem mesmo faz idéa do que seja um cavalete e as applicações que possa ter; o proprio terreno para *machambas* o prepara mal, e se se quizer estabelecer uma horta e pomar de productos mais delicados já se não pode contar com elle; não faz idéa como se cuida de uma matta e limpa e póda uma arvore; não sabe coser pão; não fabrica instrumentos de uso commum; não é, emfim, nem serralheiro, nem carpinteiro, nem padeiro, nem pedreiro, nem hortelão, nem mesmo sequer cavador de enxada.

Ora, no serviço colonial, principalmente nos postos e commandos do interior, estes serviços, que ainda não teem pessoal proprio, precisam ser desempenhados pelo preto, mas como os não conhece, necessita o official

ensinal-os se o pouco pessoal branco que o acompanha não fôr apto n'esses mistéres. E essa tarefa, por certo, não é a que mais compete ao official. E para isso indispensavel é que o soldado branco tenha a competencia necessaria, e acertadamente se procederia no reino, por consequencia, se se attendesse um pouco a esta circumstancia. E se assim se procedesse não teriamos sequer o direito de primazia, porque o general Gallieni, o celebre governador de Madagascar, já se exprime d'esta forma em um dos seus relatorios annuaes a respeito d'um assumpto identico ao que estamos tratando: —«Em Madagascar resolveu-se a difficuldade juntando aos corpos europeus obreiros especialistas (carpinteiros, ferreiros, cosinheiros, pedreiros, jardineiros, serralheiros, etc,), que são addidos ás companhias indigenas estacionadas nos commandos *(cercles)* militares».

E a necessidade de proceder de forma identica torna-se nas nossas colonias verdadeiramente imperiosa. O official aqui, principalmente o subalterno, está destacado nos postos e commandos militares do interior, onde vive, em geral, com um pelotão de soldados indigenas, um ou dois soldados ou cabos brancos, o que não é muito vulgar, e um e rarissimas vezes dois sargentos. Ora, se o official n'estas condições, quasi só e desacompanhado, quizer fazer alguma coisa, abrir estradas, construir *machambas*, casas, etc., ou quizesse augmentar ou reforçar a area fortificada do seu posto, precisa elle de ensinar e dirigir os pretos de que dispozer nas mais insignificantes minudencias, visto não ter pessoal branco devidamente instruido, ou então desistir de toda a tentativa util e proveitosa. E se não tivessemos receio de ser indiscretos, poderiamos até indicar nomes de officiaes que, de manga arregaçada, ensinaram os pretos a cortar arvores e a fazer parede, outros que, devido aos auxiliares brancos que tiveram, conseguiram salientar-se no arranjo e disposição dos seus postos, e outros conhecemos tambem que, não tendo recursos proprios nem a aptidão e gosto para esse genero de trabalhos, nem ao seu lado quem lhe podesse supprir essas deficiencias, se metteram dentro da sua palhota, bocejando a todo o instante.

Para acabar com esse estado de coisas, raras vezes proficuo, util e proveitoso, é que nos parecia conveniente mandar para cá soldados de varios mistéres e

officios, mesmo com vencimentos especiaes, para distribuir pelos postos e commandos. Seria até um excellente meio de colonisação e uma optima escola. Mas, alem d'estas razões de caracter geral e especialmente applicaveis a soldados, outras existem de caracter mais especial e respeitantes aos cabos e sargentos, e ás quaes nos referiremos em artigos subsequentes.

Lourenço Marques, 1906.

DAVID RODRIGUES
Cap. d'infanteria

A alimentação da cavallaria na guerra

On ne doit jamais mêler les equipages avec les troupes.

GUIBERT — *Essai general de tactique.*

De ha muito que espiritos esclarecidos pela experiencia de guerras passadas teem procurado demonstrar, com argumentos serios e irrefutaveis, a inutilidade dos trens regimentaes das unidades e a necessidade da sua eliminação.

A creação d'esta especie de trens para cada unidade deve-se a Napoleão. A 10 de setembro de 1806 exprimia elle o desejo de que «houvesse dois carros em cada batalhão para transporte de dois dias completos de viveres». Tempos depois auctorisava os regimentos a possuirem mais algumas viaturas para transporte de 4 dias de pão.

A deficiente organisação da administração militar

franceza d'aquelle tempo, a falta de confiança que havia n'ella para garantir a subsistencia das tropas por outro processo e a ausencia das columnas de viveres que então não existiam ainda, justificava um tanto o aproveitamento d'um systema de reabastecimento que, não obstante, trazia em si o germen de multiplas complicações e graves embaraços á marcha.

Dadas as excepcionaes circumstancias apontadas, a dotação de viaturas ás unidades para transporte de generos, devia ser encarada como uma medida transitoria, a supprimir ou a substituir por precessos mais racionaes no futuro.

Não succedeu, infelizmente, assim, e os trens regimentaes subsistem ainda hoje nos exercitos europeus, em parte por um devotado amor á rotina, em parte por um espirito de mal comprehendida previdencia, julgando erradamente mais garantida assim a subsistencia das tropas, e sem attender a factores de importancia diversa, que na guerra é indesculpavel despresar.

O effectivo das unidades de guerra tem cada vez mais tendencia a augmentar; este augmento envolve em si a creação de enormes formações administrativas para constituir os seus trens regimentaes.

Estas formações são sem duvida alguma um prejudicialissimo embaraço ás marchas, e embaraço que pode ser das mais desastrosas consequencias.

Se, ainda assim, o trem regimental satisfizesse ao fim para que existe na unidade, os seus inconvenientes de *impedimenta* seriam diminuidos em parte pelos beneficios que produziria.

Mas, não succede assim. O trem regimental é, como o definiu Lewal, uma heresia tactica. Obrigado a seguir a unidade constitue uma viciosa mistura de tropas e viaturas; se se diminue assim a extensão das columnas de viveres, augmenta-se a profundidade das columnas de tropas, o que representa um mal muito peior.

Nós já dissémos que os trens regimentaes são um estorvo constante á regularidade das marchas; acrescentem-se os inconvenientes de encher o soldado de pó, de indirectamente o incitarem a depor nas viaturas a sua espingarda, a sua mochila, etc.

A tactica de marcha exige a collocação dos diversos elementos na columna segundo a prioridade do seu emprego; sendo os trens regimentaes utilisaveis no fim do

dia ou apoz o combate, teem logar marcado na cauda— logo não podem acompanhar a unidade.

Se a unidade tem de operar em terreno difficil, onde não é permittido ingresso a viaturas, o trem regimental fica tornado uma absoluta inutilidade.

N'uma marcha forçada, ficará certamente muito á retaguarda e não satisfará ao seu fim.

No caso d'uma surpreza, o trem regimental originará a confusão, pelos movimentos que tem de effectuar, inversos dos das tropas.

Tudo o que deixamos dito se applica á generalidade; attendamos agora á cavallaria, que é o caso especial que queremos tratar.

E' incontestavel que o principal serviço que a cavallaria presta é o de exploração e reconhecimento, e para o seu desempenho necessita d'uma extrema mobilidade.

Essa mobilidade não póde ser garantida, desde que se não desembarace a cavallaria de viaturas.

Sem ellas, a cavallaria póde marchar a trote, ao galope, ou como melhor lhe convenha; com trem, a sua marcha será prejudicada pela d'este, que é sempre morosa.

Isto basta a convencer-nos dos graves inconvenientes que o trem regimental representa para a cavallaria.

O nosso R. C. diz que «a alimentação pelo habitante constitue para a cavallaria de descoberta e para a de segurança o processo normal de subsistencia *sempre que as circunstancias o permittam.*»

É um bom preceito, mas affigura-se-nos mais racional eliminar aquelle *sempre que as circunstancias o permittam*, porque representa uma porta aberta a todas as excepções.

A vida sobre o paiz é o *unico* processo de subsistencia para aquella cavallaria; deve por isso determinar-se, sem excepção de expecie alguma.

Está provado que na Europa as circunstancias permittem sempre que a cavallaria viva sobre o paiz.

Ella marcha na frente e geralmente com um effectivo reduzido, sendo-lhe sempre facil abrigar-se e viver nas localidades.

Haverá por certo quem objecte que, embora se encontrem generos alimenticios em abundancia para os homens, será algumas vezes difficil deparar com forragens.

A esta objecção oppõe-se o conhecimento que ha de

que o cavallo póde viver com tudo, ponto é saber combinar a sua alimentação.

Na retirada da Russia, em 1812, os cavallos do exercito francez foram alimentados com colmo arrancado dos telhados.

Durante o cerco de Metz, alguns cavallos estiveram sujeitos a um regimen d'alimentação pela carne cosida, e os resultados foram satisfatorios.

A. David Branquinho
Tenente d'administracção militar.

A evolução da tactica de infanteria

(Continuado do n.º 12—1906)

Guardas avançadas

E', não só, um orgão de segurança, mas o principal orgão de reconhecimento na frente das columnas. Dispondo de effectivos mais importantes que os destacamentos de cobertura, completam a acção de reconhecimento que estes, pela insufficiencia de forças, não poderão levar a bom termo.

As guardas avançadas tacteiam o inimigo em toda a linha de frente, procuram mesmo trasbordar-lhe as alas, travando o combate de *preparação*, que permitte elucidar mais completamente o commando. Dão plena realisação á maxima de Napoleão: *L'on s'engage partout et puis l'on voit.*

A acção energica das guardas avançadas tem a vantagem de evitar ao grosso os desenvolvimentos prematuros, as falsas direcções e os ataques no vacuo, garantindo ao commando supremo o *tempo* e o *espaço* indispensaveis para reunir e dispôr convenientemente os seus meios de acção.

b) Leis geraes de evolução tactica.

Para fazer um estudo consciencioso do combate moderno, torna-se mistér, antes de proseguir n'este traba-

lho, enunciar succintamente as leis geraes da evolução tactica, que vão modificando, senão os principios fundamentaes da batalha, pelo menos os processos de execução mais ou menos variaveis, segundo as transformações incessantes realisadas no armamento e a descoberta de explosivos de effeitos cada vez mais surprehendentes e decisivos.

Ardant du Picq havia já determinado algumas d'essas leis.

O general Langlois apresenta agora uma exposição mais desenvolvida das leis geraes da execução tactica, acceitas pelo consenso unanime das maiores auctoridades em questões d'esta transcendencia.

1.ª lei. — Os aperfeiçoamentos realisados nas armas portateis tornam quasi sempre o ataque de frente mais difficil, mais custoso, mais aleatorio, por consequencia.

E' esta uma proposição de per si tão evidente, que não receia contestação.

E' intuitivo que as notaveis propriedades balisticas das armas de precisão postas em funcção do terreno augmentam consideravelmente as difficuldades da offensiva de frente.

Para progredir no ataque, o assaltante carece da superioridade do fogo, o que implica desde logo a superioridade do numero, ou uma maior habilidade na execução do tiro.

Como consequencia d'esta primeira lei, deriva a necessidade para a infanteria atacante de adoptar formações menos vulneraveis, menos densas e mais flexiveis, o que põe mais em fóco a importancia da iniciativa e do valor individual do soldado, que carece d'um moral mais solido para arrostar com a dura prova do assalto.

2.ª lei. — Os aperfeiçoamentos das armas portateis facilitam a acção envolvente ou de flanco.

O emprego dos explosivos de notavel força expansiva e a efficacia das novas armas de precisão, alargando consideravelmente os alcances e a extensão das zonas batidas facilitam o envolvimento de qualquer posição defensiva. As surprezas podem tornar-se mais frequentes, em vista da ausencia do fumo.

O ataque de flanco exige a manobra; eis porque a manobra, a mobilidade, a flexibilidade e a rapidez de movimentos vão adquirindo uma importancia crescente nas operações de guerra.

3.ª lei.—O augmento progressivo da potencia da artilheria facilita sempre o ataque, quer se produza de frente, quer de flanco.

O sensivel alargamento dos alcances decisivos da artilheria moderna permitte á offensiva a possibilidade de manobrar a coberto, e, por consequencia, realisar secretamente no ponto escolhido uma concentração consideravel de meios, cujo effeito se revelará bruscamente, por surpreza.

A defeza aproveita menos do que o ataque os poderosos meios de acção da artilheria.

A invisibilidade das baterias beneficia mais o assaltante que o defensor, porque o primeiro dispõe em geral d'um desenvolvimento de cristas muito superior, deixando o adversario n'uma grande perplexidade e indecisão por não poder penetrar qual o ponto preferido pelo assaltante para objectivo do ataque decisivo. Portanto, o accrescimo de potencia da artilheria utilisa principalmente ao atacante, que escolhe á vontade o ponto onde quer vibrar o golpe decisivo, fazendo convergir todos os seus esforços e meios de ataque n'essa direcção.

Este principio applica-se tambem á defensiva, mas sómente no momento em que passa á offensiva por um contra-ataque, ou melhor ainda, por um retorno offensivo, que lhe permittirá reunir momentaneamente duas armas contra uma.

A intensa nuvem de fumo produzida no local da explosão pelos obuzes modernos pode ser efficazmente aproveitada no ataque decisivo. A artilheria conseguirá por este meio cegar o adversario durante um espaço de tempo relativamente grande, impedindo-o de ajustar o tiro e creando ás outras armas um caminho desenfiado para executar o assalto.

D'aqui proveio a concepção do emprego da cavallaria com baterias ligeiras no ataque decisivo, o que vem confirmar o principio enunciado por alguns tacticos: *Os progressos realisados no armamento reclamam uma ligação cada vez mais intima entre as diversas armas.*

4.ª lei.—A extensão das frentes de combate tende a alargar-se, attingindo proporções cada vez maiores.

Os constantes progressos do armamento levam naturalmente a augmentar a extensão das frentes de combate, não só para pôr em acção um maior numero de armas, mas ainda para difficultar o envolvimento das alas.

A rapidez de tiro do armamento moderno permitte que se considere como occupado um terreno quando é efficazmente batido pelo fogo.

Eis porque alguns tacticos da *nova escola* ligam demasiada importancia á denominada *guerra de rêdes*, que é apenas o primeiro acto da lucta, constituindo por assim dizer o combate de *preparação* ou um dos dois grandes periodos da batalha moderna.

Mas o combate das *rêdes* difficilmente pode levar a uma decisão, porque esforços disseminados actuando sobre frentes enormes raras vezes conduzirão a um resultado decisivo, tornando-se, em rigor, indispensavel terminar a batalha por um acto de força sobre uma parte da frente, sobre o ponto designado ás massas para o ataque decisivo.

5.ª *lei.* — A defeza tem cada vez mais a possibilidade e o dever de manobrar em profundidade.

Esta lei é a consequencia de tres propriedades novas devidas ao aperfeiçoamento das armas de fogo:

1.ª O estabelecimento de contacto com um inimigo em posição torna-se cada vez mais lento, difficil e custoso;

2.ª A força e a duração de resistencia dos destacamentos mixtos de todas as armas, ageis e manobradores, augmentam cada dia com os progressos do armamento;

3.ª O desenvolvimento d'uma forte linha de baterias pode fazer se sob a protecção de fracções de infanteria cada vez mais fracas.

Estas propriedades, que representam verdadeiros principios já consagrados pela experiencia das ultimas guerras, são tão evidentes ao seu simples enunciado, que dispensariam qualquer justificação.

A difficuldade que encontra hoje o atacante no estabelecimento do contacto quando os destacamentos de cobertura da defeza são habilmente dirigidos, permittem á defensiva a acção em profundidade, indispensavel para a manobra.

O assaltante pode ser illudido e a acção dos seus orgãos de reconhecimento entravada por meio de destacamentos que a defeza expede para a frente, afim de occuparem momentaneamente posições, ou pontos de apoio importantes.

Se os destacamentos forem bem conduzidos, o inimigo

vêr-se-ha na necessidade de desenvolver forças superiores para envolver um flanco, ás vezes, *ficticio*.

Em taes casos, a manobra está naturalmente indicada para a defeza, sendo a profundidade inicial do dispositivo que permitte a execução d'essa manobra.

6.ª *lei*. — O assaltante deve aperfeiçoar e fortalecer cada vez mais os orgãos destinados ao estabelecimento de contacto.

E' intuitivo que augmentando as difficuldades do estabelecimento do contacto devem modificar-se os orgãos destinados a esta funcção, fortalecendo-os e amoldando-os a deveres novos.

Como vimos já, a primeira tarefa do atacante é tactear o adversario sobre toda a frente, afim de obter esclarecimentos completos, e investir com o inimigo.

Esta missão não pode ser desempenhada sómente pela cavallaria, que dispõe de insufficiente força de penetração e de resistencia.

Para realisar efficazmente um reconhecimento, a cavallaria carece do apoio de outras armas em força bastante, afim de poder penetrar as *rêdes* adversas e vêr o que ellas encobrem; d'ahi a necessidade dos destacamentos mixtos a que anteriormente nos referimos, os quaes, lançados a algumas leguas de distancia para a frente, podem prolongar por maior espaço de tempo os preliminares da batalha, no que haverá, em geral, vantagem. Estes destacamentos devem preceder, tanto na offensiva como na defensiva, as guardas avançadas das columnas.

7.ª *lei*. — Os progressos do armamento diminuem constantemente a força de resistencia da fortificação permanente e das obras de grande relevo; augmentam ao contrario o valor da fortificação ligeira de campanha desenvolvida e disposta em profundidade.

Nos tempos passados, a força de fortificação residia inteiramente na altura e espessura do parapeito, na profundidade do fosso, na potencia das defezas accessorias destinadas a deter o assaltante; hoje a verdadeira força de resistencia encontra-se no fogo, na espingarda, isto é, no homem — a indiscutivel força activa.

Os ultimos progressos realisados na arte da guerra, como todos os precedentes, não fazem mais do que comprovar e exaltar a preponderancia das forças activas sobre as forças passivas, — a supremacia das forças de campanha.

Em logar das fortificações de grande relevo, emprega-se actualmente com vantagem incontestavel uma série de trincheiras-abrigos apresentando uma primeira linha de fogo extensa, bem protegida nos flancos, solidamente apoiada á retaguarda por outras linhas de trincheiras dispostas em profundidade, o que constituirá um ponto de apoio invulneravel á artilheria.

Esta invulnerabilidade não provem da força isolada de cada uma d'estas trincheiras, mas da extensão e do numero d'estes elementos de defeza.

Por outro lado, a potencia actual do fogo da infanteria tem dado á simples trincheira-abrigo uma consideravel força de resistencia. Eis a razão da importancia adquirida nos ultimos tempos pelas ferramentas destinadas ás tropas de infanteria, e da vantagem resultante da intima ligação e solidariedade de todos os combatentes com a quarta arma — a engenheria.

O general Langlois, apresentando no seu notavel livro *Enseignements des deux guerres recentes* as leis geraes da evolução tactica, consideradas sob o ponto de vista da preparação para a guerra, faz resaltar d'ellas as seguintes consequencias, que justifica proficientemente:

1.ª A importancia da manobra e a sua facilidade vão augmentando de dia para dia, d'onde a necessidade crescente da mobilidade;

2.ª A guerra moderna reclama uma solidariedade completa entre as diversas armas, e, por consequencia, uma organisação militar mais solida;

3.ª A guerra moderna exige de todos os combatentes um moral, o melhor temperado possivel;

4.ª — Todo o progresso no armamento diminue a importancia do numero.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA
Major d'infanteria 10.

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 12—1906)

Emprego das metralhadoras não automaticas

Estas metralhadoras, ainda que usadas em alguns casos, não poderam, porém, sempre manifestar uma grande potencia de fogo que bem as recommendasse, especialmente os antigos primeiros modelos.

Até ao emprego do cartucho metallico ellas funccionavam sempre mal, sendo o carregamento muito demorado por causas varias, e occasionando desastres muitas vezes depois de disparar, especialmente pelos repetidos retardamentos de inflammação que se davam.

Com o cartucho metallico simplificando-se consideravelmente a alimentação, não deixaram, porém, de subsistir os defeitos oriundos da propria arma, que muitas vezes, durante o fogo, se encravava ou occasionava desastres.

Assim, não sendo de confiança as metralhadoras antigas, em poucos casos se empregavam, e muito poucos paizes as possuiam.

O seu emprego limitou-se apenas ao flanqueamento dos fossos, nas guerras de cerco e nas guerras coloniaes, com excepção da Reffye que tão mau emprego tactico teve, em geral, na guerra de 1870.

Ainda assim, nos poucos casos em que foi tacticamente bem empregada, manifestou um regular funccionamento n'uma potencia de fogo tal que, grandes massas de infanteria prussiana, foram por ellas postas fóra de combate.

Citamos em seguida alguns dos combates em que foram empregadas as metralhadoras não automaticas.

Na Guerra da Secessão, da America ds Norte, foram empregadas em quantidade, pelos federaes, as

metralhadoras Gatling, tanto nas fortificações como em barcos a vapor em varios rios, para baterem as guerrilhas. Algumas metralhadoras Agar foram tambem usadas n'esta guerra.

Em 1870, na guerra franco-prussiana, os francezes tinham a metralhadora Reffye que em muitas circumstancias usaram contra as tropas allemãs. Foi, porém, do mau emprego tactico, em geral, que d'ella fizeram, que não tiraram o partido que ella lhes poderia dar.

Assim, tendo-a adstricta á artilheria, empregavam os seus fogos ás grandes distancias, fazendo-a, em alguns casos, substituir a propria artilheria.

Sobre o assumpto diz o general Luzeux que a bala da metralhadora Reffye poderia ter a mesma velocidade que a granada; mas o elemento *conservação de velocidade* representado especialmente pela densidade de secção, será sempre para a bala, inferior á da granada. Mesmo de fórma alongada, a bala perde, pois, a sua velocidade mais rapidamente que a granada, e o seu alcance é necessariamente inferior.

Sempre que foi empregada ás grandes distancias, a efficacia dos seus fogos foi nulla e em pura perda de munições. Nos casos em que foi usada ás distancias médias e inferiores, os seus effeitos foram algumas vezes terriveis para os allemães, e o effeito moral que sobre estes produzia o seu fogo era tal, que a artilheria allemã tinha ordem formal para concentrar os seus fogos contra ellas, sempre que se manifestassem, procurando destruir tanto o material como o pessoal.

Em Forbach apesar do fogo vivo, durante 7 horas, de cento e trinta e duas peças de artilheria allemã contra uma linha de cerca de 2 kilometros de tropas francezas, devido quasi exclusivamente ás metralhadoras, foram postos fóra de combate 4.000 allemães.

Em Mars-la-Tour a 38.ª brigada prussiana com 95 officiaes e 5.500 homens soffreram em alguns minutos a perda de 72 officiaes e 2.500 homens.

Em Sédan algumas metralhadoras atirando a 600 metros produziram grande mortandade nos allemães.

Tres metralhadoras Gatling na batalha de Mans, abrigadas e cinco baterias de artilheria á retaguarda, impediram durante um dia inteiro que duas brigadas prussianas avançassem.

A artilheria allemã nunca poude fazer calar as metralhadoras, completamente desatacadas, á frente da artilheria.

Na guerra turco-russa as metralhadoras Gatling tambem foram empregadas com bom exito nos cercos de Plewna e de Nicopoli.

N'este, uma companhia de metralhadoras estabelecida a 900 metros do inimigo, forçou-o a cessar o fogo em um quarto de hora.

Na guerra entre o Chile e o Peru, em 1879, os chilenos repelliram por tres vezes com as metralhadoras Gatling, os assaltos dos peruanos, inflingindo-lhes grandes perdas.

Os russos empregaram tambem com exito as Gatling na expedição de Khiva, em 1873; e na de Skobelef contra os Tekkés, em 80-81, quatro metralhadoras de marinha.

Os italianos empregaram sem successo algum, na guerra contra os abyssinios, as suas metralhadoras Pratt e Whitney. O cartucho italiano, detestavel, nunca as pôde fazer funccionar convenientemente, como já dissemos ao tratar d'esta metralhadora. Em Dogali, a 26 de janeiro de 1887, uma columna de 500 homens foi destruida por 20.000 abyssinios que se apoderaram de duas metralhadoras.

Em quasi todas as suas guerras coloniaes, no Egypto, Soudan, Serra Leoa, Zululandia, Canadá, Birmania, Tirah, etc., os inglezes teem empregado sempre as metralhadoras Gatling, Gardner e Nordenfeldt com maior ou menor successo. Nas mais recentes campanhas teem usado já as metralhadoras automaticas.

No Egypto, em Tel-el-Kebir (1882), uma companhia de 6 metralhadoras Gatling, fazendo fogo contra os entrincheiramentos egypcios, reduz estes ao silencio em pouco tempo.

No Soudan, em El-Teb (1884), o general Graham com 8 peças e 6 metralhadoras Gatling e Gardner causa sensiveis perdas ao inimigo. Sobre o Nilo empregaram-se em barcos, e em terra em carros blindados.

Na Birmania a flotilha que transportava as tropas e o material sobre o Iraouady era escoltada por barcos armados com metralhadoras Gardner e Nordenfeldt que impediram o inimigo de permanecer nas margens do rio.

Durante a guerra hispano-americana uma companhia de 3 metralhadoras Gatling, sob o commando do tenente Parker, fez, em 8 minutos e meio, cessar o fogo ás tropas hespanholas bem entrincheiradas, que tiveram de abandonar as fortificações, havendo antes repellido com o maior vigor os ataques da cavallaria e infanteria americanas. As metralhadoras repelliram ainda por duas vezes dois contra-ataques das tropas hespanholas.

A velocidade de tiro foi n'este combate de cerca de 780 tiros por minuto, por metralhadora.

Em Santiago de Cuba foram as metralhadoras Gatling empregadas nas trincheiras para repellir as sortidas e os ataques de noute pelos hespanhoes.

Diz o tenente Parker no seu relatorio que, com uma das metralhadoras conseguiu, a 1.800 metros, fazer calar uma peça de 16cm, fazendo fogo contra os serventes [1].

(Continua) CAP. BUGALHO.

TIRO NACIONAL

Não podemos, e mesmo não devemos ficar mudos perante a proposta que o sr. ministro da guerra apresentou ao parlamento sobre carreiras de tiro e instrucção militar preparatoria. E não podemos, porque essa proposta tem um aspecto moral que nos sensibilisa, e não devemos, porque corresponde a uma aspiração que mantemos e pela qual ha já bastante tempo que luctamos.

A instituição do tiro nacional, tendendo a despertar no povo sentimentos patrioticos, a desenvolver o espirito militar, a educal-o moral e civicamente, a despertar-lhe o gosto pelos exercicios physicos e a avigorar-lhe, emfim, a sua raça, para bem se aguentar nas luctas sociaes em que os povos por vezes se debatem, e nos interesses economicos em que as nações modernas andam empenhadas,

[1] Les mitrailleuses à Santiago, pour le commandant H. de Missy.

não pode essa instituição, como iamos dizendo, deixar de ter uma feição sentimental e um cunho verdadeiramente patriotico, que muito fallam ao nosso coração. E tem realmente essa feição, bem pratica e bem sensivel.

O portuguez é um sentimental e um patriota; ama a patria, porque adora a sua familia; ama o seu paiz, porque lhe admira os seus encantos; respeita o seu povo, porque lhe reconhece as tradições, que teem sido grandes e epicas; está prompto a associar-se com os seus concidadãos, porque lhe conhece as virtudes e qualidades, que, quando são postas á prova, raras vezes são desmentidas; e quem escreve estas linhas, que é portuguez, não pode deixar de partilhar de identico modo de pensar e sentir.

Essa proposta, com a qual concordamos, impressionou-nos muito bem. O facto, comtudo, de a ter lido a milhares de kilometros de distancia, veio dar relevo á enthusiastica impressão que a sua leitura nos despertou. A patria adora-se sempre e em toda a parte, mas se alguem quer experimentar esse sentimento, despeça-se da familia que estima e dos amigos que aprecia, metta-se n'um comboio ou n'um navio e vá para longe do seu paiz viver, n'um meio extranho e cosmopolita, e verá então como a sua alma vibra pela patria que deixou e como o seu coração suspira pelo paiz de que não se esquece.

E nós experimentámos todos esses sentimentos. A costa oriental da nossa Africa é mesmo excellente para isso, porque desde o inglez, o francez, o allemão, o italiano, ainda o china, o arabe, o japonez, o americano, todos os povos, emfim, estão aqui largamente representados. A lucta pela vida em que se debatem, essa terrivel *struggle for life* em que se degladiam, é medonha e estonteante. A ambição, a cubiça, o interesse são as normas constantes e permanentes com que todos regulam os seus actos. Dinheiro e riqueza que garantam um bem estar futuro, são a unica coisa que os domina. Os proprios processos e meios são por vezes secundarios, e todos parece seguirem o conselho que a velha escoceza dava a seu filho no momento da partida — *go my son, make money, make money, honestly if you may, but make money* — vae, meu filho, ganha dinheiro, ganha dinheiro, honestamente se poderes, mas... ganha dinheiro.

E quando todos os povos assim se debatem é necessario que o povo portuguez não se deixe ficar atraz; é a conclusão que sempre tira quem tem de viver entre elles. Pre-

cisa luctar como elles, quer no campo economico, em que a lucta se fere dia a dia, quer no campo de batalha, que é sempre a resultante para se não ser esmagado n'essa lucta de concorrencias de toda a especie. E para isso o povo portuguez precisa avigorar-se, moral e physicamente, para resistir a esses embates que lhe apparecem de todos os lados. E esse *desideratum* pode-se conseguir pelo tiro nacional, desde que elle seja guiado e orientado de forma a completar a educação da familia e das escolas. O lar, a escola e a carreira de tiro são os templos onde a creança deve ser catechisada n'essa religião moderna, e todos os esforços que n'esse sentido se empregarem, como os da proposta em questão, são sempre abençoados, porque podem ser redemptores. E é essa a razão porque não podemos ficar mudos depois da leitura d'aquella proposta, porque ella n'este sentido é orientada.

E dizendo as razões porque não podemos ficar mudos, devemos indicar tambem os motivos porque não devemos ficar silenciosos.

Alguma coisa temos trabalhado em prol d'esta instituição. E esta affirmação esperamos não será tomada á conta de immodestia por aquelles que nos conhecem. E' necessario, porém, fazer esta asserção, porque estando a proposta do sr. ministro da guerra em harmonia com o que sobre o assumpto sempre temos dito, só poderemos, por consequencia, fazer plena justiça á proposta projectada, que oxalá já seja realidade quando estas palavras fôrem publicadas, indicando os pontos de contacto que ha entre as nossas aspirações e os topicos principaes d'aquella proposta de lei.

N'um livro—*O Tiro Nacional*—que ha cerca de 5 annos publicámos, diziamos que a instrucção do tiro civil se devia tornar como que obrigatoria, devendo para isso haver carreiras nas escolas e nas sédes dos concelhos. Era uma aspiração que mantinhamos e que muitos reputaram como méra utopia e que outros até combateram como phantasia. Volvidos porem esses cinco annos vemos que a utopia tem formulas praticas e que a phantasia vae deixar a região do misterio para entrar no campo das coisas reaes e palpaveis. Grande foi pois a nossa satisfação, não porque essa circumstancia nos envaidecesse, mas porque estamos convencidos de que com essa proposta se póde prestar um bom serviço ao paiz. E n'estas condições e animados por esta convicção, que é arreigada,

não podemos ficar silenciosos nem deixar de pôr em relevo o valor d'essa proposta. É mesmo um acto de justiça que não devemos deixar de praticar.

Além d'isso temos sempre advogado, o que por vezes nos tem acarretado desgostos e malquerenças, que tanto a direcção como a execução do tiro nacional deviam não só ter um caracter manifestamente official, mas tambem que era á arma de infanteria que pertencia essa tarefa. Houve quem não nos comprehendesse, e até quem nos combatesse, mas com a leitura d'essa proposta tivemos tambem a satisfação de vêr que n'ella se prescreve e determina precisamente o que por nós era advogado e defendido. E' á arma de infanteria, pois, a ella e só a ella, que compete essa nobre e patriotica missão. Os intrusos são afastados e os adventicios postos de parte. E é mais um relevante serviço que o sr. ministro da guerra nos prestou.

O que a nossa arma precisa agora é não dormir sobre a justiça que lhe é feita. O serviço que se lhe pede é nobre e util; nobre, porque tende a despertar e avigorar sentimentos patrioticos e completar a educação do povo; e util, porque valorisa o nosso povo physica e technicamente, para defender efficazmente a patria e poder entrar na lucta das concorrencias, tanto individual como collectivamente, que hoje tanto se debatem.

Mas, se são excellentes os serviços que se podem prestar, os fructos que se colhem serão tão bons para a nação como proveitosos para o proprio exercito. E é talvez mesmo o exercito que mais tem a lucrar, porque melhor prepara os meios d'acção para o tempo de guerra e mais adeptos e sympathias attrae em tempo de paz. O exercito precisa andar sempre identificado com a nação, porque é d'ella que vive. E para viver bem precisa mesmo ser o seu espelho. Se se alheia, se se afasta no viver e na orientação, as sympathias cessam e as indifferenças, quando não os odios e maldições, abundam. Ora, se a nossa arma, que é sempre o grande exercito, se se desempenhar com proficiencia da missão que agora só a ella incumbe e se corresponder aos desejos e esperanças que n'ella se depositam, todos lhe darão louvores, de que aliaz, por vezes, bem necessita, e ninguem lhe negará recompensas, de que anda bem carecida.

E tudo isso pode ella conseguir, porque não lhe faltam elementos de valor e mais facil se tornará essa tarefa

se se puzerem de parte preconceitos de falso militarismo, que ainda predominam, e alguns restos da rotina que ainda nos assoberbam. Procuremos identificar-nos com a missão que nos é imposta, e que toda a nação applaude, correspondamos á confiança que em nós é depositada e o exercito e a nação viverão em perfeita paz e harmonia. É mesmo um ponto d'honra que por certo os nossos camaradas não deixarão ficar no olvido e esquecimento. O nobre ministro da guerra, sr. conselheiro Vasconcellos Porto, fez n'este sentido o mais que era possivel, pelo que não lhe regatearemos louvores. O resto agora é comnosco e para os nossos camaradas appellamos.

Lourenço Marques, 10-11-906.

DAVID RODRIGUES
Cap. d'infanteria.

ORGANISAÇÃO MILITAR COLONIAL

Regressados ha pouco do ultramar, onde, como se sabe, se recebem as noticias com bastante atrazo, só cá tivemos conhecimento das bases sobre o que será a nova lei de recrutamento dos officiaes para serviço nas colonias.

Segundo essas bases deixa de haver a promoção com prejuizo, estabelecida no decreto de 14 de novembro de 1901, recorrendo-se aos offerecimentos e, na falta d'estes, á promoção ao posto immediato, sem prejuizo, todos melhor remunerados.

Fomos dos que, n'esta Revista, mais escrevemos contra o decreto de 14 de novembro, apresentando-o como diploma defficiente e mal estudado, revelando-se n'elle um tal ou qual desconhecimento das verdadeiras necessidades coloniaes e da vida nas colonias Mas nunca apontámos como absolutamente inacceitavel o processo de promoção com prejuizo.

Parece-nos, antes pelo contrario, ser o melhor estimulo para levar ao ultramar officiaes desinteressados, o que deve constituir, fatalmente, uma garantia para melhor desempenho do serviço, o que não acontece em geral com os offerecidos, porque estes, embora animados das melhores intenções de serem uteis ás colonsia,

como cremos, não ha duvida que o seu objectivo principal foi o dinheiro. Todos os que por lá teem andado sabem que isto é verdadeiro.

Se a promoção com prejuizo permitte algum avanço na escala de accesso, é essa a compensação mais racional visto que a permanencia nas colonias encurta a existencia em proporção, aliaz, desvantajosa, alem do risco de não se voltar de lá.

Parece que alguns governadores de provincia se queixaram de que são insufficientes os serviços prestados por alguns officiaes que só foram para o ultramar para adiantar a sua carreira.

Isto não é, a nosso ver, razão que se allegue, porque se se der, por exemplo, a um tenente o soldo de 500:000 réis, haverá o mesmo motivo para se dizer que os serviços d'esse official tambem deixam a desejar visto que elle só se preoccupa com o avolumado soldo, que foi, naturalmente, o que o levou ás colonias

Tambem já se disse que a promoção para o ultramar tinha inconvenientes porque se dava o caso de os promovidos não serem *officiaes feitos*, a maior parte d'elles, pelo que não offereciam garantias de bom serviço. E' isso verdade. Parece-nos, porém, que tal modo de ver attinge apenas os sargentos que foram promovidos a alferes. Mas, se se tivesse dado rigoroso cumprimento á lei na parte que se refere á promoção dos alferes, de preferencia, para preenchimento das vagas de subalterno, já o caso se não dava. — Um tenente antigo vale tanto como um capitão moderno.

Entre as duas proveniencias, uma de officiaes offerecidos, segundo as bases projectadas, ao que se diz, e outra dos promovidos nos termos do decreto de 1901, estes offerecem mais garantias. Perdõem-nos esta franqueza rude de soldado, porque só sabemos dizer a verdade tal como é, e todos os camaradas que conhecem a vida colonial, sabem que as cousas se passam como dizemos.

Conhecemos em Africa camaradas distinctos que só nas condições da actual organisação militar lá foram.

O dinheiro pode ser uma *atamancadela* nas finanças avariadas, mas é bom ter em vista que a somma dos riscos é mais para attender. Se ha insaciaveis para quem não ha dinheiro que chegue, nós entendemos que não ha dinheiro que pague os desgostos e sacrificios de toda a ordem inherentes á vida militar nas colonias, principalmente nos postos de subalterno.

Não temos, pessoalmente, interesse que se modifique ou não o processo de recrutamento de officiaes para o ultramar. Com o actual systema iremos sempre que a escala nol-o indique, porque reputamos isso dever de dignidade, constituindo ambição mais legitima do que o dinheiro, que pode muitas vezes de nada servir; e com outro é quasi certo que não voltaremos lá, emquanto nos for permittido dispor da nossa vontade, embora tenhamos tanto empenho em ser uteis ao paiz como os que se offerecerem. Apenas nos não move o dinheiro. Entenda-se.

E' preciso que se mantenham os effectivos nas unidades ultramarinas, o que só pode acontecer por meio de uma sabia e justa lei de recrutamento dos officiaes baseada na promoção com prejuizo. Outro processo é caro e defficiente.

Nós já aqui dissemos que o voluntariado seria o melhor processo de recrutamento. Mas não nos demoramos na apreciação de tal processo porque o julgamos desde logo inacceitavel por ser absolutamente incompativel com os recursos do thesouro. Se hoje

entramos n'outra ordem de considerações é isso devido não só a apreciações que temos visto fazer pouco lisongeiras, em nosso entender, para os camaradas que serviram e servem ainda nas colonias nos termos do decreto de 1901 — grande numero dos quaes recebem recompensa especial pelos seus serviços — mas tambem porque não acreditamos que na projectada reforma a remuneração seja de molde a recompensar, como se deve, os serviços prestados nas colonias.

A imposição de serviço, com o posto de accesso, mas sem prejuizo, é processo injusto, iniquo e antidisciplinar, o que o torna muito mais inconveniente. E' nossa opinião que, em boa organica militar, não deve haver promoções sem prejuizo.

E' frequente ouvir-se dizer que o decreto de 14 de novembro de 1901 não satisfaz, mas á imprensa militar não tem dado muito que fazer a sua discussão. E' que elle apenas desagrada a quem prefere o viver remansoso da metropole, n'alguma commissão commoda, muitas vezes de facil accesso á gloria, embora com minguado proveito para o paiz, não convindo, porém, dar grande publicidade a essa maneira de vêr. Outras vezes se diz que a lei é antipathica e assaz injusta por não respeitar dados momentos em que o embarque para as colonias representa um enorme transtorno, e, d'ahi, muitos não se offerecerem. Isto, a nosso vêr, não é razão que se allegue.

A Patria precisa dos nossos serviços, e não somos nós que devemos escolher o momento em que devemos prestar-lh'os. Alem de que tambem não será facil experimentar se esse tal rigor, visto que qualquer camarada, attingido pela promoção para o ultramar, não terá grande difficuldade em obter a indispensavel demora, na metropole, de modo a poder pôr em ordem quaesquer assumptos da sua vida particular.

A quem estas razões não agradarem não terá, ao que pensamos, outra objecção a fazer-nos senão... que um passeio pela Avenida, sob este lindo sol de Portugal, não tem semelhança nenhuma com... um pouco de hypertrophia do figado, não tendo, portanto, outro caminho a seguir do que deixar passar os camaradas para a direita.

O nosso distincto camarada, sr. David Rodrigues, ainda ha pouco publicou n'esta *Revista* as suas impressões, adquiridas em poucos mezes de Africa. Apezar de não sair do terreno das generalidades, nota-se já ali muita observação, representando esse pequeno trabalho um consciente estudo, e dando-nos, sobretudo, a esperança de que as columnas d'esta *Revista* serão, a breve trecho, rico manancial de assumptos coloniaes, em que haverá muito que aprender.

Das considerações do illustre escriptor militar não se deprehende que seja contra a promoção com prejuizo, antes pelo contrario...

«Eu não ignoro que este modo de vêr desagrada a muita gente, mas escrevo para os que trabalham, ao numero dos quaes me vanglorio de pertencer, e se tiver o apoio d'elles, dar-me-hei por muito feliz. Alem d'isso, colonias sem exercito, é coisa que não comprehendo nem concebo, e, portanto, se peço um exercito melhor dotado é para bem servir a ellas e ao paiz e, ao mesmo tempo, para ser util aos proprios militares, pois que isso lhes pode repre-

sentar um futuro mais auspicioso do que a desoladora esperança d'uma reforma em major». [1]

Absolutamente de accordo. Os periodos transcriptos dizem bastante sobre o que deverá ser a nossa organisação militar colonial, a qual deve attender não só ao bem da colonia, mas tambem ao dos proprios militares, e isto só pode acontecer preconizando a promoção com prejuizo, embora isso desagrade a alguns.

E' possivel que as nossas considerações, de pouquissimo valor, crêmos, sejam já intempestivas, attendendo á altura dos trabalhos, ao que consta. Em todo o caso, e apezar d'isso, entendemos dever pedir á illustre commissão que se detenha mais um pouco na parte que se refere ao recrutamento dos officiaes. Comquanto sejamos de opinião de que não é, positivamente, com dinheiro que se resolve o problema, julgamos necessario rever a tabella das subvenções, tornando-a mais equitativa e melhorando-a alguma coisa. Uma grande maioria dos alferes não recebe mais de 41$000 réis, o que é, evidentemente, muito pouco. Concordamos com a percentagem com que se melhora a subvenção n'alguns districtos, mas parece-nos que ha que attender n'este sentido. Assim, no districto de Tete deve dar-se o mesmo que em Lourenço Marques, porque ali a vida economica é muitissimo cara. Pela mesma razão se deve dar alguma percentagem no districto de Huilla.

Tambem é necessario attender á situação dos officiaes que permanecem nos postos e commandos militares, porque alguns ha que, alem de luctarem com maiores difficuldades por virtude da carestia dos generos alimenticios, muitos tem despezas de representação, a que o mais elementar principio de dignidade manda attender, mas para què se não tem verba alguma.

Parecia-nos que, para attender a essas desegualdades, em vez do subsidio de residencia, que actualmente se abona durante quatro mezes, aos officiaes destacados, se arbitrasse uma verba por districtos para gratificação permanente aos commandantes militares. Uma commissão, de que faria parte o chefe da delegação, forneceria ao governador os elementos para a respectiva distribuição.

Esta nossa maneira de vêr funda-se no seguinte:—Lancemos, ao acaso, mão de um districto qualquer. Vamos, por exemplo, ao districto de Tete. Notamos que as condições economicas do commandante militar de Cachomba não são eguaes ás do commandante militar do Zumbo, porque este, alem de estar a cerca de 400 kilometros da séde do districto, centro fornecedor dos generos de primeira necessidade, tem a pequena distancia uma feitoria ingleza, cujas relações com o commando obrigam a despezas extraordinarias, como é evidente, sabido, demais a mais que os inglezes, alem de manterem as melhores relações com a auctoridade visinha, como convém, são em extremo amaveis e generosos. E' preciso, pois, corresponder com galhardia, o que se não pode fazer sem sacrificios.

Por sua vez tambem o commandante em Cachomba não deve ser considerado em eguaes circumstancias com os demais comman-

---

1 David Rodrigues — «Revista de Infanteria» — Outubro 1906.

dantes, pela sua distancia de Tete. Portanto, pode concluir-se que se ao commandante militar do Zumbo se deve abonar a gratificação de 1$000 réis diarios, Cachomba não ficará mal com 700, e os demais com 500.

Assim se estabeleceria um tal ou qual equilibrio, porque o official, estando destacado a maior parte do tempo, só recebe subsidio durante quatro mezes em cada anno, e não haveria grande prejuizo para a fazenda.

Hoje ficamos por aqui.

18 de outubro de 1906.

F. S.

Novo regulamento do serviço interno dos corpos

Consta-nos que muito brevemente vae ser publicado um novo regulamento do serviço interno dos corpos, no qual se attende, por uma forma notavel, não só a uma grande simplificação do serviço de escripturação dos corpos, como tambem á simplicidade e clareza das suas determinações, acabando duvidas actualmente existentes, tornando a sua doutrina de facil interpretação.

A nova orientação dada ao regulamento, que em breve vae constituir douctrina vigente nos differentes regimentos do nosso exercito, muito em destaque colloca os distinctos officiaes que n'elle collaboraram.

As nossas informações dizem-nos que este novo diploma foi confeccionado na 2.ª Repartição da Secretaria da Guerra, que tem por chefe o nosso querido amigo, o sr. tenente-coronel Candido da Cunha Vianna, que é um official que muito honra a nossa arma pelo seu saber, pela sua vasta intelligencia e pelo seu limpido caracter, secundado por um grupo de distinctissimos officiaes, á frente dos quaes, como chefes de secção, estão os nossos amigos, majores Antonio Lucio dos Santos e Antonio dos Santos Fonseca, que toda a arma aprecia e estima pelo muito que elles valem.

Apraz-nos registar que no novo regulamento acabam os livros de matricula e os registos disciplinares das praças de pret, e bem assim o livro de matricula dos solipedes.

Quem tem passado a sua vida de official no serviço dos corpos, sabe quanto intibia e difficulta a vida

regimental essa monstruosa papelada absorvente, que esterilisa as melhores dedicações e esmaga os mais ardentes enthusiasmos pela instrucção.

Para nós são verdadeiros benemeritos todos aquelles que concorrem para reduzir ao restrictamente indispensavel a papelada regimental.

E é por isso que nos antecipamos a dar esta boa nova, desejando de todo o coração que para muito breve venha o novo regulamento exercer a sua benefica influencia na vida regimental, dando-se assim um passo agigantado para esse ideal, que todos nós almejamos—ser o regimento uma verdadeira escola—livre de embaraços e estorvos que tão inutilmente ainda hoje o illaqueia.

SOLDOS

Já foram approvadas pela Camara dos Senhores Deputados, e pode dizer-se por unanimidade, as novas tabellas de soldos para os officiaes do exercito, reclamadas ha tanto tempo e ha tanto tempo promettidas.

No momento em que traçamos estas linhas ainda não entrou em discussão na Camara dos Dignos Pares o projecto em questão.

Mas não temos a menor duvida de que haverá tambem unanimidade, ou quasi unanimidade, na votação n'essa casa do Parlamento, tão justa é a nossa causa.

A «Revista de Infanteria» que tem feito a mais leal, mas tambem a mais insistente propaganda, no sentido de que o exercito fôsse attendido nas suas reclamações, que tinham em vista melhorar a situação economica dos officiaes e officiaes inferiores, chega ao fim d'esta campanha com a consciencia satisfeita de ter cumprido o seu dever.

Nós que conhecemos bem as condições economicas do paiz, nunca pedimos, nem podiamos pedir. uma tabella de soldos que nos desafogasse a vida e correspondesse a todas as exigencias da nossa hierarchia social, e estivesse em harmonia com a grandeza dos nossos sacrificios.

Nem sequer pensámos na tabella dos soldos mensaes dos officiaes da Republica do Chili e que só por mera curiosidade aqui a reproduzimos:

General de divisão	360$000
General de brigada.....	300$000
Coronel	240$000
Tenente-coronel.....	187$200
Major.....	150$000
Capitão de 1.ª classe	123$000
Capitão de 2.ª classe	108$000
Tenente.....	69$000
Alferes.....	45$000

fazendo-se a conta ao franco ao par, isto é, a 180 réis.

A nossa tabella é muito mais modesta, mas no estado actual da vida economica do paiz e da carestia dos generos de primeira necessidade impõe-se por tal forma que seria um desastre, uma fatalidade de graves perturbações economicas na vida do official, a não approvação da medida ministerial.

Portanto, contamos a questão como certa.

E appellamos para o nobre ministro, o sr. conselheiro Vasconcellos Porto, a quem o exercito deve, sem a menor duvida, este alto serviço, para que consiga que, approvadas que sejam as novas tarifas, tenham applicação immediata, como lei do paiz.

O sr. conselheiro Vasconcellos Porto tem evidenciado no seu alto cargo de ministro as melhores intenções e os mais sinceros desejos de ser util ao exercito e ao paiz.

E' um crente, e na sua crença trabalha e prosegue,

cheio de fé, procurando engrandecer o paiz, desenvolvendo a defeza nacional.

Applaudimos todos os que assim procedem.

Antes de depôrmos a nossa modesta penna sobre este assumpto, que constitue n'este momento historico o triumpho da justiça, seja-nos permittido apresentar aqui o parecer da commissão de guerra da Camara dos Senhores Deputados, de que foi relator o nosso velho e querido amigo, o sr. major Adriano Beça, sem duvida um dos mais distinctos e laureados collaboradores da nossa *Revista*.

Senhores. — A vossa commissão de guerra apreciando a proposta de lei n.º 5-B, apresentada n'esta Camara em sessão de 9 de outubro de 1906, sobre a melhoria de vencimentos dos officiaes e das praças de pret do exercito, concordou na generalidade com as disposições n'ella consignadas, porque em todos os paizes que professam verdadeiro culto pelo progresso das instituições militares, além da solicitude dispensada aos quadros inferiores, se procura melhorar as condições de vida do seu corpo de officiaes, proporcionando-lhes os meios indispensaveis para manterem condignamente a sua representação social.

Na proposta que foi submettida ao exame da vossa commissão de guerra, ha a considerar as questões essenciaes seguintes:

a) Remodelação da tarifa de soldos;
b) Substituição dos subsidios de marcha e de residencia eventual por uma ajuda de custo;
c) Creação de um subsidio para renda de casa;
d) Diuturnidade de serviço dos officiaes;
e) Creação de uma indemnidade de equipamento para alferes e aspirantes a official;
f) Gratificações a praças de pret.

A questão dos soldos pode ser encarada sob um duplo ponto de vista: ou comparar a nova tabella de soldos com as tarifas anteriores remontando a 1865, ou estabelecer a comparação da tarifa portugueza em vigor com vencimentos similares dos exercitos estrangeiros, especialmente dos de paizes que, pela sua população e condições economicas tornem vantajoso e instructivo esse confronto.

No primeiro caso, a comparação fornecer-nos-ha elementos valiosos de analyse que constatam a evolução progressiva das tarifas portuguezas no decurso dos ultimos quarenta annos, justificando-se os pequenos augmentos chronologicamente n'ellas consignados pelas necessidades crescentes da vida, cujas exigencias se vão tornando cada vez mais imperiosas, em presença da elevação successiva de preços dos principaes generos alimenticios.

No segundo caso, reconhecer-se-ha como são modestas as nossas tarifas de soldos, especialmente se as compararmos com as estabelecidas em exercitos estrangeiros, que primam pelo aperfeiçoamento das suas instituições militares.

Quadro designativo das tarifas de soldos desde 1865

Postos	Tarifas de 1865	Tarifas de 1878	Tarifas de 1887	Tarifa proposta em 1906
	Mensal	Mensal	Mensal	Mensal
Coroneis	65$000	65$000	75$000	80$000
Tenentes-coroneis	58$000	58$000	67$000	72$000
Majores	54$000	54$000	60$000	65$000
Capitães	30$000	35$000	45$000	55$000
Tenentes	28$000	33$000	35$000	45$000
Alferes	25$000	30$000	30$000	35$000

Da simples inspecção d'este quadro resalta desde logo ao espirito:

1.º Que n'um periodo de quarenta annos em que as condições economicas da vida se aggravaram sensivelmente pela subida de preços dos generos alimenticios, dos artefactos e da mão de obra, duplicando, sem receio de contestação, a importancia da despeza a que os officiaes do exercito, pela sua posição social, se vêem obrigados, as tarifas de soldos accusam apenas ligeiros acrescimos nos soldos consignados ás diversas patentes;

2.º Que confrontando a tarifa de 1865 com a de 1887, ainda vigente, se constata que o maior augmento de soldo incidiu no posto de capitão, cuja insufficiencia de vencimentos era manifesta, diminuindo consequentemente a differença de soldos entre os officiaes d'esta categoria e os dos postos superiores;

3.º Que pela tarifa agora proposta o maior augmento de soldo vae recaír nas patentes de tenente e capitão, postos em que o official se demora um mais largo periodo de annos e em que a sua actividade profissional é mais insistentemente reclamada para a perfeita regularidade de todos os serviços;

4.º Que este augmento iria reduzir ainda a differença existente entre os soldos dos capitães e dos officiaes superiores, facto explicavel pela circumstancia de não se poder aggravar as condições do Thesouro, attendendo-se de preferencia na presente conjuntura ás necessidades mais imperiosas que, indiscutivelmente, se evidenciam na situação economica d'aquellas duas categorias de officiaes.

A commissão, para basear melhor as suas apreciações, entendeu por conveniente analysar as tarifas de soldos de alguns exercitos estrangeiros sob o ponto de vista do seu confronto com a actual tarifa portugueza.

(*Continúa.*)

Secção do extrangeiro

Allemanha.—O orçamento das despezas com o sudoeste africano, para o exercicio de 1 de abril de 1906 a 31 de março de 1907, eleva-se á importante quantia de 16.072 contos de réis calculando o marco a 220.

Isto mostra quão cara fica á Allemanha a sua politica colonial.

*

Continuam ainda n'este paiz as experiencias relativas á côr que deve ser adoptada para o uniforme de campanha.

Parece que até ao presente o *cinzento esverdeado* é a côr que menos visibilidade apresenta, faltando ainda as experiencias no inverno, com um tempo de neve.

Parece, todavia, que o imperador não está convencido da necessidade da modificação dos uniformes, e antes pelo contrario julga que uma tropa bem instruida, em face da tactica moderna, pode evitar perdas excessivas e alcançar a victoria com o seu uniforme azul escuro.

Hespanha.—As mudanças successivas de governo no paiz visinho teem produzido os seus effeitos deleterios nas questões militares.

Procuravam os nossos visinhos introduzir no seu exercito uma nova lei de recrutamento, e que nós não sabemos se o conseguirão ou não.

O que é certo é que a base d'esse projecto é a **instrucção militar obrigatoria**. E este principio é digno da maior ponderação.

Não se trata do *serviço militar obrigatorio*, mas sim da *instrucção militar obrigatoria*.

Com o systema actual, diz a «Correspondencia Militar», 69 por cento dos homens reconhecidos como bons para o serviço não passam pelas fileiras.

Para obstar a este inconveniente o projecto de lei estatue o principio de todos os homens validos para o serviço, em cada recrutamento annual, receberem a instrucção militar, a fim de em caso de guerra poderem ser uteis á sua patria.

O tempo a passar na reserva activa é augmentado de um anno, e portanto a duração total do serviço será de 15 annos a saber: 2 no exercito activo; 4 na primeira reserva; 7 na segunda reserva e 2 na territorial.

Desapparecem as condicções de altura.

Aquelles que queiram remir a dinheiro o serviço militar de-

verão comtudo receber a instrucção militar e serão convocados para esse fim.

Todavia, estes individuos não serão isemptos senão do serviço de guarnição, sendo dispensados dos serviços de caserna, e sustentar-se-hão á sua custa.

Todo o mancebo considerado apto para o serviço poderá, invocando os seus estudos ou os seus interesses pessoaes, obter um adiamento temporario para receber a instrucção militar.

Tanto estes como os isemptos pagarão uma taxa.

Taes são nas suas linhas geraes as bases do projecto da nova lei de recrutamento.

Inglaterra.— Nem tudo são rosas e maravilhas pelos paizes mais adiantados.

A Inglaterra, que é sem duvida, um dos paizes mais bem governados do mundo, e cujo povo marca na estrada da civilisação uma etape bastante avançada, soffre tambem as consequencias do mal estar que por toda a parte affecta as classes pobres.

Tem-se observado que por cada cem rapazes inglezes que se vão offerecer para o seu alistamento voluntario no exercito, 45 teem de ser eliminados em virtude de taras physicas.

Dos restantes, 35, embora mediocres, são admittidos nas fileiras, e 20, apenas, é que preenchem todas as condições physicas inherentes a um bom soldado.

O Ministerio da Guerra e as municipalidades profundamente impressionadas com os relatorios das commissões de recrutamento, em face das percentagens indicadas acima, que acusam uma degenerescencia physica na raça ingleza, vão tomar medidas para remediar o mal apontado.

Ha municipalidades que tomaram já a iniciativa de fazerem inqueritos nas escolas; e d'esses inqueritos vieram a flux factos e conhecimentos extraordinarios.

A hygiene das creanças do povo deixa absolutamente a desejar; e a falta de alimentação e de limpeza pessoal predispõe as creanças para a phtisica, doença que causa nas populações escolares 50 % das suas mortes.

Nas actuaes condições é absolutamente impossivel poder melhorar-se o recrutamento do exercito, vendo-se a Inglaterra forçada a receber recrutas mediocres no seu exercito, e, tanto mais, quanto ao presente abunda o trabalho n'aquelle paiz, preferindo os homens validos o atelier, onde o trabalho é mais bem remunerado do que na caserna.

E' sempre a eterna questão do voluntariado.

E emquanto a Inglaterra não se enfileirar nas nações onde o recrutamento militar é obrigatorio, como a mais augusta e a mais sagrada obrigação do cidadão, não terá exercito á altura das grandes responsabilidades mundiaes da sua politica internacional, e dos grandes interesses do seu collossal imperio espalhado por todo o mundo.

10.º ANNO FEVEREIRO DE 1907 N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

A DISTRIBUIÇÃO DAS METRALHADORAS PELOS NOSSOS BATALHÕES DE CAÇADORES

Foi com profunda magua e não menor surpreza que tivemos conhecimento da ordem ministerial que mandou attribuir a cada batalhão de caçadores 8 metralhadoras apenas.

Este facto, apparentemente simples, reveste uma importancia especial, não só por significar um regresso a epochas passadas, em que a metralhadora não era uma arma sufficientemente estudada nos exercitos europeus, mas tambem por vir attestar que não se consultou, como se devia, a Direcção Geral dos Serviços de Infanteria, unica repartição technicamente edonea para tal consulta.

E é tanto maior a nossa magua quanto é certo que no nosso animo e no nosso mais ardente desejo está apenas a sinceridade com que procuramos ser agradavel ao nobre ministro da guerra, que tem procedido, geralmente, de uma forma a merecer os applausos de todos quantos se interessam pelo engrandecimento do exercito.

Se alguma vez nos temos encontrado em divergencia com o pensamento do nobre ministro, em questões technicas, temos tido o cuidado de não accentuarmos n'estas paginas essa divergencia, tal é o preito da nossa homenagem ás boas intenções do sr. conselheiro Vasconcellos Porto, que com tão boa fé e tão arreigada crença procura erguer o prestigio do exercito e attender ás mais instantes necessidades do corpo dos officiaes.

E isso nunca, creia o sr. ministro da guerra, nunca o esqueceremos.

No caso presente, como se trata de uma questão meramente technica, mas da nossa arma, não podemos deixar de chamar a attenção do nobre ministro para o facto de ter mandado attribuir a cada batalhão de caçadores 8 metralhadoras em vez de 12.

E fazemol-o com a sincera convicção que, depois das nossas reflexões, o sr. conselheiro Vasconcellos Porto adoptará a formula que a experiencia já estabeleceu como definitiva sobre o assumpto, que não acceita as companhias a 4 metralhadoras, salvo casos especialissimos dos fortes das montanhas da Suissa.

Em 1899 sabe o nobre ministro que a Allemanha experimentou, pela primeira vez, durante as manobras, 6 companhias de metralhadoras a 4 armas cada companhia, sendo uma companhia adstricta ao corpo da Guarda, duas ao XIV corpo e trez ao I.

Em 1900 ainda as companhias a 4 metralhadoras foram experimentadas nas manobras imperiaes.

Em 1901 criaram-se 5 companhias addidas aos batalhões de caçadores n.^{os} 1, 2, 4, 10 e da Guarda, mas já com 6 metralhadoras cada companhia.

Em 1902 criaram-se mais 8 companhias a 6 metralhadoras.

Em 1904 já então as treze companhias do exercito Prussiano, uma do Bavaro e duas do Saxonio eram constituidas a 6 metralhadoras, organisação esta que ficou definitiva.

Em 1899 o Japão possuia treze companhias a 4 metralhadoras Hotchkiss cada uma.

Em 1901 organisou duas companhias sendo uma com 6 metralhadoras Maxim e outra com 6 metralhadoras Gatling.

Mas já na guerra Russo-Japoneza todas as suas companhias de metralhadoras eram a 6.

A 31 de julho de 1900 foram criadas na Russia 8 companhias a 4 metralhadoras Maxim cada uma.

Algumas d'estas companhias entraram em combate na China, especialmente em *Tien-Tsin*.

Em março de 1901 foram criadas mais cinco companhias a 8 metralhadoras cada uma, tanto no pé de paz mo no pé de guerra.

Esta organisação foi experimentada durante 3 annos

e reconheceu a Russia que este agrupamento era o melhor e assim o adoptou definitivamente.

Na guerra Russo-Japoneza o agrupamento das metralhadoras, pelo lado dos russos, foi a 8 armas cada companhia, tendo n'essa occasião sido adquiridas muitas metralhadoras pela Russia.

Ainda mais: a Suissa que começou as suas experiencias em 1894 com agrupamentos a 3 metralhadoras, modificou essa organisação, em 1898, depois das experiencias de Thoune, agrupando-as a 4. Hoje a Suissa possue 4 companhias a 8 metralhadoras e 3 a 4.

Mas, deve notar-se que estas 3 companhias são duas destinadas aos fortes de St. Gothard e uma ao de St. Maurice. Teem uma applicação especial.

De tudo isto conclue-se que a experiencia, de mais de meia duzia de annos das nações que tratam estes assumptos com a seriedade que elles merecem, excluiu definitivamente o agrupamento das companhias a 4 metralhadoras, agrupamento vicioso e improprio para a guerra, agrupamento que nós vamos, infelizmente, e com magua o dizemos, adoptar no fim do anno de 1906.

A nós parecia-nos, já que as circumstancias do nosso paiz nos obrigam a caminhar na retaguarda das potencias militares europeias, que ao menos nos aproveitasse as sabias lições da experiencia d'essas nações, e as concludentes e definitivas provas nos campos da batalha. E é pena que assim se não faça.

Não é nosso intento tratar n'este artigo do valor e da importancia da metralhadora como arma de guerra.

Se o fizessemos não podiamos nem deviamos esquecer os notaveis artigos do capitão da artilheria franceza, de Poilloue de Saint-Mars, publicados na *France Militaire* de novembro do anno passado.

«Hoje, diz o citado official, menos que nunca o tiro a grandes distancias pode conseguir desalojar o inimigo de um ponto de apoio.

E' preciso ir lá. Para ir lá, é preciso que a infanteria conserve até ao fim a superioridade absoluta e incontestada do fogo... Desde o apparecimento do canhão de tiro rapido tem-se procurado em vão um meio pratico de conciliar estas duas cousas inconciliaveis: — obrigação para as peças acompanharem a infanteria até ao assalto final, e a impossibilidade do canhão ultrapassar os limites da lucta da artilheria.»

Qual é então a arma destinada a substituir o canhão n'este momento da lucta?

A metralhadora.

E na conclusão dos seus bem pensados artigos o capitão Saint-Mars entrega a questão á infanteria.

«Quem deve responder a essas conclusões, diz o citado auctor, é a infanteria. É ella a maior interessada na questão. Trata-se do essencial para ella poder avançar: —o fogo.»

Se é ella a maior interessada, evidentemente resoluções como esta, que acaba de tomar o sr. ministro da guerra, não deviam nem podiam ser postas em pratica sem que a infanteria dissesse de sua justiça.

Assim o esperamos e assim o pedimos, na certeza de que da nossa parte só um intento nos domina — o interesse da patria consubstanciado com o prestigio e o valor da nossa arma, como o mais importante factor dos campos de batalha.

A evolução da tactica de infanteria

(Continuado do n.º 1 — 1907)

Desnecessario se torna apresentar as razões justificativas d'estas proposições, que cálam e se impõem a todos os espiritos cultos com a força de verdadeiros axiomas.

c) Acção da infanteria; determinação racional dos seus dispositivos no combate.

Os grandes doutrinarios, espiritos superiormente cultos, que, prescrutando as leis geraes da evolução tactica, irradiam a luz, indicam a verdadeira orientação a seguir, imprimindo um cunho especial aos processos da guerra moderna, não esquecem que o combate é o fim, a razão de ser, a suprema manifestação dos exercitos.

Toda a concepção em contrario, que relegue o combate ao segundo plano, é fallaz, chimerica, funesta.

A infinidade de recursos accumulados em tempo de paz, as evoluções e combinações tacticas e todos os cal-

culos estrategicos devem ser considerados como meios para attingir esse *desideratum*.

As regras essenciaes da direcção do combate são eternas. Em todos os tempos se tornou indispensavel reconhecer o adversario, iniciar a acção, escolher um ponto de ataque, conservar as reservas que se levarão ao ataque decisivo no proseguimento d'uma manobra, visando quer á ruptura da frente inimiga, quer ao envolvimento ou torneamento d'uma ou de ambas as alas, quer ainda á execução da contra-offensiva.

E' necessario, pois, estudar as regras essenciaes do combate, o seu mechanismo e desenvolvimento completo, especialmente na parte que se refere á infanteria, que, sendo a arma principal dos exercitos, é tambem, na opinião de von Scherff, a unica capaz de exercer sobre a tactica uma acção de direcção, dependendo a tactica de conjuncto ou tactica combinada da maneira como é empregada a infanteria no combate.

Partindo logicamente do grande ao pequeno, do geral ao particular, o regulamento tactico allemão colloca á testa do seu estudo sobre o combate os principios geraes da batalha d'onde naturalmente derivam aquelles que devem guiar as unidades inferiores para lhes permittir o desempenharem por uma forma cabal e judiciosa o seu papel n'este grande todo.

Na fixação das regras e dos principios tacticos applicaveis ás diversas unidades deverá proceder-se deductivamente ou pela via da synthese. Assim, a escola do soldado deverá resultar do modo de acção da companhia no combate; a escola de companhia do modo de acção do batalhão; e a escola de batalhão vem a ser o corollario do modo de acção das unidades superiores.

Subordinando as regras do combate aos principios geraes da batalha, os allemães estabelecem a distincção entre batalha e combate. Na primeira ha a considerar duas ordens de factos diversos: uma de natureza intellectual — as combinações, as disposições; a outra puramente material, ou mechanica — a execução.

No combate abstrahe-se da concepção, considerando unicamente a execução.

Segundo a definição de von Scherff, o combate é a expressão, a manifestação d'uma força dada sobre um obstaculo tambem dado.

Em contraposição, a batalha é um acto absolutamente

intellectual, que designa differentes missões ás differentes unidades.

Fica d'esta forma estabelecida a distincção entre direcção e execução, ou mais claro, entre as combinações e o combate.

Para accentuar esta differença, o general Lewal, na introducção ao seu estudo sobre a tactica positiva, estabelece a distincção entre a tactica de combate, que só considera a execução, e a estrategia de combate, que só considera as combinações.

O regulamento tactico allemão estabelece uma differença sensivel entre o ataque, consequencia d'um encontro inopinado dos dois adversarios em marcha, e o ataque a emprehender contra um inimigo disposto já em linha de batalha e havendo organisado defensivamente a sua posição.

No primeiro caso as tropas desdobrarão successivamente na altura da testa da columna, e o adversario egualmente surprehendido em ordem de marcha procederá da mesma forma. As testas de columna teem o dever de proteger este desenvolvimento, proporcionando o tempo sufficiente para o effectuar e desembaraçando o terreno no qual deverá ter logar.

As operações do desdobramento devem retardar o menos possivel o momento do ataque.

Perder-se-hia um tempo precioso querendo addiar o ataque até que o desenvolvimento das tropas se tenha completado na altura da testa da columna.

O mesmo regulamento faz um appello ao espirito emprehendedor, á iniciativa dos chefes subalternos, não lhes impondo limites, senão os indispensaveis para não alterar a cohesão necessaria a uma progressão racional do ataque.

Claro está que uma tal iniciativa se deve exercer principalmente no momento de se produzirem estes encontros fortuitos, que serão frequentes nas guerras futuras.

Os commandantes das pequenas unidades em serviço de guarda avançada deverão estar animados d'estas tendencias para uma pronunciada offensiva. Tornar-se-ha conveniente preceder o adversario na operação do desenvolvimento e actuar rapidamente com as forças disponiveis, evitando todavia o contrariar as vistas geraes da direcção superior.

No segundo caso, quando as forças inimigas houverem completado o seu desenvolvimento em linha de batalha, organisando defensivamente as suas posições, o ataque deverá desde o principio ser dirigido d'uma forma methodica. N'este caso não convirá que a iniciativa d'um subordinado vá, d'uma maneira intempestiva, confiar o resultado do combate á decisão do acaso. Uma vez que o inimigo parece ter renunciado á offensiva, devem todos os commandantes das grandes e pequenas unidades deixar ao general em chefe a liberdade de combinar o seu ataque, escolhendo os objectivos.

E' preciso, pois, que as tropas se desenvolvam logo, segundo as indicações superiores, e só depois de terminado este desenvolvimento se procederá ao ataque, o qual terá probabilidades de successo se, em resultado da sua preparação, se houver obtido a preponderancia do fogo. A's distancias superiores a 1:000 metros esta preponderancia só poderá ser adquirida pela artilheria; a 1:000 metros os effeitos do fogo da infanteria podem considerar-se proximamente eguaes aos produzidos pelo fogo da artilheria; e ás pequenas distancias, abaixo de 600 metros, o fogo da infanteria é de effeitos incontestavelmente superiores aos da artilheria.

Tal é o espirito das prescripções novas, consignadas no ultimo regulamento da infanteria allemã.

*

* *

Só a offensiva permitte obter resultados decisivos — tal é a proposição que se encontra consignada em quasi todos os regulamentos tacticos contemporaneos.

Atravez de todos os tempos e de todas as innovações a *preparação* e a *execução* são as duas grandes phases que caracterisam o combate offensivo.

E' frequente, porém, deparar-se em publicações technicas a divisão do combate em maior numero de phases, fazendo preceder as duas acima indicadas pelos periodos de *reconhecimento* e de *iniciação do combate*, e seguir pelo periodo de *perseguição* ou *retirada*.

O ultimo regulamento do serviço de campanha do exercito francez considera no combate offensivo as tres phases — preparação, execução e acabamento (achevement), a que na technologia allemã correspondem as de *preparar a brecha*, *escalar a brecha* e *occupar a brecha*.

O fim d'um ataque não consiste só em occupar uma posição defendida pelo inimigo; consiste mais propriamente em vencer o adversario em todas as posições successivas em que pretenda resistir.

Só a batalha offensiva permitte attingir plenamente este resultado.

Comprehende ella um *ataque de frente* e um *ataque decisivo*, destinado a produzir o que Napoleão I chamava *l'événement* — o successo completo.

E' no ataque decisivo que se devem procurar as verdadeiras doutrinas do combate da infanteria, porque o ataque decisivo é, indiscutivelmente, a forma ou a manifestação mais completa, a mais perfeita da acção da infanteria. Todas as outras formas ou modos de acção entram n'esta, como a parte no todo.

E' sempre para a infanteria que se appella em ultima instancia quando se quer uma solução decisiva, quando se prepara o successo final, que resulta, ora das previsões e combinações do alto commando nas batalhas bem conduzidas, ora da iniciativa das sub-ordens nas acções imperfeitamente dirigidas.

No combate, diz von Scherff, a artilheria deve empregar todos os seus esforços para tornar efficaz a sua cooperação e eleval-a á altura d'uma decisão, não deixando á infanteria senão o cuidado de utilisar os successos por aquella obtidos, tirando d'elles o maximo partido possivel.

Em outros termos: na luctacommum, a direcção affecta á artilheria a *preparação*, á infanteria a *decisão*; mas, por seu turno, os executantes devem esforçar-se por fazer dar á artilheria a *decisão*, á infanteria a *utilisação*.

A rainha das batalhas é, por essencia, a arma de execução; n'este acto supremo do combate decisivo, as armas irmãs farão o que poderem para secundar e mesmo para supplantar, se o conseguirem, a acção da infanteria; mas a esta pertence, inquestionavelmente, o primeiro logar.

Afinal, como dizia Verdy du Vernois, de que se trata ou em que consiste um ataque decisivo?

Consiste em nos apoderarmos á viva força, em lucta violenta, d'um objectivo designado; em praticar uma ruptura, em abrir uma solução de continuidade na ordem de batalha inimiga, ordem de batalha que é solidaria, ao menos sob o ponto de vista moral, em todas as suas par-

tes, e que não tem necessidade de ser pulverisada em toda a sua extensão para se deslocar, para se despedaçar. Fazer brecha a todo o custo na linha inimiga, eis a missão da infanteria quando recebe ordem de levar a fundo um ataque decisivo. Expulsar violentamente o adversario da posição em que se mantem com tenacidade, eis o seu verdadeiro fim.

E' intuitivo que n'um ataque decisivo os meios precisam ser tambem decisivos.

Os meios de acção da infanteria, os grandes factores do ataque decisivo são os fogos e o movimento para a frente, resoluto, energico, symbolisado ainda hoje pela carga de bayoneta.

Como mui judiciosamente diz um notavel escriptor francez, se fosse preciso condensar e exprimir esta ideia por uma formula mathematica, poderia dizer-se que é a *massa* multiplicada pelo *quadrado da velocidade* que constitue a verdadeira potencia do ataque, não devendo esquecer que estes dois factores mechanicos são n'este caso funcções d'uma mesma *variavel,* isto é, d'esta grande *inl cognita,* que no campo de batalha é sempre indispensavel ir procurar ao coração dos combatentes: *os factores moraes.*

*
* *

Vimos que as phases essenciaes do acto decisivo, segundo a terminologia allemã, se reduziram a tres:

a) Preparar a brecha moral e materialmente;

b) Escalar a brecha, executando o assalto;

c) Occupar a brecha, expulsando o inimigo.

A estas tres phases essenciaes correspondem os tres escalões que se encontram nos modernos dispositivos de combate da infanteria.

Assim, nas unidades encorporadas, a companhia combate n'um só escalão, o batalhão em dois e o regimento em tres.

O 1.º escalão, constituido pelas companhias da linha avançada, leva a effeito a 1.ª phase.

O 2.º escalão, formado pelas companhias de reserva dos batalhões, executa a 2.ª phase.

O 3.º escalão, constituido pelos batalhões de reserva dos regimentos, apoia os dois primeiros escalões, tendo por missão especial o installar-se na brecha.

Estabelecendo esta concordancia entre as phases do combate e os escalões do dispositivo adoptado, é conveniente consignar que uma outra engrenagem veio modificar o mechanismo geral do ataque; que um principio novo regulará de futuro a marcha e o funccionamento da machina.

Assim, o 2.º escalão (reservas de batalhão), tem sempre por missão especial dar o assalto, impulsionando para a frente os restos do 1.º, mas o seu primeiro dever é apoiar e mesmo fundir-se na *linha de combate*, se esta não poder desempenhar-se completamente da sua ardua tarefa.

Da mesma forma, o papel especial do 3.º escalão reduz-se a proteger os dois primeiros na sua marcha, installando-se definitivamente na brecha, mas este escalão deverá tambem ir juntar-se ou substituir-se ao segundo, quando este não baste para o desempenho da sua missão, ou se tenha já fundido no 1.º, e assim successivamente; cada um dos escalões, grandes ou pequenos, tem por primeiro dever o apoiar ou substituir o escalão precedente.

Mais vale, na verdade, um pequeno triumpho, de que não poderá, talvez, tirar-se todo o partido por falta d'uma reserva, do que um insuccesso por não se empregar a tempo até o ultimo soldado.

A espada desembainhou-se, diz von Scherff, é preciso que ella se enterre profundamente, ou que se quebre.

Esta tendencia, que impelle os escalões a fundirem-se successivamente no escalão anterior, é uma necessidade da ordem nova, recebendo mesmo uma denominação particular: a *acção*, ou o *combate em profundidade*.

A expressão do combate em profundidade é uma outra forma de caracterisar um phenomeno curioso: um cordão de atiradores, que não é, em principio, senão um expediente para ganhar terreno com menos perdas, um estado embryonario da *ultima forma*, e que, por fim, vem a absorver de certa maneira todos os escalões que o seguem e todas as forças vivas do ataque.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA
Major d'infanteria 10.

SOLDOS

E' um facto consumado e, por tanto, uma realidade bem sentida e bem apreciada em todo o exercito.

Consola-nos vêr que a sympathica medida do nobre ministro da guerra, que teve a rara felicidade de vincular o seu nome a um tão importante melhoramento para o exercito, tornando-se credor do nosso mais vivo agradecimento, foi approvada nas duas casas do Parlamento por todos os partidos politicos, n'uma expontanea unanimidade.

E' que a nossa causa era justa, e a justiça impõe-se.

Vamos hoje terminar o parecer da commissão de guerra da Camara dos Senhores Deputados, porque desejamos que fique archivado na nossa Revista esse documento historico.

Com essa transcripção terminamos a nossa campanha a favor do augmento dos soldos dos officiaes e dos prets dos officiaes inferiores, por agora.

Mas, antes de encerrarmos este debate, seja-nos permittido agradecer, com desvanecimento, as amaveis cartas de felicitação á nossa *Revista*, pela nobre attitude que tomou n'este pleito de mais de 4 annos, que tantos camaradas nossos nos teem dirigido.

Todavia, a verdade manda que se diga que ao nosso collega de redacção, o capitão David Rodrigues, hoje affastado de nós tantas leguas, em serviço nas colonias, é que se deve o calor, a tenacidade e o sentimento com que iniciou e defendeu durante quasi todo esse tempo a justiça da nossa causa.

Para elle pois, que n'este momento deve exultar de contentamento por vêr o fructo do seu trabalho intelligente e consciencioso, permittam os nossos camaradas enviemos as suas felicitações.

Quadro designativo das tarifas de soldos em differentes exercitos

Paizes	Postos dos officiaes e vencimentos mensaes					
	Coronel	Tenente coronel	Major	Capitão	Tenente	Alferes
1.º grupo						
Portugal	75$000	67$000	60$000	45$000	35$000	30$000
Hollanda	141$000	107$000	94$500	Variavel de 63$000 a 81$900	Variavel de 37$800 a 63$000	31$500
Roumania	144$000	108$000	81$000	59$000	46$000	40$000
Bulgaria	121$500	90$000	81$000	45$000	37$800	32$600
Suecia	125$000	-$-	73$000	58$000	-$-	12$500
Suissa	108$000	81$000	64$800	54$000	43$200	37$800
Belgica	142$500	106$500	94$500	69$000	55$000	43$500
2.º grupo						
Hespanha	112$500	90$000	75$000	Variavel de 45$000 a 57$000	Variavel de 33$000 a 42$700	Variavel de 29$200 a 38$200
Italia	105$000	78$500	62$000	51$000 a 60$000	36$000 a 45$000	30$000 a 36$000
3.º grupo						
Allemanha	Variavel de 179$500 a 211$500	Variavel de 131$600 a 158$700		70$000 a 117$099	38$500 a 52$200	26$300 a 42$300
França	128$460	104$020	86$970	55$000 a 79$000	39$800 a 47$200	37$000

O exame d'este quadro mostra:

1.º Que no grupo dos paizes que pela sua população mais se approximam de Portugal (1.º grupo), é o exercito do nosso paiz que tem os seus officiaes mais mal remunerados, notando-se diffe-

renças sensiveis, especialmente se confrontarmos os seus vencimentos com os dos officiaes dos exercitos da Hollanda, Bulgaria e Roumania;

2.º Que nos paizes comprehendidos no 2.º grupo se evidencia ainda uma apreciavel superioridade nos vencimentos do seu quadro de officiaes, comparativamente com os do exercito portuguez;

3.º Que essa superioridade se accentua por uma forma notavel nos paizes do 3.º grupo, nações de primeira ordem, em que designadamente os soldos dos officiaes superiores chegam, em alguns casos, a exceder o dobro do soldo consignado nas tarifas portuguezas;

4.º Que das tarifas das nações estrangeiras acima mencionadas é a da Suissa a que mais se approxima da tabella de soldos constante da proposta submettida ao exame da commissão.

Este ligeiro estudo comparativo das tarifas em vigor nos exercitos estrangeiros depõe a favor da tabella de soldos proposta pelo Governo e que a commissão considera verdadeiramente acceitavel e justa.

A substituição dos subsidios de marcha e de residencia eventual por uma ajuda de custo, que melhor correspondesse ás exigencias de representação do official do exercito, era providencia de ha muito esperada na classe militar.

Os subsidios criados pela carta de de lei 13 de maio de 1872 foram já n'essa epoca considerados parcimoniosos e insufficientes para prover ás necessidades, que os haviam determinado, para occorrer ás despezas extraordinarias a que são obrigados os officiaes e officiaes inferiores, quando o serviço lhes prescreve uma marcha, ou uma mudança de residencia.

Conservar o subsidio de 600 reis a um coronel, de 500 réis a um tenente-coronel ou major, de 400 réis a um official subalterno, quando parallelamente em outros serviços publicos se auctorisam ajudas de custo mais equitativas, mais conformes com as necessidades reaes da vida, seria injustiça manifesta que a boa razão e a logica se recusam a admittir.

O legislador que arbitrou a ajuda de custo de 3$000 réis diarios ao professor do Lyceu, aos agronomos e veterinarios inspectores, a de 2$500 réis aos engenheiros chefes de 1.ª e 2.ª classe, aos conductores principaes, chefes de divisão dos correios e telegraphos, agronomos, sivicultores e veterinarios de 1.ª e 2.ª classe, a de 1$500 réis aos conductores de obras publicas de 1.ª classe, aos chefes de circumscripção dos correios e telegraphos, agronomos e veterinarios de 3.ª classe e ainda outras de 1$200 réis e 1$000 réis a differentes entidades officiaes, reconheceu implicitamente a necessidade de manter a representação social d'estes funccionarios publicos, quando temporariamente deslocados da séde da sua residencia habitual.

Foi, sem duvida, obedecendo á mesma ordem de ideias que o Governo entendeu por conveniente substituir os subsidios estabelecidos para os officiaes e sargentss do exercito por uma ajuda de custo, constante da tabella n.º 2, que a vossa commissão de guerra julga ser mais justa e equitativa.

Alem de que já em varios diplomas officiaes se consignou o abono de ajuda de custo e subsidios variando de 1$000 a 2$500 réis nos serviços de inspecção aos conselhos administrativos e a estabelecimentos militares, no serviço das juntas de recrutamento, no

serviço de inspecção medico-militar, nos de recenseamento de animaes e vehiculos, nos de reconhecimentos militares e nos exercicios de quadros.

N'estas condições, é indiscutivel a conveniencia de approximar e harmonisar quanto possivel estes abonos, adoptando-se uma tabella de ajudas de custo com a qual a vossa commissão plenamente concorda, e que na pratica não deve representar um augmento de despeza sensivel, quando o diploma regulamentar a que se refere o § 4.º da proposta de lei definir e restringir os serviços e casos em que ella deve ter applicação.

Se, não obstante essas restricções, se produzir algum augmento de despeza, poderá encontrar-se uma approximada compensação na economia resultante da substituição da gratificação de marcha pela bagageira de 600 réis em cada dia de marcha.

Entendeu a commissão que a nova tabella de ajudas de custo não deveria aproveitar aos officiaes do quadro permanente das escolas praticas das diversas armas e áquelles que ali desempenham serviço com caracter de permanencia, e, n'essa ordem de ideias, acrescentou um paragrapho ao artigo 3.º da proposta de lei, attinente a conservar áquelles officiaes os seus actuaes vencimentos.

A criação de um subsidio de renda de casa para os officiaes arregimentados é providencia justa, cuja necessidade já de ha muito se evidenciava.

O official arregimentado está sujeito a deslocações frequentes, motivadas já pelo serviço de destacamentos e diligencias, já por transferencias de corpo, o que não lhe permitte, como a outro qualquer funccionario, fixar a sua residencia em qualquer localidade com caracter de permanencia. D'ahi um excesso de despeza, que justo se torna compensar pelo subsidio proposto, que hoje se acha estabelecido em muitos exercitos estrangeiros.

Concorda a commissão com o principio da diuturnidade já estabelecido no nosso exercito, mas com restricta applicação aos capitães e tenentes-medicos O projecto amplia, estende um pouco mais essa applicação para de certa forma compensar a demora da promoção que se está dando em certos postos, resultantes dos quadros estarem hoje constituidos com officiaes relativamente mais novos comparativamente com os de ha vinte ou mais annos.

Uma modificação julgou, porem, dever fazer n'essa parte a commiasão: a de substituir a diuturnidade de serviço no posto de tenente pela diuturnidade de serviço nos postos subalternos, o que é mais equitativo e justo, por não ser igual o tempo que os officiaes das diversas armas demoram no posto de alferes.

A modificação comprehendeu tambem o periodo de diuturnidade proposto, que de dez annos passou a ser de doze para onerar menos sensivelmente o Thesouro.

A commissão julgou ser tambem de equidade respeitar a disposição legal, que concede a diuturnidade aos tenentes medicos no fim de seis annos de serviço effectivo e estabelecer a diuturnidade de serviço para os mestres de musica com quinze annos de serviço effectivo n'essa categoria.

Acha a commissão muito justo a criação de uma diturnidade consistindo ou na distribuição por conta do Estado dos artigos de equipamento aos alferes e aspirantes a official, ou no abono especial feito por uma só vez para a acquisição d'esses artigos.

E' em geral, no momento de se ascender a esses graus da hie-

rarchia militar, que mais se faz sentir o peso das despesas indispensaveis para adquirir o uniforme e equipamento prescriptos pelos regulamentos,

Não aggravar as condições economicas do official no momento em que principia a ter uma maior representação social, com os encargos correlativos, é medida sensata, já adoptada em diversos exercitos estrangeiros, que a ampliam tornando-a extensiva ao abono de uma subvenção para fardamento e mobilia.

Entendeu a commissão que na designação dos artigos de equipamento não deviam ser mencionadas as datas dos modelos, por isso que podendo sobrevir a necessidade de substituir estes modelos por outros, não conviria que em documento official ficasse expressa uma disposição taxativa, que precisaria ser derogada, inconveniente que não se daria desde o momento em que a data do modelo fosse eliminada.

Tambem se substituiu a designação de revólver por pistolla, visto estar já resolvida a adopção de uma pistolla de repetição em logar de revólver Abbadie, distribuido aos officiaes.

Por ultimo, a remodelação da tabella de gratificações a praças de pret mereceu tambem a approvação da commissão, porque de ha muito eram consideradas manifestamente insufficientes algumas das gratificações estabelecidas por lei.

A consignação de gratificações aos apontadores, quarteleiros de parque e a todos os outros quarteleiros dos diversos corpos era uma providencia de ha muito reclamada para conservar no serviço praças a quem se confia a vigilancia das arrecadações de companhia e regimentaes e a conservação dos artigos n'ellas depositados.

Uma modificação propõe a commissão na tabella n.º 6. E' o augmento de 10 e 20 réis diarios, respectivamente nos terceiro e quarto periodos de readmissão dos sargentos ajudantes e dos primeiros sargentos para essas gratificações conservarem uma certa proporcionalidade com as arbitradas aos segundos sargentos.

Feitas as ligeiras modificações acima indicadas na proposta de lei n.º 5-B, a commissão submette, pois, de accordo com o Governo, ao vosso esclarecido exame o seguinte projecto de lei, que julga digno da vossa approvação.

Projecto de lei

Artigo 1.º Os soldos dos officiaes combatentes e não combatentes serão regulados na effectividade do serviço, na disponibilidade e na inactividade temporaria por motivo de doença, pela tarifa estabelecida na tabella n.º 1 que faz parte da presente lei.

§ 1.º Os soldos d'esta tarifa serão reduzidos :

a) A 50 por cento, quando os que os perceberem estiverem presos em cumprimento de sentença ou com licença registada;

b) A 60 por cento, quando os que os perceberem estiverem soffrendo as penas disciplinares de inactividade e prisão correccional ;

c) A 80 por cento, quando os que os perceberem estiverem na inactividade temporaria por motivo de doença, que exceda a seis mezes.

§ 2.º Perde-se o direito á totalidade do soldo :

a) Em todo o tempo que a licença registada exceder a seis mezes dentro de um periodo de doze mezes consecutivos ;

b) Em todo o tempo de licença illimitada

Art. 2.º Os soldos dos officiaes dos quadros da reserva e reformados serão regulados em relação com a nova tarifa de soldos, pelas disposições expressas no artigo 10.º do decreto com força de lei de 22 de agosto de 1887 e decreto de 26 de fevereiro de 1891.

§ unico. São comprehendidos nas disposições do § 6.º do artigo 1.º da carta de lei de 26 de fevereiro de 1892, os generaes de divisão do quadro da reserva e reformados.

Art. 3.º O subsidio de marcha e de residencia eventual, criado por carta de lei de 13 de maio de 1872 é substituido por uma *ajuda de custo* estabelecida na tabella n.º 2.

§ 1.º A mudança de residencia definitiva dá direito a trinta dias de ajuda de custo.

§ 2.º Aos officiaes e aspirantes a official que marcharem em serviço pela via ordinaria será abonada a bagageira de 600 réis por cada dia de marcha.

§ 3.º Os officiaes dos quadros permanentes das escolas praticas das armas e os que ali desempenham serviço com caracter de permanencia conservam os vencimentos a que actualmente teem direito.

§ 4.º Em regulamento especial serão fixadas as condições em que estes vencimentos devem ser abonados.

Art. 4.º Será abonado um subsidio para renda de casa, constante da tabella n.º 3, aos officiaes em serviço effectivo nos regimentos, batalhões, grupos, companhias e baterias independentes, quando não tenham habitação nos proprios quarteis.

Art. 5.º Aos militares que forem promovidos a álferes para o exercito do reino e aos que ascenderem ao posto de aspirantes a official ser-lhes-hão distribuidos por conta do Estado os artigos de armamento e equipamento que corresponderem ás suas armas e serviços, nos termos da tabella n.º 4.

Art. 6.º Os capitães de qualquer arma e serviço que attingirem os limites de dez e quinze annos de serviço effectivo no mesmo posto, os subalternos de qualquer arma e serviço com doze annos de serviço effectivo dasde a data da sua promoção a alferes e os mestres de musica com quinze annos de serviço effectivo na classe de mestre, perceberão um augmento de soldo conforme se estabelece na tabella n.º 5.

§ unico. Aos tenentes medicos não é applicavel a doutrina d'este artigo, continuando ao abrigo do disposto no artigo 3.º da carta de lei de 16 de abril de 1859.

Art. 7.º As gratificações de readmissão concedidas ás praças de pret por decreto de 18 de outubro de 1900 e bem assim as gratificações de picadeiro, de apontadores e quarteleiros de parque e de quarteleiros, serão as que se estabelecem na tabella n.º 6.

Art. 8.º Ficam revogadas a carta de lei de 22 de agosto de 1887, na parte que se relaciona com a tarifa de soldos, a carta de lei de 13 de maio de 1872, a disposição 11.ª do decreto de 17 de setembro de 1869, o decreto com força de lei de 19 de outubro de 1900, na parte alterada e mais legislação em contrario.

TABELLA N.º 1

Soldos

Patentes	Soldos
General de divisão	150$000
General de brigada	100$000
Coronel	80$000
Tenente-coronel	72$000
Major	65$000
Capitão	55$000
Tenente	45$000
Alferes	35$000

TABELLA N.º 2

Ajudas de custo

Patentes e postos	Ajuda de custo
General	3$000
Coronel	1$800
Tenente-coronel	1$500
Major	1$500
Capitão	1$200
Tenente	1$000
Alferes	1$000
Aspirante a official	$600
Sargento ajudante	$400
Primeiro sargento	$250
Segundo sargento	$200

TABELLA N.º 3

Subsidio para renda de casa

Patentes	Subsidio para renda de casa	
	Em Lisboa e Porto	Em outras terras
Coronel	100$000	75$000
Tenente-coronel	75$000	50$000
Major		
Capitão	50$000	40$000
Tenente		

TABELLA N.º 4

Indemnidade de equipamento

Para officiaes de engenharia: — Espada; pistolla de repetição; cartuchos com bala para pistolla, 30; estojo para pistolla; fiador; fiador; talim; cantil.

Para officiaes de artilheria: — Espada; pistolla de repetição; cartuchos com bala para pistolla, 30; estojo para pistolla; fiador; fiador; talim; cantil.

Para officiaes de cavallaria: — Espada; pistolla de repetição; cartuchos com bala para pistolla, 30; estojo para pistolla; fiador; francalete para marmita; marmita; talim; cantil.

Para officiaes de infanteria: — Espada; pistolla de repetição; cartuchos com balas para pistolla, 18; estojo para pistolla; fiador; fiador; talim; cantil.

Os armamentos e equipamentos dos officiaes do corpo de almoxarifes de engenharia e de artilheria e officiaes da administração militar são iguaes aos dos officiaes de artilheria; os dos medicos, veterinarios e picadores militares são iguaes aos dos officiaes de cavallaria; e os dos pharmaceuticos, almoxarifes de saude e officiaes do secretariado militar são iguaes aos dos officiaes de infantoria.

TABELLA N.º 5

Diuturnidade de serviço

Capitães:		
Com dez annos de serviço effectivo no mesmo posto	6$000	mensaes
Com quinze annos de serviço effectivo no mesmo posto	10$000	»
Subalternos:		
Com doze annos de serviço effectivo como subalterno	5$000	»
Tenentes medicos:		
Com seis annos de serviço effectivo no mesmo posto	5$000	»
Mestres de musica:		
Com quinze annos de serviço effectivo na classe de mestre	5$000	»

TABELLA N.º 6

Gratificações

	De readmissão				De picadeiro	De apontadores e quarteleiros do parque	De quarteleiros
	1.º periodo	2.º periodo	3.º periodo	4.º periodo e seguintes			
Sargento ajudante.....	160	200	250	300	–	–	–
1.º sargento e 1.º sargento grad.º cadete.	160	200	250	300	–	–	–
2.º sargento	80	120	160	200	–	–	–
1.º cabo	60	80	100	120	–	–	–
2.º cabo e soldado. ...	40	50	60	70	–	–	–
Musico	40	40	40	40	–	–	–
Clarim ou corneteiro ..	30	30	30	30	–	–	–
Ferrador	100	120	140	160	–	–	–
Artifice	40	40	40	40	–	–	–
Aprendizes de diversas classes	20	20	20	20	–	–	–
2.º sargento	–	–	–	–	90	–	–
1.º cabo	–	–	–	–	60	–	–
2.º cabo ou soldado dos corpos montados	–	–	–	–	50	60	60
2.ºs cabos ou soldados dos corpos apeados ..	–	–	–	–	–	–	30

José Mathias Nunes, *Lourenço Cayolla*, *Antonio Luiz Teixeira Machado*, *Antonio José Garcia Guerreiro*, *José Joaquim de Castro*, *Carlos Lopes de Almeida*, *H. Paiva Couceiro*, *Adriano Accacio de Madureira Beça*, relator.

A commissão de fazenda concorda com o parecer da commissão de guerra ácêrca da proposta de lei n.º 5-B, de que resulta o augmento de 360:545$000 no Ministerio da Guerra, e 53:653$600 réis nos outros Ministerios.

Sala da Commissão, em 5 de novembro de 1906.

Conde de Penha Garcia, *Antonio Maria de Oliveira Bello*, *José Tavares*, *Augusto Patricio Prazeres*, *Libanio Fialho Gomes*, *Adriano da Silva Carvalho*, *Pedro Mousinho de Mascarenhas Gaivão*, *Barão de S. Miguel*, *José Cabral Correia do Amaral*.

A FESTA MILITAR

Os nossos applausos sinceros e calorosos á patriotica e sympathica iniciativa do nobre Ministro da Guerra, determinando que o juramento dos soldados novos constituisse, em todo o paiz, um acto solemne e festivo, que, no exercito e na nação, deixasse perduraveis impressões de confiança reciproca a desbordar do alvorecer de uma grande esperança, cuja synthese se resume n'estas palavras — a patria livre procurando no seu direito a continuação da sua missão historica ha já alguns seculos começada.

A *Revista de Infanteria* que tem advogado sempre, com paixão e com ardor, todas as ideias generosas que possam concorrer para erguer o nivel moral do exercito, o seu prestigio e o seu brilho, em face da grandiosa missão que a patria lhe confia, exulta hoje, no mais vivido contentamento, vendo já realisados parte dos principios que estão archivados n'estas modestissimas paginas, embora sempre escriptas com o coração.

A grande Festa Militar de Lisboa de 20 de Janeiro merece ficar aqui registada, porque marca e assegura uma étape na estrada do progresso a que já não é possivel voltar para traz.

O exercito, sempre prompto aos maiores sacrificios pelo bem commum, guarda e sentinella vigilante da honra e do direito da nação, antepondo a todos os sentimentos humanos a felicidade da patria e o dever de manter im-

maculada a bandeira portugueza, symbolo augusto d'esta nação, que quer ser livre e autonoma; o exercito, que encarna em si tudo quanto de generoso e altruista possa possuir esta raça de descobridores e batalhadores; o exercito, que é a alma d'este nosso bello Portugal, tem sempre procurado, com brio e honra, corresponder ao que tão legitimamente a patria d'elle reclama.

E tudo quanto concorra para identificar o exercito com a nação, tudo quanto possa contribuir para o erguer no conceito geral e radicar no espirito publico a confiança que todo o paiz em nós deve ter, tudo quanto lhe possa trazer prestigio e brilho, será sempre bemvindo e abençoado por todos aquelles que teem coração para sentir e cerebro para pensar.

Por isso, nunca serão de mais os applausos ao nobre Ministro da Guerra, que tão sinceramente e tão convictamente, tem empregado os maiores esforços para circumdar o exercito d'aquella consideração, d'aquelle prestigio, que tão indispensavel é a uma instituição cuja grande força primordial assenta n'uma base moral.

E o ceu veio tambem á nossa festa.

Este bello e incomparavel ceu azul de Portugal, n'um dos mais formosissimos dias, espalhava uma luz dourada que, esmaltando o vastissimo campo da parada, ia arrancar scintillações metallicas ao rio, ao grande, ao feiticeiro rio que mansamente corre aos pés d'esta nossa cidade de Lisboa, beijando-a.

O quadro era empolgante e suggestivo, e ao nosso coração de portuguezes, evocando a lembrança do passado, vinham como que os echos d'essas naus de Vasco da Gama, com as velas enfunadas e as flamulas ao vento, singrando Tejo em fóra, em busca de novos mundos e de novos mares, na conquista do planeta para o entregar á posse da Europa admirada.

Emquanto houver Historia e emquanto a Historia fôr o repositorio fiel da vida dos povos, o povo portuguez terá o seu logar em paginas de ouro, tão grande, tão alevantada, tão heroica e tão generosa tem sido a sua missão á face do mundo.

Toda a guarnição de Lisboa formou no Hyppodromo de Belem, com El-Rei á frente, El-Rei que é o nosso chefe e a encarnação da patria livre.

Os principes, garbosos e gentis, lá estavam tambem nos seus postos de honra empunhando um, o estandarte

de lanceiros d'El-Rei, outro, a bandeira do corpo de Alumnos da Armada.

A's tropas não ha a fazer o menor reparo, tal era a correcção, o aceio, o atavio como se apresentaram em parada, e isto só bastaria para pôr em evidencia o zelo, a dedicação, o cuidado, o interesse com que todo o corpo dos officiaes pôz e sempre tem posto ao serviço da educação e instrucção do nosso soldado.

Muito bem.

O estado maior d'El-Rei era brilhante e numeroso, como nunca vimos, nem mais briihante, nem tão numeroso.

E uma nota se destacava muito bella e muito significativa, d'esse estado maior faziam parte todos os ministros da guerra que teem gerido ultimamente essa pasta.

O sr. conselheiro Pimentel Pinto, a quem o exercito deve, entre tantos e tão importantes melhoramentos, o seu novo armamento, facto este que nunca poderá ser esquecido, lá estava tambem com aquella satisfação de quem sempre cumpriu o seu dever, dando ao exercito todo o esforço da sua actividade intelligente, toda a dedicação da sua grande alma de patriota.

E se as metralhadoras, que formaram em parada pela primeira vez em Portugal, constituem uma brilhante iniciativa do ex-ministro da guerra, o sr. Pimentel Pinto, o trabalho consciente e patriotico do sr. conselheiro Vasconcellos Porto, n'uma sequencia muito para apreciar e louvar, sem o menor espirito de partidarismo, que nunca deve haver no exercito, traz-nos a bella impressão de que se assentou entre nós no verdadeiro caminho a seguir nas questões militares, com que tem muito a lucrar o exercito e o paiz.

Por todos os titulos e por todos os motivos a grande Festa Militar de Lisboa foi uma festa digna da grandeza e da magestade do assumpto que ali, no Hyppodromo de Belem, a todos reuniu — exercito e povo.

Se algum destaque devessemos fazer esse seria, sem duvida, para a Escola do Exercito, que é a esperança de nós todos, essa côlmeia de rapazes bons e generosos, que consagrando a sua actividade, as locubrações do seu espirito, a força da sua vontade e o trabalho do seu estudo á sciencia da guerra, serão os officiaes, os dirigentes do exercito do futuro, os continuadores da nossa missão, que hão-de saber honrar as tradições do nosso pequeno mas valoroso exercito.

Commoveu-nos vêr esses bellos rapazes marcharem com tanto garbo, com tanta ufania, com tanto aprumo e tanta distincção.

Oxalá que em seus corações fique para sempre gravada uma nitida impressão d'aquelle acto solemne e magestoso a que foram, e muito bem, chamados a concorrer e a abrilhantar, e que nunca se esqueçam de que a vida militar, embora nobre, embora altiva, embora honrada, é a mais cheia de sacrificios e aquella para que é preciso a grande força altruista de um coração generoso e o grande poder da abnegação.

Apenas d'essa festa bella e commovente, uma nota desharmoniosa nos ficou.

Foi o local em que ella teve logar.

Não porque não seja bello, e menos ainda por não ser vasto.

Mas, longe do coração da cidade, teve o triste condão de produzir fadiga inutil ás tropas e obrigar a deslocar-se o povo da capital a alguns kilometros do centro de Lisboa.

E n'esta parte, pena é confessar, quasi sempre mostramos pouco senso pratico nas questões que procuramos innovar.

Tem-se dicto e redicto que quando procuramos seguir os exemplos das nações mais adiantadas, ou não escolhemos o modelo, ou escolhendo-o, não seguimos o que de melhor tem a pratica mostrado n'essas nações.

Inquestionavelmente, a Allemanha é, e será ainda por muito tempo, o paiz que caminha na vanguarda do movimento militar da Europa.

Pois a Allemanha, que dá todo o brilho e magestade ao juramento annual dos recrutas do seu grande exercito, segue processo differente e bem differente do que acabamos de executar em Belem.

E não se diga que em Portugal se desconhece o que se pratica no exercito allemão, visto haver muitos officiaes, alguns até que teem desempenhado na Allemanha a missão de addidos militares e outras differentes commissões de serviço, que viram com os seus proprios olhos a fórma grandiosa, e solemne com que é feito publicamente o annual juramento de bandeiras. E não nos consta que esses officiaes fossem consultados.

No largo Lustgarten, no coração de Berlim, e era no coração de Lisboa que nós queriamos vêr realisada a

festa a que nos estamos referindo, reunem-se todos os corpos da guarnição da capital do Imperio allemão, no numero approximado de 30 mil praças.

As unidades formam em massas compactas, com os seus officiaes á frente e em linha.

A'quella formatura só vae a cavallo o Imperador, a Imperatriz, o commandante do corpo de exercito, os generaes das divisões e das brigadas.

Todas as tropas se apresentam apenas de cinturão e sabre bayoneta ou espada, com excepção de uma companhia da Guarda que vai armada para guarda de honra das bandeiras, que se agrupam todas dentro do quadrado.

O Imperador dirige um pequeno mas patriotico discurso ás tropas, e ao terminar, trez hurrahs de 30 mil vozes echoam no Lustgarten, emocionando profundamente a multidão, que, orgulhosa, contempla tão grande espectaculo.

O desfile, em frente do Imperador, em continencia, executa-se quando as tropas recolhem a quarteis, sem fadigas inuteis e sem marchas de kilometros com tensão de espirito, o que está condemnado em todos os regulamentos allemães.

Se assim se tivesse procedido entre nós o effeito teria sido outro, e o povo da nossa capital teria ficado mais vivamente impressionado.

E' certo que, sendo esta a primeira vez que se deu solemnidade publica ao juramento dos nossos recrutas, ha a desculpar as hesitações de uma boa pratica que começa agora.

Não queremos censurar ninguem, embora a escolha do local, a nosso vêr o mais improprio possivel, pela distancia do centro de Lisboa, nos impressionasse mal. Todavia, desejamos chamar a attenção dos dirigentes para se adoptar de futuro entre nós as paradas no centro de Lisboa, embora com os corpos formados em massas compactas, quer sejam para o juramento de bandeiras, quer sejam para revistas e festas militares.

Experimentem e verão o effeito d'esta pratica seguida ha longos annos na Allemanha.

No nosso exercito, em vez dos 3 hurrahs que a tradição estabelece na Alemanha, podiam os recrutas, simultaneamente e em voz alta, dizerem as palavras do regulamento: *ratifico publicamente o juramento que prestei ao assentar praça.*

Assim, aquelle côro de 7 mil vozes jurando defender a patria echoaria no coração do povo como um protesto solemne que se radica na confiança da nação pelo seu exercito. Emfim, estes reparos, aliás, bem pequenos, exprimem unicamente o desejo que esta *Revista* tem sempre mostrado em collaborar em tudo quanto se correlacione com os progressos do nosso exercito, que tanto ama e que com tanta sinceridade deseja servir.

Ao nobre Ministro da Guerra, repetimos, cabe os maiores louvores por tudo quanto tem feito já, e que não é pouco, em honra do exercito, tendo enfileirado ao lado d'aquelles que mais teem trabalhado para erguer a defeza nacional á altura das necessidades impostas pela nossa situação de nação autonoma.

ORGANISAÇÃO MILITAR COLONIAL

Continuando as nossas considerações interrompidas no numero respeitante a janeiro vamos agora occupar-nos dos effectivos das unidades indigenas.

Segundo o decreto de 14 de novembro de 1901 o effectivo maximo das referidas unidades compõe-se de 1 capitão, 5 subalternos, 1 primeiro sargento, 6 segundos sargentos, 12 primeiros cabos — sendo 6 indigenas — 3 corneteiros e 180 soldados.

O numero de officiaes subalternos será, decerto, subordinado a necessidades especiaes de que não temos de que nos occupar agora. Pelo que respeita a praças de pret foi, ao que parece, attendido o principio da mobilidade da companhia. Achamos, porém, insufficiente o numero de segundos sargentos, corneteiros e soldados. As cousas são o que são, por isso não temos duvida em affirmar que no momento em que se pretender mobilisar a companhia, com a actual organisação, não haverá praças, das classes apontadas, que componham o effectivo.

Vejamos, porém, o lado essencialmente pratico, segundo o que vimos por lá, que é o que importa ao nosso caso.

Achamos desmoralisador e extraordinariamente penoso, que tanto officiaes como praças permaneçam destacados por longo e indeterminado tempo. O official, occupando a maior parte do tempo na resolução de questões que pouco ou nada teem de militar, que lhe obcecam o espirito, encontra-se a breve trecho, reduzido á mais completa inacção, com manifesto prejuizo dos seus mais sagrados deveres profissionaes. Assim, não se instrue, nem ministra instrucção aos inferiores.

Os soldados, participando do mal que affecta o seu chefe, pois não recebem a conveniente instrucção, tomam liberdade demasiada com os indigenas da região em cujas povoações passam os dias, embriagando-se muitas vezes, para o que procuram a melhor forma de illudir os superiores.

Soldados que não conhecem o seu capitão, não comprehendemos; por isso, e attentas as razões que deixamos expostas, entendemos que tanto officiaes como praças devem ser rendidos nos destacamentos pelo menos de seis em seis mezes. E para que isto se possa fazer são insufficientes os effectivos apontados, como vamos demonstrar.

A maior parte das companhias não conservam mais do que o capitão, o primeiro sargento e meia duzia de soldados.

N'estas condições a rendição methodica e regular é impossivel.

Conforme se acha determinado n'alguns districtos da provincia de Moçambique, cada destacamento de commando de official compõe-se de um pelotão de infanteria no effectivo minimo, ou sejam 32 homens. Como todos os subalternos estão destacados, temos 160 cabos e soldados fóra da companhia, e na séde apenas 32, suppondo o effectivo completo, que, depois de tirados os impedidos, os doentes e ainda outros empregados em serviço eventual, não ficarão promptos mais da meia duzia a que acima nos referimos.

Segundo o nosso modo de vêr, na séde de cada companhia deve permanecer sempre um subalterno para auxiliar o capitão, ministrar, **com intensidade**, instrucção a um bom nucleo de praças, e estar prompto a render um camarada opportunamente. Como temos que conservar a guarnição dos postos, um destacamento terá, pois, que ser commandado por sargento, naturalmente o menos importante politicamente, o que fará baixar muito pouco o numero de praças fóra da companhia. D'este modo temos concluido que o numero de segundos sargentos é insufficiente visto que só para destacar são precisos 5 e o 6.º decerto não chega para falhas — doenças, serviço eventual, etc. Elevando, portanto, o numero de segundos sargentos a 8 não é de mais para que algum se conserve na companhia afim de auxiliar a instrucção e escripturação.

Os corneteiros não chegam visto que só para destacar são precisos quatro. Em nossa opinião cinco não serão demais.

E para que na séde da companhia se conserve um bom nucleo de praças afim de receberem uma instrucção mais aperfeiçoada, como já referimos, e render os destacamentos, é mister que o effectivo se eleve a 250 praças de fileira

Os cabos europeus são, a nosso ver, sufficientes, pois não devem, em regra, sair da séde da companhia, onde podem prestar serviços valiosos auxiliando a instrucção, por não possuirem a sobriedade necessaria para resistir longe de recursos medicos. Pelo que respeita aos indigenas notamos que são tão insufficientes os

serviços que prestam, que na maioria dos casos podem ser dispensados. Melhor seria que qualquer disposição introduzida na futura lei deixasse aos commandantes das unidades a faculdade de promover aos postos de primeiro e segundo cabo os indigenas que reunissem qualidades especiaes para bom desempenho do serviço, independente de quadro, e nunca appareceriam de mais em condições.

É o que se nos offerece dizer sobre effectivos das unidades indigenas, baseado em observações feitas no proprio terreno.

Como as cousas se passam não devem continuar. Actualmente a séde de uma unidade não é mais do que mera repartição de expediente onde um capitão e um sargento occupam o tempo confeccionando mappas e outros papelinhos.

O paiz sacrifica-se e sacrifica um valioso funccionario, para mais alguma cousa do que andar embrulhado em cedulas, assumpto menos de mediocre em face do que ha a fazer. E isto acontece porque o capitão não tem soldados para commandar e instruir; mas deve tel-os, alterando-se, visto que assim é preciso, o effectivo tactico.

*

Os serviços de administração militar, na provincia de Moçambique, não deixam a desejar. Tudo ali corre o mais regularmente possivel, com certeza devido ao chefe da respectiva repartição que é um official muito trabalhador e conhecedor do assumpto. É, porém, muito necessario lançar uma vista d'olhos para a questão dos subsidios. São tão variadas as situações do official em Africa que a cada momento apparecem duvidas sobre se ha ou não direito ao respectivo subsidio de residencia. D'ahi uma serie successiva de exposições e reclamações, que embaraçam a marcha dos serviços, sendo tambem por vezes a nota discordante na harmonia que deve haver na corporação militar. Urge, pois, vêr o assumpto.

No numero anterior alvitrámos a necessidade de dar qualquer gratificação aos commandantes militares, e parece-nos ter justificado o nosso modo de vêr.

Sendo tido em consideração o nosso alvitre ficaria estabelecida uma quarta categoria de subsidios: — de marcha, de residencia eventual, ajuda de custo por transferencia e subsidio privativo dos commandantes militares, que seria distribuido como já indicámos.

É tambem muito necessario attender a que foram augmentados os subsidios na metropole e que, portanto, se deve proceder semelhantemente no Ultramar.

Pelo decreto de 14 de novembro de 1901, todos os officiaes em serviço no Ultramar, com excepção na India e Cabo Verde, teem direito a um subsidio para renda de casa, não superior a 10$000 réis, sempre que não habitem casa do estado.

Amigos da verdade, primeiro do que tudo, sejam quaes forem os prejuizos que d'ahi nos advenham, temos que declarar que não acatamos, em absoluto, a referida disposição. Em nosso entender ao artigo respectivo deveria accrescentar-se — *emquanto se não poder construir alojamento condigno.*

Com a verba dispendida até hoje em subsidios para renda de casas já se podia ter construido na séde de cada unidade, alojamentos para tres ou quatro officiaes, — porque, como dissemos, nunca

se reunirão maior numero—confortaveis, modesta mas decentemente mobilados.

E tudo isso se faria com bem pouca despeza, visto que tanto a materia prima como a mão d'obra são baratas, porque quasi em toda a parte ha indigenas rasoaveis pedreiros e carpinteiros, encontrando-se, tambem, presidiarios europeus que muitas vezes são excellentes artistas. Outros recursos haveria a aproveitar de modo a tornar baratas as construcções referidas.

E' certo que por vezes ha uma pequena economia para o official pela razão de não se pagarem, precisamente, os 10$000 réis pela casa que se habita. Mas quanta miseria, e sacrificios mesmo, se não soffrem em taes habitações? Outras difficuldades surgem ainda.

Quem escreve estas linhas, tendo desembarcado, n'uma localidade da provincia de Moçambique, ás 2 horas da tarde, ás 9 da noite ainda não tinha aonde dormir. E a palhota que, a muito custo e por favor, apesar de termos de a pagar cara, conseguimos por fim, arranjar, seria julgada incapaz para alojamento de qualquer indigena. Mas tivemos que nos contentar com ella porque não havia outra.

Parece-nos, portanto, ficar demonstrado que, construindo-se alojamentos para officiaes na séde de cada unidade, se lhes presta um apreciavel serviço, porque só assim estarão hygienica e confortavelmente installados, e ha, evidentemente, uma grande economia para o estado visto desapparecer a verba para subsidio de renda de casas que já hoje não deve ser muito pequena.

Tendo abordado a questão de administração militar nas colonias não devemos occultar uma grande irregularidade que ali observamos. Queremos referir-nos ao atrazo com que são feitos os pagamentos de pret ás praças. Este assumpto, aliás importantissimo, tem merecido, ao que parece, pouco menos de mediocre attenção, da parte de quem governa, apezar de atacar directamente a disciplina, não concorrer, muito antes pelo contrario, para o prestigio que precisamos manter, e contrariar o bom andamento do serviço em todos os sentidos.

Sobre o assumpto poderiamos fazer considerações varias, mas tão pouco lisongeiras para nós todos que preferimos calar-nos.

Apontando o facto para que nas estações superiores se tenha conhecimento d'elle, se é que alguem nos lê, é quanto basta.

Depois do que temos escripto, cumpre-nos aguardar o trabalho da commissão encarregada de estudar uma nova organisação militar colonial, fazendo votos para que elle seja tanto quanto possivel completo. São estes os nossos mais ardentes desejos de bom portuguez que nos prezamos de ser, conscientemente convencidos de que o nosso futuro está nas colonias, e que nunca seremos grandes sem que primeiro seja occupado e valorisado todo o nosso vasto e uberrimo territorio ultramarino.

5-1-907.

F. S.

BIBLIOGRAPHIA

Concepto y estudio de la Historia Militar — *Conferencias en la Escuela de Estudios Militares*, por *D. Carlos Garcia Alonso*, teniente coronel de Estado Mayor. Madrid.

Recebemos e muito agradecemos a offerta d'este precioso livro ao qual cabe um logar de honra na estante dos estudiosos.

A litteratura militar hespanhola, hoje tão rica e opulenta, constitue para nós um manancial de ensinamentos que muito apreciamos.

O livro do tenente coronel D. Carlos Garcia Alonso é na verdade consubstancioso e cheio de lição.

Trata da importancia do estudo da Historia Militar, da synthese philosophica e militar das Escolas da antiguidade e da edade media, e bem assim da synthese philosophica e militar desde a formação das nacionalidades até nossos dias.

A guerra franco-prussiana de 1870 é estudada com grande desenvolvimento, examinando-se as causas d'esse conflicto, fazendo-se um estudo comparativo dos estados social, politico e economico das duas nações e bem assim do seu estado militar, os planos de campanha, mobilisação e concentração.

Emfim, repetimos, é por todos os titulos um livro digno de ser meditado, merecendo ser manuseado por todos aquelles que amam o estudo.

Reiteramos os protestos do nosso agradecimento.

Secção do extrangeiro

Allemanha.—Já a imprensa allemã, em calorosos artigos, reclama e defende a introducção no exercito de uma espingarda automatica.

Affirma-se que as fabricas de armas e munições Mannlicher Colt Rexer conseguiram fazer fechar automaticamente o deposito da espingarda com o auxilio do gaz da polvora.

E' difficil senão impossivel podermos dar aos nossos leitores informações seguras sobre o estudo do armamento portatil na Allemanha.

O trabalho sobre este assumpto é alli permanente, funccionando a commissão de exame para as espingardas, cuja séde é em Spandau, de commum accordo com a industria particular.

Mas os resultados d'essas experiencias ficam sempre envoltos no maior segredo.

Sabe-se perfeitamente que a enorme despeza que é necessario fazer-se para que uma grande nação, como a Allemanha e a França, mude os seus respectivos armamentos, peza como um

mau sonho nos orçamentos d'esses estados, o que os levou a modificarem as suas munições, adoptando a França a bala D e a Allemanha a munição S.

Com esta modificação já a Allemanha conseguiu a 500 metros de distancia atravessar o escudo da bocca de fogo de campanha, que tem 3 millimetros de espessura.

Mas isto não basta, o invento do major italiano Cei, com a sua espingarda automatica com 24 cartuchos no deposito; os resultados da espingarda Hall, que, com um atirador de primeira classe, mette n'um alvo de 50 centimetros de diametro, a 200 metros, 40 balas n'um minuto; tudo isto tem feito progredir e avançar de tal fórma a industria armeira na Allemanha, que não será para espantar ninguem se de um momento para outro veja a Europa a espingarda automatica adoptada n'aquelle imperio.

Nós bem sabemos que ha ainda serias difficuldades a vencer.

Não é somente a magna e importantissima questão do reabastecimento de munições em campanha.

Ha mais.

O *Deustsche Tages Zeitung* transcreve a opinião de um official superior allemão e que, segundo dizem, é especialista no assumpto.

Diz esse official: «Não obstante o maior cuidado que possa haver no doseamento da carga do cartucho, produz-se sempre pequenas differenças de peso; uma diminuição ou um augmento da tensão do gaz da polvora pode ter, como consequencia, que a capsula acabada de servir não seja lançada para fóra; e que o cartucho seguinte não possa ir occupar automaticamente o seu logar na camara.»

Em todo o caso, o que é certo, é que se fazem serios estudos na Allemanha sobre este delicado e importante assumpto e que o futuro do armamento portatil será esse—a espingarda automatica.

*

Não correm bons os ventos para o imperio allemão, tendo vindo á superficie, trazidos pela imprensa estrangeira, factos extraordinarios que denunciam que nem tudo n'aquelle grande paiz é militarmenre impeccavel.

Consta que foi ha pouco descoberto nos arsenaes de Posen e de Spandau roubos de artigos militares, de certa importancia, ou sejam espingardas, cartuchame e até ferrolhos da Mauser.

Já está preso o tenente Poppe, que, occupando um logar preponderante no arsenal de Spandau, parece ser aquelle a quem se attribue maior responsabilidade.

Por outro lado o deputado Roeren acaba de subir á tribuna do Reichstag para ahi fazer a accusação perante o paiz das atrocidades que os funccionarios allemães praticam nas suas colonias.

«Eu posso, diz o deputado Roeren, provar, com testemunhos escriptos, tudo o que affirmo, e se trago este factos escandalosos á tribuna é por que o governo, depois d'elles ter tomado conhecimento, se tem recusado a intervir para pôr termo aos abusos.»

Russia. — Quando rebentou a guerra russo-japoneza estava em experiencias no exercito russo um novo modelo de peça de tiro rapido.

A guerra foi feita com o modelo de 1900 cuja estabilidade era mediocre durante o tiro.

O modelo de 1902 mandado adoptar agora definitivamente é bem superior.

Vae ser já distribuido aos regimentos de artilheria.

Esta peça tem escudo e os seus armões são couraçados.

Estados Unidos.—Na mensagem que o presidente da Republica dos Estados Unidos, Mr. Roosevelt, dirigiu ao congresso do seu paiz, encontram-se as seguintes palavras que convem registar.

Referindo-se á conferencia de Haya, diz o presidente:

«A paz é, normalmente, um grande bem, e coincide normalmente, tambem, com a honestidade; mas é a honestidade e não a paz que deve ligar a consciencia de uma nação, como tambem a de um individuo, e nem uma nação nem um individuo podem pôr a sua conseiencia á mercê de uma outra nação ou de um outro individuo.

«Uma guerra justa é muito mais proveitoso para uma nação do que uma paz obtida com a acquiescencia do injusto e do erro. Vale muitas vezes mais um desastre n'uma guerra do que nunca ser-se batido.

«Diz-se, com razão, que uma nação batida não é uma nação deshonrada, mas uma nação fica deshonrada quando não cumpre o seu dever, que é defender o seu direito.

«Devemos fazer tudo o que podermos para approximar o momento em que a paz reine entre todas as nações; mas, nas actuaes condições, uma nação grande e livre procederia por uma fórma louca e má se se privasse dos meios necessarios para proteger os seus direitos, e, em certos casos excepcionaes, os direitos dos outros.

«Não se poderá conseguir a resolução pacifica das questões internacionaes por meio de arbitragem, senão quando as nações possuirem uma força armada sufficiente para poderem realisar esse seu bom intento. A armada dos Estados Unidos é a mais segura garantia da paz que gosa o nosso paiz.»

Japão.—Por mais de uma vez temos referido n'esta secção da nossa Revista o cuidado que os japonezes teem posto em aproveitar todos os navios russos que ficaram submergidos em seguida á guerra russo-japoneza.

O ultimo navio que foi posto a nado foi o *Novik*.

Este cruzador russo não podendo resistir ao ataque de importantes forças navaes japonezas, em frente da ilha de Sakhalina, foi abandonado pela sua tripulação que o metteu a pique.

Em setembro de 1905 os japonezes tentaram pol-o a nado, mas uma tempestade obstou a isso.

Em junho de 1906 recomeçaram os trabalhos e a 12 de julho era o *Novik* rebocado para Hakodate onde lhe fizeram as reparações essenciaes para poder seguir viagem para os estaleiros de Sokosonka, onde chegou effectivamente a 3 de setembro.

Toda a imprensa militar europeia reconhece quanto os japonezes são habeis e audaciosos n'este genero de trabalhos.

Japão. — Os japonezes fizeram uso, durante a sua ultima guerra, de um sacco para supporte da espingarda durante o combate. Esse sacco é de grosso tecido de algodão de côr kaki, quadrangular, com 20 centimetros de largura e 50 de comprimento.

Durante as marchas eram conduzidos nos bornaes.

Quando as tropas chegavam á zona do fogo inimigo os soldados enchiam-nos com qualquer substancia, palha, feno, pedaços de madeira, terra, areia e até pedras, a fim de poderem servir de apoio á espingarda, estando o atirador deitado.

Nas marchas para a frente os soldados transportavam os seus saccos ao hombro.

A terra ou a areia eram as melhores substancias empregadas para encher os saccos, mas não se encontrando terra, ou sendo difficil poder caval-a debaixo da neve, tudo era bom para encher o sacco a fim de poder servir de apoio á espingarda, como já dissemos.

A operação de encher o sacco nunca durou mais de 2 minutos.

O emprego d'estes saccos em campanha tem as seguintes vantagens:

a) Augmentar a precisão do tiro;

b) Encobrir os atiradores, diminuindo o alvo, o que contribue para diminuir as perdas e augmentar a confiança nas tropas;

c) Cheios de terra ou de areia servem de abrigo, quando a natureza do solo não permitte fazer-se uso da pá.

Fóra do combate, nas marchas ou nos bivaques, estes saccos cheios de feno, que apenas pesam 1 kilogramma, podem servir de almofada.

A imprensa militar estrangeira reconhece que o emprego d'estes saccos em tempo de guerra é recommendavel.

Noruega. — O inverno é a estação das manobras mais interessantes do exercito norueguez. E' então que os caçadores-patinadores ou «skieloebers» (textualmente: corredores sobre patins) começam as suas corridas vertiginosas sobre o gelo inaccessivel a todas as outras tropas, e se entregam a proezas até hoje nunca egualadas pelos outros exercitos da Europa

E' conhecida a forma das tabuas estreitas (patins), ferradas na parte posterior que constituem o «ski». O emprego d'este genero de patim necessita do auxilio d'um pau ferrado que se utilisa de diversos modos. Por exemplo, o «skieloeber» para affrouxar a marcha arrasta este pau atraz de si entre as pernas, ou então serve-se d'elle como ponto de apoio para accelerar a marcha; finalmente espeta-o e serve-se d'elle como apoio de carabina.

As tropas de caçadores noruegnezes destinadas a perseguir e fatigar o inimigo, e que não precisam de estrada nem de caminho, riem-se dos rios e dos lagos. Percorrem distancias prodigiosas com uma rapidez extraordinaria. Trenós, que pódem ser puxados por um só homem, levam as bagagens, os viveres e as munições dos «skieloebers».

De fórma que n'estas manobras o gêlo em logar de ser um obstaculo, constitue um auxiliar precioso de locumoção Todavia nas suas evoluções perigosas, estes homens devem ter um espirito de iniciativa e de decisão, uma audacia e uma coragem a toda a prova, que são os caracteristicos dos soldados de élite.

O «ski» é tradiccional nas tropas do norte, e já no seculo xv se conheciam companhias de patinadores.

10.º ANNO MARÇO DE 1907 N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

As praças de pret das tropas coloniaes

(Continuado do n.º 1 — 1907)

Uma das causas que tambem muito contribue para aggravar o systema de recrutamento de praças de pret, cabos e soldados, é o facto da lei actualmente em vigor, decreto de 14 de novembro de 1901, estabelecer como principio que sejam dispensados do serviço das reservas aquelles que para cá venham e cheguem a concluir o tempo de serviço a que são obrigados a permanecer no ultramar. Esta disposição, além de ter o inconveniente de mandar para cá muito aventureiro, de que não é o que as colonias precisam, vae desfalcar o exercito d'esses elementos de que pode precisar. Se a obrigação do serviço das reservas é justo que exista, como de facto o é, é fóra de duvida que deve competir a todos sem excepção. O proprio serviço das colonias deve ser organisado, como é de simples intuição, de fórma a não prejudicar outros, e muito principalmente quando é originado por individuos que aqui muito bem se dispensavam. Quem vem n'estas condições tem simplesmente em mira libertar-se d'esse

encargo para depois dar margem a todo o seu espirito de aventura pelo Brazil ou outras terras de identica attracção. E n'estas condições as colonias não lucram e o exercito perde.

O recrutamento dos sargentos tambem merece alguns reparos especiaes. Para o ultramar não serve tudo, como na metropole por vezes se diz e julga, porque além d'esses servidores serem aqui em numero mais limitado, ha situações em que é necessario terem um extraordinario numero de qualidades para bem se sahirem d'ellas. Ahi o cabo e o sargento são perfeita e constantemente amparados, guiados e orientados uns pelos outros e mesmo pelos officiaes. O que só por si não se souber tirar de difficuldades e embaraços encontra sempre ao seu lado quem o pode illucidar e esclarecer. Não precisam mesmo ter grande somma nem de conhecimentos, nem de decisão, nem mesmo de iniciativa. Basta que saibam perguntar, porque encontram sempre a quem, e se deixem guiar pelo conselho dos outros, que nunca lhes falta.

Outro tanto, porém, já não succede no ultramar em que o espirito de iniciativa e decisão, mesmo dos sargentos, precisam ser muito grandes para satisfazer a todos os serviços que lhes competem. No matto, no interior, nos postos e commandos militares, o sargento e o cabo são os primeiros e unicos auxiliares brancos do official, tanto nos serviços administrativos, como nos serviços propriamente militares. O official ali é tudo, no seu posto tratam-se todos os ramos de administração, politica, justiça, etc., etc., e só individuos com aptidões muito elasticas e adaptaveis a todos os meios, circumstancias e assumptos é que permittem um bom desempenho de tarefas tão variadas.

O sargento e o cabo, na sua qualidade de primeiros, senão os unicos auxiliares do official, além de conhecimentos, recursos, aptidões varias, dedicações, zelo e amor pelo serviço, precisam ser dotados com raras qualidades de bom senso, energia, decisão e iniciativa, sem o que serão uns perfeitos entraves, que até se podem tornar perigosos. E o conjuncto de todos estes requisitos são tanto mais necessarios no sargento quanto é certo que ha mesmo muitos postos em todas as nossas colonias, e alguns em regiões ainda mal pacificadas, que são por elles commandados.

E esta circumstancia, aliás inevitável, parece-nos de

tal fórma attendivel e poderosa que só por si deveria constituir razão bastante para que todos procurassem dotar o ultramar com bons quadros de officiaes inferiores, porque o serviço que lhe compete é por vezes cheio de espinhos e difficuldades e de cujo desempenho dependem muitas vezes acontecimentos de grande importancia, que tanto poderá ser util e proveitosa, como nefasta e prejudicial para elles e os que os acompanham, que serão as victimas, e até para a nossa segurança e soberania colonial, que tudo tem a perder com maus elementos.

N'estas circumstancias custa a admittir, e principalmente havendo no reino tantos officiaes que conhecem as necessidades do serviço ultramarino, que se façam exames *pro-forma* a todos aquelles que para cá desejem vir. E essa errada orientação merece tanto mais os nossos reparos quanto é certo que, além de ser prejudicial ao serviço colonial, tambem o é ao proprio exercito continental, porque, cumprido o tempo de commissão, esses, que passaram pelas malhas largas d'um exame simulado, voltam a ter ingresso nas armas a que pertenciam com o posto conquistado. E mesmo esse modo de proceder envolve uma injustiça futura que não se póde remediar. Esses sargentos, tendo ingresso no reino concluido cá o seu tempo de serviço, vão occupar logares que pertenciam a outros se os exames fossem feitos dentro dos preceitos da equidade e da justiça. E este facto menos regular redunda commulativamente em um mau serviço prestado ao exercito e ás colonias.

E para finalisar as considerações a respeito de praças de pret não deixaremos de nos referir tambem á questão do uniforme. Mr. Lanessan (1), ex-ministro da marinha franceza e ex-governador da Indo-China diz:—«Relativamente á apresentação e uniforme das tropas europeias coloniaes, temos muito que modificar os nossos habitos actuaes. Os viajantes ficam penosamente impressionados com a differença que existe entre o uniforme dos soldados coloniaes da Inglaterra e o das tropas francezas; os primeiros andam sempre admiravelmente vestidos, muito limpos, elegantes mesmo, inspirando consideração e respeito, emquanto que os nossos andam vestidos sem gosto,

(1) Principes de colonisation.

com uniformes que, mesmo limpos, produzem uma impressão desagradavel, porque não são feitos para as suas estaturas e dão-lhe, pela sua fórma e côr, um aspecto miseravelmente deselegante. E não succederia outro tanto se se vestissem nos proprios locaes da guarnição, ao cuidado dos seus chefes, onde o amor proprio appareceria, em logar de o serem pelos depositos da metropole.»

Se estas palavras fossem escriptas por um portuguez e applicadas ao nosso caso, diriamos que tinha sido muito feliz na sua descripção e observação. Positivamente a raça latina é toda a mesma, pois que só assim se póde comprehender que haja tão intimo contacto nos juizos criticos que se formulem a respeito de determinados assumptos. E depois de transcrever esses periodos pouco mais temos a dizer, tal é a applicação que aquellas palavras podem ter a este respeito.

Os uniformes que os soldados d'ahi trazem são simplesmente horrorosos de aspecto; os de kaki, pela má qualidade do tecido, pelo desagradavel aspecto da côr e principalmente pelo pessimo feitio e mau acabamento; os outros, os de panno, pela côr do tecido e sobre tudo pela sua impropriedade para os climas a que se destinam.

Os de kaki deviam ser feitos nas colonias, não só porque poderiam ser executados por medida, mas tambem porque se trabalha melhor e sobretudo mais barato em artigos d'essa qualidade. A experiencia que se tem feito n'esta provincia é bem concludente a este respeito. Os de panno precisam ser modificados, não só porque não são elegantes, nem aparatosos, nem marciaes, mas tambem porque são verdadeiramente improprios para estes climas por serem de tecido muito espesso.

Querendo que para cá tragam uniforme de panno, como aliás é conveniente, achamos preferivel o proprio uniforme do reino. Com a adopção d'essa medida as praças de pret ficariam com um uniforme mais leve e não se tornariam tão caras á fazenda nacional. E esta razão é bem attendivel, porque, com vantagem para o proprio soldado, se faria com a sua adopção uma consideravel economia.

O soldado europeu tem aqui dois uniformes; o de campanha, kaki, e o de grande uniforme, panno. Ora estando as unidades europeias, nas epochas normaes, de guarnição nas cidades principaes, teem de andar em passeio ou de kaki, o que não é proprio para uma cidade,

ou com o uniforme de panno, o que não é proprio ao clima, principalmente sendo forte como rato, segundo a phrase pitoresca do soldado. Ora, para evitar este inconveniente parecia-nos rasoavel fardar o soldado, caso não traga o uniforme do reino, com um uniforme de panno leve, especie de sarja ou kaki de lã, que fosse proprio, e que servisse ao mesmo tempo para passeio e grande uniforme. E se isso se conseguisse, os soldados europeus apresentar-se-hiam com outro aspecto mais correcto e decente e até mais militar, como deve ser exigido á guarda da bandeira nacional. E a não ser assim, emquanto trajarem na cidade da mesma fórma que no matto, difficilmente poderão fugir á accerrima, mas justa critica do ex-governador da Indo-China.

Lourenço Marques, 16-10-06.

David Rodrigues
Cap d'Inf

Marchas e corridas

II

Vou desempenhar-me do compromisso que tomei no artigo precedente: vou dizer alguma cousa, que se me affigura importante, sobre os exercicios de marcha e de corrida, concluindo por fazer sobresair os beneficios que da sua execução resultam para o genero humano.

A pratica de taes exercicios requer grandes cuidados e consciente competencia em quem n'ella superintender, para que os resultados sejam apreciaveis e não contraproducentes ou até prejudiciaes.

A proposito de marchas diz, e muito bem, o novo Regulamento para a instrucção de gymnastica, trabalho de merecimento que devemos a officiaes de merito da nossa

Escola Pratica: «Os exercicios de marcha, sendo, como realmente são, essencialissimos para a tropa de infantaria, devem merecer aos instructores o mais instante cuidado e reclamam para a sua execução methodica e progressiva, o melhor criterio.»

Sensatas recommendações são estas, que, por motivos que adiante exporei, devemos considerar extensivas ás corridas, sobre a grande importancia das quaes o Regulamento se limita a dizer que «constituem, pelos seus effeitos geraes sobre todo o organismo, um dos melhores exercicios de desenvolvimento physico que os instructores podem empregar; é, porèm violento e, por isso, deve praticar-se com moderação.»

A maior difficuldade que ha a vencer para se alcançar uma regular trenagem nas marchas, provem das necessidades de serviço, nem sempre imperiosas. Emquanto o soldado está na instrucção de recruta, essa difficuldade será menor, se para com os recrutas se cumprir o que se acha regulamentado e superiormente determinado; mas, uma vez os homens dados promptos da instrucção os embaraços criados pelo serviço são consideraveis, ao ponto de se poder affirmar, sem que haja receio de faltar á verdade, que é impossivel obter uma trenagem regular. Todavia é indispansavel, note-se bem —indispensavel—, que os exercicios de marcha se executem com todo o rigor das regras a tal respeito preconisadas.

As providencias que ha a tomar impõem-se, não meramente para o aproveitamento satisfatorio da parte especial da instrucção do soldado de que me estou occupando, mas tambem, em beneficio da instrucção geral; e todas ellas devem tender para que os homens não sejam desviados dos quarteis. Ha ainda facilidade em satisfazer os pedidos das auctoridades civis, que ao mais insignificante pretexto requisitam tropa de linha; havendo soldados, elles lá vão adornar festas, policiar arraiaes, ou escoltar presos, como se fosse para taes fins que se manteem os exercitos permanentes. As guardas municipaes, que não são estipendiadas por nenhum dos municipios em que fazem serviço, mas sim pelo Ministerio do Reino, não podem ir desempenhar os serviços a que me referi; quando as queiram para procissões ou para policiar arraiaes hão-de remunerar-lhe os soldados; a tropa de linha, essa então póde ir para tudo, embora com isso soffra

o fim unico com que se conservam os exercitos permanentes!

O serviço de guarnição resente-se do mesmo vicio. Se até a guarda do Limoeiro é feita por nós...

Ha annos que vimos entrando no bom caminho d'estas cousas do exercito, e bom é que prosiga acabando com estas velharias e outras que taes, que ainda conseguem existir. *O soldado de linha, durante o seu primeiro anno de alistamento, não deve ser desviado do quartel sob pretexto algum.* Se as guardas municipaes não bastam para as exigencias do paiz, augmentem-se, creando novas companhias nas capitaes dos districtos, ou então crie-se a policia rural, como os povos estão reclamando, o que será talvez mais economico e dá o mesmo resultado.

Dispenderia o thesouro publico, d'esta forma, mais algum dinheiro com as forças militares; mas resultaria uma vantagem digna de toda a ponderação: o dinheiro que o exercito custa seria mais utilmente applicado, pela possibilidade que então haveria de n'elle desenvolver uma instrucção completa. Hoje, do dinheiro que se consome não se tira todo o proveito por inteira impossibilidade.

No caso especial que é o thema d'este artigo, temos por exemplo (e varios exemplos ha mais), que o Regulamento exige como o minimo para se obter uma trenagem regular—uma marcha por semana.

E' talvez pouco, principalmente quando se não realisem as corridas; mas seja uma marcha por semana. Indubitavelmente esse exercicio semanal deve ser para *todos;* para que haja uma trenagem regular é necessario que *todo o homem* faça, pelo menos, uma marcha por semana: é isto sem duvida, que o regulamento quer dizer.

Ora, nas condições actuaes, poderá realisar-se uma marcha semanal, havendo comtudo homens, e não serão poucos, que passarão semanas sem realisarem marcha alguma, e alguns até mezes; não ha, pois, a sequencia methodica, a progressão rigorosa, que é indispensavel para tirar dos exercicios o proveito que se pretende e é necessario para a mobilidade que todo o exercito deve ter.

Nós todos não podemos deixar de reconhecer, que os beneficios do trabalho muscular só se adquirem n'uma medida apreciavel e dentro d'um praso não demasiado longo, quando o homem é submettido a uma certa regulamentação de exercicio, além de certos cuidados ac-

cessorios do corpo, constituindo tudo um methodo que se designa pelo conhecido nome de *trenagem*.

A trenagem tem por objectivo um duplo fim:

1.° desenvolver a energia muscular do individuo;

2.° augmentar a sua resistencia á fadiga.

Este duplo resultado, cujo valor, para o soldado, é incommensuravel, só se obtem no grau necessario, quando as regras do methodo da trenagem são regularmente respeitadas. Não o sendo, o resultado que se colherá é nullo ou insignificante; e se o desrespeito por essas regras fôr maior pode até o individuo ser prejudicado, embora se trate d'um exercicio moderado como é a marcha. O menos que lhe póde acontecer é fatigar-se penosamente, diminuindo o seu vigor physico em vez de o augmentar.

Considera-se a marcha como um exercicio moderado, mas devemos considerar que nas marchas militares o homem vae carregado com o peso do armamento e ainda o da mochila.

Só gradualmente é que se póde habituar o soldado a conduzir, sem soffrer fadiga, todos os seus artigos. Não está isto esquecido no regulamento. Demais, é sabido que os homens na edade em que lhes cabe a obrigação do imposto de sangue, graças ao poder da adaptação dos seus orgãos respiratorios, propria d'esse periodo da vida humana, supportam melhor os exercicios de velocidade, que propriamente os de marcha, *quando não estejam trenados*; aturam impunemente um exercicio de velocidade sem se esfalfarem, e soffrem os effeitos d'um esfalfamento, a que não falta a febre, após uma marcha longa. Para elles a fadiga resultante da marcha não é immediata, é consecutiva.

O que tenho dito com respeito ás marchas, é applicavel, em maior grau e por maioria de razões, ás corridas, quer sejam de resistencia, quer sejam de velocidade. Sem uma trenagem escrupulosa não se tirará tambem proveito d'estes exercicios, e o physico dos homens corre maior risco de ser abalado e fortemente.

As corridas teem por effeito principal augmentar a aptidão respiratoria do individuo, o que é de summa vantagem, não só para a resistencia ás proprias corridas, mas até para as marchas.

Com effeito, ha individuos que não podem supportar a marcha, sem que, ao fim d'um tempo relativamente curto, apresentem signaes d'uma fadiga extrema; e ha

outros que sustentam com uma resistencia surprehendente os exercicios mais violentos e para os quaes os trabalhos de força e de velocidade são simples trabalhos moderados.

Estas consideraveis differenças de resistencia teem a sua origem na desegualdade da potencia respiratoria d'esses individuos, sendo certo que a aptidão respiratoria do individuo é o verdadeiro regulador do trabalho moderado prolongado, trabalho *de fond*.

Ora, as corridas são incontestavelmente o exercicio melhor que podemos praticar para desenvolver a capacidade respiratoria do individuo.

Muito teria ainda que dizer sobre a execução de tão importantes exercicios e principalmente sobre o perigo do *miasma humano*, que tão indispensaveis torna os preceitos da hygiene em homens sujeitos a exercicios e vivendo agglomerados em acanhadas casernas; mas este artigo está já soffrivelmente extenso, apesar da parcimonia das minhas considerações, e resta-me ainda desempenhar do segundo compromisso que tomei, o que vou fazer o mais resumidamente que possa.

Sabe-se que a vida é uma combustão incessante, e que o calor vital é o resultado de combinações chimicas continuas. O ar attrahido pelo pulmão deixa no sangue o seu oxygenio, que é o principal se não o unico agente das combustões. E' necessario então que o corpo comburente, o oxygenio, esteja constantemente ao alcance dos corpos que devem ser comburados. O sangue conduz aquelle gaz até ás extremidades as mais reconditas da rede circulatoria.

Quando a provisão de oxygenio adquirida pela respiração é insufficiente, as combustões são demoradas e incompletas, como as de uma chaminé que *tira mal*.

Da insufficiencia do oxygenio resulta a *oxydação incompleta* dos tecidos destinados a ser desassimilados. D'aqui uma serie de doenças.

E' a capacidade do pulmão que regula a quantidade de ar atmospherico que se introduz no organismo a cada respiração. A acquisição d'uma grande quantidade de oxygenio é o resultado mais util dos exercicios. Ha, pois, uma grande conveniencia em augmentar a grandeza da capacidade onde estão alojados os pulmões. Para augmentar este espaço ha só um meio: é augmentar o volume do seu conteudo, isto é, do pulmão.

O pulmão adquire um maior volume por um mecanismo bem conhecido em physiologia: pelo desdobrar de determinadas cellulas habitualmente inactivas, e que só entram em jogo na inspiração forçada. O desdobramento das cellulas pulmonares é tanto mais completo quanto mais consideravel fôr a quantidade d'ar introduzido na arvore aerifera.

O gaz atmospherico attrahido ao pulmão por uma forte inspiração *procura logar* nos cantos mais reconditos e vae distender as cellulas de certos departamentos, que d'ordinario não tomam parte na funcção respiratoria.

O augmento definitivo do volume do pulmão é a natural consequencia d'esta respiração supplementar repetida amiudadas vezes, porque as cellulas cuja acção é assim accidentalmente solicitada, acabam por se associar regularmente aos movimentos respiratorios habituaes; e modificam-se promptamente no sentido mais favoravel á efficacia do seu trabalho, segundo a lei continuamente indicada da adaptação dos orgãos á funcção que executam.

Dito isto, resta conhecer quaes são os exercicios mais proprios para provocar movimentos respiratorios muito amplos.

Diz-nos a physiologia que nenhuns exercicios ha mais efficazes do que a marcha e a corrida; e se descermos da explicação physiologica á observação dos factos, vêmos que a pratica dá uma confirmação plena á theoria. Vê-se que os habitantes das montanhas apresentam geralmente uma grande largura de peito, e citam-se pela amplidão extraordinaria do seu thorax os indios, que vivem nos planaltos da cordilheira dos Andes. Este desenvolvimento notavel da cavidade respiratoria entre os habitantes das montanhas, é devido em grande parte á ascenção continua dos declives escarpados, o que comporta uma grande somma de trabalho, de que resulta um augmento da necessidade de respirar.

Temos tambem os cantores, que sem outro exercicio além da pratica do canto, chegam a desenvolver o seu thorax e adquirem uma grande potencia respiratoria. Observações numerosas teem dado a conhecer, que basta fazer voluntariamente em cada dia um certo numero de respirações forçadas, para que se dêem ampliações do thorax que attingem 2 a 3 centimetros.

Com o exercicio obteem-se resultados eguaes, esco-

lhendo uma forma de trabalho que seja capaz d'augmentar a intensidade do esforço respiratorio, isto é, um exercicio que ponha em jogo possantes massas musculares. Obter-se-ha assim em pouco tempo uma grande quantidade de trabalho sem causar fadiga excessiva. Ora, as pernas, tres vezes mais fortemente musculadas que os braços, podem fazer tres vezes mais trabalho do que os braços antes de se fatigarem.

Considerando o que expuz, e sabendo-se quanto o oxygenio absorvido pela respiração enriquece o sangue, comprehende-se facilmente quanto são uteis para todos nós, doentes ou sãos, os exercicios de marcha ou corrida, mormente ao ar livre.

MELLO E ATHAYDE.
Tenente

Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras

DE 1 DE SETEMBRO DE 1904

DO EXERCITO ALLEMÃO

(*Continuado do n.º 12—1906*)

Instrucção com a carabina

Carregar

30. — A operação de carregar deve fazer-se com frequencia e detalhadamente para que cada homem possa executal-a com a maior rapidez de dia ou de noite, quer de pé, de joelhos ou deitado e ainda a pé firme ou em marcha.

Os manejos da culatra e da segurança são só permittidos quando se empreguem cartuchos; n'outro caso só para demonstração. Os cartuchos e as laminas carregadoias se cahirem no chão, necessitam ser cuidadosamente limpas antes de novo emprego.

31.—Commando: *Preparar para carregar—carregar!* A mão direita toma a carabina, quer esteja junto do pé, quer em bandoleira ou a tiracolo, e passa-a para a mão esquerda emquanto o homem faz meio á direita, para a frente. O ponto de mira deve estar pouco mais ou menos á altura dos olhos. A mão esquerda toma a carabina cerca do seu centro de gravidade, o pollegar estendido ao longo da coronha. A cabeça inclinada sobre a culatra, a mão direita agarra o punho com o pollegar e o indicador. A carabina fica com o bico do couce pouco mais ou menos a espessura d'um dedo acima do cinturão, o braço direito fica levemente apoiado na parte exterior da coronha. A mão direita volta o ferrolho para a esquerda e pucha-o com força para a retaguarda. Depois d'isto vae, por debaixo e cerca do meio da carabina á cartucheira, abre a tampa, e tira com o pollegar e o indicador, um carregador com cartuchos. O carregador deve ser collocado no alojamento especial da caixa da culatra um pouco inclinado para a retaguarda. O pollegar força a entrada dos cartuchos premindo forte e rapidamente o superior muito proximo do carregador até que este fique **completamente** debaixo da face direita do deposito.

A mão direita agarra o punho como que para abrir, empurra o ferrolho contra o cano e fal-o virar á direita n'um só movimento. A seguir a mesma mão vae voltar a bandeira de segurança para a direita, com a primeira phalange do pollegar por baixo e a media do indicador por cima. A cabeça volta á sua posição primitiva.

Emquanto o homem se volta outra vez por oitavo á esquerda, leva a mão esquerda á carabina contra o hombro direito; a mão direita segura a carabina por cima da esquerda e assenta-a pelo couce junto da ponta do pé direito, emquanto o braço esquerdo vae rapidamente ao lado.

32.—O carregar de joelhos e em movimento faz-se de modo analogo, e n'este ultimo caso, emquanto se marcha. Depois de carregar leva-se a carabina á posição em que antes se achava. Para carregar estando deitado, deita-se o homem um pouco sobre o lado esquerdo e passa a carabina para a mão esquerda um tanto avançada tendo os cotovellos apoiados no chão. A mão direita vae, sobre a carabina á cartucheira. Depois de carregar vem a carabina a descançar sobre o ante-braço esquerdo.

Descarregar

33.—O descarregar faz-se sem tempos e em descanço. Á voz: *Descarregar*! toma a posição indicada no n.º 31.

Por movimento inverso abre a culatra puchando-a lentamente á retaguarda, o hómem tira com a mão direita o cartucho que estava na camara e que vem na testa do ferrolho.

Do mesmo modo se procede para com os cartuchos que estão no deposito de cada vez que, completamente se leva á frente e á retaguarda, o ferrolho.

A carabina é levada á posição em que anteriormente estava, depois de premir o gatilho.

Instrucção do atirador

Generalidades

34.—Logo poucos dias depois da encorporação dos recrutas, precisam tomar a carabina para se irem familiarisando com os primeiros principios do seu emprego individual. Juntamente com as primeiras noções sobre a nomenclatura da carabina devem-se fazer faceis exercicios sobre o carregamento, a pontaria e o alvo.

35—Logo que o soldado vae fazendo alguns progressos na marcha, no carregamento e na pontaria, e se lhes esclarecem as primeiras ideias sobre a subordinação, deve passar-se a ensinar-lhe a sua forma de conducta como atirador.

Com este fim leva-se a um terreno proximo e facil e, com um pequeno grupo de soldados antigos que se fazem manobrar, se lhes faz conhecer as primeiras noções sobre a natureza do combate de atiradores.

Durante a opposição do inimigo figurado, primeiro a curta distancia, ensinar-se-lhe-ha não só a fórma da conducta a ter na defensiva e na offensiva, como na do aproveitamento do terreno com o fim de augmentar a acção do seu fogo e diminuir a do adversario.

Estes exercicios podem ter logar em todas as estações do anno, tanto nos campos de tiro como nos de exercicios. Pelo menos duas vezes por semana precisam os recrutas e desde que estejam ha duas ou trez semanas ao serviço, ser conduzidos ao campo de exercicios. Isto é uma variedade benefica para o corpo e o espirito, no periodo rigido da instrucção.

36.— A fixação de attenção no commando e no inimigo, uma subsistente reflexão, grande actividade no combate, o desenvolver o discernimento, a confiança, a resolusão e a intelligencia, despertando estas qualidades e augmentando-as nos novos soldados são, os mais fundamentaes objectivos d'esta instrucção. Ella deve ser uma activa preparação para os exercicios especiaes do combate das metralhadoras.

Com uma comprehensão progressiva d'estes exercicios pode-se entrar na instrucção particular do combate das metralhadoras.

Os mais simples casos do seu emprego no combate, adeante se tratarão.

(Continua)

Subsistencias militares

As conservas de carne

As questões d'alimentação, se para os hygienistas são de muitissima importancia, obrigando-os a interessantes estudos e originando preciosas descobertas, devem tambem prender as attenções de nós todos, officiaes do exercito, visto que, principalmente em campanha, hão-de offerecer serias difficuldades e preoccupar vivamente o commando e a administração.

Gustavo Adolpho, Frederico da Prussia e o grande Napoleão foram famosos generaes que as tiveram sempre n'um summo grau de importancia, amoldando muitas vezes as suas concepções estrategicas e o proseguimento de operações de guerra á satisfação das necessidades materiaes das suas tropas.

É que elles sabiam bem que é indeclinavel mister conservar a energia vital do soldado, collocando-o apto a combater; reconheciam que a fome lhes dizimaria mais as fileiras combatentes que as balas dos exercitos inimigos.

Napoleão, principalmente, teve sempre um desvelado cuidado pelos diversos ramos da administração, merecendo-lhe especiaes attenções o serviço de subsistencias.

*
* *

Entre os alimentos necessarios á reparação das perdas diarias do organismo do soldado, destacam-se como principaes o pão e a carne, por conterem em si a subsistencia completa.

Para nós, militares, o pão, pelas suas relativas facilidades de fabrico e conducção é um elemento precioso n'uma campanha, quer sob a forma ordinaria de *pão*, quer *abiscoitado*, quer como *bolacha*.

A carne é de mais difficil conducção quando *viva* e o seu transporte quando *morta* não deixa de offerecer difficuldades.

Foi para obviar a estes inconvenientes, principalmente, que na alimentação das tropas na guerra se introduziu o uso das *conservas* que, em pequeno volume facilmente transportavel, enceram importantes elementos alimentares.

A França e a Alemanha fazem d'ellas, mesmo na paz, um uso moderado, tendo até a primeira d'estas nações em Madagascar, se nos não falha a memoria, uma fabrica de conservas destinada a abastecer as suas tropas coloniaes, e na metropole arrrematada á industria civil o fornecimento das suas forças.

Na Allemanha são frequentes os estudos e ensaios sobre conservas de carne, utilisando-se ha muitc na alimentação das tropas uma especie de salsicha, composta de carne, farinha e tempêros.

Não nos consta que em Portugal se tenha feito qualquer tentativa no sentido de experimentar as conservas de carne, embora o fallecido capitão Renato Baptista tivesse já chamado a attenção para este importante assumpto no seu valioso relatorio sobre a Manutenção Militar, publicado em 1899.

Propunha Renato Baptista que a Manutenção dispuzesse d'uma officina, onde se estudasse a composição e se fizesse a preparação de todas as conservas.

Esta medida, de extraordinario alcance, constituiria um notavel melhoramento na nossa administração militar, mas até hoje, infelizmente, ainda o não vimos conseguido, talvez porque a Manutenção não disponha de local apropriado para a isntallacão d'uma fabrica de conservas.

Sendo assim e podendo escolher-se outro recinto para esse effeito, bom seria que se levasse a effeito tal melhoramento, pois d'elle adviriam valiosos beneficios, sobresahindo entre elles o da constituição de reservas para campanha, como se procede em todos os exercitos estrangeiros, e o do fornecimento regular ás nossas tropas ultramarinas, que tanta necessidade teem d'um abastecimento que offereça garantias de boa manipulação.

*

* *

Indiscutiveis auctoridades nas sciencias militares teem demonstrado nos seus escriptos a necessidade absoluta do emprego das conservas na guerra.

Apoiar-nos-hemos sobre duas, de bastante peso no mundo militar—Lewal e Von der Goltz.

Entendia o primeiro que se deveria dotar o soldado de infanteria com uma grande quantidade de alimento n'um redusidissimo volume, afim de *poder, deante do inimigo passar sem comboios dois dias, pelo menos.*

Este *desideratum* só se pode conseguir com as conservas de carne e com a *bolacha* ou *pão abiscoitado.*

Qualquer d'estes generos é bastante nutritivo em volume reduzido. O seu transporte, para dois ou trez dias não acarretara nem grandes fadigas nem encommodo ao soldado, e permittir-lhe ha marchas rapidas, tão necessarias á infanteria.

Mas, uma das suas principaes vantagens é tambem a da sua possivel utilisação sem serem cosinhadas, evitando os inconvenientes da perda de tempo para a confecção do rancho e de se accenderem fogos.

Nas proximidades do inimigo seria erro imperdoavel denunciar a existencia das tropas, como succederia com os fogos das cosinhas, é ahi, sobretudo, que as conservas desempenham um utilissimo papel.

Abstrahindo ainda da situação *em frente do inimigo* e apoiando-nos agora nas considerações de Von der Goltz, *quantas vezes não chegará a ordem de marcha immediata, justamente no instante em que a agua começa a ferver nas cantinas?*

E, sob a imperiosa necessidade da marcha, a que recorrer para alimentar as forças, se previdentemente se não tiverem distribuido ao soldado as conservas?

E se a marcha se prolongar por largo tempo, sem possibilidade de altos demorados, como conservar a energia vital das tropas, sem lhes poder facultar alimento, se ellas não transportarem as conservas?

Por isso, diz ainda Von der Goltz *as conservas são um precioso recurso; occupam pequeno volume, pezam menos que os viveres frescos e podem conter mais elementos nutritivos do que estes.*

*
* *

Reconhecido que o uso das conservas de carne é de incontestavel vantagem na guerra, suggere-se logo a conveniencia de habituar desde a paz o soldado a consumil-as.

Só assim elle as receberá sem reluctancia no inicio das operações, aproveitando as sem hesitação no momento critico.

O uso continuado das conservas traz, porem, perturbações graves ao organismo, e se na guerra se não pode attender muito a esse facto, pela força das circunstancias, na paz póde e deve regular-se o seu consumo, evitando abusos prejudiciaes á saude das tropas.

Assim, uma vez por semana ou sómente duas vezes por mez, conviria fazer entrar na composição do rancho as conservas de carne.

A França que tem este assumpto bem regulado consome annualmente em tempo de paz 47.000 quintaes de conservas de carne.

Para quem, como nós, tem forças relativamente numerosas no ultramar, obrigados tantas vezes a marchas pelo interior e a luctar com a falta de carregadores para o transporte de generos, a utilisação das conservas de carne seria um beneficio, pela reducção que determinaria no numero de carregadores; a falta d'estes, se é grande já em epocas de normalidade, torna-se enormissima e causa graves embaraços quando se trata de quaesquer operações contra o gentio.

*
* *

A putrefacção da carne é devida ao desenvolvimento de micro-organismos, em presença do ar, da agua e do calor.

Para eliminar ou retardar essa putrefação, é preciso preservar a carne da acção d'aquelles agentes, por qualquer dos seguintes processos:

a) Cosedura, seguida ou não da eliminação do ar;
b) Seccagem;
c) Revestimento ou immersão;
d) Emprego dos anticepticos;
e) Congelação.

D'estes processos, o mais geralmente seguido é o da conservação da carne pela cosedura, seguida da eliminação do ar, processo que vamos descrever summariamente.

Este systema foi imaginado por Appert e aperfeiçosdo depois por Favre, Fastier e Chevallier-Appert.

Consiste em fazer soffrer á carne uma primeira cosedura, destinada a estrahir-lhe uma grande parte da sua agua de constituição, encerrando-a em seguida em caixas metallicas com uma determinada porção de caldo e sugeitando finalmente o todo a uma esterilisação por meio de autoclaves, a qual destroe os germens de putrefacção existentes na carne e no ar contidos na caixa.

A fabricação pelo systema Appert comprehende as seguintes operações:

1.ª—Escolha, abatimento e preparação dos animaes; desmembramento e tratamento da carne crua.
2.ª—Cosedura preliminar.
3.ª—Arrefecimento da carne.
4.ª—Desengorduramento, clasificação e concentração do caldo.
5.ª—Repartição da carne e do caldo nas caixas metallicas.
6.ª—Esterilisação.

A carne a empregar nas conservas deve ser de boi ou vacca, tendo-se em vista que os animaes estejam sãos, tenham bôa configuração, sem serem excessivamente gordos e contem entre 3 a 8 annos de edade.

Abatidos e desmembrados os animaes, deixam-se decorrer 12 a 18 horas, e em seguida procede-se á desossagem da carne, de fórma que não fique alguma adherente aos ossos; tiram-se-lhe depois as gorduras, os nervos, as cartilagens, os tendões e aponevroses, e corta-se a carne em bocados de approximadamente 500 grammas, os quaes se sujeitam á cosedura preliminar.

Esta cosedura pode ser feita por tres processos:

1.º—Pela agua, ao ar livre;
2.º—Pelo vapor, ao ar livre;
3.º—Pelo vapor, em vasos fechados e sob pressão.

D'estes, o mais empregado é o da cosedura pelo vapor ao ar livre, por apresentar a vantagem de reduzir a quantidade do caldo a concentrar e ser menos complicado que o terceiro processo.

A cosedura effectua-se em bacias de cobre estanhado, com duplo fundo, em communicação com um gerador de vapor.

A carne é collocada n'uma unica camada em pratos metallicos sobrepostos, formando uma série de *étageres* em volta d'uma haste central, devendo estes pratos ter uns orificios que permittam que o môlho caia no fundo da bacia. Antes, porem, de collocar estes pratos, deve deitar-se na bacia uma quantidade de agua representando 15% do peso da carne que se sugeita á cosedura, agua que é mantida em ebullição por meio do vapor introduzido no duplo fundo da bacia.

N'esta cosedura, que deve durar uma hora, perde a carne approximadamente 42 % do seu pezo, se é pesada ainda quente ou 45 % se é pesada depois do complecto arrefecimento.

O môlho sae da bacia por meio d'uma torneira que esta tem adaptada.

Estende-se em seguida a carne em mezas e deixa-se arrefecer durante uma hora, verificando-se então escrupulosamente se ella ainda contém gorduras, tendões ou outra qualquer substancia que deva ser eliminada.

Procede-se logo ao desengorduramento do caldo, o que se obtem facilmente, deixando o repousar e tirando depois com uma escumadeira a gordura que sóbe á superficie.

A clarificação d'este caldo obtem-se pela decantação e pela filtração em pannos de flanella.

A concentração pode obter-se por dois processos:
1.ª—Ao ar livre por evaporação;
2.º—Por evaporação, sob pressão reduzida.

O primeiro, que é o mais simples, consiste em deitar o caldo em recipientes que são collocados ao lume e aquecidos lentamente até á ebullição, sendo o ponto exacto da concentração determinado por meio d'um areometro.

A carne e o caldo distribuem-se seguidamente pelas

caixas na proporção de 4/5 da primeira para 1/5 do segundo.

Todavia, para obviar a quaesquer perdas provenientes da esterilisação, é sempre conveniente augmentar ligeiramente o peso da carne.

Depois de fechadas as caixas são sujeitas a um banho de prova, mergulhando-as durante meia hora em bacias de agua a ferver, o que permitte reconhecer os vicios de fabricação ou de soldagem.

As caixas, hermeticamente fechadas, são depois collocadas n'uma especie de cesto metallico e introduzidas na caldeira até que estejam destruidos todos os germens de putrefacção, o que já está reconhecido obter-se n'um termo de approximadamente duas horas, á temperatura de 111° centigrados.

Em seguida, as caixas são ainda cuidadosamente verificadas uma segunda vez, devendo ser postas de parte todas aquellas que apresentem concavidades á sahida do autoclave

Embora as variações atmosphericas não tenham grande influencia na conservação das carnes, é todavia conveniente preservar as caixas da humidade, para evitar a oxidação do metal.

Tabem se deve evitar expol-as á acção directa dos raios solares.

As conservas de carne podem, quando bem preparadas, manter-se em bom estado durante muitos annos; é todavia, conveniente analysar sempre as caixas antes de as distribuir, pois que o começo de avaria ou a avaria completa reconhecem-se pelos seguintes indicios:

1.°—Pelo arqueado do fundo das caixas, que indica quasi sempre a presença d'uma determinada quantidade de ar que faz pressão sobre o fundo, tornando-o mais ou menos convexo e determinando fermentações e decomposições na carne.

2.° —Por pequenos buracos nas caixas, os quaes dão passagem á resudação do succo da carne decomposta, exhalando um mau cheiro caracteristico. As caixas apresentam-se ás vezes um tanto deprimidas, mas este facto não é bastante para determinar a sua regeição, desde que o fundo guarde a forma concava, pois aquella depressão sómente indica que é perfeito o vacuo das caixas ou que o metal é tão tenue que não resiste a pressão atmospherica.

*

* *

Para complemento d'este despretencioso estudo sobre um assumpto de tanta importancia no ramo das subsistencias militares, resta-nos indicar os meios de utilisar praticamente as conservas de carne.

Podem ser comidas frias ou em guisado e ser utilisadas para fazer a sopa.

Para o guisado, cose-se com o succo e gordura da caixa uma quantidade de legumes egual em peso ao da caixa e logo que os legumes estão cosidos, aquece-se por cima a carne, a qual pode ser partida em boccados.

Para a sôpa cosem-se primeiro os legumes em agua, abre-se depois a caixa que se sugeita ao banho-maria e quando o succo e a gordura se liquefasem tira-se a carne e deita-se o liquido na agua em que se acham cosidos os legumes.

8-1-907.

A. David Branquinho
Tenente d'administração militar.

Ao sr. Ministro da Guerra

Quando se conseguiu, e não foi sem grande trabalho, obter uma reducção nos preços das viagens em caminhos de ferro, para os officiaes do exercito, e que está ainda muito longe do que devia de ser e do que é em França, houve um esquecimento imperdoavel.

Tanto os alumnos da nossa Escola do Exercito, como os do Real Collegio Militar, ficaram esquecidos.

Ora, nada mais justo, nada mais equitativo, do que estender o beneficio em questão a esses rapazes, que o mesmo é que directamente auxiliar aquelles que são forçados á grande despeza imposta pelas circumstancias de os fazer transportar, nas ferias, para as suas terras.

O sr. Ministro da Guerra, que tanto tem conseguido em favor dos nossos camaradas, por certo não deixará de empregar um pouco da sua actividade e da sua muito boa vontade para dar solução a um assumpto em extremo

facil, sympathico, e para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro, insignificante, por ser muito reduzido os individuos das classes para quem solicitamos o beneficio.

Mas ha um meio indirecto, e de simples expediente, de resolver o assumpto.

E' ordenar-se superiormente para a Escola do Exercito e para o Real Collegio Militar, que sejam passadas requisições militares, a prompto pagamento, de 2.ª classe, ida e regresso, a todos os alumnos que, em ferias, as solicitem.

Este expediente attenua o mal existente e não prejudica em cousa alguma o Estado.

Emfim, seja qual fôr o meio pelo qual se consiga dar satisfação a este tão justo pedido, será muito bem recebido pelo exercito, tornando-se o nobre Ministro cada vez mais credor da nossa sentida gratidão.

METRALHADORAS

(*Continuado do n.º 1 — 1907*)

SEGUNDA PARTE

Metralhadoras automaticas

I

Classificação

Além dos inconvenientes e perigos que com os retardamentos de inflamação comsigo trazia o emprego das metralhadoras accionadas á mão, como já se disse, outras más qualidades fizeram que se fôsse levado á construcção das metralhadoras automaticas que sobre aquellas, teve as incontestaveis e grandes vantagens seguintes:

a) De não armarem para novo tiro emquanto o anterior não partir, desapparecendo assim os desastres por retardamentos de inflamação.

b) Consideravel aligeiramento do pezo não só por ser reduzido o numero de canos a um, na maior parte dos modelos, como por não ser necessario fortalecer grandemente os reparos para pelo proprio pezo, principalmente, se opporem ao esforço que para o tiro tinha de se exercer sobre as alavancas ou manivellas, e que ainda assim era causa de alterações de pontaria;

c) Regularidade do fôgo que sendo automaticamente obtido, é de velocidade de tiro constante, o que nunca se poderá cbter com as metralhadoras não automaticas.

d) Simplicidade na importantissima operação de alimentação que, naturalmente, se simplifica tanto mais, quanto menor fôr o numero de canos que a metralhadora tiver.

e) Finalmente, o poder servir-se de menor numero de pessoal, que para as metralhadoras não automaticas necessita de um homem simplesmente para a manobra da alavanca ou da manivella.

Todas estas vantagens são de molde a terem-se posto de parte as metralhadoras não automaticas.

Podem as metralhadoras automaticas, attendendo á fórma porque o automatismo é conseguido, dividir-se em 3 grupos distinctos.

1.º As que approveitam a força dos gazes exercida sobre a culatra-movel para a producção do movimento;

2.º As que aproveitam a mesma força directamente sobre uma peça que accione o mecanismo ou sobre um piston motor:

3.º Finalmente as que conseguem o movimento pela simples força do recúo.

Ao primeiro grupo pertencem a *Skoda* e *Schwarzlose*; ao segundo a *Hotchkiss* e a *Colt* e ao terceiro a *Bergmann*, e *Noerdenfelt* e a *Maxim*.

Sómente d'esta ultima trataremos tão desenvolvidamente quanto possivel, pois que é a adoptada no nosso exercito e quasi universalmente tambem.

(Continúa) CAP. BUGALHO.

A mobilisação da 4.ª Divisão Militar

Para nós é com verdadeira satisfação que registamos o desenvolvimento progressivo que vae tendo no nosso exercito a boa pratica dos exercicios de guerra.

Quem entre nós deu o primeiro e o maior impulso foi o sr. conselheiro Pimentel Pinto, desenvolvendo a instrucção pratica das operações militares tanto quanto os recursos financeiros lh'o permittiram.

Houve n'essa epocha certa imprensa hostil ao então Ministro da Guerra que, com a mais flagrante injustiça, com a mais revoltante falsidade, com a mais vil trica politica, procurou amesquinhar, apoucar, annullar a acção benemerita do sr. conselheiro Pimentel Pinto, inclusivamente impondo-lhe responsabilidades que só á execução poderiam pertencer, se tanto fosse exigida por uma critica rigorosa.

Taes processos não cabem nos moldes em que está vasada a nossa publicação.

Aqui esquecem-se affeições partidarias, laços de muita amisade e de muita gratidão, para tão sómente, com a mais sincera imparcialidade, encararmos os factos que se vão desenrolando em face do exercito, factos que merecem a nossa critica, porque d'elles depende, e em alguns em grande escala, o progresso das nossas instituições militares.

E no cumprimento d'este dever, que é a nossa grande força, inspirados apenas por um ideal de justiça e inflammados pela nobreza da causa porque trabalhamos, iremos até ao fim, rendendo o preito sincero da nossa homenagem a todos os ministros da guerra que, como o sr. conselheiro Vasconcellos Porto, como o sr. conselheiro Pimentel Pinto, encarem o problema de frente e avancem

denodadamente pelo campo, aliás, vasto e fertil das applicações praticas.

Ha apenas uma excepção, e essa bem muito a nosso pezar.

Ha um nome que nunca mais póde apparecer nas columnas d'esta *Revista*, tão intensos, imprevistos e inesperados foram os aggravos que a imprensa militar do nosso paiz, e portanto nós tambem, recebeu de tão imprudente quão pouco sensato ex-ministro.

O seu nome ficará votado ao silencio eterno n'esta publicação, porque nada ha que mais nos podesse ter magoado e ferido do que a pretenção mesquinha, com o pensamento reservado de nos deprimir e de annullar a acção livre e patriotica da nossa *Revista* no meio do exercito, de fazer desapparecer a *Revista de Infanteria*, roubando-nos uma propriedade aonde temos consumido o melhor de nove annos de trabalho honesto, porfiado, sincero, dedicado, e material e pessoalmente improductivo, mas do qual largas compensações moraes temos obtido pela melhoria da situação geral do exercito, que tão conscienciósamente temos auxiliado a fixar-se entre nós.

Temos muito amor e muito orgulho á nossa obra, embora de pouca monta, e quem a pretender ferir, fere-nos.

N'esta ordem de ideias applaudimos sem reserva e sem favor a alevantada iniciativa do sr. conselheiro Vasconcellos Porto, determinando a mobilisação da 4.ª Divisão Militar.

Esse é o verdadeiro caminho, essa é a grande orientação de quem quer fazer alguma cousa de util para o exercito e para o paiz.

E não somos nós que o dizemos, porque para tanto nos falta a auctoridade. Mas ha quem com auctoridade real sustente a verdadeira doutrina.

O general Pédoya, n'um notavel opusculo *O exercito sem commando*, avança as seguintes proposições:

«Quem não tem conhecido officiaes possuindo uma vasta instrucção, dotados de grande intelligencia, discutindo com talento e sciencia todas as questões que se correlacionam com a tactica, mas que não sabem tirar proveito algum de tão bellas qualidades e são absolutamente incapazes de fazer manobrar uma tropa n'um terreno qualquer?

«Quem não tenha pronunciado uma vez, ao menos, o nome de mestres na arte de escrever a sciencia da guerra

ou de professores cujas sabias lições teem feito a admiração de seus discipulos, e que, comtudo, nem uns nem outros souberam jámais applicar os conselhos que dão e os principios que professam?»

.....

«Nenhuma lição, nenhum estudo póde substituir a aptidão que dá a pratica do movimento das massas; é esta pratica que falta aos nossos generaes.»

.....

«E é nas manobras que se póde reconhecer a aptidão physica dos generaes, o seu espirito de decisão, a sua iniciativa, o seu golpe de vista.»

.....

«A instrucção que lhes é necessaria (aos generaes) só lhes póde ser dada pelas manobras, porque a verdade é que as manobras não são feitas para a instrucção das tropas mas sim para instrucção do commando.»

.....

«Com o effectivo dos exercitos modernos, o commando não póde ser improvisado.»

E basta de citações.

O que ahi fica é de sobejo para pôr em relevo o valor extraordinario que tem para a solidez e valorisação de um exercito a sua instrucção nas manobras.

O sr. conselheiro Vasconcellos Porto, determinando a mobilisação da 4.ª Divisão Militar, attende judiciosamente a essa importante questão, está dentro dos principios que sempre temos advogado e defendido, merece o nosso apoio incondicional.

Mas o nobre ministro vae mais alem; dota aquella divisão com todo o material que ainda lhe faltava para campanha e entrega esse material á posse permanente das unidades que a compõem; verifica a maneira como funccionam entre nós os districtos de recrutamento n'essa importantissima missão da mobilisação do exercito; tem occasião para analysar a presteza, a rapidez e a pontualidade com que os nossos reservistas accodem ao chamamento ás armas; verifica como funcciona a rede ferroviario da divisão.

N'uma palavra, um tal ensaio é da mais palpitante necessidade e deve ser progressivamente adoptado para se conseguir resultados praticos definitivos e utilitarios.

O material que existe actualmente no exercito foi todo adquirido pelo sr. conselheiro Pimentel Pinto.

Todos os outros ministros, de 1893 para cá, passaram absolutamente indifferentes a essa necessidade imperiosa dos exercitos modernos.

Só agora o sr. conselheiro Vasconcellos Porto entende, e muito bem, que urge methodisar a construcção d'esse material, procedendo de modo que a bréve trecho facil será mobilisarmos as nossas seis divisões activas de um para outro momento.

Louvores merece o Ministro que assim procede.

Parece-nos ser occasião de mandar encorporar os officiaes da reserva da grande circumscripção militar do sul para instrucção.

Chamamos a attenção do sr. Ministro da Guerra para os officiaes da reserva.

Nós temos poucos em quantidade e fracos na qualidade.

Seria uma medida de grande alcance conceder mais vantagens aos officiaes da reserva, mas em compensação exigir-se d'elles uma preparação pratica que fosse garantia bastante das altas funções que elles são chamados a desempenhar na guerra.

Este assumpto, que anda muito debatido nos grandes paizes guerreiros, como a Allemanha e a França, impõe-se por maioria de razão aos paizes de fracos recursos monetarios, que só poderão encontrar nos officiaes da reserva a alimentação para os quadros da nação armada, unica forma porque um paiz pequeno póde defender o seu territorio e o seu direito.

Merece bem ser meditado, e se o sr. Ministro da Guerra conseguir dotar o paiz com uma boa solução para a valorisação dos officiaes da reserva terá prestado um alto serviço ao qual ninguem poderá regatear os justos encomios, e a patria saberá recompensar com o seu quinhão de benemerencia e gratidão.

BIBLIOGRAPHIA

A Defeza de Portugal — *Summario Historico (1640—1815)* pelo coronel do Estado Maior *Alfredo Pereira Taveira.*

E' um livro da maior utilidade para todos aquelles que versam estudos militares.

O trabalho do erudito coronel Taveira, nosso querido e velho amigo, e, sem desdouro para ninguem, um dos grandes estudiosos do nosso exercito, consagrando a actividade do seu esclarecido espirito a investigações historicas aonde ninguem o excedeu ainda, é um trabalho que se impõe pela methodisação que a elle presidiu e pela grande probidade historica e militar em que assenta.

O sr. coronel Taveira é uma honra da nossa litteratura militar.

Grandes lições, grandes ensinamentos se deduzem da sua obra, onde resalta a lidima alma de um militar e de um patriota.

E' um livro que deve ser consultado por todos aquelles que aspiram a servir honrada e patrioticamente a nossa bandeira.

Para pôr a claro todo o merito do livro que temos na nossa meza de trabalho, basta dizer que elle se divide em cinco partes correspondendo a outros tantos periodos historicos da nossa vida militar.

O primeiro abrange as guerras da acclamação de D. João IV e a da successão á coroa de Hespanha.

O segundo, toda a gerencia do Marquez de Pombal, e vae desde a campanha de 1769 até ao resurgimento das nossas instituições militares sob o influxo do conde de Lippe.

O terceiro, as campanhas do Roussillon e Catalunha, e bem assim a campanha de 1801.

O quarto, a invasão do territorio nacional pelo exercito francez, sublevação geral da nação portugueza contra Junot, combate de Roliça e combate de Vimeiro.

O quinto periodo vae de 1809 a 1814. Abrange a marcha de Soult sobre o Porto, operações offensivas contra Soult e contra Victor; as operações na Beira Baixa; a batalha do Bussaco; as operações na zona central até á chegada ás linhas de Torres Vedras; retirada de Massena e perseguição pelo exercito alliado; campanhas de 1812 a 1814.

E isto basta para dar uma ideia aproximada do valor do summario historico a que nos estamos referindo.

Mas é mister accrescentar que todo o livro está cheio de referencias de alto valor do movimento bibliographico de cada epocha, havendo um resumo historico de todas as obras escriptas por nacionaes e estrangeiros referentes ás nossas questões militares.

Muito longe nos levaria uma apreciação, embora pouco desenvolvida, de tão importante e util trabalho.

Luctamos sempre com uma tão grande carencia de espaço que somos forçados a resignarmo-nos ao prazer de illustrar estas notas com largas referencias dos livros de que desejamos dar noticia.

Mas ha um pensamento do sr. coronel Taveira que, por ser a expressão de uma verdade que, infelizmente, é inherente á raça latina, não podemos deixar de transcrever aqui:

«A historia patria demonstra á evidencia que Portugal nunca tem sido previdente e cuidadoso no que hoje se chama a *preparação da guerra*. E' notorio que em tempo de paz se esqueçam quasi inteiramente os negocios militares e se deixa cahir a força publica em grande abatimento.»

«Só quando a guerra se avisinha, reverdescem os brios militares e principia a resgatar-se por expedientes da ultima hora a negligencia com que se deixaram desamparadas as instituições militares.»

Para que tal não continue a acontecer, e para que os bons desejos e patrioticos esforços do srs. conselheiros Pimentel Pinto e Vasconcellos Porto fructifiquem neste paiz é que registamos n'estas paginas essa critica verdadeira, e desgraçadamente typica da nossa raça, para que de todo desapparença no pelago das praticas das cousas condemnadas.

Repetimos, aos nossos camaradas aconselhamos o estudo meditado e consciencioso da *Defeza de Portugal* e ao seu auctor e nosso querido e velho amigo um profundo agradecimento pela sua amavel offerta.

Secção do extrangeiro

Allemanha.— Como se sabe a indemnisação de guerra que a França pagou á Allemanha, em seguida á guerra de 70, foi de 5 mil milhões de francos ou 4 mil milhões de marcos.

Segundo recentes revelações da imprensa allemã, principalmente da *New Militærische Blaetter*, essa extraordinaria somma de dinheiro teve a seguinte applicação:

Mil milhões de marcos foram destinados a constituir os seguintes fundos que ainda existem:

a) Thesouro de guerra 120 milhões de marcos;

b) Fundo dos invalidos 561 milhões de marcos;

c) Fundo para construcção de caminhos de ferro 319 milhões de marcos;

Mil milhões de marcos foram destinados ao pagamento dos tres emprestimos contrahidos pela Allemanha durante a guerra;

Mil e quinhentos milhões de marcos, pouco mais ou menos, para reparar os prejuizos causados directamente pela guerra; indemnisação á cidade de Kekl e a certas localidades de Alsacia e Lorena; indemnisação aos navios allemães capturados durante a guerra e aos allemães expulsos da França;

A restante quantia foi destinada em grande parte a realisar a unidade monetaria no Imperio, cunhando-se grande quantidade de dinheiro novo, e á dotação ao principe de Bismarck e a diversos generaes.

*

As ultimas manobras imperiaes assignalaram por uma fórma notavel a resistencia da infanteria allemã para as marchas.

Nós reputamos este assumpto da maior importancia, porque uma infanteria com grande adaptação para as marchas, resistente e audaz, torna-se o mais grandioso factor do exito final de uma campanha.

Os jornaes allemães mencionam factos dignos de registo acontecidos nas referidas manobras.

O 38.º regimento de infanteria percorreu em 4 dias e meio 220 kilometros, sendo 90 nas ultimas 36 horas.

A 11.ª divisão, que tinha feito uma grande etape no dia 10 de setembro, percorreu 60 kilometros desde a uma hora da manhã até á tarde do dia 11 de setembro.

Deve notar-se que o tempo esteve mau durante as manobras, chuvendo sempre, e as tropas não tiveram repouso senão em bivaque, e algumas vezes em acantonamento-bivaque.

Devemos n'esta occasião alludir ao pessimo calçado da nossa infanteria, podendo affirmar que, não obstante a grande adaptação do nosso soldado para as marchas e a sua notavel resistencia, nunca poderemos obter resultados identicos aos apontados acima se continuarmos a usar o pessimo calçado regulamentar.

Dar aos soldados bom calçado e bem adaptado á forma do pé, trenal-os methodicamente no exercicio de marchas, e teremos obtido um exito seguro, sem receio de confrontos com outras infanterias.

Inglaterra. — O governo britannico acaba de mandar publicar no Livro Azul os resultados dos tiros feitos nos exercicios ao alvo pela marinha de guerra.

A imprensa ingleza nota que esses resultados accusam uma tal perfeição no tiro que será difficil poder obter-se melhor.

O navio que vem na cabeça do rol é o *Drake* onde o principe Luiz de Battenberg arvora o seu pavilhão de almirante.

Este navio teve 124 empates no alvo.

Os seus apontadores são os primeiros da marinha ingleza.

A seguir vem a esquadra dos cruzadores.

Na esquadra do Mediterraneo o primeiro navio foi o *Formidable* com 109 empates.

Em 85 navios, que tomaram parte n'estes exercicios, regista-se 5:733 empates e 2:328 tiros perdidos.

Em 1897 a percentagem media dos tiros foi de 31,8; em 1905 de 56 e n'este anno de 71.

Mostra esta progressão crescente quanto se trabalha na ma-

rinha ingleza por valorisar as tripulações, sem o que os navios para pouco servem.

França. — *Automovel de campanha.* — Experiencias feitas recentemente no Mont-Valérien, em presença d'uma commissão do ministerio da guerra, acabam de chamar a attenção para um novo typo de automovel destinado ao material de campanha.

Este vehiculo, escalando as ladeiras accidentadas da explanada do forte, encontrou ali o terreno mais escabroso que se pode imaginar; — caminho completamente intransitavel, sulcos profundos, fossos, taludes, montes de terra, e tudo venceu sem a menor difficuldade.

Quando encontra um fosso muito estreito, collocam-se dois rails «que servindo de ponte» permitte a passagem, mas quando o fosso tem 2 ou 3 metros de largura torna-se desnecessario este expediente; o vehiculo — é preciso notar-se isto — passa não com o seu impulso todo, mas desce o fosso, pára no fundo, e parte de novo para sahir d'ali, quer seja para traz, quer para deante.

Os caracteristicos d'este modelo cuja gravura reproduzimos são os seguintes: o seu motor tem uma força de 35 cavallos, que permitte ao vehiculo, pezando 2300 kilogrammas, attingir uma velocidade de 45 kilometros em terreno plano, e subir ladeiras de 50 %. Graças a um machinismo especial, as quatro rodas são motoras, a parte anterior é reservada para o conductor. A parte posterior é composta da cupula rotativa, que contém uma metralhadora; em toda a volta estão dispostos uns receptaculos que podem conter 14:000 cartuchos.

Em campanha esta cupula pode abrigar dois homens: um como apontador, outro como servente da arma, o primeiro montado sobre uma especie de sella de bicycletta imprime ao systema o movimecto de rotação necessario. A entrada d'este abrigo encontra-se na parte detraz do carro; a do homem destinado á conducção, ao lado. E' quasi inutil accrescentar que uma blindagem solida protege as portas e as paredes.

Russia. — Recentemente foi julgado por um conselho de guerra, em S. Petersbourg, o almirante Nebogatoff, em virtude da sua conducta durante a batalha naval de Tsoushima.

O almirante foi condemnado a 10 annos de fortaleza e diversos officiaes que estavam sob as suas ordens foram condemnados a prisão.

Toda a gente esperava geralmente que a clemencia do Czar viesse em soccorro de Nebogatoff, como foi em soccorro de Stoessel e Rodjestvinsky.

Mas até agora não aconteceu assim.

O Imperador publicou um *ukase* no qual confirma pura e simplesmente a sentença do conselho de guerra.

Austria-Hungria.—Tendo em construcção a marinha Austriaca 3 couraçados de 14 mil toneladas cada um, o que foi considerado pela Italia como uma provocação, o ministro da marinha d'esta nação, Mirabello, apresentou ás côrtes do seu paiz um projecto de um credito de 160 milhões de lyras, destinado á construcção, em 3 annos, de 4 couraçados de 16 mil toneladas.

Ultimados estes armamentos de um e de outro lado, a Italia ficará com 24 grandes unidades de combate ao passo que a Austria só possuirá 12.

Belgica. — O major Massart, director da fabrica de armas e inspector das armas de guerra, fez, em Liege, ultimamente, uma conferencia relativa á bala pontuda.

Constatou que a commissão belga conseguiu, com o auxilio da escola de pyrotechnia e da fabrica de polvora de Wetterey, realisar um cartucho, cuja bala de 10 a 12 grammas de peso attingia uma velocidade inicial entre 700 e 850 metros.

Não obstante este progresso, que é muito para attender, o major Massart optou pela transformação do armamento belga.

Não póde deixar, porém, de reconhecer que a bala D, franceza, e a S, allemã, constituem um progresso real sobre os projecteis em uso até estes ultimos annos.

10.º ANNO ABRIL DE 1907 N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 1 — 1907)

II

1.º Grupo

Skoda e Schwarzlose

Skoda.—A metralhadora Skoda tambem chamada Archiduque Carlos Salvador e major von Dormus, é adoptada na Austria-Hungria desde 1893.

Um cano de aço e de calibre de 8,^{mm} é aparafusado á retaguarda n'uma peça de aço quadrangular, especie de caixa sem fundo nem tampa, e é totalmente envolvido n'um cylindro de bronze destinado a conter agua para não permittir uma grande elevação de temperatura ao cano durante o fôgo.

A *culatra* é composta de duas peças principaes: uma, a obturadora, e que unindo directamente ao cano, girando sobre um eixo e tendo movimento de vae vem, contém em alojamentos especiaes os aparelhos de percussão, compostos de percutor e mola, e um extractor; a outra, girando tambem com um analogo movimento em roda de um eixo, fixa a obturadora e mantem o cano fechado pela culatra por meio da tensão de uma forte

mola que em alojamento especial, á retaguarda, se oppõe a que se abra a culatra emquanto a bala não sae do cano.

A peça obturadora leva á frente um cavado destinado a receber os cartuchos que vão sendo introduzidos na camara.

O *gatilho* é situado na parte inferior e anterior da caixa da culatra e é accionado por meio de um apparelho especial que consiste em um *pendulo* pezado, com uma mola chata em espiral, de choque; a haste do pendulo é ligada por outra que se lhe articula a uma peça de aço que tem acção directa sobre o gatilho e munida tambem de uma mola de choque.

A' retaguarda á uma *alavanca* que serve para permittir abrir a culatra. Fixa ao piston que mantem a mola recuperadora e tendo movimento sobre uma cama helicoidal, quando se move comprime a mola fazendo descer a peça do fecho e tambem o obturador.

A *alimentação* é feita por meio de um *distribuidor* fixo na parede esquerda da caixa da culatra, um funil de carregamento adaptado por cima do destribuidor e por carregadores que conteem os cartuchos fixos por uma mola e que se vão introduzindo no funil do carregamento.

Querendo começar o fôgo, collocado o carregador no funil de distribuição, move-se a alavanca fazendo assim abrir a culatra e descendo um cartucho que depois de occupar o seu logar no alojamento do obturador é a seguir introduzido na camara pelo movimento do proprio obturador ao fechar a culatra. Impelle-se com força o pendulo para a retaguarda. A molla de choque batendo contra o alojamento da molla recuperadora é comprimida e a seguir, distendendo-se, leva com força o pendulo para a frente. Este, ligado por haste á peça que acciona o gatilho faz que este solte o martelo que, indo bater o percutor faz partir o tiro, recuando novamente pela acção da molla de choque que tem, e pelo esforço que sobre ella exerce o obturador, ao rodar para a retaguarda. Ao sahir a bala do cano, accrescendo fortemente o recúo, o proprio envolucro faz pressão sobre o obturador fazendo-o rodar e á peça fixadôra, a qual comprime a mola e abrindo se a culatra o envolucro do cartucho sahe, em vista da pressão que os gazes lhe imprimiram e arrastado pelo entractor. Ao

descer o obturador arma-se automaticamente o martello e o gatilho por meio da peça fixadôra, para novo tiro. Sahido o cartucho, a molla recuperadora distende-se e fórça a occupar as primitivas posições as 2 peças da culatra movel, introduzindo-se novo cartucho na camara. O pendulo levado automaticamente á frente solta de novo o gatilho partindo novo tiro e assim successivamente se seguem sempre as mesmas operações todas automaticamente.

A velocidade do tiro póde, fazer-se variar com a altura da haste do pendulo entre limites comprehendidos em 80 e 450 tiros por minuto. Comtudo as experiencias feitas na Austria aconselham a regular-se a haste do pendulo para obter uma velocidade de tiro comprehendida entre 250 a 300 tiros por minuto.

Esta metralhadora necessita ser sempre cuidadosamente lubrificada para poder bem funccionar. O seu pezo varia de 18 a 20 kilos não comprehendida a agua para o arrefecimento e pode montar-se sobre qualquer reparo seja de tripé, rodado, de praça, de bordo, etc.

Schwarzlose. — Este modelo, que foi apresentado á commissão portugueza de escolha de metralhadoras para o nosso exercito, estava ainda muito mal construido a ponto de nunca se poderem conseguir series de mais de 12 tiros. No emtanto era de uma simplicidade notavel com muito poucas peças e todas robustas.

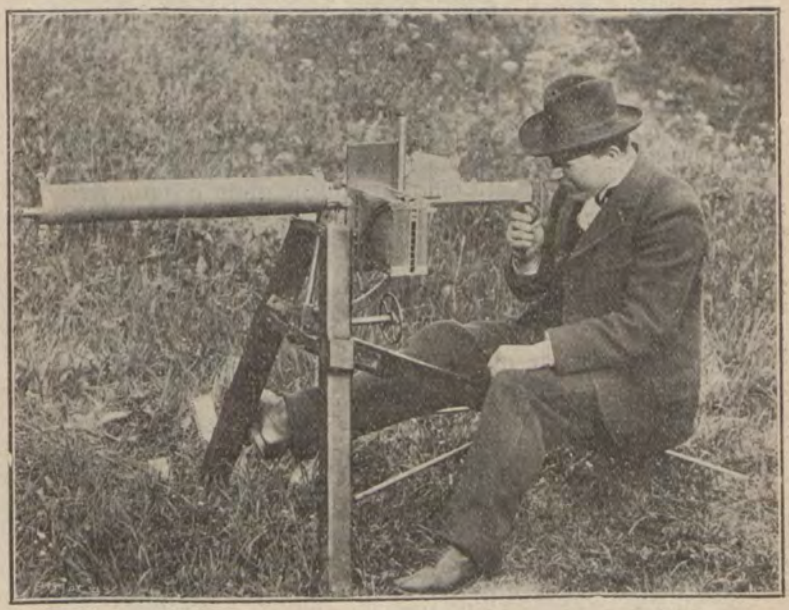
Consta que na Austria tendo-se estudado e introduzido modificações tendentes á garantia de um bom funccionamento brevemente alli será adoptado.

E' realmente muito simples e pode vir a funccionar muito bem. Tem porém um defeito de origem, que será difficil senão impossivel tirar-lhe, por ser inherente ao systema que produz o automatismo. Os gazes, a uma muito alta temperatura expellindo a caixa do cartucho, precipitam-se na caixa da culatra, sobre-aquecendo em breve as peças do machinismo e tornando mais e mais asperas as superficies em attricto.

Para obviar a este inconveniente, trazia a metralhadora na tampa da caixa da culatra, um deposito para oleo, que a cada tiro, automaticamente lançava algumas gottas sobre o mechanismo.

Póde já vêr-se o que seria de uma metralhadora que em campanha necessitasse uma lubrificação tão cuidadosa e continua!

E' muito similhante á metralhadora Skoda mas mais simples. Não tem pendulo. O fôgo é automaticamente obtido pela pressão continua de dêdos sobre o gatilho. A alimentação é feita por meio de uma caixa com destribuidor, que contem já os cartuchos e que se colloca inferiormente á caixa da culatra. A culatra movel tem movimento simples rectilineo de vae-vem, armando o aparelho de percussão quando vem á retaguarda e disparando por meio de um martello lateral quando está bem fechado o cano.



Nunca se poude bem verificar a velocidade de tiro que se poderia obter, pelas pequenissimas e irregulares series que fez; quanto ao pezo, não sendo um modelo definitivo aquelle com que se fizeram as experiencias em Lisboa mas sim em estudos, não se póde tambem indicar.

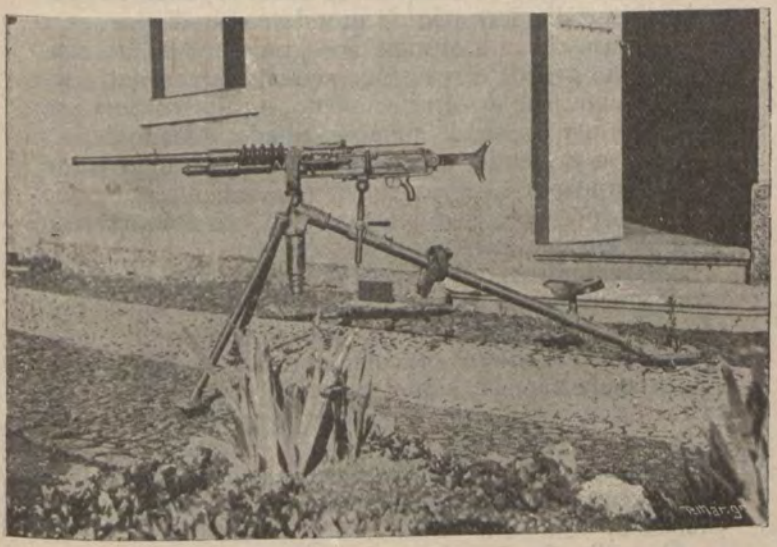
2.° Grupo

Hotchkiss e Colt

Hotchkiss.—Esta metralhadora, d'uma grande simplicidade de mechanismo, a mais simples das até agora

conhecidas, gera o automatismo pela acção directa dos gazes sobre uma peça (piston motor) que, com saliencias, e entalhes e camas apropriadas obriga as outras peças do mechanismo a exercerem as suas differentes funcções.

O primeiro typo d'este genero foi experimentado em França em 1894 e era derivado do systema do major austriaco Odkolek e aliás já experimentado na Austria dois annos antes. O mechanismo era muito complicado e possuia um grande numero de peças. Os cartuchos eram fixos por meio de garras metallicas cravadas n'uma fita de linho.



Um cano é aparafusado na sua parte posterior á caixa da culatra muito estreita e longa. A cerca de um terço á frente e inferiormente tem o cano um pequeno furo que communica com um corpo de bomba que o cano tem a si ligado. Pela parte posterior entra o *piston motor*; pela anterior é fechado por um parafuso que, exteriormente em latão e graduado, serve para, regulando a capacidade do corpo da bomba onde os gazes se projectam, augmentar ou diminuir a força de impulso do *piston motor*.

Por este artificio consegue-se obter as vibrações de

uma amplitude relativas a uma dada carga de uma determinada polvora e variar ainda, mas em muito limitado numero, a velocidade de tiro.

A' frente tem o ponto de mira que faz parte de um annel que é soldado ao cano.

A' retaguarda abraçando o cano ha um corpo de perfil sinuisoidal que tem por fim, augmentando a superficie de contacto da parte do cano que mais aquece, com o ar, não permittir uma exagerada elevação de temperatura.

Sendo este aliás um principio, e meio de obter um arrefecimento rapido como se consegue nos motores a essencias e a gaz com explosões muito repetidas, applicado á metralhadora não dá grande resultado porque a temperatura chega a attingir 3oo graus apezar do artificio; sendo grande a massa de aço onde se encontra talhado a superficie do arrefecimento, o calor conserva-se por muito tempo, sendo até aconselhado, quando depois do fogo se pretenda pôr a metralhalhadora no baste para o transporte, se arrefecer rapidamente por meio de agua, por se tornar impossivel pôr a mão, mesmo coberta, em qualquer parte do cano.

Nos cylindros dos motores a gaz, consegue-se o arrefecimento mais possitivamente, porque as superficies são muito maiores e de muito pouca massa.

Na caixa da culatra em canal apropriado, gira a culatra, brocada e longa, a qual tem na frente á direita um extractor, á retaguarda, articulado, o travador do recúo e dentro o percutor.

O piston motor tem camas, saliencias e entalhes que fazem mover convenientemente as peças do mechanismo.

O gatilho fica inferiormente n'um guarda-matto com punho de pistola. A' esquerda da caixa da culatra fica a alavanca de armar que, puchada á retaguarda, abre a camara armando a metralhadora e permittindo a entrada do carregador.

O mechanismo de alimentação, de bronze, fixa-se na caixa da culatra immediatamente á retaguarda da camara e tem um carreto com rolete que, accionado pelas camas do piston motor nos seus movimentos de avanço e recúo, imprime movimentos de translação ao carregador, levando-o a ter sempre um cartucho na frente da camara, quando a culatra está na sua posição retrograda.

Os carregadores, são laminas metallicas rigidas ou articuladas, contendo 30 ou 250 cartuchos e que mantem estes em saliencias do mesmo metal com forma conveniente.

A caixa da culatra é fechada por uma peça de bronze terminada á retaguarda em fórma de coronha onde o apontador encosta o hombro direito. Recentemente, os modelos terminam não em coronha, mas em punhos, como o Schwarzlose, Bergmann, Maxim, Colt, etc., e certamente com o fim de evitar inconvenientes a que adeante nos reportaremos.

Uma forte mola recuperadora ou antogonista em canal apropriado no fundo da caixa da culatra e apoiada d'um lado á coronha e do outro a uma saliencia vertical do piston motor, obriga a todos os movimentos de avanço das peças do mechanismo, incluindo o percutor.

Esta metralhadora, no ultimo modelo não tem dispositivo especial para a segurança. Tem sim, no alimentador, uma alavanca detentora, que se conserva sempre quando a culatra á retaguarda, de forma tal que, mesmo premindo o gatilho, o tiro não parte; mettendo o carregador, este obriga a alavanca detentora a descer e permitte o movimento de avanço da culatra e, consequentemente, o tiro.

A segurança pois consistirá simplesmente em retirar o carregador, o que se consegue com muita facilidade e extrema rapidez.

A metralhadora funcciona como segue:

Pucha-se completamente á retaguarda a manivella d'armar. Ella arrasta comsigo o piston motor que, por seu turno, traz comsigo a culatra e o percutor, comprime a mola recuperadora e ficando n'aquella posição, por o detentor se oppôr a que volte ao seu logar. Introduz-se o carregador que, fazendo descer o detentor, deixa a metralhadora preparada para o tiro, por o piston motor se encontrar livre do detentor e só preso pelo entalhe do gatilho.

Puchado este, o piston soltando-se precipita-se para a frente arrastando a culatra. Esta leva adeante de si um cartucho que desaloja do carregador e introduz na camara, fechando-a N'este momento, o travador de recúo é obrigado a descer travando a culatra; e a seguir, ainda no ultimo tempo do movimento de avanço do

piston, este levando entre duas garras o percutor, faz a percussão partindo o tiro.

Quando a bala, percorrendo o cano passa á frente do furo que communica com o corpo de bomba ou cylindros dos gazes estes, em parte, precipitam-se n'elle exercendo uma pressão muito violenta e brusca sobre o piston motor. Este recúa comprimindo a mola recuperadora; move convenientemente o carregador, leva a culatra e o percutor á retaguarda, ao mesmo tempo que o extractor extrahe o cartucho, que é ejectado por meio de um ejector lateral.

Chegado ao limite do movimento retrogrado, e não encontrando o dente do gatilho se este se conserva premido, torna, em virtude da acção da molla recuperadora a precipitar-se para a frente, fazendo reproduzir os movimentos já descriptos e sempre emquanto o gatilho se conserva premido. Alliviando este, o tiro cessa.

Como se vê, tanto o mechanismo como o machinismo são simples e de modo a produzirem uma magnifica impressão a quem a vê fazer fôgo por curto tempo. Ainda tendo a metralhadora apenas 40 peças, pode trabalhar sem algumas, como o gatilho e mola, o detentor e mola, e mola de alavanca d'armar.

Comtudo, se a metralhadora se faz funccionar por alguns minutos, aquella impressão é destruida.

Assim, nas experiencias a que a commissão de escolha procedeu, em 3410 tiros houve 49 interrupções de funccionamento, e os 3 apontadores que com ella trabalharam, viram-se forçados a revesar-se por mais de uma vez. As cauzas foram sempre devidas a que os gazes, sobre-aquecidos, projectados no cylindro, entravam em enorme quantidade na caixa da culatra aquecendo mais ou menos as peças e deixando-lhes adherentes residuos, que misturados com a unturas das peças, formavam uma massa negra e dura, que augmentava tão fortemente a difficuldade do movimento das peças em attricto, que a metralhadora retardava o tiro, diminuindo a velocidade até parar por completo. Para continuar o tiro, muitas vezes, foi necessario abrir a culatra a maço, tal era a ligação a que as peças ficavam sujeitas.

Alem d'isto, os gazes que sahem do cylindro depois de fazerem funccionar o piston eram projectados em grande quantidade para a retaguarda, de forma que, a breve trecho, o apontador se via envolvido n'uma atmos-

phera irrespiravel e asphixiante que o obrigavam a abandonar a metralhadora.

Ainda, as vibrações da arma eram de tal forma violentas que, em pouco tempo, transmittindo-se ao atirador pela coronha que este apoiava ao hombro, o impossibilitava de poder continuar visando o alvo, sendo obrigado a retirar o apoio que á metralhadora offerecia para o tiro.

Foi naturalmente pelo reconhecimento d'este grave inconveniente, que os modelos mordernos d'esta metralhadora teem punhos, com a Bergmann, Schwarzlose e Maxim, com atraz fazemos notar.

Não se poude, em grandes series, averiguar a velocidade de tiro da metralhadora, devido ás cauzas acima referidas, pois que essa velocidade começando por 500 tiros por minuto, decrescia com a continuação do fôgo. Com series pequenas, porem, a sua velocidade é effectiva de 500 tiros nos primeiros minutos.

O pezo d'esta metralhadora é de 24 kilos actualmente; os primeiros modelos pesavam apenas 18 kilogrammas.

Colt.—Esta metralhadora usada nos Estados Unidos da America do Norte, tem caracteristicas muito semelhantes ás da Hotchkiss.

Os gazes sahem tambem, como n'esta, por uma pequena abertura situada inferiormente ao cano e proxima da sua bocca, fazendo mover não um piston, mas uma alavanca de dois ramos de que o maior acciona todo o mechanismo por intermedio de uma longa haste, que se move inferiormente ao cano.

O machinismo de alimentação é tambem como na Hotchkiss, formado de dois roquetes n'um eixo commum, commandados pela haste do movimento por meio de uma peça intermediaria.

Sobre o eixo d'este roquete apoia-se a fita carregadora formada por duas fitas de linho cosidas transversalmente, de forma a deixarem entre si o espaço sufficiente para o alojamento do cartucho.

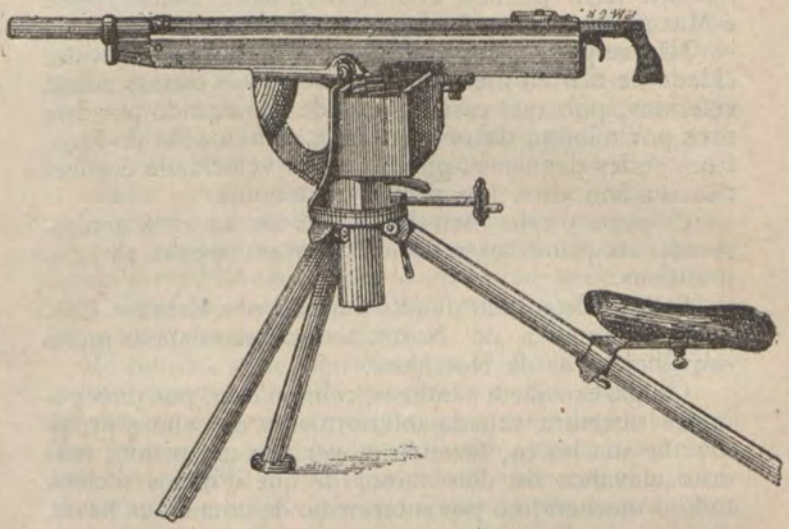
O cartucho é extrahido da fita a cada movimento retrogrado do ferrolho por um extractor, subindo e sendo em seguida introduzido na camara pelo ferrolho.

A percursão é obtida por meio de um percutor com mola alojado no ferrolho cylindrico e um martello com mola alojado na coronha, o qual serve ao mesmo tempo

de piston, para forçar a entrada de uma corrente d'ar no interior do cano, com o duplo fim de o refrescar e fazer sahir quaesquer grãos de polvora não queimados.

As molas recuperadoras (duas nos ultimos modelos d'estas metralhadoras), estão aos lados e á frente em cylindros; e são forçadas pelo ramo mais pequeno da alavanca dupla, a destenderem-se a cada tiro.

Todo o machinismo está alojado em ferralhes apropriados na coronha da metralhadora. Ella funcciona como segue:



Introduz-se a fita carregadora na abertura do alimentador e faz-se rodar sobre o eixo, o braço da alavanca do movimento de cerca de 180°.

N'este movimento os roquetes giraram; um cartucho foi extrahido da fita e posto á frente do ferrolho; o gatilho armou o martello, e as mollas percutoras distenderam-se.

Largando a alavanca, ella, pelo esforço das molas recuperadoras indirectamente exercido sobre o seu braço mais curto, volta á sua anterior posição, tapando o furo dos canos para a sahida dos gazes; a culatra vae á frente introduzindo o cartucho no cano, e a roleta gira novamente pondo um cartucho em posição, que é agarrado pela peça que o hade extrahir da fita.

A ejecção é produzida por um ejector fixo.

Puchando o gatilho, o tiro parte e assim se succede emquanto se puchar.

Esta metralhadora tambem tem segurança. O seu cano é muito leve pois peza cerca de 18 kilos; e a sua velocidade é de 500 tiros por minuto.

O modelo primitivo continha 124 peças; os modernos, contéem 94, comprehendendo-se n'ellas 14 parafusos e 13 molas.

(Continua) CAP. BUGALHO.

A evolução da tactica de infanteria

(Continuado do n.º 2 — 1907)

Quando a acção do fogo do 1.º escalão seja insufficiente para preparar a brecha intervêem as companhias do 2.º escalão, que actuam como tropas da primeira linha.

E' precisamente a connexidade, a solidariedade das funcções dos dois primeiros escalões que determina a constituil-os com os elementos d'um mesmo batalhão.

Pela mesma razão não parecerá exaggerado attribuir ao 2.º escalão um effectivo pelo menos egual ao 1.º, pois que muitas vezes terá necessidade de ir desempenhar ou completar a missão d'este.

A distancia entre o 1.º e o 2.º escalões regula por 300 a 500^{m} e é determinada pela consideração de que a profundidade dos agrupamentos produzidos pelos feixes de trajectorias dirigidos sobre a linha avançada não vae alem de 500^{m}, distribuindo-se metade na parte anterior da linha e a outra metade, ou sejam 250^{m} na parte posterior.

A distancia de 300^{m} entre os dois escalões deve, theoricamente, pôr a coberto o 2.º das balas dirigidas ao 1.º.

Quanto ás formações a adoptar, o 1.º escalão será uma densa linha de atiradores, conservando no principio, como apoio, alguns pelotões que mais tarde se fundem na linha avançada; o 2.º escalão affectará a disposição de uma linha de columnas abertas, marchando de costado; e o 3.º escalão adoptará a formação em columnas dobradas, ou em linha de columnas, marchando tambem de costado. Apreciando no seu conjuncto por uma forma succinta a acção da infanteria no combate, accentuaremos que o 1.º escalão procura ganhar terreno o mais rapidamente possivel para iniciar o fogo ás pequenas distancias. Executa successivamente, segundo as condições do terreno e as circumstancias, o fogo por descargas, o fogo vivo e o de repetição.

Ao iniciar-se esta ultima especie de fogo, o 2.º escalão, que se tem approximado da linha avançada, arremessa-se ao assalto, franqueando com decisão o espaço que o separa da posição inimiga, arrastando de envolta os restos do cordão de atiradores.

O 3.º escalão apoia o movimento dos escalões anteriores, já installando-se na posição conquistada, já cobrindo a retirada dos assaltantes em caso de insuccesso.

A obrigação de manter, de accelerar, custe o que custar, o movimento uma vez iniciado, eis o dogma superior, fundamental, que deve impôr-se com caracter imperativo a todos os escalões do dispositivo de combate.

Os dois primeiros escalões, destinados ás duas phases, as mais laboriosas do ataque, foram constituidos sem hesitação com elementos pedidos a uma mesma unidade, a um mesmo batalhão.

Assim como não se fracciona a companhia em dois escalões, tambem não deverá dividir-se o batalhão em tres. Seria o enfraquecimento dos elementos, alem da maior difficuldade da direcção.

Bastará que o terceiro escalão pertença ao mesmo regimento, o que garantirá a maior cohesão, unidade de esforços e efficacia na acção em profundidade.

Condensando os principios expostos, ou resumindo em breves termos a acção da infanteria no combate, diremos: a companhia só pode executar a 1.ª phase: o batalhão as 1.ª e 2.ª, sendo o regimento a menor unidade que, em rigor, pode levar a effeito as tres phases do combate.

O regimento ficará, portanto, disposto em tres linhas comprehendendo tres escalões: dois batalhões contiguos, tendo cada um metade do seu effectivo na linha de com-

bate e a outra metade no 2.º escalão. O 3.º batalhão do regimento constitue o 3.º escalão.

E' um dispositivo simples, racional, consagrado já por muitos regulamentos tacticos.

Foi a successão das principaes phases do ataque decisivo, phases necessarias em todos os terrenos e em todas as circumstancias que determinou a grande divisão em tres escalões; foi a importancia relativa das missões particulares confiadas a estes tres escalões que permittiu attribuir-lhes, pelo menos no principio, effectivos eguaes, ou proximamente eguaes; foi a estreita solidariedade da missão dos dois primeiros escalões que levou a dispôr o batalhão no combate em duas linhas; e, emfim, foi a necessidade de sustentar o movimento e a vantagem de actuar em profundidade, que aconselhou a collocar o ultimo batalhão do regimento á retaguarda dos outros dois.

De forma que, em conclusão, o regimento moderno, constituido por 3 batalhões, adopta para o combate o fraccionamento em tres linhas ou escalões; dois batalhões contiguos em duas linhas ou escalões, e o 3.º batalhão em 3.ª linha.

São estes racionaes principios que, felizmente, nós vemos hoje consignados no *regulamento portuguez para o serviço de campanha*, publicado em 1904, o qual referindo-se ao combate da infanteria na offensiva consigna este preceito tactico:

«*O escalonamento em profundidade constitue o unico meio de obter, pelo reforçamento successivo da linha de fogo, a impulsão necessaria para provocar o movimento.*»

Os diversos escalões do regimento ou regimentos mais avançados no dispositivo geral do combate constituem, segundo a lettrad'este regulamento, a *1.ª linha tactica.*

Os regimentos designados para *reservas parciaes* nas grandes unidades formam a *2.ª linha tactica.*

Encontra-se uma analogia sensivel entre as ideias anteriormente expendidas e as prescripções do nosso regulamento de campanha. Segundo o nosso ponto de vista, o regimento em formação de combate (batalhões contiguos) fracciona-se em tres escalões de força egual ou proximamente egual (4 companhias), tendo cada escalão bem definida a sua missão (preparar, escalar e occupar a brecha).

No regulamento de campanha portuguez, embora o dispositivo de combate se presuponha o mesmo, considera-

se o regimento dividido em dois escalões ficando (no caso da formação por batalhões contiguos) o 1.º escalão com o duplo da força do 2.º, competindo-lhe, por consequencia, a missão de realisar as duas primeiras phases (preparar e escalar a brecha), reservando-se ao 2.º escalão a 2.ª phase (occupação da brecha). Salvo essa pequena differença technologica, os principios reguladores do combate são os mesmas e, portanto, não pode deixar de consignar-se n'este logar a perfeita harmonia de vistas entre o regulamento de campanha portuguez e as doutrinas por nós expendidas n'este modesto trabalho.

Seguindo a mesma ordem de ideias, a brigada encorporada collocará dois regimentos contiguos na mesma disposição de combate.

N'este typo de formação, a brigada tem 4 batalhões avançados, constituindo o 1.º escalão da 1.ª linha tactica, e dois constituindo o 2.º escalão da mesma linha.

Os regimentos são collocados um ao lado do outro, proximamente á mesma altura, tomando-se o regimento como base d'esta formação, que corresponde melhor ao principio fundamental do combate em profundidade ; as tropas chamadas a reforçar o primeiro elemento (linha de combate) pertencem á mesma unidade regimental que os batalhões já empenhados.

O 2.º escalão forma sempre uma reserva á disposição do commandante da brigada (um batalhão de cada regimento).

O commandante do regimento pode sustentar melhor o combate e remediar mais promptamente as faltas commettidas, as fraquezas denunciadas na linha de fogo, ou aproveitar o momento favoravel para lançar o ataque a fundo.

Este dispositivo que permitte ter mais em mão as unidades, retardando a mistura das fracções constituidas e favorecendo a successão dos esforços no sentido da profundidade, convem geralmente melhor a uma tropa que combate encorporada.

Se, ao contrario, esta tropa é obrigada a guardar-se sobre os flancos, se possue uma certa independencia de movimentos, póde haver vantagem em dispôr as unidades umas á retaguarda das outras para conservar na mão fracções constituidas capazes de occorrer ás eventualidades do combate e de manobrar.

N'este caso, o dispositivo de combate seria a denomi-

da *formação por linhas*, já antiquada, um como que reflexo da tactica linear frederiquina, cuja profundidade difficultaria a translacção rapida para a frente dos elementos á retaguarda (reservas), ao passo que a sua pequena frente facilitaria os movimentos envolventes do adversario.

O dispositivo de combate por unidades contiguas é hoje o mais generalisado. O regimento é o seu principal elemento constitutivo, ou a base das formações das grandes unidades.

«Em todas as circumstancias, diz o regulamento tactico allemão, cada regimento d'infanteria receberá uma missão distincta, e o general de brigada enviará exclusivamente ordens aos seus coroneis».

E' este o principio fundamental que synthetisa, por assim dizer, a revolução operada pelos allemães na direcção tactica das massas de infanteria.

Durante o combate da brigada, os regimentos não devem, em regra, misturar-se para se sustentarem mutuamente.

A lucta alimentar-se-ha em cada regimento com os esforços proprios e só em caso extremo se recorre ao auxilio da unidade proxima.

Foi depois da campanha de 1866 que se principiou a empregar as formações de combate das grandes unidades por regimentos contiguos.

No decurso d'aquella campanha haviam-se evidenciado os inconvenientes derivados da collocação d'um regimento em cada linha da brigada em dispositivo de combate.

Por seu turno, o regulamento francez de 4 de dezembro de 1904 considera o regimento como a *unidade de combate* por excellencia; dispõe da força sufficiente para com os seus proprios recursos seguir o combate em todo o seu desenvolvimento e proporcionar esforços de longa duração.

Ao passo que o batalhão combate, em geral, sobre a sua frente, o regimento e a brigada teem, as mais das vezes, a possibilidade de manobrar.

Formações do batalhão no combate offensivo

Das considerações precedentemente expendidas conclue-se, como aliáz já accentuámos, que o regimento de infanteria pelo seu effectivo e racional fraccionamento é a menor unidade que póde executar o ataque decisivo em

todas as suas phases. — E' a unidade de combate por excellencia, como diz o novo regulamento tactico francez.

E' pois dentro do quadro do regimento que se faz mistér estudar as formações do batalhão.

Como vimos, o regulamento de campanha portuguez, publicado em 1904, considera os regimentos da 1.ª linha tactica divididos em dois escalões. — Adoptando como mais racional a disposição do regimento por unidades contiguas no combate, teremos o 1.º escalão constituido por dois batalhões dispostos em combate na mesma linha, ou proximamente na mesma linha, e o 2.º escalão composto do batalhão restante.

Faremos, portanto, incidir o nosso estudo sobre as formações e a marcha de um dos batalhões do 1.º escalão e do batalhão do 2.º escalão para se ficar conhecendo o mechanismo geral do combate da infanteria moderna.

Para maior simplicidade consideraremos ainda a marcha d'estes batalhões effectuando-se:

1.º — Sob a acção dos fogos de artilheria;
2.º — Sob a acção dos fogos de infanteria.

1.º — Marcha sob a acção dos fogos de artilheria.

Em todos os exercitos bem constituidos, especialmente no allemão, tem-se accentuado a tendencia para diminuir a grande profundidade das columnas nas *marchas de guerra*, alargando as frentes de marcha pelo augmento das testas das columnas, dispondo as tropas na ordem que affectarão na formação de combate, em uma palavra, transformando a *marcha de guerra em uma marcha de combate*.

Preconisam, para a marcha de *approche*, formações que permittam o desenvolvimento simultaneo e tão rapido quanto possivel das unidades, e por conseguinte a suppressão das columnas profundas com frente estreita.

A entrada successiva das tropas em linha sobre a frente de combate propriamente dita deve desapparecer e o corpo de combate deve, por assim dizer, chegar desenvolvido á zona efficaz do fogo do adversario.

Geralmente, a 3500^{m} de distancia da posição inimiga, em que os effeitos da artilheria começam a fazer-se sentir, os batalhões do 1.º escalão adoptam uma formação menos vulneravel — *a columna dobrada aberta* com grandes intervallos e distancias entre as columnas, marchando as fracções de costado; — E' esta uma formação preparatoria

de combate, muito recommendada pela ordenança portugueza.

Da formação em columna dobrada facilmente se passa para a formação em xadrez, o que permitte subtrahir quanto possivel as companhias á rectaguarda dos fogos dirigidos sobre as primeiras.

Bastará, n'esta disposição, elevar as distancias e os intervallos entre as columnas a 150^{m} para haver maiores probabilidades de cada columna ficar subtrahida aos fogos dirigidos sobre a columna proxima.

A formação em xadrez pode induzir facilmente a artilheria inimiga a commetter erros na apreciação das distancias, porque, visto de longe, o conjuncto das duas linhas apresenta o aspecto d'uma só.

Cada columna pode mover-se mais á vontade por ter á sua disposição um espaço duplo, onde mais facilmente pode deslocar-se e utilisar os abrigos do terreno.

Por seu turno, o batalhão do 2.º escalão, seguindo a 400 ou 500^{m} á rectaguarda do elemento precedente (companhias de reserva do 1.º escalão) adoptará a mesma disposição em columna dobrada aberta, ou em linhas de columnos, devendo encurtar successivamente a distancia do 1.º escalão á medida que este se approxima do inimigo.

Os batalhões do 1.º escalão expedem para a frente os grupos de exploradores, que vão esclarecer o terreno, repellir as patrulhas inimigas, reconhecer summariamento as posições do inimigo e facilitar o accesso das tropas ao campo de batalha.

A zona batida pelos fogos de artilheria deve transpôr-se rapidamente, sem interromper a marcha, afim de impedir a artilheria de regular o seu tiro.

2.º — Marcha sob a acção dos fogos de infanteria.

Deve haver o cuidado de collocar as unidades em frente dos seus objectivos d'ataque indicando-lhes pontos de direcção bem distinctos e afastados, no intuito de obter linhas de marcha paralellas para que os batalhões não saiam das zonas que lhes forem designadas sobrepondo-se ás dos batalhões proximos.

De 1500 a 1200^{m} do adversario entra-se na zona dos fogos de infanteria. N'esta altura, o batalhão avançado deve sub-dividir-se, se ainda o não estiver, nos dois escalões encarregados de levar a effeito as duas primeiras phases do ataque decisivo.

As duas companhias avançadas escalonam-se por seu turno, marchando na frente dois pelotões em columna aberta por secções de costado, seguindo-se de 200 a 300 metros o terceiro pelotão de costado.

As outras duas companhias (reservas do batalhão) seguem de 300 a 500^{m} o escalão precedente em columna aberta por pelotões de costado, podendo, para diminuirem a sua vulnerabilidade, adoptar uma formação escalonada dos pelotões em xadrez.

O batalhão do 2.º escalão acompanha o movimento de 300 a 400^{m} á retaguarda d'estas companhias na formação anteriormente indicada.

A 1:200^{m} do inimigo, os pelotões mais avançados podem adoptar a formação em linha de esquadras de costado que, logo a 1000^{m}, desenvolvem por filas abertas.

Geralmente, a 800^{m} os exploradores rompem fogo vivo. As companhias avançadas passam á formação em uma fileira e entram na linha de combate protegidas pelo fogo dos exploradores.

Toda a linha rompe o fogo, geralmente por descargas de pelotões ou de secções.

O movimento offensivo prosegue por escalões de companhia; a marcha do escalão que avança é protegida pelo fogo do escalão estacionado.

Os intervallos originados pelas perdas são prehenchidos por fracções dos apoios.

As companhias de reserva seguem o movimento, reduzindo successivamente a sua distancia á linha de fogo. Uma d'ellas adianta-se, ganhando sobre a ultima uma distancia de 100^{m}.

No principio do movimento, isto é, a 1:500^{m}, a frente attribuida a cada companhia regulava por 150^{m}; no decurso do ataque a extensão da frente vae-se reduzindo, condensando-se sobre o centro, de forma que a 400^{m} da posição inimiga não devem apresentar mais de 100^{m}.

A esta distancia augmenta-se a intensidade do fogo, executando o fogo vivo. O combate progride até ás suas ultimas phases com a intervenção das companhias de reserva.

Fracções da 1.ª d'estas companhias reforçam a linha de combate, servindo de propulsores do movimento. Os lanços são successivamente mais curtos, seguidos d'um fogo vivo de curta duração.

Com o impulso da companhia de reserva avançada

chega-se até 200m da posição, onde se executa o fogo de repetição.

A ultima companhia de reserva approxima-se da linha de fogo.

N'esta altura do ataque, o batalhão do 2.º escalão tem já adoptado uma formação mais compacta — a linha de columnas contiguas, que veio substituir a antiga columna de ataque.

N'este momento critico da lucta, por certo a artilheria amiga terá adquirido a superioridade sobre a adversa e prepara o ataque decisivo pela concentração d'uma grande massa de fogos sobre o objectivo escolhido.

A linha de combate arma bayoneta, avança em accelerado, e, a cerca de 50 metros, ao toque de carga, arremessa-se ao assalto impulsionada pela ultima companhia de reserva, ou pelo batalhão do 2.º escalão, que auxilia o escalão precedente na sua missão — escalar a brecha, onde o batalhão se installa, restabelecendo summariamente a ordem e tomando posição favoravel para executar a perseguição, unicamente por meio do fogo de descargas.

Occupada a posição do inimigo, deve haver todo o cuidado em não ir alem da orla exterior da mesma posição, preparando-se para repellir qualquer retorno offensivo do adversario.

A perseguição activa será commettida a forças da reserva, se as houver disponiveis, ou a tropas que se hajam mantido em perfeita ordem até o ultimo momento da decisão.

Em caso de insuccesso do ataque, a retirada effectuar-se-hia sob a protecção do batalhão do 2.º escalão, ou de quaesquer forças de reserva, que se houvessem conservado intactas até esse momento.

(Continúa.)

ADRIANO BEÇA
Major d'infanteria 10.

OS SARGENTOS

Por mais de uma vez temos chamado a attenção dos poderes constituidos em favor d'esta prestantissima e benemerita classe, que tanto concorre para o avigoramento da disciplina no exercito.

São os nossos mais uteis e mais dedicados auxiliares, e merecem todo o nosso cuidado e attenção, e toda a nossa sympathia.

A *Revista de Infanteria* felicita-se por ter concorrido para a melhoria de situação em que, felizmente, se encontram hoje os nossos sargentos, mas não pode adormecer sobre os louros conquistados porque ainda ha muito a conquistar, sem comtudo pedirmos n'este momento que se sobrecarregue mais o orçamento do ministerio da guerra.

Ha um assumpto da maior importancia e para o qual ousamos pedir a benevola attenção do nobre Ministro da Guerra, que tem sido sempre tão solicito em attender a tudo quanto dependa da sua iniciativa generosamente bem orientada, certos de que S. Ex.ª vindo em auxilio dos nossos sargentos prestará um alto serviço ao exercito.

O Estado contribue com um auxilio diario para o rancho dos sargentos. Esse auxilio é individual.

Mas, só reverte a favor do official inferior se por ventura estiver arranchado.

Se o não estiver, esse auxilio, o que era attribuido individualmente ao sargento A. reverte a favor de todos os que estão arranchados.

Não é justo e, sobre tudo, não é equitativo.

Sabe-se perfeitamente que ha muitos sargentos, que por circunstancias especiaes da sua vida, taes como os casados com familia mais ou menos numerosa, não podem arranchar. Esses são illegitimamente privados do auxilio

que o Estado quer prestar e presta á sua classe, exactamente quando mais careciam d'esse auxilio.

E' quasi uma iniquidade.

O que ousamos pedir ao nobre Ministro da Guerra é que torne esse auxilio virtualmente individual, revertendo para melhoria do rancho, quando o sargenio estiver arranchado, ou para melhoria da situação pessoal quando as circunstancias o forçarem a não arranchar.

E não vae n'isto o menor encargo para o Thesouro. Trata-se apenas de uma simples medida destributiva.

Ha ainda um meio de que pode lançar mão o nobre Ministro e pelo qual resolve a questão completamente.

E' mandar converter o actual auxilio para rancho em pret dos officiaes inferiores, augmentando com esse auxilio o desconto diario com que os arranchados devem contribuir para despeza da sua alimentação.

Por uma forma ou por outra cremos firmemente que o sr. conselheiro Vasconcellos Porto pratica um acto de toda a equidade e que merecerá o applauso sincero de toda a classe dos sargentos.

*

* *

Torna-se tambem necessario que o nobre Ministro da Guerra promova a approvação da proposta de lei apresentada ao Parlamento, em outubro do anno findo, e pela qual era elevado de 35 a 45 annos o limite de idade para a pormoção a alferes.

Esta medida sympathica e justa, e que n'este momento não desejamos discutir porque merece o nosso apoio incondiccional, é urgente ser transformada em lei do Estado, para acudir-se a tantos sargentos que, no vigor da vida, quando ainda o cerebro e o coração, em pujante actividade, procuram accumular materiaes para bem servir e bem amar a Patria tão querida de nós todos, verão cortada a sua carreira, aniquillado seu futuro, emmurchecidas as suas mais acariciadoras esperanças, e morto todo o incentivo, todo o estimulo ao trabalho.

Não deve ser.

Contamos que o sr. Ministro da Guerra attenderá estes justos pedidos.

UM «RAID» DE INFANTERIA NO SUL D'ANGOLA

(Excerptos de um diario)

Não podemos furtar-nos ao desejo de trazer ao conhecimento dos nossos camaradas de Infanteria a noticia de um «raid» executado no Sul d'Angola por tropas brancas, e do qual constituiu parte importante uma marcha de noite. Para isso soccorremo-nos dos nossos apontamentos mal alinhavados e escriptos sobre o joelho, e que para esta noticia quer-nos parecer ser o bastante, tanto mais que a nossa intenção é apenas que não fique ignorado dos officiaes de Infanteria este «raid,» que mostra bem o quanto se pode esperar de tropas da arma a que nos honramos de pertencer.

*
* *

A columna que em Agosto, Setembro e Outubro de 1906 esteve em operações no Cuamato, sob o commando do valente governador do Districto da Huila, capitão Alves Roçadas, sahiu do Cuamato em 1 de Novembro e chegou aos Gambos a 10 do mesmo mez.

Compunha-se a culumna da 1.ª companhia Europeia de Infanteria, a companhia de Guerra, (1) a 11.ª companhia Indigena de Moçambique e uma secção da Bateria Mixta de Montanha e Guarnição, além dos serviços auxiliares correspondentes, tendo ficado no Cuamato e Humbe as restantes forças que faziam parte da columna que em Agoto de 1906 passou o Cunene.

(1) Pertencente ao batalhão disciplinar.

Sabia-se que quando a columna, de regresso ao Lubango, passasse nos Gambos, iria capturar o Candér, antigo soba da região e que, ultimamente já sem prestigio, só vivia de roubos e da pilhagem.

Chegada em 10 aos Gambos ali se demorou a columna até 12 fazendo-se os preparativos necessarios para o bom exito da empreza.

O que se sabia ácerca do inimigo era pouco, isto é, sabia-se que o Candér estava refugiado na «quimpaca» do Pócólo, pertencente ao «seculo» Tapo; que esta era grande bastante, construida no sopé de dois morros e estes cercados por uma simples pallissada. Sabia-se mais que a «quimpaca» distava umas seis horas da Fortaleza dos Gambos e que o Candér sabendo que o governador lhe ia dar caça, o estava esperando dentro da «quimpaca» com dois mil homens armados.

A's 4 horas da tarde de 12 de Novembro poz-se a columna em marcha e ás sete e um quarto fez-se alto, para se passar á formação em columna dupla, dando-se n'essa occasião a ordem com as disposições a tomar para o ataque da «quimpaca.» A marcha foi continuada ás $7^h\ 45^m$, ao escurecer, e contava o governador Roçadas estar de madrugada em frente da «quimpaca,» a qual devia ser atacada ao romper do dia.

O dispositivo de marcha era o seguinte: exploração doze soldados do 1.º esquadrão de Dragões e auxiliares montados do Orlog; a 50^m a guarda avançada constituida por um pelotão da 1.ª Europeia e outro da 11.ª de Moçambique, em columna dupla; a 50^m o corpo principal constituido pelos restantes tres pelotões d'aquellas companhias, enquadrando a secção de artilheria, a 1.ª Europeia no flanco direito, a 11.ª de Moçambique no flanco esquerdo; patrulhas de tres homens que se distanciavam até 50^m se o terreno o permittisse, constituiam a segurança nos flancos; a 30^m a guarda da retaguarda constituida pela companhia de guerra, tambem em columna dupla.

Sabendo-se antecipadamente que a marcha havia de ser violenta tinha-se procedido, nos Gambos, a uma selecção rigorosa nas praças, sendo mandadas seguir nos carros para o Lubango aquellas cujo estado de saude não lhes permittiria fazer a marcha. Por outro lado, como se tratava de operar por surpreza, tratou-se de aligeirar a columna o mais possivel. Iria apenas um carro com viveres para dois dias e outro com munições.

A cada praça tinham sido distribuidos dois dias de viveres de conserva e mais vinte cartuchos, o que elevara o municiamento individual a 120 cartuchos. Alem d'isso cada praça transportaria comsigo a manta-capote, emmalada como para a guarda.

Devemos concordar que para equipamento de infanteria europeia em Africa era respeitavel.

O caminho seguido pela columna era um caminho de carro, com uma largura media de 3 metros, tendo lanços enormes cuja largura não ia além de 2 metros.

Devido ás chuvas o trilho das rodas constituia verdadeiras vallas, que deixavam apenas a meio do caminho um apertado espaço para marchar. O terreno era muito pedregoso e escorregadio e, na maior parte do percurso estendia-se aos lados da estrada matto baixo e espinhoso, que não permittia que se sahisse do caminho e difficultava immenso a marcha dos flanqueadores. A noite estava escurissima, e foi escorregando aqui, cahindo acolá, com um trabalho immenso para se não perder a formação em columna dupla, que á 1^h 45^m da manhã, depois de uma fatigadissima marcha de seis horas, em que apenas houve um alto de 15', a columna fez alto na Tunda para ter um descanço maior. Estabeleceu-se o serviço de segurança e cada um tratou de dormir como poude.

A's 4^h da madrugada recomeçou-se a marcha, mas então apesar do descanço, o cançaço era bem visivel.

A's 7^h da manhã a columna fez alto e soube-se então! que a «quimpaca» ainda ficava a 4 horas de distancia, O governador Roçadas vendo que a columna estava positivamente fatigada, resolveu ficar n'aquelle sitio, cujo nome é Tcheque, o resto do dia e a noite, e marchar de madrugada o que effectivamente se fez. Descançámos e bem o mereciamos; tinhamos marchado em 15 horas 12 horas e um quarto e percorrido 42 kilometros!! O sitio é que não era grande coisa para descançar; arvores que dessem sombra havia poucas e a agua que havia era de pessima qualidade e mal cheirosa, como poucas vezes temos visto, mas descançou-se o corpo.

Durante a noite chegou ao acampamento um auxiliar indigena que contou que tendo os auxiliares n'essa tarde ido «razziar» até aos arredores da «quimpaca» foram recebidos a tiro perdendo dois homens e que os habitantes lhes tinham dito que era melhor irem chamar os brancos. Assim foi e ás 4 da manhã a columna marchava para a

«quimpaca»; ás 7h 30m tendo chegado ao rio Pócólo parou para dessedentar homens e animaes. N'esta occasião ouviu-se «bater cúa», isto é, o signal para reunir a gente de guerra. Immediatamente a columna se pôz em marcha e 15 minutos depois estavamos em frente da «quimpaca», a uns 800m. Mas, coisa curiosa, não se via ninguem! Passou-se á formação de combate desenvolvendo-se tres pelotões da 1.ª Europeia e outros tres da 11.ª de Moçambique. Os 4.os pelotões d'estas companhias de costado a 200m na retaguarda, correspondendo aos flancos. A secção de artilheria no centro da linha. A companhia de guerra como reserva a 300m. N'esta disposição se avançaram 200 metros, sem dar um tiro. Então mandou o governador Roçadas faser dois tiros de granada, que rebentaram dentro da quimpaca e apezar d'isso, nada se sentia lá dentro. Convencido o governador de que os defensores tinham fugido, mandou avançar rapidamente a linha toda e em poucos minutos a palissada era assaltada n'uma grande extensão, e viu-se então que tinha sido abandonada e todos os que lá estavam tinham fugido para umas montanhas proximas, onde os perseguiram os doze dragões e os auxiliares montados, que apanharam alguns bois e muito gado miudo.

Uma vez senhores da «quimpaca» seguiu-se o saque, inevitavel em guerra d'Africa, e o incendio, e pouco depois o calôr era suffocante. Depois de incendiada toda a povoação tocou a unir, comeu-se o rancho frio e ás 11h e 45m voltava-mos para o acampamento da vespera.

Alli pernoitamos e no dia seguinte 14 de Novembro, continuava-se a marcha para a Cachana, onde chegavamos em duas etapes tendo percorrido para razziar as terras do Pócólo, noventa e dois kilometros em 4 dias, o que dá uma média de 23k por dia.

*

O Candér que fugiu tambem, considerava-se muito seguro na «quimpaca» do Pócólo, porque, dizia, que a mesma era muito distante da fortaleza dos Gambos e por isso os brancos não iriam lá. Mas enganou-se e actualmente quer entregar-se.

Lubango — Africa Occidental, Janeiro de 1907.

DOMINGOS PATACHO
Capitão de Infanteria.

O tiro da infanteria

Ensinamentos da guerra russo-japoneza

A *France Militaire* transcreve de um jornal militar russo, orgão da Escola de tiro de infanteria do Imperio, uma especie de questionario feito a alguns officiaes, vindos dos plainos da Mandchuria, relativo ás condições em que foram executados os fogos de infanteria durante a guerra russo-japoneza.

Porque achamos na verdade interessantes estas notas, palpitantes e ainda quentes do fragor dos combates, vamos traduzil-as, com a devida venia do nosso confrade parisiense, para as levar ao conhecimento dos nossos camaradas.

— A que distancia se começava a fazer fogo?

— A distancia a que começavamos o fogo dependia das circumstancias especiaes de cada combate: quando os japonezes avançavam em ordem unida, era vantajoso enviar-lhes descargas sem nos preoccuparmos com a distancia (2:000 passos e mais) para fazer parar a sua marcha offensiva e obrigal-os a dispersar, o que realmente faziam sempre, para continuarem depois o movimento de avanço, homem por homem.

«Auctorisava-se o tiro sobre os japonezes isolados a partir de 600 a 800 passos; n'este caso eramos obrigados a luctar energicamente contra o desejo que tinham os nossos soldados de fazer fogo sem mesmo terem alvos na sua frente.

«A's vezes os japonezes agrupavam-se nos pontos elevados que se erguiam na nossa frente e nos nossos flancos; o nosso interesse era então bater essas elevações com fogos bem nutridos, o que nos obrigava a romper o fogo, mesmo a grandes distancias.

— Qual dos dois adversarios rompia primeiro o fogo, nós ou o inimigo? Em que formação estava o inimigo quando rompiamos o fogo?

— Nós deviamos necessariamente romper o fogo antes dos japonezes por que elles eram os atacantes. Na offensiva os japonezes esforçavam-se por se approximar o mais posivel das nossas posições, procedendo da fórma seguinte: avançavam formando 7 a 10 cordões paralellos, marchando uns atraz dos outros em accelerado, dirigindo-se com cuidado para o ponto que lhes tinha sido indicado, procurando apoderar-se d'uma posição que tivesse para elles qualquer importancia tactica. Se este processo não dava resultado, alguns grupos deitavam-se, emquanto que outros, expostos a fogos nutridos, se dispersavam. Em seguida os soldados adiantavam-se um a um a passo accelerado, ou em pequenas corridas successivas, dirigindo-se sempre para o ponto indicado e reunindo-se o mais perto possivel de nós, rompiam o fogo vivo. N'outros casos os japonezes aproveitavam a escuridão da noite para fazerem occupar por cadeias de atiradores, antes do romper do dia, posições tão perto de nós quanto possivel. Depois, tendo começado o fogo, procuravam concentrar da fórma seguinte: avançando os homens um a um por lanços successivos de 10 a 20 passos.

— Qual era a formação em que faziamos fogo?

— Só as cadeias de atiradores podiam atirar. Uma unidade em ordem unidade não tinha possibilidade de atirar senão estando embuscada em trincheiras ou occupando uma posição. Era inteiramente impossivel fazer sahir uma unidade em ordem unida para atirar; os fogos de artilheria e de infanteria destruil-a-hiam ou dispersal-a-hiam.

— Que especie de fogo empregavamos; o fogo á vontade ou o fogo por descargas?

— Ao principio, fazia-se uso do fogo por descargas executado por unidades em ordem unida; depois passava-se ao fogo rapido, sendo permittido aos soldados atirar com exaggero, mudando as alças ao toque de apito do commandante de companhia, emquanto era possivel seguir com a vista a marcha dos grupos inimigos avançando a passo accelerado.

«Quando o inimigo começava a approximar-se homem por homem usavamos o fogo rapido.

«Desde então os soldados esperavam o momento favoravel para atirarem e collocavam a alça á sua vontade. N'essa occasião os soldados examinavam, cada um por sua vez, as espingardas, untavam as culatras moveis e forneciam-se novamente de cartuchos.

— Que alça se prescrevia? Ao principio do combate era possivel observar os resultados? Mudavam-se as alças? Regulava-se rapidamente o tiro?

— Na defensiva collocavam-se as alças á distancia que se tinha apreciado anteriormente, segundo a natureza do terreno. Os telémetros e os binoculos não eram d'um emprego facil e

vantajoso; apreciava-se uma distancia á vista, e augmentava-se ou, conforme o caso, reduzia-se a uma distancia medida exactamente. Por exemplo: do logar onde se estava até uma certa arvore havia 800 passos; d'esta arvore a tal aldeia havia 400 passos, que prefazem um total de 1:200 passos. Era impossivel observar os resultados do tiro (como recommenda o regulamento) pela poeira que levantam as balas, pela simples razão que geralmente a herva, os campos cobertos de colheitas e todos, tornavam isso impossivel. O inimigo avançando, supportava com firmeza as primeiras descargas feitas a uma grande distancia (2:000 passos), não se decidia a esconder-se ou a dispersar senão quando augmentava o numero dos seus homens postos fóra de combate. Só esta circumstancia nos indicava que a nossa alça estava boa.

«Nas montanhas fazia-se executar o fogo por descargas, segundo o processo empregado pela artilheria; mandava-se bater por zonas (se o alvo não estava claramente determinado), mudando a alça e modificando a pontaria. Por exemplo: 1.ª salva no cume, 2.ª salva a meio da encosta direita, 3.ª salva na rocha dura, 4.ª salva na encosta da montanha, para cá das urzes. Se estas salvas eram boas o fogo dos japonezes cessava.

— Podia-se fazer fogo por descargas durante muito tempo? Até que distancia se fazia esta especie de fogo? A que distancia se rompia o fogo rapido?

— Emquanto o inimigo estava bastante longe, os nossos soldados, com toda a sua serenidade, faziam as suas descargas muito certas; quando o inimigo se approximava, as descargas tornavam-se peiores, isto é, os homens perdiam a sua serenidade. Depois, quando o inimigo passava a avançar por lanços successivos um a um, nós executavamos o fogo rapido á distancia de 800, 600 e 400 passos. Este genero de fogo permittia aos atiradores seguirem os japonezes isolados e matar os mais audaciosos. Em certos casos faziam-se descargas a 200 e até a 100 passos.

— As unidades em ordem unida tiveram occasião de fazer fogo á vontade?

— Uma unidade em ordem unida, occupando a tempo uma posição, podia fazer fogo á vontade.

— O cançasso dos homens não tinha influencia sobre a intensidade do fogo rapido?

— Durante o fogo que durou todo o dia de 3 de setembro de 1904, d'uma trincheira d'um forte, perto de Liao-Yang, os atiradores tinham os hombros pisados, as mãos e os dedos cançados. Foi necessario dar um descanço aos homens para poderem beber e comer. Ao fim de algum tempo os atiradores atiravam com menos cuidado; o fogo rapido enfraqueceu e tornou-se menos intenso.

A DIUTURNIDADE DE SERVIÇO DOS SUBALTERNOS

O art. 6.º da carta de lei de 24 de dezembro findo, estabelece a diuturnidade de 12 annos de serviço effectivo no posto de subalterno, de qualquer arma ao serviço, *contada desde a data da promoção ao posto de alferes.*

No emtanto, parece-nos que a origem d'essa contagem se deve referir unica e exclusivamente aos subalternos, pertencentes ás armas d'infanteria e de cavallaria, promovidos áquelle posto segundo as disposições do art. 48.º da Carta de lei de 12 de junho de 1901; porquanto aos subalternos, cuja promoção foi regulada, quer pelo Decreto de 30 d'outubro de 1892, quer pela Carta de lei de 13 de setembro de 1897, e pelo estatuido n'esta ultima lei (1). (§ *unico do Art. 14.º e Art. 27.º e seu* § *unico*) «o serviço prestado pelos aspirantes a official nas tropas das suas armas, será equiparado, *para todos os effeitos*, ao serviço prestado no posto de alferes».

E' evidente pois que este tempo de serviço tambem será contado para a diuturnidade e que se deve ir procurar outra origem, para a contagem de serviço, aos subalternos cuja promoção foi feita obedecendo ao Decreto de 1892 ou á Carta de lei de 1897.

Dois pontos de partida se podem escolher — o dia 15 de novembro do anno immediato áquelle em que tiverem terminado o curso da respectiva arma na Escola do Exercito, por analogia com o que se pratica actualmente: ou a data da conclusão do tirocinio na Escola Pratica da Arma.

Como quer que seja, o que se não deve, salvo melhores argumentos, é estabelecer a mesma origem de contagem para individuos, cuja promoção ao posto de alferes tem variado conforme a lei da occasião.

Sobre o que não existe duvida, é que todos esses subalternos, quer como aspirantes, quer como alferes, desempenharam em qualquer d'esses postos, o mesmo serviço, e que a lei, que ainda

---

(1) *(Carta de lei de 13 de setembro de 1897).*

Art. 14.º (§ unico) O serviço prestado pelos aspirantes a official, nas tropas das suas armas, serão equiparados para todos os effeitos, ao serviço prestadó no posto de alferes.

Art. 27.º Aos actuaes aspirantes a official é, desde já, applicavel o disposto nos Art. 14.º e 15.º

§ unico. E' tambem applicavel aos actuaes alferes de cavallaria e d'infanteria, o disposto no § unico do Art. 14.º

não foi revogada, equipara, *para todos os effeitos*, o serviço desempenhado nos dois postos.

Crêmos bem, que o sr. ministro da guerra será o primeiro a attender na justiça da causa que nós propomos deffender e se dignará tomar as disposições no sentido desejado.

C. L.

Secção do extrangeiro

Allemanha.—O governo allemão apresentou no Reichstag um pedido de creditos supplementares ao orçamento de 1907.

Entre esses creditos figura a quantia de 500.000 marcos ou sejam 112 contos de réis, destinados ás despezas a fazer com as experiencias de navegação aerea.

Por aqui se vê a importancia que este problema vae adquirindo entre as nações da Europa.

*

O effectivo do exercito allemão para o anno corrente é o seguinte:

Generaes	398
Coroneis	670
Officiaes superiores	2.230
Capitães	6.236
Tenentes	4.737
Alferes	10.842
Total dos officiaes combatentes	25.113

Não combatentes, 5.530, sargentos, 84.712, todos readmittidos.

N'este numero estão incluidos os sargentos não combatentes, como sejam enfermeiros, artifices e musicos com a graduação de sargento.

Gefreites, soldados, artifices e musicos	500.644

Ha 8.377 readmittidos.

E é para notar que em um effectivo de 585.376 homens haja 93.089 readmittidos.

Comprehende-se bem como um tal facto deve ter grande influencia na cohesão e valor das tropas.

Cavallos..... 110.483

*

Nos periodos de instrucção têm de anno para anno augmentado o numero de unidades de reserva reunidas para exercicios.

Até ha dois annos era apenas a infanteria da reserva chamada para exercicios, mas de ahi para cá começou-se a reunir grupos de artilheria de reserva para instrucção.

Para o anno corrente annuncia-se em muitos corpos do exercito a constituição de grupos de reserva para exercicios de tiro com o novo material de campanha.

Isto vae pondo bem em evidencia o cuidado que deve merecer a todos os Estados as suas tropas de reserva, e o muito que ha a fazer entre nós para que as nossas tropas de reserva sejam um valor importante a contar n'uma guerra.

Suissa. — A titulo de curiosidade vamos apresentar a relação das obras de fortificação moderna, que ao presente existem no territorio suisso.

Em S.ta Gotthardt:

a) As obras de Airolo, comprehendendo o forte couraçado d'Airolo, a bateria de Motte-Bartoa, a galeria flanqueadora de Stuei, e a obra para infanteria do Alpe Fiendo;

b) O forte Stoekli sobre Oberalp e os barracamentos de Oberalpsee;

c) Os dois fortes de Buhi e Batzberg abertos nas rochas de Andermatt e munidos de torres couraçadas, o despositivo defensivo da ponte do Diable e do Trou d'Uri, uma caserna casamatada e quarteis de tempo de paz;

d) A bateria casamatada de Galenhutt, o reducto para a defeza da garganta da Furka e um campo abarracado perto da referida garganta;

e) Uma obra com torres couraçadas sobre a altura da garganta do Gottlhardt e barracamentos.

Em S.t Maurice:

a) As obras de Darlly munidas de torres couraçadas, de galerias flanqueadoras e casamatas para as tropas;

b) As obras de Savatan tambem com torres, galerias e casamatas.

Roumania. — Segundo informa a imprensa austriaca os 34 regimentos de infanteria roumanos, e que eram actualmente constituidos a 3 batalhões cada um, vão ser elevados durante o corrente anno a 4 batalhões.

Quer dizer, a Roumania augmenta a sua infanteria com mais 34 batalhões ou sejam mais 34 mil infantes.

Quem pretende defender a serio o sagrado torrão natal não pode deixar de ter numerosa infanteria, que hoje, como sempre, é quem decide da sorte das batalhas.

E' um paiz pequeno que assim procede e esse bello exemplo deve ser meditado por aquelles que teem a responsabilidade de velarem pela defeza nacional.

Bolivia. — O exercito boliviano, em seguida á sua reorganisação, procedeu, pela primeira vez, a manobras de conjuncto.

Organisaram-se dois partidos, o de éste sob o commando do general Cossio e o de oeste do coronel Valdiviesco.

Foi escolida a região de Guaqui, exceptionalmente difficil, com altitudes de 4.000 metros, por que o fim principal d'estes exercicios era avaliar a resistencia e adaptação das tropas e do material em serviço.

Diz a imprensa militar que os resultados foram os mais satisfactorios.

Bulgaria. — Nós nunca nos cançamos em mostrar n'estas paginas os bons exemplos que nos dão as nações pequenas.

As grandes manobras, como toda a gente sabe, não constituem hoje apanagio das nações poderosas. Todos os Estados procuram velar pela defeza nacional, adextrando as suas tropas e fornecendo ao commando occasiões de estudo e de poder evidenciar o seu valor.

Nas ultimas grandes manobras, na Bulgaria, tomaram parte 30 batalhões de infanteria, 12 baterias de artilheria, e 8 esquadrões de cavallaria constituindo um partido, ao qual se oppunha outro constituido por 21 batalhões de infanteria, 9 baterias de artilheria e 4 esquadrões de cavallaria.

Forças tão importantes mostram o interesse que a instrucção militar desperta n'aquelle paiz.

Um jornal bulgaro apreciando estas manobras diz que a infanteria se mostrou muito apta para a marcha e para o combate, não obstante comprehender reservistas de todas as classee até á edade de 40 annos.

Notou-se progressos notaveis na orientação do ataque e na utilisação do terreno.

Os assaltos é que nem sempre corresponderam ao que era licito esperar, porque por vezes foram iniciados á distancia de 600 metros!

A artilheria muito bem, movendo-se com facilidade em caminhos e terrenos difficeis. O fogo, porem, foi executado sempre ás grandes distancias, talvez exageradamente — 5.000 a 6.000 metros.

A fortificação teve larga applicação e os trabalhos executados mereceram applauso geral tanto sob o ponto de vista tactico como technico.

Não se fez uso do telegrapho nem do telephone na linha do combate, mas em compensação fez-se largo uso de bandeirolas e signaes.

Italia. — O ministro da guerra acaba de ordenar o armamento dos corneteiros e tambores com carabina.

10.º ANNO MAIO DE 1907 N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

METRALHADORAS

(*Continuado do n.º 4 — 1907*)

3.º Grupo

Bergmann, Nordenfeldt e Maxim

Bergmann. — N'esta metralhadora todos os movimentos são rectilineos. Attendeu-se e conseguiu-se na sua execução a renunciar aos movimentos de rotação, tantas vezes causa primordial de mau funccionamento.

O cano escorregando em duas chumaceiras de couro, está n'um cylindro de bronze que contem agua destinada a evitar que soffra uma elevada temperatura.

No momento do recúo produzido pelo tiro, o cano vem á retaguarda e por um tirante que lhe está unido comprime a mola recuperadora.

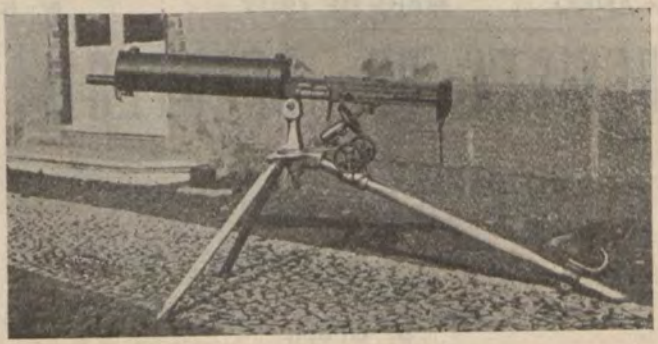
O machinismo está, não só n'um corpo prismatico quadrangular, como na tampa d'este.

Este corpo é dividido em dois, que se reunem por meio de rosca.

O *ferrolho* é vazado á retaguarda, permittindo a passagem do *cão* superiormente e a de um *bloco* de *calagem* com movimento vertical, inferiormente. Tem um *extractor*. O *ejector*, na *caixa da culatra*, penetra em ranhura apropriada do ferrolho por cima, para ejectar o cartucho.

O *percutor* está alojado no *ferrolho* com uma mola fraca que o mantem sempre na posição retrograda. Na tampa da caixa gira o cão, que tem uma mola destinada á percussão.

A alimentação é produzida por meio do movimento de translação de uma peça com garra, que fórça a fita metalica do cartucho a deslocar-se para a esquerda, a cada tiro.



A fita metalica, contem os cartuchos em duas laminas de aço de mola, sufficientemente curvadas para os abraçarem e manterem. No reverso da fita ha, cravadas, umas reguas metalicas aonde se apoia a garra do translactor.

Este, gira em alojamento proprio por meio de acção de uma alavanca interfixa que, prolongando-se verticalmente no extremo, onde se applica a força, entra na caixa da culatra sendo forçada ao movimento cada vez que a culatra vindo á retaguarda por uma cama n'esta aberta, a obriga a deslocar-se.

Tem ainda, com o fim de fixar a posição da fita em cada tiro, umas pequenas esperas que estão em posição determinada, recolhendo-se para deixar passar a fita a cada tiro. Estas esperas são mantidas na sua posição por pequenas molas espiraes.

Os cartuchos ficam voltados para baixo, o que é muitas vezes causa de interrupção do funccionamento; porque ao serem desalojados pela culatra no movimento d'esta para a frente, a parte anterior do cartucho onde está a bala, mais pezada, cae, indo por vezes d'encontro ao fresado da parte posterior do cano para alojamento da garra do extractor, não entrando na camara.

A' esquerda, por cima e em mortagem da caixa da culatra, está o detentor que tem por fim fazer parar o movimento de avanço do cão, sempre que o cano não tenha ido completamente ao seu logar e a obturação não seja perfeita.

A segurança é conseguida pela alça. Abatendo-a, ella trava o cão não o deixando seguir embora se prima o gatilho.

Graduada a alça e introduzida a fita carregadora no alimentador com os cartuchos para baixo, pucha-se completamente á retaguarda a alavanca de armar situada á esquerda, a qual comprimindo a mola recuperadora, traz a culatra á retaguarda, e esta por seu turno arrasta o cão e desloca o carregador para a esquerda pondo um cartucho em frente da culatra. Largando a alavanca, esta volta á frente bem como a culatra, depois de esta haver feito avançar e introduzir no cano o cartucho que encontrou no seu movimento de avanço. O travador desce e trava a culatra.

Premindo o gatilho o tiro parte; o cano e culatra recuam solidariamente durante um pequeno percurso; o travador subindo, permitte á culatra recuar completamente, extrahindo o cartucho, comprimindo a mola recuperadora e arrastando o cão. Este, não encontrando o dente do gatilho, avança de novo bem como a culatra; mas esta segue no seu movimento até repetir as operações acima indicadas e só, quando bem obturado o cano o detentor desce deixando a passagem livre ao cão que se lança sobre o percutor, o tiro se segue successivamente.

Nas experiencias a que se submetteu esta metralhadora, aqui, nunca funccionou bem. Só fez pequenas series, interrompidas ameudadamente. O proprio constructor e pessoal adequado não conseguiram mais, apezar de muitos esforços empregados.

O principal inconveniente d'esta metralhadora reside na alimentação.

Parece que sempre assim foi, pois que já o modelo presente em 1902 era n'este ponto muito differente do anterior. N'aquelle os cartuchos desciam por um corredor metalico inclinado sobre a metralhadora. No 2.º era como descrevemos. Ainda assim a alimentação fazia-se sempre irregularmente.

O seu pezo é de 20 kilos: e attribue-se-lhe a velocidade de 600 tiros por minuto que, devido ás causas que apontamos não se poude verificar.

Nordenfeldt. — N'esta metralhadora o cano é aparafusado n'uma peça de aço cavada longitudinalmente e que forma a caixa da culatra, onde gira a culatra movel.

A culatra abre-se por meio de duas peças, a *directriz* e a *alavanca do fecho*. Aquella é uma peça de aço aberta em guias e girando em volta de um eixo que atravessa as paredes da caixa da culatra. Na abertura gira um rolete ligado a um dos extremos da alavanca do fecho; e perto do outro extremo está o eixo da alavanca. Esta, tem duas saliencias que se apoiam sobre a culatra, e uma cama que serve de braço de potencia para a abertura da culatra.

Quando o tiro parte, o cano, a caixa da culatra, a alavanca do fecho, recuam juntamente. A seguir a cama d'esta encontrando resistencia na parede do alojamento onde se encontra, é forçada a avançar obrigada pelo rolete, que tem na sua extremidade, e a fazer rodar a peça directriz o que arrasta tambem a culatra fazendo-a recuar acceleradamente, abrindo-se a camara.

No momento retrogrado a culatra traz comsigo o percutor e a sua mola, o extractor e os detentores, ao mesmo tempo que a peça directriz arma o percutor, e os detentores seguram este.

A caixa da culatra recuando, faz mover o ejector que lança, pela direita, o cartucho detonado.

A culatra fecha-se com o auxilio de uma mola antagonista; e a tensão d'esta é regulavel por meio de um parafuso com haste.

Dos dois detentores do percutor um larga-o só depois de completamente fechada a culatra, o outro só o abandona, premittindo o tiro, quando se prime o gatilho.

A alimentação é feita por meio de fitas flexiveis de metal com 200 cartuchos, que são arrastadas por uma forma muito similhante ás da metralhadora Hotchkiss.

Esta metralhadora faz o tiro quer automatico, pela pressão no gatilho, quer á mão, por meio de rotação de uma manivela, que fazendo recuar e avançar todas as peças necessarias para o tiro, faz partir um a cada volta completa. Tem segurança.

A metralhadora Nordenfeldt é muito simples, tem um numero reduzido de peças e todas são solidas bastante para as funcções que desempenham e faceis de desmontar sem auxilio de ferramenta. A desmontagem exige apenas um minuto.

Todo o machinismo é fechado e pode facilmente inspeccionar-se levantando-se as tampas da caixa que o encerram. O cano é envolvido por um deposito que se enche de agua para o refrigerar.

Esta metralhadora é muito leve; as de 8^{mm} de calibre, pezam apenas $17^{k},500$.

A velocidade do tiro automatico é de 500 a 600 por minuto; a do tiro com a manivela de 120 a 130.

TERCEIRA PARTE

A Maxim Portugueza de $6,^{mm}5$ M/1906

I

Considerações geraes

A metralhadora Maxim é uma das que pertencem ao grupo caracterisado por o automatismo ser devido ao recuo do cano.

Devemos observar que a força do recúo não gera todos os movimentos automaticos; mas estes sendo muitos e muito variados, necessario se tornou organisar systemas mechanicos, cada um destinado a cumprir a sua funcção especial que, simultanea ou successivamente concorrem para o fim que se tinha em vista.

O recuo inicia a serie de movimentos para o tiro; mas por si só de nada serviria, se outra força, opportunamente, não contribuisse para fechar o cyclo dos movimentos indispensaveis ao tiro automatico. Esta força é produzida por uma mola *recuperadora* que, não tem

por fim *oppôr-se* aos movimentos produzidos pelo recúo do cano mas sim, quando a acção d'este cessa, começar a sua, levando as peças aos logares e posições que occupavam antes do tiro, deixando preparada a metralhadora para novo tiro depois de fazer desempenhar certas funcções a algumas peças.

Mais propriamente se poderia pois dizer que esta metralhadora, bem como as d'este grupo, são caracterisadas por o automatismo ser devido não só ao recúo do cano, mas ao da acção da molla *recuperadora*.

Olhando superficialmente para esta metralhadora sente-se a immediata impressão de que ella é muito complicada.

Analysada e estudada, porém, minuciosamente a arma, aquella impressão desapparece, pelo reconhecimento de que todas as peças, muito sabiamente agrupadas constituindo systemas, são indispensaveis para com a sua apparente complicação, assegurarem *sempre* um magnifico funccionamento da metralhadora desde que as suas peças estejam bem *montadas*, e sufficientemente solidas para resistirem demais, ás acções ou esforços a que são submettidas, esforços estes, aliás, muito bruscos e rapidos.

A tudo, na concepção d'esta metralhadora se attendeu e por uma forma que será impossivel senão difficil exceder.

No decorrer d'este trabalho haverá occasião de ficar bem demonstrada esta asserção.

Peças como o porta cartuchos, com cerca de 2400 movimentos por minuto sem volante para os regularisar, mas que são regulares; e cada 1/4 d'estes movimentos obtido por forças e por formas diversas, revelam da parte do seu auctor não só um grande genio inventivo, mas um conhecimento pratico e profundo de mechanica, alliada a uma intelligencia bem clara.

A forma segura porque é conseguida uma absoluta obturação, e os movimentos do bloco por meio da curva da manivela, não permittindo a separação do cano do bloco emquanto a bala não sahe do cano e accelerando e augmentando o movimento retrogrado da culatra, a seguir, até que haja espaço para a sahida completa dos cartuchos, da fita e da camara; ainda mais attestam aquellas excepcionaes qualidades de Mr. H. Maxim.

Verdade é que nos primeiros modelos o funcciona-

mento deixava a desejar, interrompendo-se frequentes vezes, o que aliás não era de admirar, dada a complexidade do problema a resolver, mas por uma forma completa. Hoje, especialmente nos modelos modernos, devido á forma de curva da manivela d'armar e outras pequenas modificações, a metralhadora cumpre sempre o seu dever funccionando optimamente, desde que esteja bem *montada* e as operações destinadas á boa alimentação tenham sido feitas como deviam ser.

O modelo portuguez m/ 1906 é actualmente o mais moderno e differente um pouco, especialmente no reforçador do recúuo, do que foi estudado em 1902.

Este reforçador, que no modelo d'esta data era um simples tubo mas que necessitava de limpezas amiudadas e nada faceis para evitar um mau funccionamento, foi substituido no modelo actual, por um systema de 5 peças que, complicando apenas no numero de peças o mechanismo geral, não necessita porém de especiaes cuidados.

N'este actual modelo, o percutor e o cão formam uma unica peça, emquanto que no de 1902 estes orgãos eram separados.

A alavanca angular para a translação da fita, é feita de duas peças com o fim de poder armar-se de forma a dar mais solidez ao seu ponto de resistencia que, no modelo de 1902, não era forte sufficientemente, chegando a partir-se durante o fogo, uma das garras.

No modelo actual, as garras fecham-se n'um corpo unico o que augmenta collossalmente a sua resistencia.

Sendo o cartucho actual de gorno e não de rebordo saliente, para que a cada tiro se apresente novamente um cartucho em *posição conveniente* para ser agarrado pelo porta-cartuchos, traz o receptor uma mola com uma guia, destinada a assegurar ao novo cartucho aquella posição.

O movimento retrogrado do bloco é um pouco superior no modelo actual, devido ao maior comprimento do cartucho da Mauser-Vergueiro, relativo ao cartucho de Mannlicher.

Os eixos do desarmador e da noz teem saliencias destinadas a fixal-os na sua posição, evitando que rodem, como acontecia no anterior modelo.

Outras pequenas modificações são feitas no modelo

actual todas tendentes a melhorar a arma relativamente ao modelo de 1902, o que se conseguiu.

Propriamente na metralhadora apenas um defeito lhe encontramos; o exagerado comprimento da haste da alça, que podia ter sido reduzida a pouco mais de metade.

Não necessitando a metralhadora ter alça graduada para distancias superiores a 2.000 metros (como aliás veem graduadas), bem podiam ficar as hastes pela altura correspondente, sem necessidade de serem tão alongadas o que as torna susceptiveis de prejudicarem a tampa quando, elevadas, recebam violenta pancada, ou mesmo de se deformarem. Curtas, no comprimento preciso, tornavam-se mais solidas e mais manejaveis.

(Continua) CAP. BUGALHO.

O carregador da Mauser-Vergueiro

Nem todos os nossos camaradas de infanteria sabem qual foi o motivo por que a commissão nomeada para a escolha do armamento de infanteria deu preferencia á espingarda Mauser sobre a Schönauer, sendo as duas espingardas egualmente boas, e por isso convem esclarecer este ponto, exactamente na occasião em que nos chega ao conhecimento uma noticia a que não devemos nem podemos dar credito algum.

O carregador da espingarda Mauser, ou mais simplesmente o carregador Mauser, é superior e por muitas razões preferivel ao apresentado pela Schönauer, e esta razão levou a commissão a preferir a espingarda Mauser para n'ella serem introduzidos os melhoramentos notaveis

que o nosso distincto e illustre camarada, tenente coronel Vergueiro, que é uma legitima gloria da nossa arma, com tanta competencia e rara felicidade conseguiu inventar.

Dizem-nos, e aqui é que está a gravidade da noticia que não cremos accreditar, que sem conhecimento nem intervenção da commissão de infanteria ou da direcção geral da Arma, o carregador Mauser foi posto de parte e substituido por outro peior do que o da Schönauer, aliás, regeitado, pois que, alem de ter mais uma peça, deforma-se com mais facilidade, é mais pesado e deixa mais facilmente soltarem-se os cartuchos, e, portanto, cahirem antes de entrarem na espingarda.

Tal facto, a ser verdadeiro, o que, repetimos, não acreditamos, revestiria uma excepcional gravidade, e demonstraria a intervenção ostensiva de certas entidades que teem sempre luctado por tirar á infanteria a competencia technica e profissional d'aquillo que só a ella interessa e que constitue a sua enxada, o seu métier.

Revoltamo-nos sempre contra essa intervenção e esses abusivos propositos de nos deprimirem.

A infanteria é a infanteria.

Nunca a nossa arma pensou em metter fouce em seara alheia, embora reconheça e saiba bem que no campo de batalha é ella que consegue as victorias, embora auxiliada por todos os elementos componentes do exercito.

Não queremos fazer divagações nem provar que nenhuma arma jámais se poude engrandecer deprimindo as outras.

Cada um vale o que vale, e é o que é.

E' preciso que os poderes constituidos procurem, na mais bella harmonia, elevar o nivel moral de cada arma, dando a cada um o que lhe pertence, para assim poder ter assegurada a elevação moral do exercito.

Temos visto, com magua, que nem sempre se procede assim, e é com verdadeiro sentimento de profunda tristeza que vemos no nosso exercito a infanteria representada no quadro do generalato n'uma desproporção inferiormente pasmosa, e, até no Supremo Conselho da Defeza Nacional apenas por um só general!

Parece-nos grave erro trazer descontente a mais numerosa arma do exercito, porque d'esse modo roubam-nos os verdadeiros estimulos para o estudo e para o trabalho, sem o que nem a arma se engradece, nem o exercito pode

offerecer a cohesão que é indispensavel no momento de perigo.

Se por qualquer circumstancia, que nos repugna acreditar, o carregador da espingarda Mauser-Vergueiro foi abusivamente substituido por um carregador anonymo, que annula uma da boas qualidades de serviço que a espingarda portugueza possuia, ao sr. Ministro da Guerra incumbe certamente providenciar de forma que cesse o abuso e se respeite o parecer technico dos nossos camaradas da commissão.

A evolução da tactica de infanteria

(*Conclusão*)

d) Acção das diversas armas.— O combate das grandes unidaaes.

Ideia geral da batalha

Consideraremos na batalha duas grandes phases: *Preparação* e *execução.*

I—Preparação

Quer se estabeleça a hypothese de que os dois partidos adversos estão em marcha para se atacar, quer se supponha que um d'elles vae chocar-se com o inimigo estabelecido n'uma posição organisada defensivamente, é logico admittir que em condições normaes da cobertura estrategica dos dois exercitos em presença, a acção geral, a generalisação da batalha, será precedida pelas escaramuças, pela refrega das cavallarias de descoberta, pelo choque dos destacamentos de protecção ou cobertura e pela acção das guardas avançadas iniciando o combate de preparação ou de orientação do commando.

N'esta altura da acção, já as rêdes de cavallaria que momentos antes cobriam a frente dos exercitos se abriram pelo meio, dobrando-se sobre as alas, retirando-se, por assim dizer, a bastidores, onde espreitam o ensejo azado de intervir de novo na contenda.

Os exploradores, as patrulhas de infanteria lançadas

para a frente pelos dois partidos veem ás mãos, travam pequenos combates, perseguem-se com encarniçamento, procuram resistir apoiando-se nos obrigos do terreno, nos massiços de arvores, nas casas isoladas. A' retaguarda, de cada um dos lados, as guardas avançadas, procurando occultar ainda a sua marcha, approximam-se e reforçam pouco a pouco, por pequenas fracções, esta primeira e pouco consistente linha de combatentes.

O contacto estabeleceu-se e as linhas de fogo começam a definir-se, delimitando melhor os dois campos adversos.

Logo que os exploradores e as primeiras linhas pouco densas de atiradores se tornam o alvo dos tiros da infanteria adversa, o que em geral succede assim que ultrapassam a ultima massa cobridora, sebe, linha de arvores, orla de bosque ou crista topographica do terreno, etc., a guarda avançada não deve, pelo momento, expôr ás vistas e fogo do inimigo outras forças.

E' com o fogo pouco denso dos exploradores e fracções avançadas que se sustentará este principio de lucta. O desenvolvimento total d'uma companhia deve ser retardado tanto quanto possivel, porque a companhia inteiramente desenvolvida em combate torna a sua direcção mais difficil. Se o inimigo offerece uma resistencia tenaz, travar-se-ha sobre esse ponto um verdadeiro combate de preparação.

Se, ao contrario, cede, sem grande difficuldade, se a superioridade do fogo pode adquirir-se com sufficiente rapidez, a linha offensiva, não obstante a sua pequena densidade, ganhará terreno utilisando judiciosamente todos os obstaculos e abrigos quo se lhe depararem na marcha.

As fracções immediatas da guarda avançada seguirão a mesma via, amoldando-se o mais possivel ao terreno, visto que as novas polvoras não produzem já nuvens de fumo que encubram os combatentes ás vistas do adversario. Umas, por marchas obliquas, em zig-zag, conseguirão occultar o seu movimento. Outras, para não se agglomerarem nas zonas lateraes destinadas ás tropas vizinhas, vêr-se-hão obrigadas a atravessar terrenos descobertos, travessia que executarão á carreira por pequenos grupos. O mechanismo d'estas corridas ou lanços successivos tenderá a tornar-se a regra absoluta.

No meio d'esta impulsão intermittente e das paragens mais ou menos prolongadas executam-se pequenos assal-

tos contra uma casa, um massiço de arvores, um pequeno bosque, uma sebe ou um abrigo mais importante.

Estes ataques parciaes constituem momentos criticos, porque devem ser tentados sem concentrar em uma só massa demasiado densa os pequenos troços de soldados espalhados em volta do objectivo d'estes assaltos em miniatura.

A verdadeira arte na conducta d'estes grupos de homens consiste em não offerecer ao fogo de artilheria senão alvos de effectivo restricto, e quando a necessidade d'uma acção violenta se imponha, procurar-se-ha illudir a vigilancia das baterias, concentrando rapidamente alguns grupos proximos, que se disseminam logo que o effeito de momento seja obtido.

O grosso da guardá avançada procurará tornar-se invisivel na sua marcha á retaguarda da primeira linha, evitando, quanto possivel, o expôr-se aos effeitos do fogo da artilheria contraria.

Reforçará com novas unidades aquella linha nos pontos em que a resistencia do inimigo obriga a sustentar verdadeiros combates de preparação em que a artilheria da guarda avançada terá necessidade de intervir.

Durante este tempo, as tropas do grosso da columna completam a sua concentração no campo de batalha. A artilheria está reunida em massa, prompta a entrar em acção.

Para acabar o reconhecimento das forças e das disposições do adversario e escolher o ponto sobre o qual se produzirá a acção decisiva, o commando em chefe vae desenvolvendo pouco a pouco sobre toda a frente as tropas encarregadas do combate de preparação.

Deverá oppôr ao inimigo em todos os pontos em que mostra tropas, o *minimo* de forças necessarias para o conter, immobilisar e cansal-o, conservando-o sempre sobre a ameaça d'um ataque serio.

A guarda avançada procura conquistar os pontos de apoio proprios a cobrir o desenvolvimento das tropas do grosso; installa-se n'elles e organisa-os defensivamente de forma a repellir qualquer tentativa de ataque, garantindo assim ao commando o tempo e o espaço que lhe são indispensaveis para dispôr á vontade todos os seus meios de acção.

Os esclarecimentos obtidos pelo combate da guarda avançada podem completar as informações até esse momento recolhidas.

Algumas tropas do grosso da columna seguem para a linha marcada pelos pontos de apoio occupados pela guarda avançada, prolongando-a, se fôr possivel, e apoderam-se dos pontos de apoio situados fóra da zona de acção da guarda avançada; proseguem a sua marcha offensiva, de objectivo em objectivo, até que o fogo do adversario os faça conter. Sustentam então em combate prolongado, um fogo bem dirigido, ordinariamente executado ás *rajadas*, que devem desmoralisar pouco a pouco o inimigo, preparando as vias ao ataque decisivo.

A artilheria entra em acção para facilitar a marcha progressiva da infanteria e apoiar os seus ataques parciaes, parando os do inimigo.

Calcula-se em 4:000 metros o limite do alcance efficaz da artilheria moderna; deveria, portanto, ser esta a distancia maxima que separasse as duas artilherias; todavia, em muitos combates tem sido já excedida esta distancia.

O minimo da distancia foi fixado em 1:800 metros. Para determinar esse minimo partiu-se da consideração que o tiro da infanteria ás distancias inferiores a 1:200 metros pode tornar critica a situação das baterias da artilheria adversa.

E' por essa razão que as forças inimigas estabelecem as linhas de infanteria a 600 metros na frente das baterias de artilheria que devem proteger e preservar do ataque da infanteria contraria; e, como as linhas de infanteria devem distar uma da outra pelo menos 600 metros, por ser a essa distancia que o fogo da infanteria começa a ter grande efficacia contra os atiradores inimigos, segue-se que as duas artilherias conservarão entre ellas, no minimo, a distancia de 1:800 metros.

Escolhida, portanto, uma posição vantajosa para a artilheria, esta iniciará desde logo com as baterias adversas uma serie de luctas successivas. Procurará dominal-as no minimo tempo, empregando só os elementos strictamente indispensaveis. Em caso de successo, convem não haver precipitações, considerando as baterias inimigas como postas definitivamente fóra do combate. Pelo contrario, convem vigial-os com cuidado.

Renovar a lucta, mesmo em condições deseguaes, torna-se uma obrigação absoluta para toda a artilheria, se fôr necessario auxiliar a infanteria.

Portanto, a artilheria que primeiro conseguir obter a superioridade do fogo, não deve perder de vista a arti-

lheria inimiga, coagindo-a mesmo por um fogo lento a ter o seu pessoal agachado atraz das blindagens das peças, ao mesmo tempo que um certo numero de grupos se destinam sómente a auxiliar a progressão da marcha da infanteria para o seu objectivo.

Em geral, o combate de *preparação* será moroso, mas pertinaz e encarniçado, podendo demorar horas ou dias inteiros, passando pelas alternativas da offensiva e da defensiva, alimentando-se a lucta pela entrada em linha de tropas frescas, conservando-se á retaguarda, alem da reserva geral, a parte mais importante das forças, que intervirá com a maior energia no momento do ataque decisivo.

Adquirida a superioridade do fogo pela artilheria atacante, a infanteria amiga põe de parte a timidez e as hesitações dos primeiros momentos e adopta por toda a parte uma marcha desembaraçada, voltando-se ao mechanismo de fortes linhas de atiradores, sustentadas a distancia pelos seus apoios e reservas, que aproveitam os curtos instantes de treguas forçadas da artilheria adversa para ganhar terreno com uma forte impulsão para a frente.

Durante um espaço de tempo maior ou menor, a artilheria preponderante é senhora absoluta do campo de batalha, o que faz mudar radicalmente o aspecto da situação dos combatentes.

Orientado pelo proprio desenvolvimento do combate, pelos diversos episodios do duello das artilherias e pela attitude do seu adversario, o commando em chefe toma a sua decisão e expede as ordens precisas para se jogar a ultima cartada, para se despedir o golpe decisivo.

A preparação do combate, podendo prolongar-se por muitas horas, assegura ao commando das tropas o tempo necessario para approximar do ponto escolhido as unidades destinadas ao ataque decisivo. A execução deve seguir-se sem demora. E' indispensavel que o golpe de força seja vibrado antes que o inimigo haja restabelecido a sua ordem e as baterias reorganisadas entrem de novo na linha.

II—Execução, ou ataque decisivo

Dominada ou destruida parcialmente a artilheria da defeza, a concentração dos fogos da artilheria preponderante incidirá sobre o ponto designado pelo commando para o ataque decisivo.

E' n'esse ponto que se produzirá a ruptura da ordem de batalha, quando as tropas de choque lançadas ao assalto se installarem definitivamente na *brecha*.

Estes tres actos finaes do grande drama — *A batalha* — teem, em geral, uma duração curta e devem succeder-se vibrando sem interrupção golpe sobre golpe.

A infanteria da linha avançada secunda a acção da artilheria, fazendo convergir uma poderosa e violenta massa de fogos sobre o ponto do ataque decisivo. A artilheria pezada do exercito prestará n'este momento o seu valioso concurso. O effeito moral da sua acção é consideravel. O fim principal do seu emprego será o cegar o inimigo por uma espessa e extensa cortina de fumo produzida pelos novos projecteis, facilitando a marcha a coberto das vistas e permittindo a irrupção subita das tropas de choque sobre o objectivo decisivo, e quiçá o apparecimento da cavallaria, acompanhada de baterias a cavallo para vencer as ultimas resistencias,—segundo a concepção moderna expendida pelo general Langlois.

As tropas que executam o ataque decisivo devem ser bastante numerosas para assegurar a superioridade das forças sobre o ponto escolhido, e produzir ahi o esforço violento e concentrado, que quebrará a vontade do inimigo.

O escalonamento em profundidade das tropas de choque é indispensavel, afim de permittir a impulsão incessante da retaguarda para a frente.

Depois d'uma lucta pertinaz, longa e sangrenta, diz Cardinal de Widdern, o movimento para a frente das tropas que devem atacar a fundo a posição d'um inimigo que se quer anniquilar, é uma acção moral, um facto que não pode ser submettido a regras fixas, sejam quaes forem.

O dispositivo de ataque deve, quanto possivel, amoldar-se ás condições do terreno que se atravessa, não devendo hesitar-se em lhe sacrificar a regularidade e a symetria das formações.

«Assim, diz o *Projecto de regulamento da infanteria franceza*, após uma cadeia que executa o fogo de repetição, após os apoios e reservas formadas de linhas successivas pouco densas, de linhas de columnas de companhia, de linhas de secções de costado, separadas por intervallos e distancias regulados de forma a evitar uma massa demasiado compacta, chegam as columnas de assalto, im-

pulsionando todo o systema para a frente; em toda a linha as tropas armam bayoneta e arremessam-se á carga sobre a posição do adversario».

E' pois uma ordem de columnas profundas que hoje se preconisa para o ataque decisivo, representando uma verdadeira regressão aos processos napoleonicos, que, a despeito de todas as invectivas dos partidarios da tactica nova, que só vêem n'elle o sacrificio da massa humana, foi coroado de pleno successo nas batalhas de Plewna e tem recebido a sancção dos campos de batalha n'essa lucta gigantesca do Extremo-Oriente, onde os japonezes não trepidam em sacrificar massas sobre massas para arrancar ao impassivel e valoroso slavo, ao depositario dos manes de Souvarow, a custosa victoria.

Emquanto houver guerras, a necessidade d'um acto de força brutal impõe-se como recurso extremo, embora á custa de pezados sacrificios, que, na generalidade dos casos, não serão maiores que as inuteis perdas da defeza.

A rapidez da execução pode restringir a proporções menos sensiveis a hecatombe de vidas que assignala o combate decisivo.

«N'este momento critico e solemne, diz o general Luzeux, o tempo é sangue, e o successo depende sobretudo da resolução dos chefes, da coragem das tropas e da energia desenvolvida.

«Hoje, mais do que nunca, o segredo da victoria está no coração dos combatentes».

Como nos tempos passados, ou ainda em mais larga escala que nos tempos passados, diz um brilhante escriptor francez: «Atraz do primeiro assalto, caso se mallogre, deverá partir um segundo, e depois um terceiro, até que o ponto atacado, batido por ondas successivas d'estas vagas humanas, seja de todo submergido».

No epilogo d'este sanguinolento drama — *A batalha,* — entra novamente em scena a cavallaria para recolher os louros quando o successo coroar os esforços do assaltante, ou para se sacrificar, em caso de revez, cobrindo a retirada das columnas de ataque, rechassadas pela defeza.

Adriano Beça
Major d'infanteria 10.

A BANDEIRA PORTUGUEZA (1)

N'esta bandeira, que alli se hastêa, está symbolisada a honra do exercito e a vida da nossa patria.

N'aquelle pedaço de panno, que se impõe ao nosso coração de portuguezes, lemos nós toda a gloriosa epopeia d'um povo, que dos ultimos confins do occidente se dilatou e engrandeceu até ás mais remotas paragens do mundo!

Aquella bandeira é o pendão glorioso da incontaminada honra portugueza, a asseveração eloquente de bem definidos brios e o pregão altisonante da inteireza do caracter portuguez que as affrontas não maculam, os doestos não intimidam e as ameaças não transmudam, porque a alma generosa do povo, emocionada pelas tradições, que são uma gloria, e alumiada pelo renascimento das mais bellas esperanças, sabe altear-se á comprehensão do nosso imperioso destino historico, e, fará manter immaculada essa bandeira azul e branca, isto é — da côr d'este nitido ceo que nos acoberta, e da alva tunica da indefectivel justiça.

Aquella bandeira tem sido no decurso de oito seculos, o estandarte que ergueu ás culminancias da historia um povo de heroes, a signa veneranda que tem guiado por entre as tormentas mais sombrias e as fulgurações mais intensas, a imagem sacratissima da patria, que nos foi berço, esse ideal de sublimes con-

---

(1) Chegou-nos á mão o notavel discurso que o illustre e talentoso capellão do regimento d'infanteria n.º 27 pronunciou no campo de D. Carlos, na cidade do Funchal, no dia em que os recrutas da guarnição d'aquella cidade ratificaram solemnemente o seu juramento.

O sr. capellão Luiz Alves Martins, que é sem duvida um dos mais notaveis oradores sagrados que o exercito se orgulha possuir nas suas fileiras, honrou as lettras patrias com a sua notavel oração, e a *Revista de Infanteria*, publicando-a, procura prestar um tributo de sincera homenagem ao distincto e inspirado orador.

A gravura com que abrimos o discurso — A Bandeira Portugueza — representa um trecho do Campo de D. Carlos na occasião da solemnidade.

sagrações e de accrisolados affectos que, formam um culto sempre vivo e sempre ardente, sempre legitimo e sempre emocionante.

A ideia da patria compendia em nossa alma as mais extraordinarias dedicações, reune os mais delicados cultos, concentra as mais augustas recordações, desperta os mais assombrosos heroismos, acendra os mais dedicados carinhos e circumvisinha do coração os mais ardentes enthusiasmos.

Mas a patria, como disse um orador notavel, «a patria não é sómente o torrão natal, a estancia amada, onde fomos nados e creados, não é sómente a casa e o povo, o jardim e a arvore, o campo e o monte, a veiga e o lago, o rio e o mar por onde se nos deslisou a innocencia e onde se nos inflorou a infancia»; não é só a natural situação geographica, a distincção das condições ethnographicas, a posição das montanhas, a torrente dos rios e a fertilidade dos campos, o objecto especial a que se prende o nosso affecto.

Não é só esse espaço de terreno que os nossos antepassados ungiram com sangue de combates e fertilisaram com bagas de suor que se prende naturalmente á nossa dedicação, embora ao prepassarmos pela memoria as recordações da infancia, uma certa lembrança de meiga ternura, venha apontar-nos o tecto que acobertou o nosso berço, as arvores que nos liberalisaram as mais cariciosas sombras, o templo onde a nossa alma se abriu aos impulsos generosos da fé, os valles que repetiram o som da nossa voz, assim como o campo-santo em que repousam as ossadas dos nossos maiores: tudo isso, que tanto nos falla, nos impressiona e captiva, não é nem pode ser o germen d'essa ideia tão fecunda, tão vivamente gravada em nossa alma — a ideia da patria!

As recordações da historia, as tradições do povo, os affectos da familia, o caracteristico da raça, a egualdade de nos exprimirmos com o mesmo idioma e a noção mystica das mesmas crenças: tal é o conjuncto moral que vem formar em nosso peito essa paixão nobilissima que desperta as mais bellas dedicações e os mais provados heroismos, e que vae ligar-se intimamente a tudo quanto forma a tradição e a historia d'uma sociedade que ostenta, atravez do espaço e do tempo, o mesmo rosto e o mesmo espirito: uma só lingua, uma só crença, uma só fé!

E tudo isto, todas estas ideias queridas estão compendiadas na bandeira da patria, symbolo modesto, mas estremecido e santo que todas as nações escolheram para represental-as.

A bandeira da patria! O symbolo augusto, a imagem veneranda do que mais estremecemos! O estandarte magestoso que resume os mais bellos capitulos de um poema de feitos immortaes! O pavilhão glorioso, sempre bello e sempre nobre, que ao perto e ao longe nos falla das caricias do nosso berço e das alegrias do nosso lar; que nos lembra o nitido azul do nosso ceo e as doces recordações da nossa infancia, a verdura dos campos e o matiz dos arvoredos, as montanhas e os valles, os rios e as praias, os jardins e as flôres, tudo isso que constitue o enlevo que nos dispertam esses lares, onde tentámos os primeiros passos e esses logares, onde balbuciámos as primeiras preces, essa emoção ineffavel e suavissima, ora alegre como a esperança, ora melancholica como a saudade, que nos communicam esses sitios

que abrigaram o nosso berço, ou que encerram as cinzas de nossos paes.

Senhores: se percorrermos as paginas da historia portugueza, veremos nas suas passagens mais bellas a verdadeira e intima alliança que se inspira nos dois affectos mais vehementes e poderosos do homem moral e social, — affectos tão poderosos, tão vehementes, que a sua irradiação luminosa enche de fulgor os fastos da humanidade, e o seu almo calor desaperta em preciosos fructos a gleba mais sáfara; affectos tão vivos, tão energicos, tão sagrados que elles só no mundo suscitam e geram a heroicidade ingente do martyrio: — sentimentos tão augustos e tão fecundos, que n'elles se synthetiza a genese dos feitos mais grandiosos, das instituições mais uteis, das conquistas mais brilhantes; — amores tão fervidos e tão universaes, que dominam e fazem pulsar alvoraçados todos os corações de homens, seja qual fôr a plaga que habitem, a lingua que fallem, os usos que observem, as ideias que professem, o governo que tenham, a raça a que pertençam: — **amor de Deus e amor da Patria!**

Compulsae os annaes do mundo; rememorae os heroes dos seculos; ponde ante o vosso espirito essas summidades fulgentissimas da historia, que se assemelham á cumiada de gigantea serra que o sol oriental beija e sobredoira com seus primeiros raios: e estae certos que onde virdes façanha assombrosa, onde se vos deparar heroe sobrehumano, heis de encontrar-lhes no amago um d'estes dois motores, ou ambos elles: — amor de Deus e amor da Patria!

Deus e Patria! Que formosissimo lemma, que magica divisa!

Na affeição, no culto d'esses dois ideaes supremos é que bem se revela toda a capacidade e pujança d'esse mysterioso foco do mundo moral que se chama o coração humano.

A vitalidade d'um povo, a energia d'uma raça, a florescencia d'uma civilisação, a lidima e perduravel prosperidade d'um estado, dependem principalmente do vigor d'estas duas molas, da ardencia d'estes dois amores: o amor de Deus e o amor da Patria.

Deus e Patria, Cruz e Bandeira andaram sempre unidos no pensamento dos descendentes dos heroes de Ourique, e foram esses sentimentos que nos impelliram ás mais famosas emprezas, que nos arrojaram aos pincaros da gloria, que nos tornaram a primeira e a mais respeitada nação do mundo.

Ao nome de Portugal todas as nações se curvavam; a nossa bandeira, que tremulou victoriosa aos olhos de todo o mundo, era hasteada como dominadora no Continente Negro, na Asia e America; era saudada como portadora da civilisação e respeitada como symbolo e imagem d'um povo que tanto se distinguia e se elevava acima dos outros povos, não só pelo seu valor, força e tenacidade, como tambem pelo seu engrandecimento, pelo seu desenvolvimento intellectual e moral.

Se todo o homem sente amor pela sua patria, porque n'ella se encerra o que ha de mais dôce, terno e consolador em seu coração: as mais felizes recordações, como as mais affectuosas saudades; os mais suaves encantos, como os mais intimos laços; porque n'ella encontramos vida, protecção, educação; porque

n'ella vivem aquelles que nos amam e estremecem: o pae, a mãe, os irmãos, os parentes, os amigos, os conhecidos, necessariamente o affecto patriotico será muito mais entranhado, muito mais intenso, quando ella, a patria, com o seu poder e o seu valor, encher de orgulho e admiração os filhos que recordarem o seu passado de glorias.

Portugal nasceu pequeno, pobre, cercado de perigos: veio á luz nos campos de batalha; cresceu entre o fulgor de continuas e porfiadas pelejas; medrou pelo esforço heroico e persistente de seus filhos; conquistou palmo a palmo o solo; adquiriu a preço de seu sangue a independencia e, depois, não encontrando na estreiteza dos seus limites amplitude bastante para tal musculatura e ar sufficiente para tamanhos pulmões, vae, disse um eminente orador, «vae n'uma desapoderada carreira de victorias — de Lisboa a Ceuta, de Ceuta a Alcacer, de Alcacer a Arzilla, de Arzilla a Tanger, de Tanger a Azamor, de Azamor a Çafim, de Çafim a Mazagão, de Mazagão á Mina, da Mina a Ormuz, de Ormuz a Diu, de Diu a Damão, de Damão a Gôa, de Gôa a Cochim, de Cochim a Malaca, de Malaca a Bornéo, a Timor, á Australia, ás Molucas, ás portas do Japão, ás florestas da America e, a ser possivel, teria ido lá acima, até ás estrellas porque cá abaixo, com brio e brilho, todos

. . . . . os campos ára
E se mais mundos houvera, lá chegára.»

(*Camões*)

Era-lhe sentinella o Atlantico: zombou da sentinella, domou o Atlantico; percorreu espaços immensos; cortou mares ignotos, que a pavida insciencia povoava de terrores phantasticos; subjugou a Africa; ergueu a Cruz nos palmares do Ganges; levou o Evangelho e a civilisação á America e perlustrou as vastidões da Oceania...

De tão acanhadas dimensões em sua origem, dilatou-se tão prodigiosamemte que chegou aos confins da terra.

O esforço de seus filhos, a sua heroicidade e bravura na guerra, o seu arrojo e temeridade sobre as encapelladas ondas do Oceano, o seu aperfeiçoamento nas letras, nas artes e nas sciencias, a sua virtude e santidade, dão-lhe um logar eminente entre as primeiras nações do Universo.

Portugal, desanvolvendo-se desde o seu principio d'uma maneira maravilhosa em todos os ramos da actividade humana, chegou, no reinado feliz de D. Manuel, a attingir o epogêo da gloria e da grandeza, conseguindo assombrar o mundo com os mais brilhantes feitos de que resa a historia, feitos que nos enchem de ethusiasmo, de reconhecimento e admiração por esses heroes que os levaram a cabo.

Ah! quando percorremos as paginas das nossas chronicas, dos annaes das nossas aventuras n'essa epocha, sae-nos naturalmente dos labios esta expressão repassada de ufania: — a Grecia e Roma tiveram filhos ousados, arrojados e temerarios, que a honraram e ennobreceram; mas, nós portuguezes nada temos que invejar-lhes porque o mais prodigioso feito de que ha memoria foi realisado por nossos avós.

Rompendo os impenetraveis claustros do Oceano por entre graves riscos e trabalhos verdadeiramente herculeos, puzeram em communicação povos remotissimos, abriram ao commercio vias novas e novos emporios; patentearam campo vastissimo ás indagações scientificas; forneceram novas ideias, concorrendo até para a transformação das sociedades politicas.

E sendo Portugal um paiz tão restricto, demorando no extremo occidental do continente europeu, conquistou nas outras partes do mundo, tantas, tão novas e poderosas nações, que a sua historia assombra a ponto de assumir phantasticas proporções, que roçam pelo inverosimil.

Estendendo os braços gigantes por todo o orbe, chegou a toda a parte: «onde se aperta o Erythrêo, onde se empola e arrebata o Indo, onde se esconde o Nilo, onde se espraia o Ganges, onde se precipita o Mecon, onde espuma e sôa o Cambodja, onde se dilata o Amazonas, onde se accende o Equador, onde se congela o Antarctico, onde se tempéra e amacia o Cancer, onde se fertilisa o Indostão, onde se embalsama Ceylão, onde ardem os vulcões de Ternate, onde arranca os diamantes Nisapur, onde os Andes sobem ás nuvens, onde referve o Congo, onde em ouro se coalham os campos de Sofala».

Tanta grandeza, tão vasta dominação, tão extenso imperio, foi devido ao esforço e virtudes d'aquelles heroes que, emquanto no mundo se der apreço ao valor, serão elles estimados e nomeados conservando-se as suas memorias aureoladas pelos fulgores da fama, da honra e da gloria.

(*Continúa*).

O RECRUTAMENTO DE OFFICIAES PARA O ULTRAMAR

Segundo as declarações do nobre titular da pasta da Marinha e do Ultramar, é o Supremo Conselho de Defeza Nacional que vae estudar a reorganisação do Exercito Ultramarino, estudo que já se dizia quasi concluido pela commissão respectiva, ha annos nomeada. Assim, mais um compasso de espera, com prejuizo dos que, contando com uma reorganisação mais justa e equitativa e com determinadas garantias, deixaram de se offerecer para no actual anno irem servir no Ultramar. E' sabido quão inconveniente é o actual systema de nomeação para o Ul-

tramar, por promoção com prejuizo. Mas a ida no mesmo posto sem grandes vantagens de varias ordens, tornando-se obrigatoria para os mais modernos quando não haja voluntarios, o que acontecerá frequentemente, é systema ainda mais violento e menos sympathico. Somos de opinião que o official deve servir o seu paiz onde elle precise dos seus serviços, mas tambem concordamos que ha muitos officiaes que por temperamento, por padecimento de qualquer natureza ou por outra causa não devem colonisar, e taes officiaes, não obstante isso, podem prestar aqui bons serviços e, quando presentes a uma junta de saude, nada se lhes encontrará que os inhabilite para o serviço activo nos paizes temperados. Devia-se constranger uns officiaes n'estas condições a servir no Ultramar, a não ser n'um caso excepcional de salvação publica, sob pena de ser reformado? Seria violento e odioso. E comtudo eis o que frequentemente terá de acontecer, não se attrahindo fortemente o voluntariado, quer por meio de vencimentos bastante mais elevados e d'uma serie de vantagens que estimulem, o que tudo irá alem dos recursos do Thesouro, quer pela acceleração na promoção como agora. Parece-nos preferivel o systema da acceleração, mas modificado convenientemente, pois que, tal como está, é desegual e tem graves inconvenientes.

E' desegual porque, por exemplo, quanto mais proximo o official estiver do *n*, menos vantagens terá em ir e maior prejuizo soffrerá, se não fôr, e o contrario acontece com os officiaes mais modernos que têm a maior vantagem em ir a par d'um menor prejuizo não indo. Assim, conviria estabelecer um quantitativo determinado do prejuizo que teria a soffrer o official não offerecido e da acceleração ganha pelo offerecido, afim de evitar estas e outras desegualdades.

E' da maior inconveniencia entregar o commando de companhias independentes, distantes dias e semanas de toda a intervenção superior ou de qualquer estancia consultiva, a officiaes recentemente promovidos sem habitos de commando e que muitas vezes distavam ainda alguns annos do posto de capitão, e assim não tinham ainda tido tempo de se preparar a valer para o commando d'uma companhia ou esquadrão. O mesmo diremos a respeito dos 1.os sargentos modernos promovidos a officiaes, pois é certo que raras vezes ou mesmo nunca terão exercido funcções de commando, e agora de repente, sem transição alguma, ficarão entregues a si proprios no commando d'um destacamento ou d'um posto, ás vezes n'uma situação bem grave, a dias e dias de distancia da séde de companhia. E de resto para que obrigar os majores e os alferes a uma estação de 4 annos? O que se deveria era procurar conservar o official ao serviço das colonias, com vantagens especiaes, prendendo-o alli, convindo ainda que a este official, depois de terminada a sua commissão e caso a desejasse repetir, se facultasse uma visita ás colonias estrangeiras visinhas afim de que a observação do que visse lhe podesse aproveitar no aperfeiçoamento dos serviços em que mais tarde fosse chamado a cooperar.

Posto isto, eis as bases d'uma reforma que nos parece mais equitativa e vantajosa no recrutamento dos officiaes para o Ultramar:

1.º Os officiaes offerecidos iriam servir no Ultramar no mesmo posto, com excepção d'aquelles a quem faltassem menos de dois annos *(2 n)* para a promoção (e estando nas condições d'esta) os quaes iriam no posto immediato. Dos 1.ºs sargentos offerecidos apenas seriam nomeados para o Ultramar e no posto de alferes aquelles a quem faltassem menos de dois annos *(2 n)* para a promoção, e tendo já tirocinado e boas informações.

2.º As vagas occorridas no Ultramar em cada posto seriam providos primeiramente pelos mais antigos offerecidos do posto anterior a quem faltassem menos de dois annos *(2 n)* para a promoção e depois pelos mais antigos offerecidos do mesmo posto.

3.º A commissão seria de dois annos para todos os postos e, terminada ella, cada official seria collocado na sua classe *n* logares á direita contados no Almanack do Exercito referente ao anno em que tivesse embarcado, sendo o *n* calculado como actualmente. Aquelles a quem no começo da commissão faltasse menos de *n* para o posto immediato, apenas seriam collocados á direita dos da mesma classe na occasião do embarque. Como transição do actual regimen para o futuro não seriam novamente prejudicados os officiaes que actualmente estão dentro do *n*, sendo collocados á sua esquerda os officiaes mais modernos que completassem as commissões nos termos do novo regimen.

4.º Os officiaes que, terminada a commissão, desejassem repetil-a e tivessem boas informações dos seus chefes, habilitar-se-hiam a nova acceleração de promoção, sendo o *n* o d'esse anno, fazendo-se nova collocação pela forma já indicada quando terminasse este novo periodo de serviço; e assim successivamente contando-se uma nova acceleração por cada novo periodo de dois annos. Cada novo periodo de serviço daria tambem direito a nova percentagem nos vencimentos.

5.º O official nas condições do numero anterior, terminando o periodo biennal da commissão, teria direito a uma licença de 60 dias com todos os vencimentos, para visitar as colonias estrangeiras visinhas, facultando-se-lhe as possiveis facilidades para de perto poder estudar quaesquer ramos de serviço, apresentando no regresso um relatorio ou noticia descriptiva e critica sobre os assumptos que mais lhe tivessem captivado a attenção. Ao official que não desejasse aproveitar-se d'esta licença e preferisse vir á metropole abraçar os seus e retemperar-se, seria dada uma licença de 6 mezes, com passagens pagas para o reino e com os vencimentos simples do seu posto.

6.º Ao official que não quizesse repetir a commissão seria, na occasião do embarque para o reino, dada uma licença de 3 mezes, alem do tempo normal da viagem, licença que poderia aproveitar n'uma viagem recreativa e instruitiva pelos paizes que desejasse visitar, abonando-lhe o Estado, se elle assim o desejasse, a importancia da passagem directa (tabella official) da colonia para Lisboa.

7.º Garantir-se-ha uma pensão de sangue á familia do official fallecido em virtude de doença adquirida no Ultramar.

A. P.

Uma nova bala de infanteria

No *Armée et Marine* encontrámos uma noticia muito curiosa que convem registar, visto prender-se com doutrinas expostas já nas paginas da nossa *Revista*.

«O major Cei Rigotti (do exercito italiano), já conhecido pelo invento de uma arma automatica, é tambem o inventor de uma nova bala em forma de helice.

«Segundo a nova theoria, o projectil helicoidal atravessando as camadas de ar com a velocidade de outros projecteis modernos, 1:000 metros por segundo, vae ferir o alvo não sómente com uma trajectoria mais tensa mas tambem, tomando um ponto de apoio no proprio ar e segundo o principio que rege o movimento da helice nos fluidos, com um alcance maior.

«O major Cei apresentára este novo projectil em 1897 em Parma á commissão das armas portateis, o qual não foi tomado em consideração, não conservando o exclusivismo.

«As experiencias foram continuadas na Allemanha, e, pelos extraordinarios resultados obtidos, pode dizer-se que é sobre o projectil helicoidal que se funda a theoria pela qual se chegará a supprimir a alça e a dar á arma uma potencia bem superior sem augmentar a carga».

Ninguem é profeta na sua terra, lá diz o rifão, e por isso, lá como cá, succede sempre a mesma cousa.

Os technicos de Parma não quizeram tomar em consideração um invento nacional que os allemães reconhecem vir a ser a base de um tão notavel e extraordinario progresso nas armas portateis, da mesma forma que os technicos portuguezes, ou a commissão de balistica, regeitou a nova munição proposta pela commissão de infanteria para a arma Mauser-Vergueiro.

E a verdade é que cada vez mais os factos se encarregam de accentuar a razão que nos assistia quando, col-

locando-nos ao lado da commissão de infanteria, propugnavamos pela adopção da nova munição com a bala ponteaguda.

O tiro directo e a dispensa da alça, especialmente para distancias até 800 metros, é tudo na infanteria.

Tivemos occasião de o conseguirmos, mas... foi regeitado!

Continuaremos a vêr os outros progredirem.

OS SARGENTOS

Já teve parecer favoravel das commissões de guerra e de fazenda da Camara dos Senhores Deputados a proposta de lei do sr. Ministro aa Guerra, tendente a melhorar a situação dos nossos officiaes inferiores, cousa que merece o nosso incondicional applauso.

Vamos começar hoje a publicar esses documentos que merecem ficar aqui consignados.

E já que desgraçadamente foram encerradas as Camaras sem ter sido approvada a proposta do sr. Ministro da Guerra, pedimos a Sua Ex.ª, que, se não puder ser decretada como medida extraordinaria, envide os seus esforços afim de que ao reabrir-se o Parlamento seja esta uma das medidas a ser discutida em primeiro logar, visto que toda a demora causa prejuizos irreparaveis para os nossos officiaes inferiores.

Aqui fica exarado o nosso pedido e o nosso appello.

* * *

Senhores.—A vossa commissão de guerra, apreciando a proposta de lei n.º 8-H, apresentada n'esta Camara em 15 de outubro de 1906, sobre as condições de accesso e de reforma dos officiaes inferiores do exercito, concordou em these com as disposições n'ella consignadas por tenderem a beneficiar uma classe de servidores do Estado, que em todos os paizes está merecendo uma seria attenção dos Governos, compenetrados já de que um bom corpo de sargentos é um elemento essencial do valor dos exercitos.

Sendo os naturaes intermediarios entre o official e o soldado, os sargentos gosam hoje de uma relativa importancia, que convem manter-lhes, pois, como diz um notavel escriptor francez, a profissão das armas vive principalmente da consideração que lhe é devotada.

Crear uma corporação de officiaes inferiores consciente dos seus deveres profissionaes e com probidade moral, attributo essencial a todo o chefe militar, seria conseguir uma das *desiderata* para que tendem os esforços dos paizes, que hoje primam pela excellencia das suas instituições militares.

Emquanto vigorou o serviço militar de longa duração, isto é, de cinco ou mais annos de permanencia activa nas fileiras, o recrutamento de bons sargentos tornava-se relativamente facil.

A reducção do tempo de serviço veio, porém, tornar o problema de difficil solução, de fórma que em todos os exercitos se reconheceu a impreterivel necessidade de conferir vantagens aos officiaes inferiores para assegurar a permanencia nas fileiras dos melhores elementos d'esta classe.

Os exercitos precisam hoje de duas categorias de officiaes inferiores:

1.º Os profissionaes encarregados de assegurar, em condições as mais perfeitas, o serviço do tempo de paz;

2.º Os sargentos da reserva.

Os primeiros são os que por meio de successivas readmissões se conservam nas fileiras esperançados no accesso, ou n'uma reforma compensadora dos seus serviços. Vivendo em permanente contacto com o soldado, acompanhando de perto a sua educação e instrucção militar, podem adquirir um grande ascendente sobre os subordinados quando ás condições de applicação e moralidade juntam qualidades de caracter, integridade, energia e firmeza, tão necessarias para se imporem a homens em geral rudes e incultos, que se faz mister submetter á disciplina militar.

Na segunda categoria comprehendem-se os sargentos que, não querendo fazer carreira pelas armas, passam á reserva terminado o tempo legal do serviço activo e os que forem nomeados para empregos publicos, ficando n'este ultimo caso obrigados ao serviço das reservas até completarem cincoenta e dois annos de edade.

A despeito de todas as providencias já promulgadas para alargar o recrutamento dos sargentos das duas categorias anteriormente especificadas, não se conseguiu ainda resolver este problema de uma fórma plenamente satisfatoria, porque a insufficiencia dos officiaes inferiores é manifesta, especialmente para as formações de guerra, por isso que para a mobilisação de cada regimento de infanteria se tornaria hoje indispensavel um accrescimo de quarenta e oito sargentos, que os quadros de reserva estão mui longe de fornecer.

Do mesmo mal enfermam alguns paizes, especialmente a França, que pela lei de 1887 auctorisava a readmissão de dois terços dos officiaes inferiores para um effectivo de paz em que são precisos quarenta e um mil sargentos.

A reducção do serviço a dois annos tem affectado sensivelmente a qualidade dos sargentos recrutados nos contingentes annuaes, que em tão curto periodo de tempo não permitte crear officiaes inferiores que satisfaçam plenamente á missão inherente ao seu posto.

Eis a razão porque em França o numero dos sargentos readmittidos foi elevado já aos tres quartos do seu effectivo total, garantindo-se-lhes empregos publicos e outras vantagens materiaes no intento de conservar no serviço activo os bons sargentos.

No nosso exercito, os officiaes inferiores, além da melhoria de

readmissão ultimamente votada n'esta Camara, teem a garantia do provimento dos empregos publicos, regulamentada por decreto de 19 de outubro de 1900, cuja observancia rigorosa foi recentemente suscitada pelo decreto com força de lei de 16 de julho de 1906.

Mas a concessão de empregos publicos, comquanto augmente o numero dos sargentos e officiaes de reserva, vae desviar do serviço bons elementos, por via de regra os mais aptos para auxiliarem a instrucção profissional, ministrada aos contingentes, e para substituirem sem grave perturbação do serviço os primeiros sargentos, que uma eventual mobilisação faria ascender ao posto immediato.

Reter por mais alguns annos nas fileiras os bons elementos que concorrem para a manutenção da disciplina foi uma das razões que determinaram o Governo a propôr um pequeno augmento na reforma dos officiaes inferiores, que, todavia, não excede o vencimento maximo consignado para a reforma dos sargentos ajudantes da guarda municipal.

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA

Apontamentos para um curso elementar de Hydrographia, pelo 1.º tenente da armada *Victor Hugo de Azevedo Coutinho*, lente da Escola Naval.

Recebemos, e muito agradecemos a amabilidade da offerta, os «Apontamentos para um curso elementar de **Hydrographia**» que reputamos da mais alta importancia para uma nação como a nossa, que possue vastas colonias espalhadas por todo o mundo, e cuja historia gloriosa assenta principalmente na sua gloriosa epopeia maritima.

A obra divide-se em 3 livros, sendo o primeiro subdividido em 8 partes, o segundo em 5, e o terceiro em 2.

Estas partes de cada livro são ainda subdivididas em capitulos que tratam da *Theoria dos erros, goniometros e esquadros, miras e niveis, tacheometros, omnimetros, apparelhos de sondar, apparelhos para estudo das mares, elementos de geodesia, escalas e projecções nas cartas maritimas, avaliação de distancias e de altitudes, determinação das coordenadas dos vertices de uma triangula-*

ção, problemas dos dois angulos, triangulação fundamental, topographia, hydrographia propriamente dita, levantamentos na hypothese de se poder desembarcar, levantamentos na hypothese de se não poder desembarcar, noções de oceanographia, estatica e dynamica, marés, etc., etc., etc.

Este simples enunciado põe em relevo a importancia da obra.

E' prefaciado pelo sr. Hugo de Carvalho Lacerda Castello Branco, distincto capitão tenente hydrographo.

Nota este illustre official, e com pungente e magoada verdade, que deixámos os outros avançar e a ponto tal que até para a navegação na costa de Portugal nos temos servido de cartas estrangeiras, onde, para cumulo, ha erros grosseiros.

Este brado tão sentido e que tanto nos fére, como portuguezes, é lançado por este valente e honrado official da nossa armada, como um protesto patriotico contra a morbida indolencia e desleixo, talvez, imperdoavel, com que temos deixado os outros avançar, ficando nós na esteira de um movimento que tão gloriosamente iniciámos.

Mas é tempo de reparar os erros passados e de erguer o nosso espirito na plenitude da posse do nosso dever em face da missão historica que ainda não concluimos.

O livro do nosso camarada da armada, o sr. Azevedo Coutinho, completa aquelle brado, e affirma a nossa competencia technica para trabalhos hydrographos, absolutamente indispensaveis para um povo marinheiro, e que nas lendas do mar encontrou o motivo para legitimas ambições, sonhos acariciadores e nobres, e nas singraduras de tanto mar bravio o pedestal de uma gloria que nunca morrerá.

Reiterando os protestos do nosso mais vivo agradecimento pela offerta de tão precioso livro, felicitamos o seu auctor pelo grande e generoso serviço que acaba de prestar á nossa patria.

A guerra Russo-japoneza. — (A cavallaria na campanha da Mandchuria). Conferencias feitas por *F. Sá Chaves*, capitão de cavallaria, na Escola Pratica de Cavallaria em 1905-1906.

O nome laureado do nosso distincto camarada e presado amigo, o sr. capitão Sá Chaves, tem por vezes sido citado nas paginas d'esta Revista.

E fazemol-o sempre com a maior satisfação, porque nos desvanece encontrar, n'esta senda do trabalho, um obreiro tão valioso, tão tenaz, tão conscienciosamente agarrado ao estudo e tão prestadio depois aos seus camaradas, diffundindo o producto das suas lucubrações, do seu meditado e reflectido estudo, pelo jornal, pelas revistas, pelo livro e até pela palavra fallada em conferencias, como o sr. Sá Chaves.

O sr. Sá Chaves comprehende, com o mais lucido criterio, que o fanatismo, permitta-se-nos a palavra, com que cada um de nós deve encarnar em si o *espirito da sua arma*, constitue o mais poderoso e sem duvida o mais fecundo estimulo para o trabalho util, que se desentranhará em preciosos elementos que levarão ao conjunto, ao exercito, aquella competencia technica que é a base da sua cohesão e da sua força.

Por isso muito o admiramos.

O seu bello livro, cheio de licção, mas d'esta que se bebe quente, palpitante, no fragor dos combates, é especialmente destinado a pôr em relevo a importancia que a cavallaria continua a ter nos combates modernos.

E' um trabalho meditado, trabalho que representa um grande esforço pelo muito que foi preciso lêr, consultar e estudar para, n'uma synthese brilhante, mostrar a toda a luz da critica militar a acção da cavallaria nos plainos da Mandchuria.

E' impressionante a forma como o auctor se refere ao general russo Mitchenko, que com a divisão de cossacos de Sunonow e Transbaïkalia, e duas baterias de artilheria a cavallo, executou o celebre raid em que percorreu 500 kilometros em pouco mais de 5 dias, com perdas insignificantes, mas causando ao inimigo desgastes materiaes importantissimos, ainda assim inferiores ao grande effeito moral produzido sobre os japonezes.

A leitura d'este livro, util a todos os officiaes do exercito, impõe-se aos nossos camaradas de cavallaria pelo muito que ali terão de aprender.

Manual do Segundo Sargento de Infanteria, coordenado, em harmonia com o programma annexo ao regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito, de 20 de setembro de 1906, pelos alferes *Albino Chalot* e *Velloso de Castro.*

Este livro da maior utilidade para os candidatos ao posto de segundo sargento, está escripto n'uma linguagem despretenciosa, mas vernacula, expondo com muita nitidez e honestidade profissional toda a materia do vasto programma.

E que todos lhe reconhecem o verdadeiro merito fica demonstrado com a publicação da 4.ª edição do *Manual.*

Ha n'esta edição uma nota muito sentida e que não podemos deixar passar sem um registo especial.

O nome do mallogrado alferes Albino Chalot, que morreu dando a vida pela patria, nas margens do Cunene, n'essa desgraçada jornada contra os cuamatas, figura ainda n'esta edição do livro como homenagem magoada e pungente do seu camarada e nosso amigo o sr. alferes Velloso de Castro.

Conheciamos ha muitos annos o infeliz alferes Chalot, e avaliámos sempre, com completa justiça, o seu amor ao estudo, o seu zelo e dedicação pelo serviço, a sua lealdade aos seus superiores.

A noticia do desastre do Cunene, que tão profundamente emocionou toda a familia portugueza, teve para nós mais essa grande magoa, a de perdermos um amigo, que com tão devotada dedicação serviu sob as ordens de quem escreve estas linhas.

Aqui tambem lhe traçamos estas palavras de saudade, a memoria do martyr, que tão caro pagou o seu tributo de amor á patria e ao exercito.

Resta-nos agradecer muito commovidamente a amavel dedicatoria com que nos honrou o sr. alferes Velloso de Castro, offerecendo-nos o seu Manual, que gostosamente recomendamos a todos os candidatos ao posto de segundo sargento, na convicção de que por tal acto lhe prestamos um serviço.

Secção do extrangeiro

França. — Nos centros militares bem informados corre que vae ser enviada uma missão de officiaes para estudar o exercito japopez.

Não se conhece ainda a composição, nem o fim nitido da missão.

Todavia, é para notar, e isto deve servir de grande licção para todos, que uma das grandes nações da Europa, e que vae na vanguarda da raça latina, tendo uma historia militar das mais brilhantes, vá estudar um exercito de uma potencia que ainda ha poucos annos é que entrou no convivio dos grandes progressos da civilisação.

E' que o echo retumbante dos grandes feitos do exercito japonez, na sua ultima campanha, emocionou profundamente todos os povos do mundo.

Mostra tambem este facto quanto vale uma solida preparação para a guerra e quanto é util e proveitoso a uma nação um bom exercito.

A supremacia japoneza no extremo oriente, facto que ninguem contesta, o prestigio e a grande elevação moral d'aquelle povo, vem do seu exercito, das suas victorias, do esforço e do valor dos seus soldados, essa grande massa anonyma e ignorada mas que traz em si o coração da patria.

O que desejamos registar n'estas paginas é esse facto notavel de a França pretender enviar ao Japão uma missão para estudar o exercito victorioso.

Nós nem addidos militares temos nas nações mais adiantadas, e todos calculam bem a importancia e o alto serviço que esses addidos podiam prestar ao nosso exercito, se, encarnados nas responsabilidades de uma tão difficil quão delicada missão, não fizessem do seu logar uma vida de sport e de elegancia, mas sim a de soldado que estuda para revelar ao seu paiz os progressos da arte e da sciencia da guerra d'essas nações mais adeantadas.

Japão. — Segundo a *France Militaire* o apparecimento do

livro do general Kouropatkine, relativo á guerra do extremo oriente, produziu notaveis observações da parte de alguns generaes japonezes.

O general conde de Nodzu exprimiu-se da seguinte forma:

«Os soldados russos estiveram sempre abatidos durante a campanha. A Russia é composta de differentes nações, o que explica a razão porque as suas tropas não estavam animadas de um forte sentimento patriotico. Ha um facto curioso e que revela bem a differença moral entre os dois exercitos: emquanto que durante a guerra era frequente virem os russos entregarem-se prisioneiros ás nossas guardas avançadas, da parte dos japonezes nem um soldado praticou semelhante facto.»

*

O general barão de Oku:

«O livro não é uma historia da guerra, mas apenas uma explicação do desastre.

«No seu conjuncto este livro é inopportuno e inconveniente».

*

O general Nogi não quiz exprimir a sua opinião sobre este assumpto, mas o general Nagoaka, sub-chefe do estado maior general durante a guerra emittiu o seguinte parecer:

«O general Kouropatkine censurando os seus subordinados tão severamente, torna o seu livro não só perigoso, mas inutil».

Hollanda. — A' casa Krupp acaba de ser feita uma encommenda de 204 boccas de fogo de campanha de tiro rapido, para o exercito hollandez.

Allemanha. — As despezas que a Allemanha tem feito para pacificar a insurreição do sudoeste africano podem ser calculadas em 45 mil contos, (até 1906).

As perdas em homens são:

Mortos, 1693, dos quaes 102 eram officiaes; feridos, 873, dos quaes 92 são officiaes.

A aprendizagem não tem sido barata.

*

N'um jornal allemão appareceu ha pouco um notavel artigo firmado pelo general Rohn, sem duvida a primeira auctoridade do seu paiz em questões de artilheria, em que este notavel e muito conhecido especialista combate, com todo o vigor, a moderna tendencia do fogo indirecto da artilheria de campanha, que parece preferir absolutamente as posições occultas para evitar perdas de material e de pessoal.

Em regra ha sempre notaveis exaggeros quando se pretende tirar qualquer licção dos ensinamentos praticos da guerra.

E isto em todos os paizes.

Haja vista com o que aconteceu com a guerra Anglo-Boer que despertou em varios officiaes, e nomeadamente nos officiaes

inglezes, ideias falsas sobre a marcha de avanço para o combate.

A precisão do fogo da moderna artilheria de tiro rapido tambem vae exercendo uma nefasta influencia, mesmo na propria Allemanha, onde ha uma corrente grande a favor das posições occultas, fazendo-se uso apenas do tiro indirecto.

Na mesma ordem de ideias do general Rohn, combatendo essa falsa orientação, caminha o general Reichenan, escrevendo que a «artilharia de campanha perde o seu espirito offensivo e a sua potencia de acção, adoptando como regra o tiro indirecto».

Na nossa arma tambem teem havido exaggeros condemnaveis, parecendo a muitos que em face das modernas espingardas não se pode mais avançar no campo de batalha senão usando a fortificação improvisada ou o escuro da noite.

Não ha duvida que o dever de todo o chefe é evitar perdas inuteis, e que tanto a fortificação improvisada como a manobra de noite, são dois auxiliares valiosos para o exito da batalha.

Mas não são exclusivos.

E casos ha em que a infanteria deve marchar a descoberto, não procurando outra protecção que não seja a sua superioridade sobre a infanteria inimiga. (von Reichenan) Da mesma forma a artilheria deve seguir este exemplo.

A opinião de tão doutos generaes produziu funda impressão não só na Allemanha mas tambem em França, onde estes assumptos merecem cuidadoso estudo.

*

Uma companhia de automobilistas vae ser criada no exercito allemão no começo do proximo anno economico.

Os autumoveis estão destinados a prestar altos serviços em campanha, desde que os vehiculos tenham uma construcção especial.

A vertigem da velocidade, que tem sido origem de incalculaveis desastres, juncando de cadaveres o caminho d'esse sport imminentemente perigoso, deve ser posta de parte, para tão sómente se conseguir machinas com garantia de serviço e de rendimento certo e com que se possa contar na guerra.

N'estas condições, em breve todos os exercitos bem organisados terão as suas companhias de automobilistas.

Estados-Unidos. — Em 1904 fundaram os americanos *The Public Schools Athletic League*, introduzindo-lhes no anno seguinte nas escolas de New-York, a pratica do tiro.

A arma adoptada é a arma de guerra e segundo o relatorio que acaba de ser publicado, os resultados obtidos foram altamente satisfatorios.

Hespanha. — Por decreto de 17 de janeiro do corrente anno foram reorganisados 3 regimentos de infanteria que ficarão assim numerados — 68, 69 e 70.

Estes regimentos teem recordações historicas.

O 68 vem de 1706; o 69 tem a sua origem n'uma companhia de Fernando Pó, creada em 1858; o 70 prende-se com o antigo batalhão *de la dotation*.

10.º ANNO JUNHO DE 1907 N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 4 — 1907)

II

A metralhadora Maxim é a melhor das metralhadoras automaticas da actualidade

De todas as metralhadoras atráz descriptas e actualmente conhecidas, é a metralhadora Maxim a melhor; a *optima* entre as *bôas*.

Basta-nos para a demonstração d'esta asserção, a qual simplesmente enunciada se podia reputar um atrevimento, basta-nos, repetimos, a leitura do quadro que segue e que extrahimos de *Das Maxim-Maschinengewehr und seine Verwendung*, pelo capitão *Braun* do exercito allemão, publicado em 1905.

Este official enuncia o capitulo que insere este quadro com a pergunta: *Que paizes usam a metralhadora Maxim?* Nós designamol-o pela conclusão que se tira da leitura do quadro.

Systemas de metralhadoras usadas em 1904 nos diversos paizes

Paizes	Exercito	Armada	Observações
Abyssinia...	Maxim	—	
Afghanistan.	Diversos syst.	—	
Allemanha..	Maxim	Maxim	
Argentina...	Maxim	Maxim	
Australia....	Maxim e outros systemas	—	
Austria	Skoda mod. arc. Salv. (Maxim)	Skoda mod. arc. Salv. (Maxim)	Em terra só empregada nas fortificações.
Belgica.....	—	—	Tem 8 metr. Hotchkiss no arsenal d'Anvers para o Corpo Expedicion. á China, que creara.
Bolivia.....	—	—	
Brazil	—	Maxim	Calibre 11mm,4, 7mm,7.
Bulgaria	—	—	Em experiencias na armada.
Chile.....	Maxim	Maxim	
China.....	Maxim e outros systemas	Maxim	Os outros syst. são dos primitivos *tubos de orgãos*, em carreta.
Col. Inglezas	Maxim	—	
Columbia ...	—	Maxim	
Congo.....	Maxim	Maxim	
Coréa	Maxim	—	
Dinamarca..	Maxim	Maxim	Em terra só empreg.as nas fortif.
E. U. da Am.	Maxim	Maxim e Colt	
França.....	Hotchkiss	Maxim	A Hotchkiss está em experiencias no exercito e tropas col.
Grecia	—	Maxim	As metralhadoras estão em deposito no arsenal.
Hespanha...	Maxim	Maxim	Em terra, só empreg.as nas fort.
Hollanda ...	Maxim e Hotch.	Maxim	A Hotchkiss só nas tropas col.s
Inglaterra ..	Maxim e Colt	Maxim	A Colt p.a alg.as forças de aux.s
Italia	—	Maxim	Na Erythréa tem uma companhia de Maxim
Japão.....	Hotchkiss	Maxim	
Marrocos....	Maxim	—	
Mexico.....	Hotchkiss	—	Experimenta a Maxim p.a terra.
Nicaragua...	Maxim	—	
Noruega.....	Hotchkiss	—	
Persia.....	Maxim	—	
Peru	Maxim	Maxim	
Portugal	Maxim	Maxim e Hotch.	
Roumania ..	—	—	Em experiencias para terra.
Russia.....	Maxim	Maxim	Em experiencias na armada.
Suecia.....	—	—	Em exper.as p.a a armada e fort.s
Turquia	—	—	Experimenta para terra e mar.
Venezuella .	—	Maxim	

Resumindo pode-se formar o seguinte quadro:

Systemas	Adoptados em	
	Exercitos	Armadas
Maxim	22	21
Hotchkiss	4	2
Outros diversos	5	1

Actualmente o systema Mauser está para as espingardas em uso, como o systema Maxim está para as metralhadoras.

Qualquer d'elles é mais usado que os de todos os outros constructores. Assim a espingarda Mauser estava adoptada em 1904, simples ou modificada, em desenove paizes; e a metralhadora Maxim em 43 exercitos e armadas; além de que alguns paizes mais a experimentam ainda (1).

Devemos ainda dizer que no Afghanistan, Bolivia, Italia, Japão, Mexico, Austria, Roumania, Suecia e Turquia se procede actualmente a experiencias exclusivas de Maxim; e uns d'estes paizes teem um typo assimilhado, outros nenhum, e alguns outros, diversos, com que manifestamente não estão satisfeitos.

---

(1) Pode pois a nossa infanteria vangloriar-se de possuir actualmente a *melhor* espingarda e tambem a melhor metralhadora. A nossa *Mauser-Vergueiro* sabiamente simplificada na culatra pelo illustre e competentissimo tenente coronel A. J. Vergueiro é certamente hoje, o melhor modelo das *Mauser*.

Da metralhadora dil-o o quadro acima.

Fallamos só nas armas apezar de que ellas só se podem absoluta e taxativamente designar por *as melhores*, quando as munições empregadas sejam tambem as *melhores*; pois é intuitivo que pode uma arma ter as melhores qualidades a todos os respeitos, mas ficará muito prejudicada nos seus effeitos relativamente a outras se a sua munição fôr inferior. E isto infelizmente acontece.

Se para a nossa infanteria houvesse sido adoptada outra munição que se propoz, que não a actual, nós estariamos balisticamente muito superiores, mesmo á Allemanha, que recentemente adoptou uma munição para a sua infanteria balisticamente superior a todas as outras. Esta munição era *mutatis mutandis*, a que a commissão de infanteria proposera para a espingarda que escolhera, e consequentemente para a metralhadora.

Tem pois a infanteria motivo para orgulhar-se não só de ter escolhidó as melhores espingarda e metralhadora, mas ainda a de haver proposto a munição nova, que paiz algum até então adoptára, mas que pouco depois era a munição official de exercitos onde se costumam ir beber as melhores ideias e exemplos acerca de cousas militares, quaes são a Allemanha e a França.

III

Nomenclatura da metralhadora

Quando a metralhadora faz fogo, partes ha que se movem e outras que se conservam fixas.

Por isso, em vez de se dividir a metralhadora por systemas como fazemos, alguns a dividem apenas em duas partes: a *fixa* e a *movel*. A primeira é constituida pelo *refrigerante, caixa de culatra, alimentador* e *mola recuperadora com caixa;* a segunda, pelo *cano* e *culatra movel.*

Porém, d'entre as partes classificadas fixas, algumas ha que teem movimento, como o transportador e impulsores do alimentador, o escape e rolete na caixa da culatra, e até a propria mola recuperadora; por isso, e por nos parecer mais racional o agrupamento das peças, dividiremos a metralhadora em *oito* partes, constituindo cada uma um systema, destinado a cumprir uma funcção especial, a saber:

1.ª *Refrigerante;*
2.ª *Reforçador do recúo;*
3.ª *Cano;*
4.ª *Caixa da culatra;*
5.ª *Culatra movel;*
6.ª *Mechanismo de disparar;*
7.ª *Alimentador;*
8.ª *Alça.*

O *refrigerante* comprehende (Pl. I):

deposito d'agua (97) com face anterior de bronze (100); e posterior, com furos, para o eixo da tampa da caixa da culatra (39), para a cavilha de ligação ao tripé (35), canal ejector (33), e alojamento de mola do canal ejector (34 a);

mola do canal ejector (34);

tampas roscadas, de entrada de agua (92) e de sahida (91), com cadeias (94);

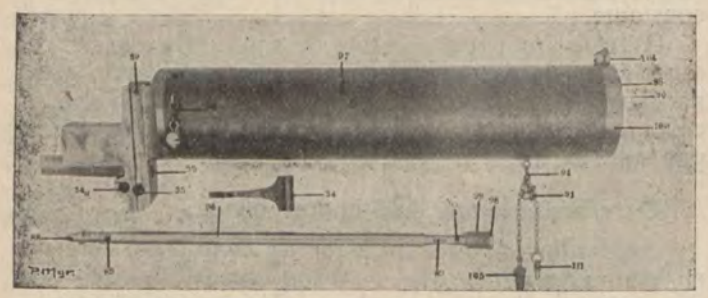
cavilha-mola de fixação do reforçador de recúo (111);

rolha do tubo de vapor (105);

ponto de mira (104) e seu *parafuso* (103);

tubo de vapor (95), com furos (89), appoio ante-

rior (88) e cabeça roscada (98) com furo de sahida do vapor (99) e parafuso de fixação do tubo de vapor (90); *valvula do tubo de vapor* (96).



O *deposito de agua* é um tubo de aço que pode conter cerca de 4 litros de agua destinada a não deixar elevar consideravelmente a temperatura do cano. Sem isto, o cano attingiria uma temperatura superior a 400°; com agua nunca excede 150°. Este tubo é fechado nos dous extremos por tampas de bronze, e tem uma abertura na parte superior-anterior destinada á introducção da agua; outra na linha media inferior e á frente para a evacuação, e ainda outra perto d'esta e á esquerda, destinada á sahida do vapor. As duas primeiras são fechadas com rolhas metallicas roscadas; a terceira, com uma rolha de cortiça. Na tampa anterior de bronze, tem o ponto de mira fixo por um parafuso, em ganzepe, onde se aloja.

O *tubo de vapor*, de latão, está alojado no deposito d'agua, apoiando-se posteriormente em cavidade aberta no bronze e na parte anterior, roscando-se. Tem furos (luzes) perto das suas extremidades, por onde entra o vapor formado no deposito o qual sahe pelo canal aberto na massa da rosca e que fica em communicação com outro aberto na massa de bronze que fecha anteriormente o deposito de agua.

A *valvula do tubo de vapor* é tambem um tubo, de comprimento egual á distancia entre as luzes abertas no tubo de vapor e que, escorregando sobre este, tem por fim fechar uma das luzes no tiro um pouco inclinado para evitar a sahida da agua. Se a bocca da metralhadora se eleva acima da horisontal, a valvula corre fechando a luz posterior; se aquella se abaixa, a

valvula avança e fecha a luz anterior, forçando sempre o vapor a sahir pela luz mais elevada, sem forçar a sahida da agua. Um pequeno parafuso junto á parte anterior, fixa a posição do tubo de vapor e a mantem constante.

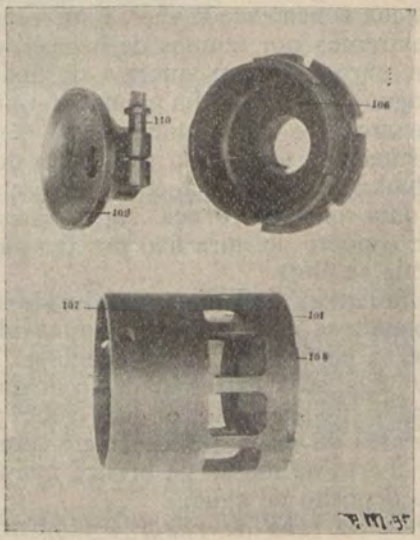
A *mola do canal ejector,* de aço, serve para segurar a caixa do cartucho detonado não o deixando cahir na caixa de culatra, o que podia interromper o tiro. A caixa do cartucho do tiro immediato expelle-a, e fica, por sua vez, fixa.

O *reforçador do recúo* comprehende:

ampliador da face anterior do cano (109) com *parafuso de aperto* (110);

montante do recuperador e do empanque anterior (106);

batente (108) com *manga de ligação* (107) e esta com aberturas para sahida dos gazes (101).



O *montante* não só serve para manter a manga com o batente, como para fixar o empanque de amianto á frente, destinado a vedar a sahida á agua do deposito.

O *ampliador* é um verdadeiro *piston* que se aperta á bocca do cano com o fim de augmentar a superficie

da face anterior d'este, onde os gazes exercem pressão para fazer recuar o cano com a potencia precisa á geração do movimento automatico.

A *manga* liga o montante ao batente a que está aparafusado. Tem 10 largas aberturas por onde os gazes se escapam depois de terem produzido o effeito necessario.

O *batente* oppondo-se á sahida dos gazes, offerece-lhe resistencia sufficiente para que estes pela expansão forcem a unica parte movel (piston) a mover-se para a retaguarda, e tem ao centro uma abertura de 10^{mm} por onde a bala passa, lançando-se na atmosphera.

O *cano* é formado por:

cano de aço (32) revestido de cobre galvanoplastico e com o alojamento (38) para o empanque posterior de amianto; orelhões cylindricos para ligação aos tirantes e fresagem para a passagem do porta-cartuchos.

Sempre molhado pela agua do deposito, o que em breve o enferrujaria, necessita ser cobreado na parte que mais attingida é pela agua.

Exteriormente e na altura da camara tem um cavado circular destinado a alojar o amianto, que serve de empanque á agua, não lhe permittindo que saia para a caixa da culatra.

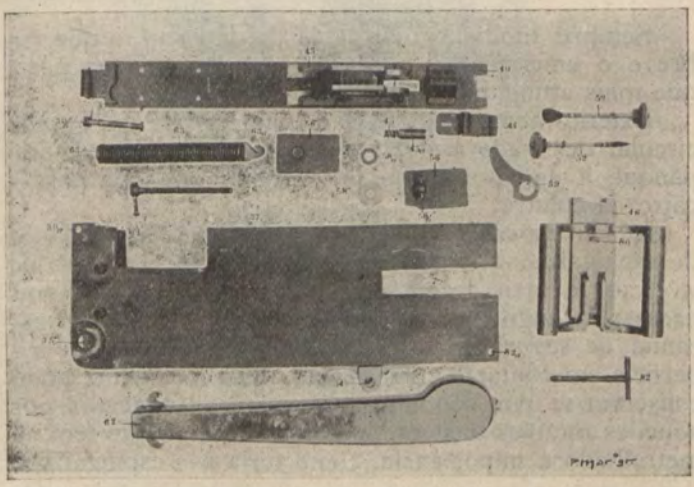
A sua espessura é muito maior que as dos canos de espingarda, não só porque sendo de aço duro de wolfram e mais fragil que aquelles, tornando-se pois necessario augmentar a espessura de paredes para garantia de segurança, mas ainda porque pela maior superficie em contacto com a agua, mais facilmente pode conservar-se em não alta temperatura. O pezo é por aquelles motivos bastante augmentado, mas não tem na metralhadora importancia, como teria nas espingardas.

A *caixa da culatra* comprehende:

faces lateraes (55) com guias (37) e fundo (53) invariavelmente ligados. Mortagens (79); ligação do apparelho de pontaria em altura (54); furo para o eixo

da tampa (39 a); idem para a ligação ao reparo (35) e idem para a cavilha de fixação do punho (82 a).

placa esquerda com perno (56 a);
placa direita com eixo (56);
rolete (58);
anilho (58 a);
escape (59);
cavilha (56 b);
punho duplo com caixas para oleo (46);
tampas roscadas com pinceis (52);
cavilha mola de fixação do punho (82);
tampa (40) *com guia do bloco* (43);
eixo da tampa (39 b), *anilho e cavilha*;
fecho (44), *mola* (45), *embolo* (45 a) e *parafuso espera do fecho.*
mola recuperadora (63) com *gaviões* (63 a) e *porca* (63 b);
parafuso regulador (76) com travessão;
parafuso batente do gatilho (80);
caixa da mola recuperadora com batente de aço (62).



As *faces lateraes* conteem as mortagens necessarias ao movimento dos tirantes e alojamento do alimentador; os pernos-esperas para a caixa da mola recuperadora e os gasnepes para a sua ligação ao deposito de

agua e punho duplo. Tem ainda os furos para a passagem de eixos e cavilhas, e guias do porta-cartuchos. O *fundo*, de bronze, tem furos para a sahida de agua que ali possa cahir, guias para a haste do gatilho em saliencias e ligação para o apparelho de pontaria.

A *placa esquerda* serve de batente ao tirante e ajuda a fixar a caixa da mola fixadora.

A *placa direita* servindo tambem de batente do tirante contem n'um eixo o escape que serve para não deixar saltar a manivela de armar quando bate sobre o rolete, e este que assegura um escorregamento suave á curva da manivela d'armar.

O *punho*, de bronze, deve conter oleo para lubrificação nos cavados cylindricos onde se roscam os pinceis e tem um parafuso — batente do gatilho — que serve para limitar a pressão sobre este.

A *tampa* com as peças do fecho contem ainda uma guia dupla de bronze que serve para, estando fechada a caixa da culatra, não permittir ao bloco que salte fóra das guias talhadas nos tirantes, durante o tiro.

A *mola recuperadora* tem por fim completar as operações para o tiro, levando á frente as peças que, com o recuo, forem lançadas á retaguarda. A sua força é regulavel por meio de um parafuso.

A *caixa da mola* é atravessada na parte anterior pelo parafuso regulador que por este lado a mantem.

(Continua) CAP. BUGALHO.

MEDALHA MILITAR

Correm os tempos propicios para que nós, obreiros, embora modestos, n'esta tarefa interminavel para melhorar o exercito, verdadeira escola de abnegação e de educação civica, — aquella que melhor nos faz comprehender quão necessaria é a lucta pela vida — possamos dizer o que pensamos ácerca do funccionamento dos diversos aggregados, pois que o illustre titular da pasta da guerra, secundando nobremente os seus antecessores que muito trabalharam, desde o sr. conselheiro Pimentel Pinto, em 1893, parece ter decidido empenho em collocar a instituição armada á verdadeira altura da sua honrosa missão, tendo já conseguido muito de louvavel, havendo muito mais a esperar da sua larga iniciativa e vasta intelligencia.

Não ha duvida de que as cousas se não passam hoje como ha 21 annos. Tendo-se dado outra orientação á instrucção militar de modo a tornal-a mais profiqua, e procurando-se concorrer para debellar o analphabetismo por meio de um funccionamento muito mais regular das nossas escolas regimentaes, é certo que presentemente se trabalha muito.

Remodelou-se já duas vezes, depois de 1886, o regulamento disciplinar para o harmonisar com a moderna jurisprudencia. Não é, pois, de estranhar que nos tivesse occorrido a necessidade de uma remodelação no regulamento para a concessão da medalha militar, pela analogia entre os dois, porque, como diz Vial: «o temor dos castigos e a esperança nas recompensas são dois sentimentos sobre que deve repousar a verdadeira disciplina.»

Varios regulamentos estabelecem recompensas para os que se salientam na especialidade sobre que versam esses regulamentos. Mas para nós é ainda a perseverança no bom comportamento a melhor especialidade militar, porque envolve um pouco de todas as outras, cuja recompensa é mister definir e remodelar em conformidade com os modernos progressos introduzidos no exercito.

Não devemos preoccupar-nos simplesmente com o direito de punir, porque o de recompensar é tão digno da nossa attenção como aquelle.

O chefe que não alliar com superior criterio os dois principios — o de punir e o de recompensar — luctará com maiores difficuldades para estabelecer uma boa disciplina na unidade do seu commando.

A recompensa, diz um escriptor, «fortifica a nossa virtude, e toda aquella que é concedida ao espirito militar e ao valor não faz mais do que contribuir para augmentar aquellas bellas virtudes».

Montesquieu diz: «Se um poder arbitrario tira as recompensas da natureza, apparece logo o desgosto pelo trabalho e a inacção por tudo parece ser o unico bém».

Dada a relativa facilidade que hoje ha em se obter condecorações varias, nós inclinamo-nos para a medalha de comportamento exemplar, attribuindo-lhe muito mais valor, porque o individuo que a tem reune em si uma série de predicados taes que, a nosso vêr, o tornam digno de particular consideração e estima. Não ha duvida que os deveres militares são hoje tão complexos que um pequeno desmando é relativamente facil ainda ao mais acautelado e sabedor.

A medalha militar é destinada a recompensar o exemplar comportamento, o valor militar e os bons serviços. A sua regulamentação data de 1886. E' um diploma velho em face dos aperfeiçoamentos por que tem passado o exercito, nos ultimos tempos, por isso se não amolda com as modernas disposições regulamentares, tendo tambem soffrido varias interpretações que muito convem evitar.

Anteriormente a 1898 não era concedida a medalha de cobre ás praças que tivessem quaesquer notas no seu registo, mas dava-se a de prata depois de 15 annos sem castigos, o que, realmente, parece ser o espirito do artigo 5.º do regulamento de 1886. Ultimamente, porém, tem sido concedida ás praças que,

embora com algumas notas, contem quatro annos depois do ultimo castigo, desde que n'esses quatro annos se comprehenda um periodo de readmissão completo e mais um anno.

Achamos mais coherente esta maneira de vêr, que está de harmonia com o estabelecido para a concessão da medalha de prata, para a qual se exigiram sempre 15 annos de exemplar comportamento, embora haja notas anteriores.

Recentemente foi recusada a medalha a um official que já contava 17 annos depois da ultima punição, o que nos surprehendeu deveras, por ser contrario á pratica seguida e não ser isso o que estatue o art. 5.º do regulamento respectivo.

Sobre contagem de tempo de serviço para effeito da concessão da medalha tambem já ha muitas alterações.

Em presença, pois, de tal diversidade de maneiras de vêr, e attendendo á natureza do assumpto, realmente importante, parece-nos que o melhor que ha a fazer é sujeital-o a um estudo rigoroso afim de o harmonisar com a moderna jurisprudencia, visto definir, em nosso entender, a mais importante recompensa militar.

Tendo augmentado consideravelmente as exigencias militares em razão dos aperfeiçoamentos porque tem passado o exercito nos ultimos annos, justo é que seja diminuido o tempo segundo o qual se tem direito á medalha de comportamento exemplar. Não se comprehende a exigencia de 50 annos de serviço sem nota para se obter a medalha de ouro, porque apenas pode ser satisfeita por algum reformado.

Que lucrou a instituição militar com o facto de, com grande pompa, em formatura geral, se ter dado a um reformado, em serviço na escola do exercito, a medalha de ouro de comportamento exemplar? Crêmos que muito pouco.

Acaso algum soldado do activo que assistisse á cerimonia não poderia dizer comsigo: «Se tu andasses como eu, fazendo guardas em dias alternados; se não fôssem esses cabellos brancos, que impõem respeito aos superiores, tornando-os benevolos; se não fôsse a natureza do teu serviço, rudimentar e simples, decerto que te seria mais difficil chegar aos 50 annos de serviço sem notas no registo disciplinar!» E parece-nos que teria razão o que assim pensasse.

Ao contrario; tal cerimonia em homenagem a uma praça em serviço activo, que adquirisse tão elevada condecoração, seria de uma incalculavel grandeza moral e um forte estimulo disciplinar.

Não seria muito mais significativo e proveitoso disciplinarmente vêrmos o nosso coronel, o nosso capitão, e o nosso sargento, emfim, ostentando a medalha de ouro de comportamento exemplar?

Decerto que o militar em taes condições possuiria muito maior auctoridade moral, que lhe vinha da perseverança no bom comportamento durante uma longa vida militar que não precisaria ser de 50 annos, porque quasi os não comporta a existencia, que a permanencia nas colonias muitas vezes se encarrega de reduzir.

Parece-nos, pois, que 30 annos de serviço sem nota seria o bastante para se obter a medalha de ouro de comportamento exemplar. E para a de prata bastariam 10 annos.

Desde que está justificado que, presentemente, as exigencias militares impõem outra circumspecção no cumprimento do dever, justo é que se crie a legitima compensação que, para o caso, é a reducção que alvitramos.

A medalha de cobre seria dada logo que a praça encetasse a sua primeira readmissão. A praça que completa o tempo legal de serviço e deseja readmittir-se, revela de certo modo a sua dedicação pelo serviço militar que, junta ao exemplar comportamento, merece ser logo recompensada.

Como regra, nenhum militar deve pedir medalhas.

Conhecemos casos de individuos terem sido louvados por serviços que os registos definem vagamente, mas que, mais tarde, com auxilio de influencias varias, são pretexto para se obter condecorações. Taes processos affectam, em nosso entender, a nobreza da profissão militar.

O chefe é que deve fazer a respectiva proposta logo que o seu subordinado, no cumprimento do dever, se tenha havido de modo a merecer recompensa especial, não esquecendo nunca que esta é tão necessaria como o correctivo em occasião opportuna.

Para a concessão da medalha de comportamento exemplar deveriam os corpos e outras repartições a cargo dos quaes estivessem os registos militares remetter, trimestralmente, á secretaria da guerra, relação dos militares com direito a ser condecorados.

No primeiro domingo após a recepção da ordem do exercito seria, em formatura geral, entregue a medalha ás praças pelo commandante que, n'essa occasião, proferiria algumas palavras de incitamento ao bom comportamento.

Hoje, que tanto se procura tocar a alma do soldado, proporcionando-lhe festas militares que decerto o hão-de sensibilisar, mostrando-lhe que a rigidez da disciplina antiga, mantida simplesmente pelo terror, é hoje sustentada por processos muito mais racionaes e por meio de uma instrucção aprimorada, a qual inclue a verdadeira comprehensão do cumprimento do dever, base da disciplina, não é demais que a cerimonia da distribuição da medalha de comportamento exemplar seja revestida de toda a solemnidade.

Esperamos que a Sua Ex.ª o ministro da guerra não passem despercebidas estas despretenciosas considerações, escriptas com a maxima sinceridade, embora desataviadamente, por quem se não julga prejudicado de não ter medalhas, mas que comprehende que a recompensa é o melhor estimulo para a disciplina.

12—4—907.

F. S.

A INSTRUCÇÃO DAS COMPANHIAS DE METRALHADORAS DOS NOSSOS BATALHÕES DE CAÇADORES

Até á recente distribuição das metralhaderas aos nossos batalhões de caçadores, regulavam-se estes, no que respeita á sua instrucção, pelo Regulamento de 22 de dezembro de 1900.

Entretanto, d'hoje em diante já tal não pode acontecer, visto que a elles estão adstrictas unidades especiaes, com uma instrucção differente da propriamente de infanteria

Isto prova a urgente necessidade que ha, em modificar esse regulamento, na parte que se refere aos batalhões de caçadores, e para tal facto chamamos a intelligente attenção do illustre titular da pasta da guerra.

Deixar ao criterio dos commandantes dos corpos as modificações a fazer no mesmo regulamento e as convenientes adaptações, não nos parece o mais acertado, porquanto tal facto redundaria n'uma diversidade de criterios —muito embora todos elles acertados— que tornariam a instrucção differente em cada um dos batalhões a que essas unidades estão adstrictas.

O estudo comparativo dos «Regulamentos para a instrucção das tropas de infanteria e de artilheria» de 22 de dezembro de 1900 (acima citado), levou-nos á confecção dos seguintes apontamentos, que pedimos venia para apresentar ao estudo dos nossos camaradas.

Não teem elles a minima pretensão a *infallibilidade*, mas aspiram simplesmente a vêr assentar em bases solidas este novo ramo d'instrucção, que tão justamente foi distribuido á nossa arma.

Assim, parece-nos que o anno de instrucção deveria ser dividido em 6 periodos, a saber:

1.°—Instrucção de infanteria;

2.°—Instrucção preparatoria da metralhadora;

3.º—Exercicios de tactica abstracta e applicada;
4.º—Fogos reaes nos campos de tiro;
5.º—Exercicios de armas combinadas;
6.º—Preparação d'instructores.

1.º periodo (mezes de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro)—Abrangendo a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª partes em que se acha dividido este periodo no Regulamento para a Instrucção d'Infanteria, de 22 de dezembro de 1900.

O tiro elementar com a espingarda seria dado, não no 5.º periodo, como indica aquelle Regulamento, mas no 4.º.

2.º periodo (mezes de março e abril).—Comprehendendo: para *serventes*—serviço de metralhadoras; sua numenclatura, limpeza e conservação; armar e desarmar a metralhadora; escola de metralhadora; tiro nas carreiras de tiro.

Para *conductores:*

1—Escola de equitação;
2—Escola de parelhas (caso seja distribuida mais uma muar a cada metralhadora, conforme o proposto pela commissão de infanteria);
3—Escola de viaturas;
4—Escola de secção, só com carros de munições;
5—Pratica de bivaque;
6—Nós, ligações e concertos em cordas;
7—Armar, ajustar e desarmar o arreio da muar;
8—Aparelhar e desaparelhar a muar;
9—Nomenclatura do arreio e equipamento da muar;
10—Limpeza, conservação e pequenas reparações nos arreios;
11—Breves noções sobre o exterior da muar;
12—Limpeza, tratamento e cuidado hygienico dos solipedes;
13—Breves noções sobre ferragem; aspecto do casco e sua conservação; primeiros curativos.

3.º periodo (mezes de maio e junho).—Semanalmente quatro exercicios: dois de tactica abstracta e dois de tactica applicada; uma theoria (sabbados).

Tactica applicada—Escolha de posições; reconhecimento e occupação de posições; exercicio de fogo (tiro com bala simulada); abastecimento e reabastecimento de munições; substituição de pessoal, gado e material; mudança de objectivo; mudanças de posição; transmissão

d'ordens; organisação e installação de acantonamentos e bivaques.

4.º periodo (mez de julho ou agosto).—Fogos reaes nos campos de tiro.

5.º periodo (mez de agosto ou setembro).—Exercicios d'armas combinadas.

6.º periodo (mez de outubro).—Preparação d'instructores.

Algumas observações:—Durante o 1.º e 2.º periodos as praças promptas teriam pelo menos um exercicio por semana.

A concorrencia das unidades de metralhadoras aos campos de tiro poder-se-hia fazer nos mezes de julho, agosto e setembro, concorrendo em julho ou agosto aquelles que em setembro tivessem de concorrer aos exercicios de armas combinadas e em setembro ou agosto as que não concorressem. A permanencia em cada campo de tiro poderia ser de 15 dias.

Lisboa — Abril de 1907.

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES
Alferes de caçadores d'El-Rei.

A BANDEIRA PORTUGUEZA

(*Conclusão*)

Qual patria mais digna de ser amada por seus filhos?

Que povo eguala em grandeza o nosso povo?

Que bandeira é mais formosa, mais gloriosa que a nossa bandeira?

Quem não sentirá orgulho em ser filho d'uma patria tão illustre?

Quem não será prompto em por ella derramar o seu sangue, dar a sua vida, soffrer as maiores privações, trabalhos e perigos?

Quem não sentirá legitimo enthusiasmo ao recordar tantas acções heroicas de seus maiores?

Estará porventura extincta já de todo a raça d'esses heroes que engrandeceram ou redimiram a patria?

De seus ossos aridos, não poderá já erguer-se ao sopro ardente do patrio amor uma nova legião de impavidos guerreiros?...

Teremos de dar razão aos praguentos que nos dizem condemnados a viver apenas de tradições gloriosas, quaes fidalgos

arruinados, que se contentam de pascer vaidades estereis na leitura de vetustos e semi-apagados pergaminhos?...

Será nossa sina vêr progressivamente cerceado, perdido, anniquilado sem remedio o nosso patrimonio?... vêr rolar no solo, uma após outra, as perolas engastadas no luso diadêma, — essas perolas que se chamam as nossas colonias?... vêr calcados aos pés pelas nações invejosas e cupidas os nossos **direitos historicos,** «remotos sim, mas que se ganhavam balisando mares desconhecidos com destroços de naufragios e riscando veredas nos sertões com o sangue de heroes e martyres?»

Eu ouço um brado solemne que me responde sonoramente: **Não!**

E este brado d'onde vem? Vem de Portugal inteiro.

E este brado quem o solta? O valoroso, o nobilissimo exercito portuguez!

Não! clamam essas vozes masculas, unidas em uma só voz, — não morrerá Portugal emquanto em nossos braços houver uma gotta de sangue para offerecer em holocausto nas aras da patria!

Promptos estamos a sacrificar as vidas, para que a terra, que nos foi berço, continue a figurar digna e honrada entre as nações.

Se todo o cidadão tem por dever amar a sua patria, servil-a, honral-a, defendel-a, essa obrigação é mais rigorosa para o soldado que, além do seu officio, do juramento de bem o desempenhar, tem após si uma serie ininterrompida de heroes, de varões illustres, cujas cinzas estremeceriam nos tumulos se vissem que lhes succediam homens fracos, pulsilanimes e cobardes que, no momento de perigo, desertavam da bandeira e abandonavam a patria, a patria que elles haviam defendido nos mais arriscados lances, em luctas assombrosas que foram o pasmo e admiração do mundo!

Ah! durmam felizes e tranquillas as cinzas d'esses heroes, que o soldado portuguez ainda lhes não deshonrou as memorias.

Se n'outro tempo tivemos um Affonso Henriques, um Affonso IV, um Mestre d'Aviz, um Nun'Alvares; se tivemos Almeidas, Albuquerques, Pachecos, Castros e Athaydes, tivemos depois intrepidos guerreiros e consummados generaes, como Mathias d'Albuquerque, Conde de Villa Flôr e Marquez de Marialva, e nos nossos tempos, para não citar mais, um Duque de Saldanha, um Coronel Galhardo, um Mousinho d'Albuquerque, um Azevedo Coutinho.

Se n'outro tempo tivemos as victorias de Ourique, do Salado, dos Atoleiros, d'Aljubarrota e Valverde; depois as de Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial, Castello Rodrigo e Montes Claros, n'este seculo temos a coroar o nosso exercito as victorias de Roliça, de Vimeiro, Torres Vedras, Bussaco, Campo-maior e ultimamente essas gloriosas campanhas de Africa, em que o exercito portuguez tem evidenciado o seu valor, fazendo estremecer de jubilo o coração da patria pela realisação dos mais arrojados feitos e dos mais heroicos brios.

Podemos, pois, affirmar com ufania que a bandeira portugueza, que fulgurou deslumbrante ao sol de cem batalhas e se

firmou inabalavel de um a outro extremo do mundo, é uma bandeira gloriosa que faz incender de enthusiasmo todo o portuguez que já lesse a sua historia.

Comtemplae-a e venerae-a, soldados portuguezes!

Erguei ás culminancias da gloria essa prodigiosa bandeira que não tem egual no mundo e que symbolisa o que ha de mais nobre, de mais elevado, de mais sublime: — Deus, patria, rei, familia, amigos, honra, gloria e fama.

E' hoje o dia solemne em que ratificaes o juramento prestado ao entrar nas fileiras d'um exercito, que mantém ainda a mesma coragem e valor d'outr'ora.

E' hoje o dia solemne da vossa consagração á patria, esta patria querida, onde nossas mães embalaram solicitas os nossos berços pequeninos e adormeceram com doces cantilenas o fructo abençoado dos seus amores.

E' hoje o dia solemne em que juraes seguir até á morte aquella bandeira sagrada que representa a nossa vida e a nossa independencia.

Defendei-a sempre atravez de todos os perigos; segui-a sempre com animo imperturbavel no meio de todos os combates e, se algum dia nos ardores da peleja, pretenderem arrancal-a de vossas mãos, imitae o heroismo assombroso d'aquelle Duarte d'Almeida que na batalha de Toro a segurou com os dentes por lhe terem já decepado os braços com que valorosamente a disputava á furia dos inimigos: — nobilissimo exemplo que a par de tantos outros enche de fulgor a historia collossal do povo portuguez!

Nós te saudamos, pois, ó sacra bandeira de Portugal, emblema venerando que, em todas as partes do mundo, onde tu fluctuas, nos avivas as saudades da terra que nos foi berço, enchendo-nos a alma e o coração dos mais entranhados affectos.

Oh! quando, longe do logar do nosso nascimento, encaramos as tuas mimosas côres, sentimo-nos enlevados n'um extasi amoravel e, transpondo mentalmente as maiores distancias do espaço, conseguimos contemplar em rapidos minutos os prados que nos sorriram na infancia, e estreitar bem junto ao peito a a figura, inapagavel da nossa memoria, de todos os entes queridos que nos aguardam o regresso ou que abalaram já para a viagem do tumulo, mysteriosa e eterna.

Salvé, bandeira portugueza, bandeira d'uma nação briosa que «durante oito seculos aponta na terra uma **illiada** de triumphos e aponta no mar uma **odisséa** de glorias!

«Bandeira de uma nação crente e audaz, que se firmou na Europa pelo valor de Affonso, que torneou a Africa pelo arrojo do Gama, que senhoriou a Asia pela intrepidez d'Albuquerque, que aportou á America pela fortuna de Cabral e que circuitou, que circumnavegou o mundo pelos transluminosos espiritos, pelas geniaes inspirações de Magalhães!»

Salvé, bandeira portugueza! symbolo glorioso dos feitos estrondosos de uma nação formosissima cuja historia é uma longa epopeia, cujo nome é um espelho de honra, um foco de immortaes recordações.

Soldados portuguezes!! eis alli o nosso estandarte

A audacia foi sempre o distinctivo do nosso caracter:—não recuemos nunca, já que temos por guia uma immaculada bandeira!

A crença foi sempre o timbre dos nossos heroes:— seja ella o estimulo que nos dê coragem e alentos para as luctas do futuro!

Defendei sempre a sagrada independencia, a honra sem mancha d'esta terra querida, d'esta terra abençoada que é o nosso berço, o nosso lar, o nosso tumulo, o nosso passado, o nosso presente, o nosso futuro, terra de nossas aspirações e ceu de nossos ideaes.

Por esta terra que pisaram tantos heroes, por esta terra de gloriosos martyres, eu vos peço, pois, a dedicação que nobilita, a fé que nos engrandece e o excelso amor da patria.

A reorganisação da Escola do Exercito

Está pendente da sancção parlamentar uma nova reorganisação da Escola do Exercito.

Lendo attentamente o plano d'essa reorganisação, tal como a imprensa o publicou, e concordando com algumas das suas disposições as quaes julgamos da maior vantagem, não podemos, todavia, deixar passar sem reparo outras que nos parecem pouco praticas ou não corresponderem ao fim que o nobre Ministro da Guerra tem em vista, como passamos a mostrar.

Pela nova organisação os lentes permanecem na Escola até attingirem o generalato. Não ha duvida que a Escola tem a maioria dos seus lentes mais distinctos nas patentes proximas de coronel e, portanto, a referida disposição ser-nos-hia sympathica e mereceria o nosso applau-

so, se, á parte o beneficio que importa para tão notavel grupo de professores, não ferisse os bons principios do indispensavel tirocinio para o generalato feito nas fileiras a largo periodo, e da necessidade de rejuvenescimento do corpo docente.

Com effeito, o professor da Escola do Exercito entra geralmente para lá novo ainda e conservando-se ali até ao generalato perde completamente os habitos de commando, se por ventura os chegou a adquirir, desconhece os homens, porque passou a vida longe do seu contacto, e assim ao sahir da Escola a sua acção directriz será frouxa, hesitante, falhando por vezes a iniciativa e sem o *entrain*, a energia, a acção prompta, a decisão que sómente o habito do commando póde dar, e sem o prestigio de chefe que apenas se adquire em annos seguidos de contacto com as tropas. De resto a experiencia está feita e bem conhecidas são as vantagens do actual regimen sobre o antigo, o qual tambem permittia a demora do lente na Escola até ao generalato, inutilizando-o, porém, para esta funcção.

Por outro lado tal disposição tem o grave inconveniente de não facilitar o rejuvenescimento do professorado, não estimulando assim muitos officiaes novos e estudiosos, entre os quaes sem duvida se encontram alguns com notavel proficiencia pedagogica, e que por certo iriam infiltrar no corpo docente novas aptidões, vigorosas energias e capacidades de trabalho que tão necessarias se tornam ao estudo das questões militares que mais e mais se vão complicando e difficultando.

Seria preferivel, pois, n'este ponto deixar as coisas como estão, fazendo-se, porém, os concursos para o corpo docente pela forma seguinte:

O concurso não seria nunca documental, mas por provas publicas, servindo os documentos apresentados sómente como elemento de preferencia em egualdade de classificações, mantendo-se tal como está a distribuição das cadeiras pelos diversos officiaes das diversas armas. As provas consistiriam:

1.° N'uma lição, em ponto tirado á sorte, em que o candidato mostrasse as suas qualidades pedagogicas.

2.° Trabalho escripto em assumpto á escolha do candidato;

3.° Trabalho escripto em ponto á sorte feito no praso de oito dias.

Finalmente discussão das materias expendidas n'estas dissertações.

*
* *

Pela remodelação do curso superior de guerra parece ter-se em vista difficultar a admissão, reduzindo ou eliminando até as vantagens actuaes. E senão vejamos.

Os officiaes que pretendam ser submettidos ao exame de admissão deverão ter menos de 32 annos de edade no primeiro dia do anno escolar; dos officiaes admittidos ao concurso serão apenas admittidos á matricula, por ordem de classificação, dez officiaes de infanteria, quatro de cavallaria, quatro de artilharia e dois de engenharia. O exame de admissão consta de duas partes: uma sobre conhecimentos geraes de culculo differencial e integral, mechanica, physica e chimica, geologia e economia politica; a segunda sobre historia e geographia militar, fortificação passageira, organisação e legislação militar, resolução de problemas elementares de tactica. São dispensados de qualquer ou de todas as disciplinas da primeira parte os candidatos que apresentarem certidões dos exames correspondentes nas polytechnicas ou universidade, apenas sendo admittidos á segunda parte os candidatos que na primeira obtiveram cota de merito sufficiente, e sendo apenas da segunda parte que depende a classificação final do exame. Nenhum candidato poderá ser submettido mais do que duas vezes ao exame de admissão, quer por ter sido reprovado nos exames anteriores, quer por a inferioridade da classificação obtida o ter inhibido da admissão.

Vê-se, pois, que por todos os modos se procura limitar e difficultar a admissão d'officiaes ao curso superior de guerra. Não se dão aos officiaes licenças para estudos nas polytechnicas; o candidato ou se preparará com explicadores para o concurso d'entrada ou terá que accumular a frequencia d'essas escolas com o serviço regimental. E isto vem ferir altamente a infanteria e a cavallaria porque lhes véda quasi completamente o ingresso no curso superior de guerra. Com effeito, o official d'infanteria sahe em geral da Escola do Exercito habilitado apenas com o primeiro anno das polytechnicas e depois, a não ser que arranje uma collocação favoravel, o que não é para todos nem é coisa garantida, terá que accumular

o seu serviço regimental com a frequencia da Polytechnica como alumno ou como ouvinte. Ora, todos sabem que de novembro a março o official tem a parte estil do dia tomada pela instrucção dos recrutas; depois ha o serviço interno, o de guarnição, a carreira de tiro, deligencias, etc., etc., o que o impedirá d'uma frequencia regular da Polytechnica. Accresce ainda a má vontade que por vezes se mostrará em conceder ao official licença para se ausentar do quartel antes da hora regulamentar.

Tudo isto colloca o official d'infanteria ou de cavallaria na fatal contingencia de abandonar os seus estudos e de deixar aos seus camaradas de artilheria e engenharia a exclusiva frequencia do curso superior de guerra, pois que estes, habilitados desde os seus cursos com os preparatorios exigidos, não precisarão voltar ás polytechnicas a não ser para a geologia, bastando-lhes deixar correr tres annos de serviço effectivo e attingir o posto de tenente.

Depois, para que aquelle limite de edade tão baixo?

Dada a contingencia de o candidato no primeiro concurso poder ser reprovado ou excluido por inferioridade de classificação, como sómente passados dois annos (base 19.º) poderá ir a novo concurso, a que alias já não será admittido, tendo mais de 32 annos no primeiro dia do anno lectivo a frequentar, pode-se dizer que o official terá de concorrer antes de 30 annos, o que, sem duvida alguma, é pouco para um candidato a quem se exige pelo menos o posto de tenente e tres annos de serviço effectivo como official. Mas tendo o official conseguido transpor as forças caudinas da admissão, e tendo afinal completado o curso, curso que deverá fazer d'um folego e com plena felicidade, porque a reprovação ou falta de media n'uma só cadeira que seja (base 22.ª) importa a perda do curso e a immediata remessa para o serviço, quaes são as suas regalias e vantagens?

Feitos seis mezes de serviço em cada uma das armas a que não pertença e depois dois annos de tirocinio nos serviços do estado-maior, sendo um nos quarteis generaes, poderá o official entrar no quadro do Serviço d'Estado-Maior nas vacaturas correspondentes á sua arma, tendo a actual acceleração de promoção, se tiver classificação final de *distincção*, tendo boas informações nos diversos tirocinios e sendo julgado idoneo para o serviço de estado-maior pela respectiva commissão d'aperfeiçoa-

mento, passando então a vencer as gratificações de engenharia e usando o distinctivo do E. M.

Se não lograr a *distincção*, embora satisfaça ás outras condições, não entrará no quadro do S. E. M., sendo apenas chamado a este durante seis mezes em cada posto ou quando as circumstancias do serviço o exigirem e não terá as outras vantagens referidas (nem sequer os distinctivos), sendo apenas preferido para ajudante de campo ou official ás ordens d'um general e ainda para major de brigada na falta de officiaes do S. E. M.

Isto tudo significa uma simples coisa: as melhores informações nos tirocinios, na vida pratica do exercito, a mais notavel capacidade para o S. E. M. affirmada pela respectiva commissão d'aperfeiçoamento, de nada valem em presença d'uma nota inferior a 15 devida a uma má hora de lição, a uma péga no exame ou á má vontade d'um professor não diluida pela subserviencia do alumno! Isto assim é inadmissivel. Em quaesquer carreiras scientificas e muito principalmente na carreira das armas, o mais classificado das escolas não é sempre o profissional de mais valor. A verdadeira proficiencia, a aptidão a valer manifestam-se ou desenvolvem-se mais tarde, na vida pratica, nos diversos tirocinios criteriosamente conduzidos e muitas vezes o antigo *cabula* da escola excede avantajadamente, os alumnos classificados e até premiados, os quaes, mediante um curso brilhante, ficarão com a cabeça cheia de ideias, mas de ideias ôccas, estéreis, nada produzindo e executando mal por falta d'espirito pratico e de applicação.

Taes são, pois, as difficuldades e as provas que o candidato ao E. M. tem a vencer e sem vantagens compensadoras, que a pôr-se em execução a projectada reforma, em breves annos, ficarão as aulas do C. S. de G. fechadas por falta d'alumnos e então forçoso será voltar á liberal organisação hoje em vigor, embora modificada n'alguns pontos.

De resto, que inconveniente ha em facilitar a frequencia do referido curso aos officiaes estudiosos que desejem aperfeiçoar e completar os seus conhecimentos militares? Que inconveniente ha em que pelos regimentos haja espalhada uma pleiade de officiaes habilitados com o curso superior de guerra e conhecedores da tactica e serviço das diversas armas. A instrucção, o serviço e o bom nome do exercito lucrariam com isso. Por outro lado n'es-

ses officiaes e apóz um periodo de tirocinios e de trabalhos praticos bem orientados, se poderia fazer uma cuidadosa escolha, obtendo-se um grupo d'officiaes do melhor quilate garantido pelas mais valiosas provas dadas nos diversos serviços, sem a preoccupação das notas da Escola, tão falliveis.

Nada, pois, de difficuldade na admissão e na frequencia dos alumnos no C. S. de G.; exijam-se garantidos de valor militar e sujeitem-se os diplomados a provas demoradas, bem escolhidas e orientadas em todos os ramos do S. E. M., só depois do que e apenas pelo valor de taes provas se deverá proceder á selecção dos officiaes.

L.

A instrucção de gymnastica e o concurso realisado no batalhão de caçadores n.º 1

No dia 24 de março findo realisou-se no quartel do batalhão de caçadores n.º 1, em Abrantes, uma festa militar que, sob todos os pontos de vista, foi muito apreciada.

Essa festa consistiu n'um concurso de gymnastica para a distribuição de seis premios, offerecidos pelos officiaes do corpo, ás praças que maior aproveitamento apresentassem.

O contingente de recrutas que o batalhão recebeu em 1906 tomou todo parte no concurso, para cujo effeito foi dividido em tres escolas, que executaram trabalhos em harmonia com o estado de desenvolvimento e aptidão das praças que as compunham. Para cada escola foi destinado um primeiro e um segundo premio.

Trabalhos executados

1.ª Escola

(*a*) Movimentos de conjuncto
- Movimentos livres;
- » com arma;
- » de natação;
- Esgrima de bayoneta.

(*b*) Lucta de tracção.
(*c*) Jogo do eixo.
(*d*) Corrida de velocidade.

2.ª Escola

(*a*) Subidas á barra com auxilio das pernas e descer resistindo.
(*b*) Subidas á barra levantando alternadamente os ante-braços e descer voltando pela frente.
(*c*) Subidas á barra elevando-se sobre os ante-bráços e transpôr a barra passando as pernas á direita ou á esquerda dos braços.
(*d*) Trepar ao portico por cordas e varas.
(*e*) Passagem do portico.
(*f*) Passagem da viga por dois homens, marchando em sentido contrario.
(*g*) Transpôr a viga passando as pernas á direita ou á esquerda dos braços (altura da viga 1m,40).
(*h*) Transpôr a viga com as pernas entre os braços (altura da viga 1m,18).
(*i*) Saltos em profundidade de 3m,30.

3.ª Escola

(*a*) Escalar um muro de 5m,80 d'altura com auxilio de corda inclinada.
(*b*) Saltos em altura até 1m,30.
(*c*) Saltos em largura até 5m,05.
(*d*) Transpôr, saltando, o parapeito d'uma trincheira abrigo portugueza, na 3.ª phase.
(*e*) Escalar um muro de 2m,80 d'altura, auxiliando-se as praças mutuamente (em 20").

Resultados physicos obtidos

Damos em seguida uns quadros comparativos das varias medidas tomadas na occasião do alistamento e no fim da instrucção:

N.º 1

Quadro comparativo das maximas e minimas medidas achadas

Medidas	Maximas			Minimas		
	No alistamento	No fim da instrucção	Differença para mais	No alistamento	No fim da instrucção	Differença para mais
Pezo	65k	69k	4k	48k	49k	1k
Perimetro toraxico ...	0m,92	0m,93	0m,01	0m,77	0m,78	0m,01
Perimetro das ancas ..	0m,90	0m,93	0m,03	0m,76	0m,79	0m,03
Força do braço	70k	80k	10k	20k	40k	20k
Força dos musculos, extensões do tronco ..	160k	180k	20k	40k	70k	30k

N.º 2

Quadro das medias, por companhias, das diversas medidas na occasião do alistamento

Companhias	Pezo	Perimetro thoraxico	Perimetro das ancas	Força do braço	Força dos musculos extensores do tronco	Observações
1.ª.....	54k	0m,71	0m,83	33k	93k	22
2.ª.....	56	0m,85	0m,75	37	94	23
3.ª.....	55	0m,83	0m,82	42	96	20
4.ª.....	56	0m,84	0m,83	42	99	23
5.ª.....	56	0m,83	0m,83	35	107	21
6.ª.....	56	0m,84	0m,83	35	91	23
Media geral	55k,5	0m,81	0m,81	37k,3	95	132

Não foram tomadas as medidas anthropometricas craneanas, verificação das anomalias, caracteres intellectuaes, etc., por carencia de material apropriado e tempo disponivel; não obstante, ainda foram feitos alguns estudos sobre esses assumptos, não sendo comtudo completados de forma a produzirem dados de valor.

N.º 3

Quadro das medias, por companhias, das diversas medidas depois da instrucção

Companhias	Pezo	Perimetro thoraxico	Perimetro das ancas	Força do braço	Força dos musculos extensores do tronco	Observações
1.ª.....	58k,8	0m,84	0m,85	55k,8	126k	19
2.ª.....	57k,9	0m,84	0m,85	56	140	20
3.ª.....	57k,9	0m,84	0m,85	61	150	17
4.ª.....	59k,6	0m,85	0m,85	62	135	21
5.ª.....	59k,7	0m,84	0m,85	60	141	19
6.ª.....	58k,7	0m,84	0m,85	58	143	20
Media geral	58k,7	0m,84	0m,85	58k,8	139k	116

N.º 4

Quadro das differenças, para mais ou para menos, das medias das diversas medidas antes e depois da instrucção

Companhias	Pezo		Perimetro thoraxico		Perimetro das ancas		Força do braço		Força dos musculos extensores do tronco	
	+	−	+	−	+	−	+	−	+	−
1.ª...	4k,8	−	0m,13	−	0m,02	−	22k,8	−	33k	−
2.ª...	1k,9	−	−	0m,01	0m,01	−	19	−	46	−
3.ª...	2k,9	−	0m,01	−	0m,03	−	19	−	54	−
4.ª..	3k,6	−	0m,01	−	0m,03	−	20	−	36	−
5.ª...	3k,7	−	0m,01	−	0m,03	−	25	−	34	−
6.ª...	2k,7	−	−	−	0m,03	−	23	−	52	−
M. ger.	3k,2	−	0m,03	−	0m,04	−	21k,3	−	42k,5	−

As differenças que existem nas medias geraes das forças de braço e dos musculos extensores do tronco, subtrahindo as do quadro n.º 3 das do n.º 2, comparativamente com as do n.º 4, são devidas ás fracções desprezadas.

*
* *

Como se verifica pelo que fica exposto, os resultados obtidos em quatro mezes de instrucção gymnastica foram muito satisfatorios.

De homens bisonhos, com os movimentos presos, conseguiu-se fazer soldados desembaraçados, elegantes e garbosos, ao mesmo tempo que se lhe elevava o moral, quer pela instrucção litteraria ministrada nas escolas regimentaes, quer pelos exemplos e conselhos dados pelos superiores.

Toda a instrucção gymnastica foi ministrada pelo alferes sr. Agostinho Barreto d'Oliveira que, com todo o zelo e proficiencia conseguiu o maximo que é possivel em tão escasso periodo de tempo, merecendo os maiores elogios de todos os seus camaradas e do commandante do batalhão, sr. tenente-coronel André J. de Bastos, que ficou muito bem impressionado com os resultados obtidos, dirigindo palavras agradaveis ao referido official, incumbindo-o de as transmittir a todos os seus auxiliares.

Abrantes, 18—4—907.

J. Camacho
Capitão de caçadores.

OS SARGENTOS

(Continuação)

O quadro seguinte mostra a differença de vencimentos de reforma dos sargentos nos diversos serviços do exercito:

I

Quadro designativo da reforma maxima concedida aos sargentos do exercito

Postos	Vencimentos actuaes de reforma nos diversos serviços			Vencimentos de reformas propostas para os sargentos das diversas armas e serviços do exercito (aos 30 annos de serviço)
	Guarda municipal (aos 30 annos de serviço)	Guarda fiscal (aos 25 annos de serviço)	Diversas armas do exercito e outros serviços (aos 30 annos de serviço)	
Sargentos ajudantes ..	$800	$675	$700	800 réis diarios.
Primeiros sargentos .. .	$700	$665	$600	800 réis diarios.
Segundos sargentos ..	$600	$575	$450	500 réis diarios.

Entendeu a commissão ser de equidade que se estendesse aos sargentos de todos os serviços do exercito o beneficio derivado d'esta pequena melhoria de reforma, que aproveita especialmente aos primeiros sargentos, visto que os segundos sargentos da guarda municipal e fiscal, teem já consignados vencimentos superiores aos que se propõem, como é facil verificar á simples inspecção do quadro anterior.

*

* *

Uma providencia de relativa importancia chamou principalmente a attenção da commissão. É a que se refere á ampliação do limite de edade dos 35 aos 45 annos para a promoção dos sargentos ajudantes e dos primeiros sargentos ao posto de alferes.

O limite dos 35 annos fôra estabelecido pela carta de lei de

23 de junho de 1880, que, em artigo especial, resalvava, porém, o direito á promoção com qualquer edade aos sargentos ajudantes e aos primeiros sargentos existentes na data da publicação d'esta carta de lei.

Esta restricção ia implicitamente protelar até 1894 a execução da providencia relativa ao limite de edade, visto ser de 14 annos, proximamente, a media do tempo de serviço necessario no posto de primeiro sargento para se poder ascender ao de alferes.

O decreto n.º 8 de 10 de janeiro de 1895 preceituava novamente no seu artigo 7.º que nenhum sargento ajudante ou primeiro sargento poderia ser promovido a alferes na effectividade do serviço depois de haver completado 35 annos de edade.

A mesma disposição era ainda inserta no artigo 7.º da carta de lei de 13 de maio de 1896, que, todavia, no seu artigo 14.º declarava não ser applicavel aos sargentos-ajudantes e aos primeiros sargentos existentes em 10 de janeiro de 1895.

O artigo 11.º da carta de lei de 12 de junho de 1901 limita ainda a 35 annos a edade para o accesso ao posto de alferes, mas o artigo 119.º da mesma carta de lei exceptua novamente dos effeitos da doutrina do citado artigo 11.º os sargentos-ajudantes e primeiros sargentos existentes em 10 de janeiro de 1895.

Estas successivas renovações do periodo transitorio deram em resultado o não haver tido ainda applicação pratica a disposição relativa ao limite de edade para os officiaes inferiores do exercito.

Deveriam ser attingidos por esta disposição muitos dos primeiros sargentos promovidos depois de 10 de janeiro de 1895, mas os individuos n'estas condições, ficando ao abrigo do disposto no artigo 6.º da carta de lei de 14 de novembro de 1901, offereceram-se para ir servir no ultramar no posto de alferes.

Facilitando-se esta sahida aos primeiros sargentos do exercito do reino em proporções mais amplas do que seria razoavel fazer, veio complicar-se novamente a questão do limite de edade.

De 1902 a 1905 foram promovidos a alferes para o ultramar 132 sargentos da arma de infantaria, a maior parte dos quaes seriam inevitavelmente attingidos pelo limite de edade.

Estes officiaes, regressando ao continente, depois de terminada a sua commissão de serviço, veem preencher o terço das vagas que successivamente occorrerem no posto de alferes.

Regulando por 20 a media annual das promoções na classe dos primeiros sargentos de infantaria, é facil comprehender que a promoção dos actuaes primeiros sargentos vae ficar paralysada durante um periodo de 6 a 7 annos.

N'estas circumstancias, os primeiros sargentos que, em condições normaes de promoção, tinham todas as probabilidades de ascender ao posto immediato, serão necessariamente attingidos pelo limite de edade aos 35 annos, facto que para muitos não se daria, se em 1902 não se houvesse permittido a sahida para o ultramar a tão avultado numero de primeiros sargentos.

Para remediar pois este estado de cousas entendeu a commissão, de harmonia com o pensamento do Governo, que era justo e equitativo alargar de 35 a 45 annos o limite fixado para a promoção dos primeiros sargentos a alferes.

N'esta ordem de ideias, a commissão foi de parecer que, em conformidade com a doutrina do relatorio que precede a proposta do Governo, se consignasse no projecto definitivo de lei que os

subalternos que excedessem 45 annos de idade fossem de preferencia collocados nos districtos de recrutamento e reserva os de infanteria, e escolhidos para o serviço de recrutamento de animaes e vehiculos os de cavallaria.

A commissão julgou tambem conveniente modificar o vencimento consignado no artigo 3.º da proposta de lei passando o vencimento mensal de 25$000 réis a vencimento diario de 800 réis, porque, sendo concedida pelo decreto de 19 de outubro de 1900 a graduação de alferes aos primeiros sargentos que completem 25 annos de serviço, não poderia a percentagem d'aquelles que se reformam com menos de 25 annos de serviço e sem a graduação de alferes incidir sobre um soldo mensal, mas mais propriamente n'um vencimento diario, como já estava estabelecido nos artigos 1.º e 2.º em relação ás tabellas que acompanham o supracitado decreto.

Pareceu á commissão de certa conveniencia aproveitar na reserva os serviços dos primeiros sargentos que, tendo trinta annos de serviço, fossem sómente julgados incapazes do serviço activo, conservando-os n'essa situação até completarem cincoenta e dois annos, por ser essa a edade em que o § 1.º do artigo 1.º do decreto de 19 de outubro de 1900 permitte que as praças de pret sejam reformadas sem intervenção da junta hospitalar de inspecção. N'essa conformidade é introduzido um paragrapho ao artigo 2.º da proposta de lei.

Pareceu racional e justo á commissão que, em analogia com o proposto no artigo 2.º do projecto de lei n.º 17, já discutido e approvado nas duas casas do Parlamento e convertido em lei do paiz, deveriam tambem tornar-se extensivas aos actuaes alferes reformados provenientes da classe dos primeiros sargentos as disposições d'aquelle projecto de lei, porque o augmento de despeza d'ahi resultante pouco excederia a 5.000$000 réis, como pode verificar-se pela simples inspecção do quadro II.

II

Quadro demonstrativo do augmento de despeza derivado da applicação das disposições do presente projecto de lei aos actuaes alferes reformados provenientes da classe de sargentos

Alferes reformados		Vencimento diario actual	Despeza annual com o actual vencimento	Despeza annual com o vencimento a que ficariam com direito	Vencimento diario com que ficariam	Differença para mais annualmente
Numero de officiaes	Numero de annos de serviço quando se reformaram					
2	30 ou mais	700	504$000	576$000	800	72$000
3	25 a 30	600	648$000	691$200	640	43$200
3	30 ou mais	560	604$800	864$000	800	259$200
3	25 a 30	560	604$800	691$200	640	86$400
27	30 ou mais	500	4:860$000	7:776$000	800	2:916$000
37	25 a 30	500	6:660$000	8:524$800	640	1:864$800
	Somma...	.....	13:881$600	19:123$200	.....	5:241$600

Levada pelo seu espirito de equidade, a commissão julgou altamente humanitario o minorar um pouco as condições precarias em que se encontram velhos servidores do Estado, hoje reformados, sargentos sexagenarios e septuagenarios, que, no ultimo quartel da vida, arrastam a sua existencia com vencimentos deficientissimos, variando de 155 a 225 réis diarios, que a commissão entendeu deverem ser elevados, sem distincção, a 260 réis diarios, por ser este o actual pret de um segundo sargento não readmittido.

A despeza resultante d'este pequeno augmento é de réis 1:171$825, como se vê da analyse do quadro III.

III

Quadro demonstrativo da despeza a fazer com os actuaes sargentos reformados que percebem menos de 260 réis diarios, com indicação do augmento de despeza, no caso dos seus vencimentos se elevarem áquella quantia

Sargentos reformados		Despeza annual com o actual pret	Despeza annual com o pret elevado a 260 réis	Differença p.ª mais annualmente
Numero de sargentos	Pret diario actual			
3	155	169$725	284$700	114$975
28	175	1:788$500	2:657$200	868$700
2	178	129$940	189$800	59$860
3	200	219$000	284$700	65$700
3	215	235$425	284$700	49$275
1	225	82$125	94$900	12$775
Somma		2:624$715	3:796$000	1:171$285

O augmento total da despeza resultante d'este projecto de lei seria de 6:412$885 réis

Para fazer face a este augmento de despeza, creando uma receita correlativa, entendeu a commissão que poderia recorrer-se em mais larga escala á concessão de licenças dadas ás praças de pret em diversas épocas do anno e mui especialmente por occasião do Natal, Entrudo e Paschoa. N'esse intuito, a commissão propõe a creação de um fundo subsidiario de reformados, destinado a occorrer ao excesso de despeza que, pela approvação d'este projecto de lei, venha a onerar o Thesouro Publico.

Não é ideia da commissão o lesar os fundos das escolas regimentaes, a que hoje se dá tão proveitosa e civilisadora applicação. Ao contrario, pelas providendias propostas, esse fundo augmentará, não só pelo acrescimo do numero de dias de licença a conceder ás praças, mas ainda porque os saldos positivos do fundo de reformados reverterão a favor dos fundos das escolas regimentaes

Um ligeiro calculo virá comprovar plenamente esta asserção.

(*Continúa*).

Secção do extrangeiro

Inglaterra. — O exercito inglez pensa em adoptar nos campos de manobra uma pratica ha muito usada pelos japonezes, e vem a ser marcar com pequenas bandeirolas as posições conquistadas durante as manobras.

As vantagens d'esta innovação japoneza são: evitar que as tropas façam fogo sobre as do seu partido, e despertar nos soldados um grande enthusiasmo e emulação, por que todos querem ser os primeiros a collocar a bandeira na posição conquistada.

Segundo informa «*The Army & Navy Chronicle*» já foi feita a respectiva proposta para que nas proximas manobras inglezas seja posta em pratica esta medida.

Allemanha. — Parece que as nações se pretendem enganar umas ás outras procurando entreter os espiritos das suas populações com o sonho dos desarmamentos.

Ainda ha pouco tempo appareceu um artigo na *Gazette de Voss*, firmado por Hermann Muller, que é um grande influente no partido liberal democratico.

Esse artigo intitulado «O desarmamento e os partidos» põe a questão nitida e clara.

«Nós devemos, desgraçadamente, diz o sr. Muller, contar com a viva antipathia que nas espheras influentes da Inglaterra se experimenta pela Allemanha, começando a pesar no espirito do povo allemão a consciencia de um isolamento ameaçador.

«Mas a essa pressão que se pretende exercer sobre nós respondemos com uma contrapressão que é reconfortante.

«Nós queremos a paz, mas conhecemos que se nos pretende impor, por intermedio da França, complicações que conduzem á guerra, que não poderemos talvez evitar sem menoscabo do bem estar e da dignidade do imperio.

«Conta-se com este perigo em todas as classes da população allemã e conclue-se que é necessario augmentar os recursos destinados a cobrir as despezas com os preparativos militares, abstendo-se de todas as despezas que não são absolutamente urgentes para evitar tudo quanto possa diminuir a potencia financeira da patria em detrimento dos seus meios de defesa.

«A questão do desarmamento, á qual se liga os interesses da paz, tem sido objecto de discussões entre os differentes Estados. Quem quer a paz, deve, primeiro que tudo, respeitar a independencia das nações».

*

O governo allemão acaba de conceder a subvenção de 112 contos de réis ao conde Zeppelin para a reconstrucção do seu balão dirigivel, dizendo-se que as experiencias recomeçarão sobre o lago de Constança.

Consta que o novo aerostato será munido de projectores electricos e de um apparelho de telegraphia sem fios.

Japão. — A commissão encarregada de propôr a reorganisação do exercito pronunciou-se por unanimidade pela creação da infanteria montada.

Vamos transcrever as proprias palavras do relatorio da commissão: — «Com os melhoramentos incessantes introduzidos nas armas de fogo, as cargas de cavallaria serão cada vez mais raras. A fadiga dos cavallos depois de um ataque d'esta natureza é sempre muito grande o que abate e reduz a energia da perseguição. Ao contrario na infanteria montada os cavallos podem repousar durante o combate, ficando frescos e desponiveis para a perseguição. Uma outra vantagem da infanteria montada é que ella é egualmente apta para a offensiva como para a defensiva, o que se não pode dizer da cavallaria. Além d'isto a instrucção eques tre dos homens exige pouco tempo, devendo ligar-se maior importancia a uma boa instrucção do tiro. Emfim, é preciso ainda mencionar que o recrutamento dos homens e dos cavallos da infanteria montada é muito simples, o que é de uma grande importancia sob o ponto de vista economico. Mas de modo algum o projecto da criação da infanteria montada deve trazer comsigo a diminuição da cavallaria».

A *France Militaire* commentando o parecer acima referido diz «que a infanteria montada custará tanto como a cavallaria e que esta arma estando bem instruida no combate a pé, pode resolver, por meio das suas carabinas, todos os problemas que se podem offerecer á infanteria montada».

*

O estado-maior-general do exercito nipponico considera o agrupamento de 4 divisões como um minimo necessario para a instrucção do commando e do estado-maior.

Em conformidade com este parecer corre como certo que no presente anno nas grandes manobras do exercito tomarão parte 4 divisões.

Parece que sendo consideraveis as despezas que acarretam manobras tão importantes, estas terão logar de dois em dois annos.

Suissa. — Presentemente trabalha-se com toda a actividade na fabrica de munições de Thun no estudo de uma nova bala para infanteria.

Este novo modelo, que é balisticamente muito superior ao antigo, foi inspirado na balla D, franceza, e S, allemã.

Nós desinteressámo-nos de tão assignalado progresso.

Mas a culpa d'esse desastre não foi da infanteria.

10.º ANNO JULHO DE 1907 N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

METRALHADORAS

(*Continuado do n.º 6 — 1907*)

A *culatra movel* comprehende:

tirante esquerdo (31) com guia (84);
tirante direito (31 a) com guia (84), detentor da cambota (85), e mola detentora do porta-cartuchos (85 a);
cambota (27) com eixo hexagonal (75) e arvore (28);
biela com serrilha (25) e porca (29);
eixo de biela (26) e cavilha;
manivela d'armar (57) com botão (60), abertura hexagonal para o eixo da cambota (78) e parafuso-cavilha;
cadeia articulada (64) e cambota (77).

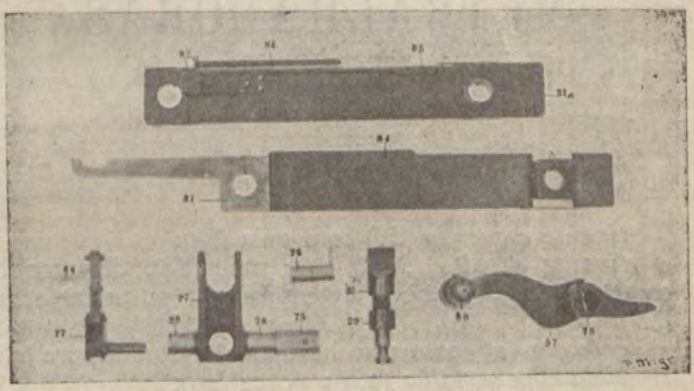
A' culatra movel pertence o *bloco,* constituindo um systema composto de:

Esquadro (1) com a espera superior do porta-cartu-

chos (19), ranhura para a mola detentora do porta-cartuchos (20) e mortagens e furos para alojamento das peças que sobre elle se montam;

porta-cartuchos (16), com orelhas (18), duplo-extractor e guias dos cartuchos (17), furo para a ponta do percutor (87), aberturas de passagem dos fixadores e apoios da alavanca dupla de elevação do porta-cartuchos;

fixadores: superior (21) e inferior (24) dos cartuchos;
mola do fixador superior (22);
tampa da caixa do fixador superior (23);
alavanca dupla de elevação do porta-cartuchos (11) com eixo (12);
forquilha de fixação (14);
eixo da forquilha (15);
cavilha mola do eixo (15 a);
detentor (2), eixo (4) e mola (3);
percutor (5) e *mola do percutor* (10);
noz (6) e *eixo da noz* (7);
desarmador (8) e *eixo* (9).

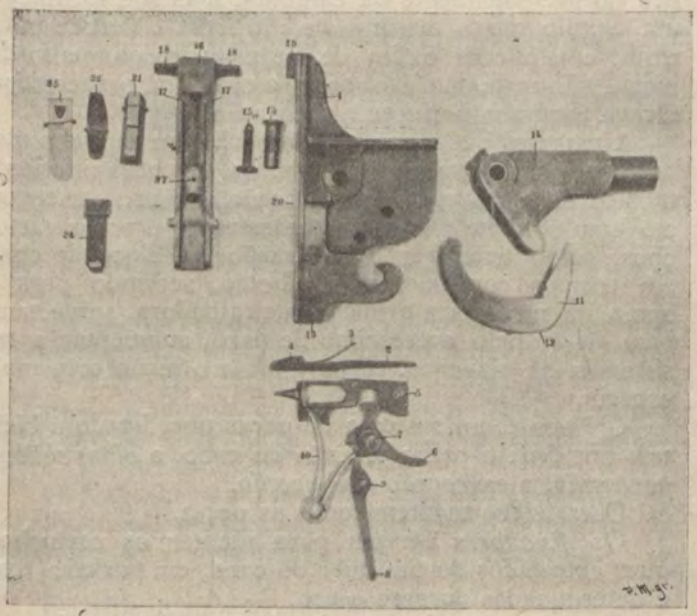


O *tirante esquerdo* tem um prolongamento com um chanfro destinado a arrastar a alavanca angular do alimentador com o fim de mover o transportador e impulsores da fita carregadora.

O *tirante direito* tem uma mola chata destinada a manter o porta-cartuchos elevado quando, faltando-lhe o apoio da alavanca dupla de elevação no primeiro momento do recúo tende a descer, indo, sem elle, de encontro ás guias das faces lateraes da caixa da culatra.

Tanto um como outro teem á frente os furos para a ligação ao cano e á retaguarda os cussinetes para a passagem da arvore da cambota e reforçados para se guiarem nas mortagens das paredes lateraes da caixa da culatra.

A *cambota* tem por fim enrolar a cadeia articulada dando bastante tensão á mola recuperadora para os esforços que tem a vencer para completar o cyclo de movimentos necessarios ao tiro automatico; e por meio da biela, armando a noz e desarmando o detentor do percutor, levar o bloco á frente, obturando o cano e deixando a metralhadora prestes a novo tiro.



A *cadeia articulada* liga-se por um lado ao eixo da arvore da cambota e pelo outro aos gaviões da mola recuperadora. A sua ligação á arvore é feita por forma a só ser solidaria no seu movimento com ella, depois de esta começar a rodar e com o fim de, no primeiro movimento do rêcúo, emquanto a bala gira no cano, não lhe offerecer muita resistencia. A mola recuperadora a que está ligada distende-se n'aquelle momento; e só quando a bala sahiu do cano e os gazes á bocca fazem accele-

rar e augmentar consideravelmente a força do recúo, é que a cadeia tem movimento solidario de rotação com a arvore da cambota.

A *biela* tem um comprimento exacto para cada cano com que o bloco trabalha e que póde variar de um para outro. Se ella fôr curta, a obturação não é completa, e se fôr longa em demasia, não pode tomar a posição conveniente. E' para que este comprimento seja o conveniente, que n'algumas bielas se vê um ou dous delgadissimos anilhos, ajustados pela porca contra a haste da biela.

Quando ella está na sua posição conveniente, não fica no prolongamento da cambota, mas sim formando um angulo muito proximo de 180° com o vertice para cima, e isto com o fim de. no primeiro momento do recúo, não se poder fazer rodar a cambota, o que prejudicava tornando perigosa a obturação.

A *manivella d'armar*, desempenha um capital papel no funccionamento da metralhadora. A curva inferior é talhada de forma a durante o recúo, sempre em contacto com o rolete não só fazer destravar o porta cartuchos, como accelerar a separação do bloco do cano em tempos convenientes. O botão, servindo para o apoio da mão para armar a metralhadora, serve tambem para, pelo accrescimo de pezo, augmentar a resistencia da alavanca, *disparando-a* o recúo com mais energia.

O bloco é um systema de peças que, ligado á biela tem por fim: o *carregamento* do cano, a *obturação*, a *percussão*, a *extracção* e a *ejecção*.

O *esquadro* mantem todas as peças.

Os *fixadores* servem para manter os cartuchos, quer extrahidos da fita quer do cano, em posições fixas e determinadas durante o tiro.

O *porta-cartuchos*, conduz os cartuchos aos logares convenientes para as operações do tiro por meio de duas fortes e longas garras parallelas, verticaes e ajudado pelos fixadores. Na parte superior tem as orelhas que servem para, por meio das garras da caixa da culatra assegurarem os seus regulares movimentos de recúo, descida, avanço e subida, indispensaveis aos cartuchos a que está ligada.

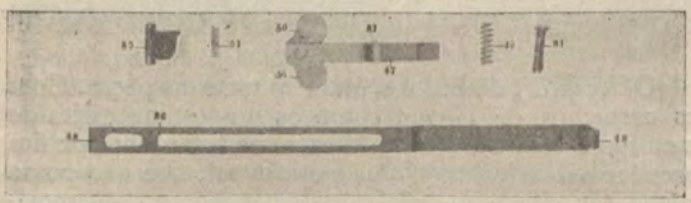
A *alavanca dupla de elevação* de porta-cartuchos. accionada pela *forquilha*, eleva ou permitte abaixar

porta-cartuchos e é fixada por esta por meio de pequenos entalhes que tem abertos.

A *forquilha de fixação* arma o percutor por meio da nóz e o desarmador; e desarma o detentor quando a obturação é perfeita. Cerra fortemente o bloco contra o cano, e é accionada pela biela a que se une, por ligação, chamada de bayoneta.

O *mechanismo de disparar* é composto de:

gatilho (47) com pressores (50);
eixo (81);
mola (49);
haste (48) com saliencia (86);
fecho de segurança (83) e *mola do fecho* (51).



Os *pressores* do gatilho são destinados a receberem as pressões dos pollegares, para o tiro.

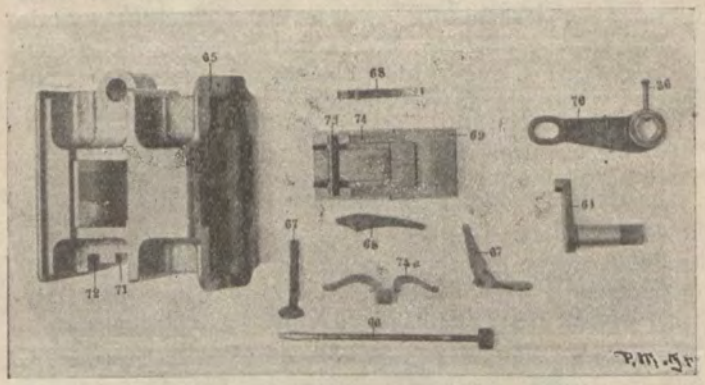
A *haste* girando no fundo da caixa da culatra é puchada á retaguarda pela cauda do gatilho e attinge o desarmador que força a disparar o percutor, quando livre do detentor.

O *fecho de segurança*, de aço, não permitte que o gatilho funccione, sem que se faça descer primeiramente forçando ao mesmo tempo, um dos pressores.

O *Alimentador* comprehende:

receptor (65) com guia-mola do cartucho (71) e espera do cartucho (72);
braço inferior da alavança angular (61);
braço superior da alavanca angular (76) e cavilha (36);
transportador (69) e eixo dos impulsores (73);
mola dupla dos *impulsores* (74);
impulsores (68);
fixadores (67);

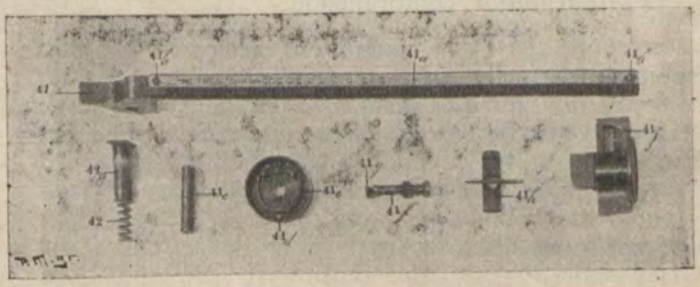
mola dupla dos fixadores (74 a);
eixo dos fixadores e sua mola (66).



O *receptor*, de bronze, mantem todas as peças. Com os cartuchos de *gorno*, como os nossos, necessita de uma mola com um dente no extremo, que tem por fim prender os cartuchos n'uma posição tal, que não possa evitar ser agarrado pelo porta-cartuchos no seu movivento de subida.

A *alavanca angular* é accionada inferiormente pelo tirante esquerdo quando o cano recúa, e superiormente ligado ao *transportador*, obriga este a, a cada tiro, arrastar comsigo os *impulsores* que empurram a fita pondo um cartucho no logar apropriado e mantendo-o ali, juntamente com os *fixadores*, até que elle seja extrahido da fita.

A *alça*, finalmente, é composta de:



haste com cremalheira (41), lamina graduada (41 a) e parafusos de lamina (41 b);
eixo da haste (41 c);
botão serrilhado (41 d) e mola de dous ramos (41 e);
eixo com carreto (41 f) e parafuso de eixo (41 g);
travador dentado (41 h) com cavilha;
cursor (41 j);
mola da alça (42) e batente-movel (42 a).

Facil é, pela inspecção das figuras, reconhecer o fim a que as differentes peças são destinadas.

IV

Funccionamento do machinismo

Supponha-se a metralhadora armada e carregada para o tiro continuo e fazendo descer a segurança e premindo o gatilho, faça-se partir o tiro.

Premindo o gatilho a sua cauda arrasta a haste que, puxando o desarmador, solta a noz e a acção da mola do percutor exerce-se sobre este, completamente livre.

A bala percorre o cano produzindo um recúo de cêrca de 5^{mm}, o que faz recuar os tirantes, o cano e o bloco solidariamente, distendendo muito pouco a mola recuperadora. Logo no primeiro momento do recúo o porta-cartuchos tende a descer, por lhe faltar o apoio da alavanca de elevação, mas a isso obsta a mola que se acha no tirante direito.

Ao sahir a bala do cano, os gazes projectam-se contra o batente do reforçador do recúo, fazendo pressão sobre o ampliador da face anterior do cano, obrigando-o a recuar violentamente. Este segundo recúo é de cêrca de 20^{mm}. Os tirantes recuando, arrastam o bloco; a manivella d'armar escorrega sobre o rolete fazendo dobrar a cambota, enrolar a cadeia articulada e distender a mola recuperadora

O tirante esquerdo, indo de encontro á alavanca angular do translactor obriga este a deslocar-se para a direita e põe os impulsores tambem á direita d'um novo cartucho. Esta acção só se exerce depois do bloco ter extrahido o anterior cartucho em virtude do longô vasado da haste anterior do tirante.

A alavanca d'armar, seguindo pelo contorno da sua parte inferior sempre encostada ao rolete, faz dobrar a cambota.

A alavanca de fixação desce, e forçando a cauda da noz a descer tambem, arma o detentor e o desarmador. As orelhas do porta-cartuchos seguem as guias superiores das paredes lateraes da caixa da culatra que o manteem, tendo arrastado comsigo um novo cartucho da fita e extrahido o detonado da camara, se o houver. Chegando ao extremo retrogrado do movimento, pela gravidade e pelas vibrações que toda a arma soffre, desce, seguindo ainda a guia. O cartucho novo fica no alinhamento da alma do cano e o detonado no do canal ejector. N'esta posição o esquadro do bloco sahiu fóra das guias dos tirantes, mas mantem-se na mesma altura pela acção das guias de bronze da tampa da caixa da culatra, apoiado apenas nos tirantes.

Até agora todas estas acções se deram por effeito do recúo proprio e augmentado pelo reforçador. Entrando a seguir em acção a mola recuperadora.

Logo que a acção do recúo cessa, tendo produzido todos os movimentos atraz descriptos, a mola recuperadora, contrahindo-se, faz voltar o cano ao seu logar, que força, com o tirante esquerdo, a mover o translactor para a esquerda, arrastando comsigo a fita e obrigando um novo cartucho a, passando por debaixo da mola directriz cujo dente se introduz no gorno, occupar a posição conveniente e ser agarrado pelo porta-cartuchos.

Os fixadores bem como os impulsores seguram a fita, uns por baixo e outros por cima, não lhe permittindo o movimento inverso.

Sob a acção da mola recuperadora desenrola-se a cadeia articulada que faz rodar a cambota e a manivela d'armar, avançando o bloco. O porta-cartuchos seguindo descido, introduz o cartucho novo na camara e o detonado no canal ejector. A cambota, sempre sob a acção da mola recuperadora, eleva a alavanca de fixação que, por seu turno, obriga a alavanca dupla de elevação do porta-cartuchos a fazer subir este. Se o gatilho se conserva premido, o desarmador, tendo encontrado no movimento de avanço do bloco o batente da haste do gatilho, desarma a noz. Continuando a subir, o porta-cartuchos e juntamente a alavanca de fixação, aquelle escorregando sobre as bases dos cartuchos, deixa livre

o detonado, permitte que o percutor fique em face do que está na camara, agarra o novo cartucho que está na fita e alavanca de fixação entrando nos entalhes da de elevação, fixa-a; e, no ultimo tempo da subida, com a cauda da alavanca de fixação levanta o detentor que, sendo a unica prisão n'este momento, do percutor, o solta, seguindo-se novo tiro.

A cada tiro a alavanca d'armar cae sobre o rolete, ficando presa pelo escape, que não lhe permitte que resalte, mas livre completamente antes que outro tiro parta.

Os movimentos seguem-se identicamente, indo o cartucho detonado empurrar o que se achava no canal ejector seguro pela mola, lançando-o fóra e occupando o seu logar.

Deve notar-se que quando se faz o primeiro tiro é o desarmador a ultima prisão do percutor; porém, todos os outros, de séries não interrompidas, são provocados pelo detentor em ultimo logar.

Em qualquer occasião que se largue o gatilho, o tiro cessa; tendo ficado o percutor solto do detentor, e só ficando preso pelo desarmador por meio da noz.

(Continúa) CAP. BUGALHO.

O RECRUTAMENO DE OFFICIAES PARA O ULTRAMAR

(Continuado no n.º 5)

8.º Afim de garantir a maior imparcialidade na indicação da colonia em que o official fosse chamado a servir estabelecer-se-hia o principio do sorteio. Com a antecipação precisa seriam requisitados pelos governadores do Ultramar os officiaes precisos para commissão ordinaria com indicação do serviço que fossem chamados a desempenhar. Nomeados os officiaes a quem por escala pertencesse serviço no Ultramar (não podendo desistir depois de feita esta nomeação), proceder-se-hia entre elles ao sorteio pelas provincias e serviços, usando-se n'esta operação das formalidades adoptadas em taes casos e permittindo-se a troca entre os sorteados. Depois do sorteio dava-se aos officiaes uma licença nunca inferior a um mez para se despedirem dos parentes, tratarem dos preparativos de partida, etc. Forçoso é que se comprehenda que, não havendo urgencia na nomeação, será menos consideração e até desprezo pelos interesses dos nomeados, pelos seus affectos, pela necessidade de se apro-

visionarem e preparem para tão longa ausencia para regiões d'onde ás vezes não se volta, obrigal-os a seguir no curto espaço de duas ou tres semanas e até de alguns dias, como aconteceu por exemplo, aos officiaes requisitados em 24 de setembro ultimo, dois dos quaes, em serviço em Lisboa, seguiram ao seu destino no paquete de 1 de novembro.

Todos estes assumptos se devem regular e dispôr de modo que cada um saiba com o que tem a contar e possa dispôr do tempo que lhe é dado, tratar do seu enxoval que só então poderá ser confeccionado, de organisar a sua bagagem, de regularisar quaesquer assumptos de familia pendentes em Lisboa ou na provincia, etc. São isto pequenas coisas consideradas por quem cá fica, mas para os que vão são da primeira importancia, e quando não attendidas, provocam logo no seu espirito um fermento de irritação que terá sempre logar de explodir logo á chegada, ao deparar-se-lhe a frieza, o desdem, o abandono a que, salvo felizes excepções, se é votado desde que se põe pé em terra, a não ser que o esteja esperando um coração amigo que lhe abra as portas das estancias officiaes, que lhe aplane as difficuldades e que o ensine a olhar as coisas com philosóphia e resignação.

*
* *

Do que ficou exposto resultaria: 1.º vantagens certas e, em geral, identicas para todos os da mesma classe que se offerecessem, o que actualmente não acontece, pois muitos officiaes ha cuja acceleração de promoção tem sido insignificante, quasi nulla e a d'outros excessivamente consideravel; 2.º prejuizo identico e o mesmo gravame para todos os da mesma classe que se não offerecessem, não indo tal prejuizo além de certo limite, pois apenas poderia ser preterido pelos que estivessem até *n* logares á esquerda de cada interessado, quando é certo que agora se pode ser preterido por todos os que estejam á esquerda e isto durante annos e annos, emquanto o interessado não entra na zona protectora do *n*; 3.º maior garantia para a boa execução do serviço e maior conveniencia para a disciplina, por o commando das unidades passar a ser, em geral, entregue a officiaes de patente effectiva de galões inamoviveis e já com habitos de commando; 4.º maior possibilidade em reter no serviço colonial por largos annos muitos officiaes que d'outro modo recolheriam ao reino logo que terminassem as commissões, por não serem attrahidos alli por outras vantagens além d'uma d'uma pequena percentagem no soldo e na contagem do tempo para a reforma.

Concluindo, e para que se não ache demasiada a acceleração na promoção dos officiaes que desejassem prolongar as suas commissões, acrescentaremos que é incomparavel a vida militar nas colonias em desconfortos, privações, riscos, responsabilidades e desgostos, á existencia tranquilla e descuidada que, em geral, se leva nas guarnições do reino, e assim é justo que caminhe mais depressa e anteceda os outros quem não hesita em sacrificar confortos, carinhos, saude e tranquillidade ás vezes para sempre.

A. P.

Questões vitaes

Instrucção de tiro da infanteria

Levados pelo ardente desejo de vermos a nossa arma sufficientemente instruida no tiro, principal meio de que dispõe em combate, e que tanto se tem posto em evidencia depois das ultimas campanhas modernas, é do nosso dever reclamar das estações superiores não só a stricta observancia dos preceitos estabelecidos no regulamento de tiro, como tambem, já que se falla na publicação de um novo regulamento, lembrar a modificação de alguns dos seus preceitos em extremo prejudiciaes ao bom exito da instrucção e á confiança que o soldado deve depositar não só na sua arma, como tambem nas regras de tiro ensinadas pelos instructores.

Não são denuncias o que vamos fazer, pois que as proprias estações superiores não ignoram determinados factos, mas tão sómente lembrar, com justo interesse e verdadeira dedicação patriotica, o que é possivel fazer-se no sentido de melhorar e completar a principal instrucção da nossa infanteria:

O n.º 258 da 3.ª parte do regulamento de tiro ao preceituar a marcação tiro a tiro, não teve outro fim que não fosse o de facultar ao atirador, pela observação immediata da marcação, o meio de corrigir a pontaria defeituosa do tiro antecedente para os consequentes. Não pode haver duas opiniões sobre as vantagens da marcação n'estas condições; pois não obstante a evidencia d'esta grandissima vantagem, certo é que em algumas carreiras a marcação só se faz no fim de séries.

O n.º 234 da citada parte do regulamento diz que *em caso algum as sessões de tiro serão apressadas, a fim de tornar proveitoso o ensino.*

E' esta outra disposição do regulamento de valor quasi nullo, pois que alguns programmas de instrucção restringem tão desapiedadamente o tempo destinado á instrucção de tiro, que esta se ministra em 12, 11 e até em 9 dias.

Verdadeiramente desanimador!

Trinta e uma sessões de tiro, alem das que hajam de repetir-se, feitas em 9 dias!

Poderá considerar-se mediocremente adestrada uma infanteria que se instrue no tiro elementar por atacado?

Ninguem nos convencerá d'isto quaesquer que sejam os argumentos produzidos.

O artigo 3.º no seu n.º 273 diz que *o tiro de combate tem por fim ensinar as praças a fazer fogo e exercitar os quadros nas obrigações do commando, em circunstancias analogas ás da guerra.*

Quem poderá contestar a importancia do tiro de combate que *tem por fim ensinar as praças a fazer fogo em circunstancias analogas ás da guerra?*

Quem deixará de reconhecer a necessidade de *exercitar os quadros nas obrigações do commando em circunstancias analogas ás da guerra?*

Ninguem por certo; mas os factos são factos e elles veem mostrar-nos que o nosso infante abandona as fileiras sem levar a mais ligeira noção do que sejam fogos de guerra, excepção feita de um restricto numero que os pratica na Escola Pratica, e que os quadros ignoram quasi por completo as obrigações do commando em campanha.

Parece-nos que a creação de seis campos de tiro correspondendo ás seis divisões militares territoriaes e a execussão do programma do tiro de combate em seguida á instrucção elementar não é um problema irresoluvel.

A acquisição de 54 hectares de terreno n'um paiz com tantos milhões d'elles incultos, não sobrecarregará demasiadamente o thesouro; acima de tudo deve estar a completa instrucção de tiro da infanteria, sem o que todos os sacrificios e dedicações são inuteis no momento do perigo.

Algumas carreiras de tiro por nós conhecidas estão em condições de se poder executar o tiro de combate individual, o tiro demonstrativo e o de aperfeiçoamento collectivo; pois apezar d'isto votam-se, sem justificação plausivel, ao mais absoluto e criminoso esquecimento estes exercicios tão capitalmente importantes, e aos quaes todos os paizes que prezam o bom nome das suas instituições militares dedicam toda a attenção e procuram elevar ao mais alto grau.

Urge cumprir e fazer cumprir na integra o regulamento de tiro actualmente em vigor, desde já na parte exequivel, e na sua totalidade após a creação dos campos de tiro que é innadiavel estabelecer no mais curto prazo de tempo possivel.

Parece-nos opportuno, já que se falla na elaboração de um novo regulamento de tiro, lembrar a necessidade de abolir o tiro de pé a braços, ou pratica-lo só depois da execussão da tabella de 2.ª classe.

O soldado, ao executar o tiro a braços depois de ter feito alguns sobre apoio, desanima, perde a confiança na justeza da arma, nas regras de tiro e nas correcções indicadas pelos instructores. São factos estes que estão no animo de todos os que, como nós, temos dirigido a instrucção de tiro nas carreiras.

As experiencias da guerra russo-japoneza teem levado alguns escriptores militares, entre elles o major do exercito japonez *Y.* (artigo publicado no *Militar Wochenblatt*), a preconisar

a suppressão d'esta especie de tiro, ou quando muito a executal-a só depois de o soldado estar sufficientemente instruido no tiro sobre apoio, de joelhos e deitado.

Oxalá que o novo regulamento de tiro nos colloque em egualdade de opiniões com as dos alludidos escriptores.

Outro ponto que o regulamento de tiro não esclarece e que seria conveniente modificar:

O n.º 248 da 3.ª parte aconselha que se repitam a meudo alguns exercicios da instrucção preliminar para não se perder a dextreza adquirida no tiro; a ultima parte do n.º 247, baseada talvez na salutar doutrina do n.º 248, determina que os officiaes e sargentos que tenham satisfeito ás condições de tiro de todas as classes, executarão annualmente o tiro da tabella da classe especial.

Porque motivo não serão abrangidos por esta disposição os musicos, corneteiros, refractarios e readmittidos?

Não precisarão estes, como os primeiros, de praticar annualmente aquelle tiro?

Por certo estamos tratando de um lapso que folgariamos ver remediado no futuro regulamento de tiro.

C. M.

Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras

DE 1 DE SETEMBRO DE 1904

DO EXERCITO ALLEMÃO

(Continuado do n.º 3—1907)

Instrucção com a carabina

Em marcha e a pé firme

37. — O atirador deve mover-se livremente e sem constrangimento; e quando parado, escolherá uma posição de corpo tal que, cobrindo-se quanto possivel, possa com a maior facilidade fazer bom uso da sua arma.

A carabina pode ser levada commodamente debaixo do braço, ou suspensa na mão direita.

38. — O atirador precisa ser instruido em transpor obstaculos, especialmente saltar fossos, trepar taludes, escalar e transpor muros, sebes, etc. Bem assim, deve saber mover-se no terreno aproveitando cada abrigo para avançar a coberto. Mas não deixar de attender a que, na maior parte dos casos, o caminho direito é o melhor e tambem quasi sempre affastando-se d'elle muito pouco, se encontra o sufficiente abrigo quando (baixando-se e rastejando) o saiba fazer a proposito.

Especies de pontarias

39. — Independentemente do carregamento da carabina em todas as differentes situações e posições, deve proceder-se á instrucção das differentes formas de pontaria bem como da efficacia e rendimento do tiro e ainda da tactica que o atirador deve usar no terreno.

40. — A execução das pontarias de joelhos ou deitado, atráz de abrigo ou com apoio de carabina para o melhor aproveitamento de fogo, depende da conformação do corpo dos atiradores, do terreno, da natureza dos alvos e das circumstacias do combate.

Em geral são applicaveis as seguintes regras:

41. — Para a segura e commoda pontaria quando deitado, deve-se apoiar a arma. A bayoneta não deve estar armada na carabina.

A posição de deitado com apoio deve em geral ser tal que o atirador se deite no solo um pouco inclinado para o lado em relação ao alvo com as pernas levemente affastadas e a carabina apoiada pela sua parte anterior. Não é contudo prohibido áquelles que esta posição não possam tomar por conformação especial, o crusarem as pernas uma sobre a outra. Com a mão esquerda, pollegar para si e os outros dedos para fóra segura a coronha da carabina fortemente contra o hombro e dirige a pontaria. O corpo descança sobre os dois cotovellos vindo o pollegar da mão direita abraçar por cima, fortemente, o delgado da coronha.

Para fazer a pontaria com a carabina para o tiro ás grandes distancias é preciso baixar o couce da coronha, — levantando-a á bocca proporcionalmente. Na posição deitado e sem apoio, os dous cotovellos devem apoiar-se no solo. A mão esquerda segura o fuste á frente do deposito e inclina a carabina para baixo emquanto que a mão direita no delgado a leva contra o hombro, dirigindo-a. No mais a posição do corpo é a mesma que para a pontaria deitado com apoio.

42. — A pontaria de joelhos pode fazer-se sobre um ou sobre os dous joelhos depois de fazer sempre um oitavo á direita.

Na pontaria sobre um joelho, o direito apoia-se no solo e a perna esquerda é dobrada pouco mais ou menos em angulo recto. O atirador aponta sem qualquer apoio, ou encosta o braço esquerdo sobre o joelho. No ultimo

caso o braço direito com o cotovello para baixo aperta o couce da coronha sobre o hombro; ou sobre o peito, se a pontaria é ás grandes distancias.

Na pontaria sobre os dous joelhos estão estes o menos possivel affastados um do outro. O corpo deve ficar vertical ou levemente inclinado para a retaguarda e n'este caso convem, ou crusar as pernas ou juntar os tacões.

43. — Atraz de uma arvore deve, quanto possivel, esconder o hombro direito. Com grossas arvores, com o braço esquerdo encosta a carabina ao tronco, com arvores delgadas, encosta-a com o polegar da mão esquerda que tem a palma apoiada na arvore. No primeiro caso a carabina acha-se apoiada na face interna da mão e no segundo entre o pollegar e o indicador. As arvores protegem sómente pela frente e quando são fortes não protegem os flancos. O atirador não deve pois tomar esta posição senão quando não tiver bom campo de tiro na posição deitada ou de joelhos.

44. — Na pontaria atraz de um parapeito encosta completamente a parte esquerda do corpo contra o talude e o pé esquerdo contra a escarpa. Se houver berma apoia os dous cotovellos, e a carabina descançando sobre a crista encostada ao hombro, como na pontaria deitado, com apoio. Se o atirador encontra maior commodidade na pontaria encostando o lado esquerdo ao talude, é permittido que o faça.

45. — Além d'isto deve-se ainda ensinar a forma de aproveitar como abrigos não só os muros, sebes e fossos, assim como as pequenas elevações e depressões, para se cobrirem e carregarem as armas a coberto.

46. — A comprehensão d'estas instrucções torna-se mais notada se se faz perceber o valor dos abrigos empregando atiradores adversos. O fim principal d'estas instrucções é que o soldado em todas as differentes posições e situações, com um rapido golpe de vista possa vêr e utilisar o terreno.

Se o homem estando deitado não tem campo de tiro para poder atirar, necessita tomar a posição de joelhos ou de pé, devendo, a seguir, tornar a deitar-se.

Entretanto no que diz respeito a abrigos, tudo deve ser subordinado aos effeitos do fogo.

47. — Ao mesmo tempo que se seguem estes exercicios deve dar-se tambem a instrucção theorica do tiro,

exercicios de avaliação de distancias e graduações de alça conformemente ao regulamento de tiro. Tem um valor especial o habituar a ver e conhecer os alvos de guerra ás pequenas e grandes distancias.

(Continúa)

OS SARGENTOS

(Conclusão)

Alargando a dez dias o periodo de licença a conceder no Natal e na Paschoa e a seis dias no Entrudo, ha as maiores probabilidades de serem aproveitados pelos recrutas, pelo menos, estes vinte e seis dias de licença annual.

Sendo de 95 réis o desconto annual de cada praça a favor dos fundos de reformados e das escolas regimentaes, é facil deduzir o rendimento annual, ou a receita provavel d'esses fundos.

O contingente annual encorporado, descontados os remidos, excede normalmente a 12:000 homens.

Pode assegurar-se, sem receio de contestação, que metade, pelo menos, d'este numero de recrutas solicita a licença nas épocas acima mencionadas.

Designando por N o numero de praças com licença, o producto d'essas licenças será dado pela expressão: N×26×95.

Suppondo que só 6:000 praças gosam as alludidas licenças, a receita dos dois fundos será de 14:820$000 réis, dos quaes 8:407$000 réis reverteriam a favor do fundo das escolas regimentaes.

Mas, na generalidade dos casos, a receita será mais elevada, não só porque o numero de praças que se aproveitam de taes licenças é muito superior a 6:000 em todo o exercito, mas ainda porque no decurso do anno podem ser concedidas licenças da mesma natureza a recrutas e a praças promptas da instrucção.

N'essa ordem de ideias, foram accrescentadas á proposta inicial os artigos 5.º e 8.º do presente projecto.

Feitas estas modificações na proposta de lei n.º 8-H, a commissão de guerra submette, pois, de accordo com o Governo, ao vosso esclarecido exame o seguinte projecto de lei que julga digno da vossa approvação.

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º Os sargentos-ajudantes e primeiros sargentos das armas de cavallaria e infanteria poderão ser promovidos ao posto de alferes até completarem quarenta e cinco annos de idade, quando satisfaçam as condições geraes de promoção estabelecidas na lei vigente.

Os sargentos-ajudantes e primeiros sargentos de engenharia, artilheria e da companhia de saude poderão são promovidos nas mesmas condições para os respectivos corpos de almoxarifes.

A antiguidade dos officiaes promovidos n'esta conformidade será contada desde a data da sua promoção a alferes.

Art. 2.º Para os effeitos de reforma são concedidas aos officiaes que hajam sido preteridos na promoção a alferes, em virtude do decreto de 13 de maio de 1896, as vantagens a que, na data da reforma, possam ter direito os officiaes que na respectiva lista de antiguidade dos sargentos-ajudantes e primeiros sargentos eram considerados mais modernos do que os primeiros.

Identicas vantagens são concedidas, quando o requeiram no acto da reforma, aos actuaes sargentos-ajudantes e primeiros sargentos preteridos na promoção ao posto de alferes, os quaes por excederem a idade de quarenta e cinco annos não possam ascender ao posto immediato.

Art. 3.º Os sargentos-ajudantes e primeiros sargentos de todas as armas e serviços do exercito, que tiveram 30 annos de serviço, pelo menos, ficam com o direito á reforma no posto de alferes com o vencimento unico de 800 réis diarios, quando julgados incapazes de todo o serviço pela junta hospitalar de inspecção.

§ 1.º No caso de serem julgados incapazes de continuar no serviço activo, os sargentos-ajudantes e os primeiros sargentos passarão ao quadro da reserva com o posto de alferes, percebendo o vencimento acima consignado, conservando-se n'esta situação até completarem 52 annos de edade, em que serão reformados.

§ 2.º Os alferes do quadro de reserva a que se refere o § anterior poderão ser empregados nos districtos de recrutamento e reserva e no serviço de recenseamento de animaes e vehiculos, conforme a arma em que houverem servido.

Art. 4.º Os segundos sargentos de todas as armas e serviços do exercito com 30 annos de serviço, pelo menos, ficam com direito á reforma no posto de primeiro sargento com vencimento diario de 500 réis, se forem julgados incapazes de continuarem no serviço activo, nos termos do disposto no artigo 1.º do decreto de 19 de outrubro de 1900.

Art. 5.º E' elevado a 260 réis diarios o vencimento de todos os sargentos reformados que actualmente percebam vencimentos inferiores áquella quantia.

Art. 6.º Serão de preferencia nomeados para fazerem parte dos quadros dos districtos de reserva os subalternos de infantaria que, provindo da classe de sargentos, excedam a idade de 45 annos.

Em cada districto de recrutamento e reserva podem fazer serviço 2 subalternos.

Art. 7.º São extensivas as disposições d'esta lei aos sargentos ajudantes e aos primeiros sargentos já reformados no posto de al-

feres, quando tenham servido 25 ou mais annos como praça de pret.

§ unico. Os aspirantes a official que tenham sido reformados, ou venham a sêl-o, em resultado de ferimentos occasionados ou doenças adquiridas por effeito do serviço, perceberão o vencimento da effectividade.

Art. 8.º E' creado um fundo subsidiario de reforma destinado a occorrer ao excesso de despeza derivado do augmento de vencimento dos sargentos que hajam obtido ou venham a obter a sua reforma no mesmo posto ou no immediato.

§ 1.º Este fundo será constituido pela metade do producto das licenças concedidas pelos commandantes dos corpos e das escolas praticas das armas até dez dias na Paschoa e no Natal e até seis dias no Entrudo e em outras épocas do anno, em que as exigencias do serviço permittam a sua concessão.

§ 2.º A outra metade do producto das licenças será destinado ao fundo das escolas regimentaes para onde reverterão no fim de cada anno os saldos positivos do fundo subsidiario de reformados.

Art. 9.º Ficam em vigor as disposições da carta de lei de 7 de junho de 1900 e do decreto de 19 de outubro do mesmo anno, que não forem alteradas pelos artigos da presente lei, devendo as percentagens estabelecidas n'este ultimo decreto ser referidas ás pensões com ignadas nos artigos 3.º e 4.º da presente lei.

Art. 10.º E' revogada toda a legislação em contrario.

Sala das sessões, em 7 de janeiro de 1907.

José Mathias Nunes, José Joaquim de Castro, Antonio Luiz Teixeira Machado, Lourenço Cayolla, Antonio José Garcia Guerreiro, José de Abreu Macedo Ortigão, Henrique de Paiva Couceiro, Carlos Alberto Lopes de Almeida, José de Figueiredo Zuzarte Mascarenhas, Adriano Accacio de Madureira Beça, relator.

Senhores: — A commissão de fazenda concorda com o parecer da commissão de guerra, acêrca da proposta de lei n.º 8-H, sobre as condições de accesso e de reforma dos officiaes inferiores do exercito.

Sala das sessões, em 15 de março de 1907.

Augusto Patricio Prazeres, Antonio Maria de Oliveira Bello, Guilherme de Sousa Machado, José de Oliveira Soares, José Maria Joaquim Tavares, Fernando Martins de Carvalho, Adriano Cavalheiro, José Francisco da Silva, Aristides da Motta, Adriano Monteiro, Alfredo Ferreira, José Cabral Correia do Amaral.

A administração militar

«Em todos os tempos, em todos os logares, os exercitos teem necessidade de uma organisação administrativa grande, forte, homogenea com elles e movel como elles, que lhes pertença, que se transporte a toda a parte e que se preste a tudo».

Odier — Cours d'études sur l'administration militaire.

I

Vou tirar á notavel obra de Odier, tão notavel que, apezar de ter algumas dezenas d'annos, ainda hoje pode ser consultada com proveito pelos estudiosos, estas brilhantes palavras que por si só synthetisam todo um vasto programma de organisação da administração militar nos exercitos.

Esta inilludivel verdade, enunciada no seu *Cours d'études*, tem para nós um evidente cunho de actualidade, se repararmos na organica obsoleta dos serviços administrativo-militares do nosso paiz; hoje, mais que nunca, elles precisam de se tornar *grandes, fortes, homogeneos e moveis*, com o nosso exercito.

De ha meia duzia d'annos a esta parte, varios trabalhos teem apparecido na imprensa militar e na diaria da capital, tendentes a demonstrar o atrazo incontestado e incontestavel da nossa administração militar e a estabelecer uma corrente de opinião que sirva de apoio a uma reforma radical e completa do vicioso systema em vigor.

A campanha tem sido rude e persistente, firmada n'um alto sentimento patriotico, mas não conseguiu ain-

da, mercê talvez da inveterada tendencia conservadora e rotineira, alcançar a solução de tão importante problema; tudo indica, porem, que n'um praso que não pode ser longo, a nossa administração militar virá a ser aquillo que tem obrigação de ser.

Bem sei eu, ao affirmar uma possivel e proxima reforma da nossa administração militar, baseada nos modernos moldes da organica dos exercitos, que provocarei o riso sceptico dos que cingem a missão do serviço nos acanhados limites d'uma absorvente apreciação de *papelinhos*.

A influencia nociva da burocracia nos povos latinos teve tão notavel repercusão nos exercitos que ainda hoje a França, cujas instituições militares vão ainda assim largamente distanciadas das nossas, lucta desesperadamente por relaxar a um plano secundario as questões de escripturação e administração privativa dos corpos, que lhe observem demasiadamente as attenções dos seus officiaes, inhibindo-os de se dedicarem ás questões technicas das armas ou á sua missão instructora e educadora.

Não me admira, pois, que haja ainda no nosso exercito espiritos obcecados por theorias que fizeram a sua epoca, mas que por isso mesmo e pela ordem evolutiva das coisas hão de fatalmente desapparecer, dando logar ás ideas de progresso.

O argumento mais solido a demonstrar a ineficacia, ou antes, os perigos, os inconvenientes d'uma organisação administrativa como a nossa, seria certamente a necessidade de a fazer funccionar em campanha.

Mercê de Deus, teem-nos corrido propicios os ventos a este respeito e d'isso se servem os adversarios do espirito moderno para classificar de mera theoria as doutrinas que vão de encontro ao commodo estado actual de coisas, embora essas doutrinas sejam incontestavelmente firmadas em principios assentes e na sciencia historica.

Mas, pela propria circumstancia de os fados nos terem protegido, não nos preparando uma situação critica a que seria impossivel accudir de momento, é que me parece ser de bôa politica e de são patriotismo ir prevendo esta e outras contingencias, evitando os males que uma futura collisão nos pode trazer.

*
* *

Como já deixei frisado, a nossa imprensa militar e a diaria da capital teem publicado numerosos artigos, demonstrando sobejamente os inconvenientes e perigos da actual organisação e administração militar, e sollicitando medidas urgentes que venham pôr em dique á avassaladora corrente de *papelada* e á excessiva e constante alteração dos principios reguladores de abonos.

Não é desconhecido o facto de, poucos mezes depois de serem publicadas as alterações á constituição dos conselhos administrativos, as circulares e determinações destinadadas a esclarecimentos da lei serem tão numerosas que por si só poderiam constituir um grosso volume.

Todos os que na sua vida militar teem tido occasião de exercer commando de companhia podem offerecer depoimento concludente da absorpção que soffrem pela parte administrativa do cargo. Ella vae ao ponto de os tolher para commetimentos harmonicos com a missão a que os officiaes combatentes se destinam; esmaga, asphixia e enerva!

Não pinto o quadro com côres carregadas, como poderá parecer aos que andem mais alheados da vida regimental; procuro apenas descrever a traços fieis e rapidos o que representa a actual escripturação e administração d'uma companhia.

Se d'esta passamos ao conselho administrativo, deparamos com multiplos livros e registos de variado fim, exigindo escripta demorada e diarios cuidados que roubam muito tempo aproveitavel a outros mistéres mais proprios de quem soffre o encargo.

Absorvidos os commandantes de companhia, absorvido o capitão thesoureiro, absorvido o subalterno secretario, absorvido o tenente-coronel que na fiscalisação administrativa tem primacial papel!

Se da escripturação regimental volvemos os olhos para as repartições privativas da administração militar, sem grande esforço notamos que a quasi exclusiva funcção dos seus officiaes é a pratica de processos de contabilidade e escripturação.

Os officiaes d'administração militar que alli fazem servir exercitam-se quotidianamente na pratica de trez operações arithmeticas — sommar, diminuir e multiplicar —

estiolando-se inevitavelmente as suas aptidões para mistêres mais consentaneos com a sua missão principal.

Não ha estimulo nem força de vontade que resista a uma atmosphera de tal modo asphixiante; ella paralysa fatalmente as faculdades intellectuaes e não pode dispôr quem a soffre annos seguidos ao estudo dos multiplos assumptos, que são base essencial ao cabal desempenho do papel que tem de desempenhar no exercito.

E' certo que não pode haver bôa administração sem bôa escripturação e bôa contabilidade; o excesso condemnavel está, porém, em se constituirem estas como um fim do serviço quando logicamente não devem ser mais de que o complemento natural d'outros d'uma importancia superior.

Esta e outras verdades já sobejamente anunciadas na imprensa e que agora são reeditadas, merecem as attenções de todos e justificam de mais a necessidade de duas medidas de incontestavel alcance que, creio, se não demorarão.

Uma é a simplificação de toda a escripturação administrativa do exercito, completada com a elaboração d'um regulamento de fazenda militar, cuidadosamente feito de maneira a evitar alterações frequentes.

Outra é a determinação da renovação periodica dos officiaes d'administração militar nos differentes cargos que lhes competem, de forma a que todos conheçam e se exercitem no desempenho dos variados ramos e a que não especialisem de tal maneira a funcção que ininterruptamente exercem, tornando-os inhabeis para o exercicio de outras a que porventura possam ser chamados em campanha.

II

Já depois de escripta a primeira parte d'este artigo, foram publicadas as reorganisações da secretaria da guerra, da Manutenção Militar e do Deposito Central de Fardamentos, envolvendo todas ellas alterações no serviço de administração militar a que não posso deixar de fazer referencia n'este logar. Da analyse d'estas leis resalta logo como medida inicial a separação da Manutenção militar e do Deposito Central de Fardamentos da agora creada Direcção da Administração Militar, visto que a administração superior d'aquelles dois estabelecimentos foi

confiada a um conselho especial sob a auctoridade directa do ministro.

Fez-se assim a divisão nitida dos serviços, ficando d'um lado os de subsistencias e fardamento e do outro os de contabilidade e escripturação; esta divisão parece ser o primeiro passo para a separação do pessoal d'administração militar nos dois quadros correspondentes, a exemplo das similares organisações estrangeiras.

Das medidas agora promulgadas algumas ha de notavel alcance e que em muito vieram beneficiar o serviço, sendo de esperar que evolutivamente outras se vão publicando de molde a conseguir que a nossa administração militar occupe no exercito o logar que lhe pertence.

Assim, vê-se que a instrucção profissional, que tão descurada andava no nosso quadro, mereceu especial attenção ao legislador como base fundamental para a conveniente execução dos serviços. Todas as medidas que n'esse sentido foram tomadas, e que foram o complemento dos já anteriormente determinados exercicios annuaes de quadros, merecem especialissimo registo e vieram satisfazer uma das ambições muitas vezes expressas já pelos nossos camaradas.

Não só a 1.ª repartição da Direcção da Administração Militar ficou incumbida de ministrar a instrucção profissional ao pessoal do serviço, como á Manutenção militar pertence o ensino na parte fabril em especial dos officiaes e praças da companhia de subsistencias, tendo ainda o seu director o encargo de annualmente fazer conferencias aos officiaes em serviço na Manutenção.

Além d'estas determinações, foi creado n'aquelle estabelecimento um curso para o estudo theorico e pratico do material de campanha empregado no serviço de abastecimentos militares, para os sargentos da companhia de substancias, foi constituida desde já uma secção de padaria de campanha e foram mandados fazer exercicios annuaes no campo com o material de campanha, para completa instrucção dos officiaes e praças d'aquella companhia.

Nas disposições ultimamente tomadas ha tambem uma notavel tendencia de integrar na administração militar serviços e funcções que d'ella andavam desviados e que logicamente lhe pertenciam.

Grato é confessar que n'este ponto muito se avançou e aqui fica registada a esperança de que essa benefica

tendencia, de que tudo teem a lucrar as nossas instituições militares, se irá successivamente accentuando e de que n'um praso maior ou menor a administração militar portugueza terá em si todos os serviços que lhe devem ser confiados.

A Manutenção militar ficou incumbida agora da acquisição e fornecimento de generos para rancho e de conservas e quaesquer artigos concernentes á alimentação das praças, medidas estas de ha muito insistentemente reclamadas e que certamente produzirão resultados d'um alto alcance economico.

Por outro lado, a determinação da constituição de reservas de generos e de productos fabricados satisfaz uma das mais importantes necessidades da *previsão* da guerra e mostra bem a superior orientação a que o legislador obedeceu.

Tambem as funcções do Deposito Central de Fardamentos foram alargadas, competindo-lhe d'ora avante fornecimentos que até aqui andavam confiados, uns ao serviço de saude e outros ao de engenharia. A esta ultima ficou pertencendo ainda o serviço de mobilia que, como por varias vezes tenho defendido, julgo dever ser confiado á administração militar.

Para finalisar as singelas considerações que a rapida leitura das reorganisações referidas me suggeriu, resta-me citar os considerandos que precedem a do Deposito Central de Fardamentos em que se accentua «ser conveniente confiar aos officiaes de administração militar uma acção administrativa persistente que augmente a sua competencia technica», excellente principio que as instancias superiores judiciosamente reconheceram.

Maio de 1907.

A. David Branquinho

Tenente d'administração militar.

Preambulo d'uma conferencia realisada no regimento d'infantêria 15

NA

EPOCHA DO INVERNO DE 1889

Forçado pelas circumstancias, em que accidentalmente me acho, venho apresentar-me hoje, que é dia que me toca, a fazer a minha conferencia, se de conferencia se poderá classificar o que me proponho expôr-vos. São já volvidos quasi 20 annos que deixei os bancos das escolas e com saudade. E quem não ha que não traga d'aquelles tempos gratas lembranças? Lembranças tanto mais saudosas, exprimental-o-hão, quanto mais lhes forem ficando aquem os annos da juventude, d'aquelles tempos descuidados e fugitivos, vou-me pois approximando dos que já sentem ir-lhes fugindo e fraquejando o bestunto, caminhando sempre, é verdade, mas sempre arrimados e como que ruminando o que em tempos que já lá vão, lhes serviu de pasto ao intellecto e, se alguma bagagem ainda trago de doutrina antiquaria, foi ella adquirida em melhores tempos, quando os encargos eram menores e em que, digamo-lo sem rebuço, os ocios do serviço nos deixavam maiores irtervallos de repouso; e, porque ella já é velha, ha de forçosamente resentir-se tambem da falta de fragancias da actualidade que enleia e partilhar do pêzo dos annos que acabrunha e que nos faz nós outros impertinentes e massudos. A mocidade reinquieta e sympatica que nos desculpe Para ella maiores horisontes estão rasgados, digo-o sem ironia, para os que lograram mais cedo colher as bazes do saber e em annos mais juvenis, e menos susceptiveis estarão de chegar exangues á meta dos seus destinos; mas por outro lado contem com mais agro labor, intellectual e material, intellectual, pela maior massa de novos conhecimentos que convem amalgamar em periodos relativamente mais curtos, material pela moderna maneira de combater mais violenta e agitada, a que ha-de ageitar-se a instrucção em tempo de paz. E' aproveitar pois, emquanto é tempo, antes que passe o vigor da intelligencia, que anda a par do frescor da idade, antes que sobrevenham maiores encargos que obrigam a maiores attenções, antes que cresçam as responsabilidades, que acarretam canceiras e dissabores; e então que venham novos regulamentos muito embora, porque ou elles hão de apartar o que fôr superfluo e tanto melhor, ou

hão de ampliar o existente e bom será que elle não seja ao tempo ignorado, ou hão de modificar o actual; tambem o confronto ajuda a instruir.

Mas seja como fôr, o essencial é que todos nós possâmos acompanhar o movimento intellectual e material que a largos traços se vae operando ha annos a esta parte entre nós e que, por vezes, trás um excesso de fadiga. Esse movimento, quer o acreditem quer não, já não só se accentuou, mas tende a progredir. Já não ha quem lhe tenha mão, e ai d'aquelle que não fôr por elle impellido e não receber d'elle inflexão; terá mais cedo e não muito tarde que succumbir.

D'aqui inferem alguns por um lado, o maior esforço a empregar para o que commanda, em ordem a coagir os menos diligentes a secundar o movimento do todo, cada um na parte que lhe caiba para o fim harmonico, por outro lado, o limite d'idade a impôr-se como termo fatal, para os que exhaustos de forças do phisico ou do intellecto, já não podem, não obstante os seus louvaveis esforços e bons desejos, progredir na republica (respublica) das armas. E tão arreigada anda esta usança n'alguns exercitos, nomeadamente em França, que ainda recentemente n'aquelle paiz, officiaes generaes de grande nomeada, conspicuos pelo seu saber e experiencia, tiveram de resignar o mando e recolher-se á vida sedentaria, não obstante a unanimidade da imprensa militar d'aquella nação lhes engrandecer os meritos e serviços e pedir uma excepção para elles. O governo foi enexoravel e manteve a lei intacta. D'aqui ao grande lemma: *generaes novos e capitães velhos* vae um grande passo... Não nos sobresaltemos pois por emquanto.

E para que não pareça exagerado o que levamos aqui dito acerca da evolução que atravessamos, basta lembrar o que escreveu um grande genio trabalhador moderno; Nós que deixámos decorrer 16 annos, que tanto foi o tempo que medeou entre a tactica de 1863 e a da actualidade de 1879, por ventura em consequencia dos embargos da rotina á natural tendencia da regeneração scientifica, quando é certo que aquella ordenança não passava d'um caduco repositorio de evoluções obsoletas e de manobras antiquadas, transportado para essa epocha em que elle já não tinha razão de ser, attentos os acontecimentos da Bohemia em 1864; para nós que foi preciso, diziamos, depois de 16 annos passados, que a decepção geral da Europa pela chegada dos allemães ao coração da França, dando rebate em Portugal, do que se passava lá fóra no mundo militar, nos despertasse do echo dos desastres alheios para só depois de 9 annos volvidos levarmos a cabo a nossa ordenança actual; pensamos já hoje em modifical-a em harmonia com as numerosas experiencias no estrangeiro attinentes aos novos fogos de guerra, de que a campanha dos russos nos Balkans nos ministrou recentemente novos esclarecimentos, de tal sorte que, coisa notavel! ainda não são decorridos os 10 annos fataes de Napoleão I para se mudar de tactica, e já a nossa de infanteria n'estes tempos de celeridade e progresso attingiu o periodo de caducidade e de senectude.

Como sabeis, está ella sendo revista e vae ser adequada aos hodiernos principios da arte. Não que ella não seja ainda um substancioso compendio de principios fundamentaes de tactica

elementar, mas dizem, já não está, pelo que toca a pormenores, de accôrdo com os principios contemporaneos que prevalecem.

D'aqui, para abreviar, propõem:

1.º A suppressão das descargas de batalhão, de fileiras, de pelotões successivos e as de companhias isoladas. Por via de regra, supprimidas as descargas superiores a secção; excepcionalmente no periodo preparatorio do ataque ou da defeza, ás grandes distancias, descárgas por pelotões,

2.º Não preconisadas a precisão, instantanidade e unisonancia das descarcas, por prejudicar as pontarias.

3.º Suppressão do quadrado proveniente da columna de batalhão e da columna dobrada. Grande quadrado, grande manobra e grande derrota. Quando muito, quadrados de companhia. Preferiveis, quadrados de pelotão; cada pelotão, cada quadrado, resultantes dos dobramentos das suas secções,

4.º Passagem do batalhão da 1.ª linha á ordem dispersa entre 1500 a 600m, conforme o terreno por descoberto ou coberto,

5.º Reforços supprimidos; reforço e apoio, o mesmo mister. Os reforços á distancia a que são postados não diminuem as perdas antes as aggravam;

6.º Formação nórmal do combate para o batalhão:

(a) Um cordão d'atiradores constituido pelas 4 secções testas das 2 companhias da 1.ª linha da formação preparatoria do combate;

(b) Uma linha depois formada pelas 4 secções da cauda das mesmas companhias. Para não confundir unidades e conservalas constituidas, o cordão marcha com o guia no centro a unir para este lado, e reforça por prolongamento nos flancos;

(c) A' distancia de 300m dos apoios, uma reserva composta de 2 companhias da 2.ª linha da formação preparatoria do combate.

Taes são a largos traços as ideias predominantes.

Tambem é sabido que actualmente a França e a Allemanha estão remodelando as suas ordenanças d'infanteria; por ventura a nossa não sahirá ainda a lume á espera dos principios em que aquellas de vez assentarão.

Em França tentavam ainda ha pouco ensaios; ignoro quaes sejam as bases; a que ella possuia em 1884 já levava assentes no todo ou em parte as que foram enumeradas. Da allemã já um dos jornaes da nossa bibliotheca lhe suppõe os primeiros lineamentos. Com effeito o ultimo numero da *Revista do Estrangeiro* em que vem exarado um rezumo do regulamento d'infanteria allemã, mostra que não errou escencialmente o auctor, attribuindo-lhe os topicos em que julgava seria elle elaborado e que soppunha serem os seguintes:

1.º Formação normal em 2 fileiras em logar de 3;

2.º Base de todos os movimentos, a columna de companhia de 3 pelotões (secções);

3.º Em regra, o batalhão (regimt.º) nunca formará em linha desenvolvida. As funcções do commandante de batalhão (regimento) é dar ordens e não vozes ás companhias;

4.º Distincção bem frisante entre exercicios de escola e de applicação;

5.º Suppressão dos quadrados;

6.º Finalmente, regulamento simplicado em harmonia com

as necessidades impostas pelo progresso das armas de fogo, e tambem com o fim de sobrar mais tempo para uma educação individual mais profunda e uma instrucção mais homogenea e completa, no que respeita ao tiro e á disciplina do combate.

«*Somente o que fôr simples* poderá assegurar um bom exito na guerra».

Tal é o aphorismo napoleonico eternamente verdadeiro, estampado logo na primeira pagina do novo regulamento allemão, que tem a data do 1.º de setembro, data da batalha de Sedan, e que conta apenas 172 paginas.

Segundo aquella ordem de ideas — educação individual — e portanto de detalhe, pareceu-me instruitivo apresentar em conferencia um exercicio de companhia de tactica applicada, dos mais simples, conforme o methodo do major von Zwnin do exercito allemão, e que foi extrahido d'um dos livros mandados traduzir por concurso do ministerio da guerra, e d'uma traducção em francez que já conta algumas edições em França, e que terá talvez o seu tanto ou quanto de novidade, pelo menos para nós, pois n'aquelle paiz se adopta de ha muito methodo analogo e que já foi, e ainda bem, iniciado no nosso regimento.

Mas antes de principiar, alguns esclarecimentos.

J. V. de Sande e Lemos
General.

PROMOÇÃO A TENENTE

Muito se tem discutido sobre se os alferes que serviram quatro annos no ultramar devem ou não ser promovidos a tenentes no dia 1 do mez de dezembro immediato áquelle em que terminaram a commissão, e, todavia, a lei é tão clara, n'este ponto, que mal se comprehende a duvida suscitada.

Segundo os artigos 19.º e 55.º da carta de lei de 12 de junho de 1901 e § 1.º do artigo 3.º da lei de 30 de junho de 1903, para ser promovido a tenente nas armas d'infanteria e cavallaria e no corpo d'almoxarifes d'engenharia e artilheria devem os alferes satisfaser ás condições geraes de promoção e ter, em 1 de dezembro, quatro annos de permanencia n'este posto, devendo mais, os d'infanteria e cavallaria, contar dois annos, pelo menos, de serviço effectivo nas tropas.

Ora, segundo o artigo 21.º do decreto de 14 de no-

vembro de 1901, o alferes que completar a sua commissão ordinaria no ultramar conta quatro annos de serviço effectivo nas tropas e, portanto, o mesmo ou mais tempo de permanencia no posto, pois que não se comprehende que um official tenha quatro annos de serviço como alferes e conte menos tempo de permanencia n'este posto; mas se tal duvida tivesse rasão d'existir bastaria, para a desfazer, o § 2.º do artigo 188.º do referido decreto de 14 de novembro de 1901, que implicitamente manda aproveitar o tempo de permanencia no ultramar para a contagem dos prazos que tinham de ser passados nos postos, nos termos da carta de lei de 12 de junho de 1901.

Os alferes que regressaram do ultramar e se apresentaram no ministerio da guerra até ao fim de novembro de 1906 deviam pois ter sido promovidos a tenentes em 1 de dezembro ultimo, desde que n'essa data tivessem aptidão physica, bom comportamento civil e militar, competencia profissional e estivessem nas situações d'effectividade ou disponibilidade, e será este, certamente, o parecer da commissão nomeada para definir os logares que os mesmos officiaes devem occupar na escala d'accesso.

Uma vez que aos officiaes que sirvam no ultramar sem prejuizo d'antiguidade se conte o tempo de permanencia no posto desde a data do decreto de promoção, para o effeito do augmento de soldo por diuturnidade de serviço nos postos de subalterno e capitão, seria incoherente e injusto, ainda que a lei não fosse clara, proceder por forma diversa para com os actuaes alferes, simplesmente porque o augmento de soldo por dinturnidade de serviço no posto d'alferes é acompanhado do distinctivo de tenente.

E' justo que os alferes que não teem ainda o tempo exigido para a promoção por diuturnidade a tenente não sejam prejudicados pelos que o teem e occupam mais baixo logar na escala d'accesso, mas isso não é rasão para preterir os direitos d'estes, nem a lei deixa de ser exequivel, pois que a promoção dos mais modernos, sem prejuizo, resolve o asssumpto e está em perfeita conformidade com a doutrina de § 2.º do artigo 55.º da citada lei de 12 de junho de 1901.

Lisboa — Maio de 1907.

J. P.

BIBLIOGRAPHIA

Quelques mots sur les Mathematiques en Portugal. — *Noticia e defeza dos trabalhos de Antonio Cabreira, da Academia real das sciencias e cavalleiro da Legião de Honra, com a biographia do auctor* pelo *doutor A. dos Santos Lucas, professor de mathematica na Escola Polytechnica e capitão de engenheria.*

Agradecemos com o mais vivo reconhecimento a amavel offerta e affectuosa dedicatoria com que o nosso distincto amigo e notavel homem de sciencia, o sr. Antonio Cabreira, nos honrou enviando-nos o seu novo livro.

O nosso querido amigo, o sr. capitão Santos Lucas, que é uma lidima gloria do exercito e uma honra do professorado superior do nosso paiz, traça em poucas palavras a vida de incessante e infatigavel trabalho do sr. Antonio Cabreira, pondo em relevo o seu estudo, o seu saber, a sua intelligencia e a paixão com que se dedica e consagra á resolução dos grandes problemas das mathematicas.

Nem na indole da nossa Revista, nem na estreiteza do espaço com que sempre luctamos, cabe o podermos dar uma desenvolvida noticia do precioso livro do sr. Antonio Cabreira, o que muito nos contrista.

Por isso limitamo-nos apenas a agradecer a gentilissima amabilidade d'este grande trabalhador, que por mais de uma vez já honrou, com o brilho dos seus escriptos, as paginas da nossa Revista.

A'quelles, porém, que se consagram ás mathematicas puras recomendamos como do maior valor e auxilio o estudo das questões tão doutamente tratadas pelo sr. Antonio Cabreira no seu recente livro.

Secção do extrangeiro

Allemanha — Já está definitivamente assente, ha mais de um mez, o plano das grandes manobras.

Dizem de Berlim que se tomaram todas as medidas para approximar as manobras o mais possivel das condições da guerra actual.

As tropas levarão comsigo a ração do dia. Durante a noite receberão as provisões necessarias.

Renuncia-se, no presente anno, ao systema de armazens de manobras. A administração militar terá á sua disposição automoveis.

O serviço de automoveis foi inteiramente reorganisado.

N'estas manobras far-se-ha uso de aerostatos, telegraphia sem fio, telephone e telegraphia de campanha.

Destacamentos de engenheria a cavallo serão empregados em grande escala. O corpo de automobilistas voluntarios entrará em acção na sua totalidade, e consta que a artilheria grossa tomará parte nas operações.

O imperador bivacará entre as tropas.

A imperatriz, os principes estrangeiros e os officiaes do estado-maior terão o seu palacio e quartel em Hanover.

*

Um importante jornal allemão publicou um artigo muito completo ácerca das manobras imperiaes do anno passado. N'esse artigo fazem-se referencias aos processos de combate da infanteria allemã que convem tornar conhecidos.

«Aquelles que julgam ver, diz a *Internationale Revue über die Gesammten Armeen und Flotten*, a infanteria empregar processos de ataque novos, depois da experiencia da guerra russo-japoneza, perdem o seu tempo. A infanteria allemã recebeu em 1906 um novo regulameuto de manobras que traz muitas modificações e simplificações ao regulamento antecedente, mas que nada altera em aos relação principios fundamentaes».

«*A arma principal* (a infanteria, que não sômos nós que o dizemos é o jornal allemão) conserva como d'antes o mesmo *elan* offensivo, não havendo modificações senão em algumas formas de detalhe, como por exemplo: as linhas de atiradores movem-se com menos densidade, e as unidades em ordem unida que as seguem dividem-se em grupos de pequenas columnas, apresentando numerosas testas de columna. Mas isto realisa-se com muita perfeição no tempo de paz, em manobras; em campanha, porém, quando ha perdas a contar, essas linhas tenues de atiradores serão automaticamente invadidas e entulhadas pelos reforços vindos da retaguarda, e aqui está como as taes linhas sem densidade desapparecem, não existirão na realidade».

Depois de pôr em evidencia a importancia da fortificação de campanha no combate, e a de uma judiciosa dotação de ferramenta portatil, conclue o articulista que se pode assentar nos dois seguintes ensinamentos que são de um valor positivo:

«1.º O novo regulamento de manobras nada mudou dos principios fundamentaes do combate da infanteria, e a infanteria allemã fica como precedentemente, animada de um vigoroso espirito offensivo.

«2.º Da guerra russo-japoneza, a infanteria allemã deduziu a necessidade de largamente recorrer á fortificação do campo de batalha, e ás operações de noite, pelo menos ás marchas de noite destinadas a conduzir as tropas ao romper do dia ás proximidades do ponto a atacar».

Sobre esta segunda conclusão, que é tambem nossa ha muito tempo, temos insistido n'esta Revista sem até hoje termos logrado que alguem pense a serio entre nós na fortificação durante o combate e nas manobras de noite.

O imperador approvou o parecer da estação competente que propôz, baseando-se nas lições da guerra russo-japoneza, que as boccas de fogo e os armões fossem de ora avante pintados de côr cinzenta em vez de azul.

Bulgaria. — Foram creadas 9 companhias de infanteria montada, sendo uma para cada divisão de infanteria.

Canadá. — No Canadá está muito desenvolvida a pratica do tiro. Conta-se n'aquelle paiz 122 sociedades militares com 18:088 associados e 459 sociedades civis com 33:370.

Nas sociedades militares cada membro tem uma dotação de 200 cartuchos e nas civis de 100.

Estas sociedades civis dependem do commando militar do districto e prestão ao rei juramento de fidelidade.

França. — Nunca se soube em França qual o motivo porque o general Mercier, quando ministro, licenciou as escolas de tiro de infanteria.

O que é certo é que o actual ministro, general Picquart, as fez resurgir, e muito bem, embora com denominação differente.

Chamavam-se «escolas regionaes»; hoje chamam-se «cursos de applicação».

Estes cursos são destinados a aperfeiçoar na pratica do tiro de infanteria os tenentes e os sargentos da arma.

Ha duas escolas de applicação uma em Ruchard e outra em Valbonne, não contando com a *Escola Normal*, no campo de Chalons, especialmente destinada a iniciar os majores e os capitães nos progressos realisados no armamento e na sciencia do tiro.

Presentemente professam-se alli cursos technicos versando particularmente sobre as metralhadoras e seu emprego.

Vem a proposito lembrar que na nossa Escola Pratica de Infanteria ainda não ha uma metralhadora para estudo.

Com tempo e vagar tencionamos tratar da Escola de Mafra, que, infelizmente, parece-nos que só em parte é que preenche o fim desejado, a despeito do muito que alli se trabalha e da bôa vontade que todos os officiaes põem n'esse trabalho.

Italia. — Nas grandes manobras do corrente anno tomam parte 3 corpos do exercito (Turim, Alexandria e Milão) divididos em dois partidos.

O partido vermelho é commandado pelo general Muinoni d'Intignano, e o partido azul pelo general Rogier.

O director das manobras é o general Saleta, chefe do estado-maior general do exercito; e o general Pendotti é o chefe dos arbitros.

O effectivo das tropas será reforçado com o chamamento de uma classe de reservistas, afim de que as unidades fiquem sensivelmente eguaes a metade do effectivo de guerra.

Estas manobras, que se effectuarão no norte do paiz, durarão 10 dias.

10.º ANNO AGOSTO DE 1907 N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

As praças de pret europeias das tropas coloniaes

Já nas columnas d'esta *Revista* tivemos occasião de dizer alguma cousa sobre as condições geraes a que devem satisfazer as praças de pret que vierem servir no ultramar. Hoje vamos continuar o assumpto, referindo-nos especialmente á questão da edade e vantagens futuras que lhe devem ser concedidas, que são, quanto a nós, assumptos importantes e dignos de ponderação.

E' frequente ouvir-se dizer que para as colonias só devem vir individuos adultos. Nos livros da especialidade esse assumpto é tratado com regular desenvolvimento e em geral em todos elles se encontra aquella affirmação confirmada. Apesar d'isso, é necessario dizer-se, a parte legislativa parece ter esquecido aquelle principio e posto de parte as regras e conselhos indicados nos livros da sciencia.

Na lei de 14 de novembro de 1901, bem como em todas as mais que conhecemos, não encontramos paragrapho algum que sobre o assumpto estabeleça restricções. Querem-se soldados, e soldados se teem sempre mandado do exercito do reino, que por escala lhes pertença em geral e que sejam apenas julgados aptos pela respectiva junta medica, pondo-se completamente de parte a questão da edade.

E talvez essa circumstancia seja devida ao facto de se saber que todo o portuguez tem um accentuado poder de adaptação aos climas africanos e uma resistencia como poucos outros povos possuem. Mas, apesar de felizmente assim succeder, essa qualidade não deve auctorisar-nos a mandar para cá individuos que possuam sómente compleição robusta e aspecto sadio, porque muitas vezes são exactamente esses os primeiros que se deixam vencer pelas febres palustres.

A questão da edade não pode ser posta de parte porque é essencial. O mappa junto, que indica as percentagens das baixas ao hospital durante o annò de 1906 dos soldados e cabos da companhia europeia de infanteria e 1.º esquadrão de dragões, aquartelados em Lourenço Marques, é sufficientemente eloquente para nos mostrar que as edades preferidas são as superiores a 25 annos, que são exactamente aquellas em que o organismo está completo e em que a natureza adquiriu o seu pleno desenvolvimento.

Mappa das praças de pret de infanteria e cavallaria que estiveram doentes e suas percentagens

Designação das edades	Infanteria			Cavallaria		
	Effectivo	Estiveram doentes	Percentagem	Effectivo	Estiveram doentes	Percentagem
Mais de 25 annos.....	54	32	59,2	27	16	59,2
Menos de 25 annos...	151	137	90,7	89	82	92,1
Somma.....	205	169	82,4	106	98	84,4

É necessario, porém, não concluir com o elevado numero das percentagens de baixas ao hospital, que a mor-

talidade se mantenha n'uma proporção identica. Felizmente não succede assim, porque as notaveis qualidades de resistencia e poder de adaptação do povo portuguez são manifestas e evidentes. Ha febres que fazem baixar ao hospital, e por vezes com frequencia, mas aquellas qualidades, auxiliadas pelo tratamento respectivo, acabam quasi sempre por triumphar.

E a prova de que essa proporção não se mantem, está evidenciada no seguinte mappa:

Mappa das praças europeias fallecidas em 1904, 1905 e 1906 e suas percentagens

Graduações	Effectivos medios			Falleceram					
				Em 1904		Em 1905		Em 1906	
	Em 1904	Em 1905	Em 1906	Total	%	Total	%	Total	%
Sargentos e equiparados	224	239	238	4	1,7	10	4,1	14	5,8
Cabos, soldados e equiparados	610	644	657	44	7,2	21	3,2	31	4,7
Total das praças de pret	834	883	895	48	5,7	31	3,5	45	5,0

Parecerá á primeira vista que esses dois mappas se contradizem. A analyse reflectida fará, porém, vêr logo que as conclusões que se podem tirar d'um e outro não são antagonicas, pois que a circumstancia dos mais novos baixarem com mais frequencia ao hospital, não quer dizer que todos se deixam succumbir. O seu confronto apenas nos mostra que mesmo com as fracas edades o poder de resistencia do soldado portuguez é sempre grande. Vacilla, mas não cae; é atacado pelo paludismo, mas não se deixa vencer.

O medo á Africa, que em Portugal ainda existe, não obstante ser um paiz colonial antigo, precisa ser combatido tenazmente, e, para isso, o quadro da mortalidade que juntamos, fornece alguns elementos de relativo valor. Mas se essa campanha se deve fazer, é necessario que se oriente de fórma a não se fornecerem elementos que

a desacreditem. E, para o conseguir, uma das primeiras medidas que vantajoso era se puzesse em pratica, pelo menos sob o ponto de vista militar, que é ao unico a que nos estamos referindo, deveria ser aquella que definisse d'uma fórma clara e precisa a edade dos soldados que para cá se mandassem.

As expedições e os contingentes que ultimamente teem regressado ao reino offerecem por vezes um aspecto desolador, porque os soldados que os teem constituido são os jovens e imberbes mancebos que pouco tempo antes tinham deixado o lar e a familia. Os seus organismos ainda em pleno desenvolvimento, a sua falta de instrucção, a sua inexperiencia, as saudades da familia, o desejo ardente do regresso ao lar, que alimenta todo aquelle que para aqui vem apenas por méra imposição de serviço, esse conjuncto, emfim, de circumstancias que os domina a todos, fazem com que elles não se apresentem com o aspecto que seria para desejar e que o seu proprio temperamento lhe permitte.

E n'esta ordem de ideias parece rasoavel se procure fazer o recrutamento das tropas coloniaes europeias de entre os soldados reservistas, que, pela sua edade e experiencia da vida, terão, sem duvida, melhores qualidades de resistencia.

E' facil, porém, objectar que por este processo não haveria o numero de soldados sufficientes, porque o processo do voluntariado não garante, em determinadas epochas, os elementos que se tornam precisos. E de facto, assim crêmos que seja, não obstante haver sempre muitos reservistas que se offerecem para vir servir nas colonias. Este processo, além de ter todos os inconvenientes que são inherentes ao systema, é, evidentemente, ainda aggravado com os vicios, defeitos e habitos adquiridos pelos reservistas durante os annos em que estão affastados do serviço militar, e não se submetterem de novo a elle com a facilidade e docilidade que seria para desejar. E esta circumstancia, incontestavelmente digna de ponderação, tem feito com que os adversarios d'este processo tenham augmentado, porque os exemplos são frequentes e por vezes bem desanimadores.

Já dissemos em artigo anterior que a grande maioria dos reservistas que se offereciam para servir no ultramar tinha em vista libertar-se do serviço das reservas para depois dar margem a todo o seu espirito de aven-

tura pelo Brazil e terras de identica attracção. E os individuos dominados por essa ideia, os aventureiros, não são evidentemente elementos que bem sirvam para as colonias, porque não são bons soldados e muitas vezes nem bons cidadãos.

Se porém lhes offerecessem vantagens taes e sobre tudo vantagens que pudessem ser uteis no futuro, é natural que o numero dos voluntarios augmentasse a ponto de se poder então fazer selecção. E todas ellas poderiam então ser bem uteis para os serviços militares coloniaes, para as proprias colonias e mesmo para elles, se lhes fôssem dadas em larga escala e de fórma a attrahil-os e a prendêl-os aqui depois de concluido o seu tempo de serviço a que fossem obrigados. Com essa condição, a regalia que hoje a lei lhe concede e todas as mais que se lhe attribuissem, seriam justas e bem compensadas, porque as colonias precisam d'esses elementos e o paiz só teria a lucrar.

N'este sentido alguma coisa se tem tentado no nosso paiz, em differentes épocas, mas, infelizmente, d'umas vezes d'uma fórma tão timida, e d'outras d'uma maneira tão errada, que os fructos teem sido completamente nullos, se não contraproducentes.

Na organisação militar de 1869 determinou-se em um artigo especial que ás praças de pret que concluissem as suas commissões de serviço colonial lhes seriam dadas, afóra outras vantagens, terrenos, sementes e ferramentas, e que sobre o assumpto se publicaria, acrescenta em paragrapho, um regulamento especial. Todo esse artigo, com promessa e tudo, não passou porém de um retoque artistico para tornar a lei mais perfeita no papel. Os annos passaram, a lei foi alterada, e por vezes bem mutilada, a promessa esqueceu e sobre e assumpto nada se fez. Mas volvidos annos, a justiça ou identico amor pela estetica legislativa, fizeram com que o mesmo artigo e seu paragrapho surgissem de novo para apparecerem quasi que com a mesma redacção na organisação de 14 de novembro de 1901. Mas os annos voltam a passar novamente e pena é se um principio que podia ser salutar, torna a entrar no rol das coisas esquecidas, para dormir outro largo somno de 32 annos.

Talvez para muitos esse principio se apresente como ephemero, phantasista e pouco pratico. Ao nosso espirito, porém, apresenta-se como exequivel, util e vantajoso

se se chegasse a regulamentar bem e, sobre tudo, a executar melhor. E esta affirmação não é baseada simplesmente na nossa pequena experiencia, mas nos dados estatisticos que, sem duvida, são mais seguros e convincentes do que a nossa propria observação pessoal, que pode ser apaixonada e fallivel.

Pelo mappa das praças que continuaram no serviço da provincia de Moçambique mais tempo do que aquelle a que eram obrigadas, quer em nova commissão militar, quer por terem obtido collocações civis, se pode, sem esforço nem favor, concluir que um elevado numero de soldados, mesmo sem auxilio ou protecção de especie alguma fornecida expontaneamente pelo estado, prefere aqui ficar do que voltar para o reino.

Ora, se essa tendencia natural, ethnica, fôsse alimentada, auxiliada, protegida e favorecida pelo estado, dando ás praças de pret elementos de vida para aqui se manterem e sustentarem, se todos elles, emfim, fôssem amparados d'uma fórma pratica, é evidente que a grande maioria em logar de voltar para as suas terras, onde muitas vezes passam fome, prefeririam ficar por estas paragens, como colonos, tentando a vida e procurando a riqueza. E se isso poderia ser bom para elles, tambem o seria para a nação e para o serviço militar, porque então poder-se-hia fazer escolha e selecção, e egualmente seria bom para as colonias, que bem necessitadas andam d'esses elementos.

Entre nós, é conveniente dizer-se, já se tentou desenvolver a colonisação pelo elemento armado, creando-se as chamadas colonias militares. Sem pretender fazer a sua analyse, o que seria demorado, diremos, no emtanto, como esclarecimento, que a ideia pecou por velha e mal applicada. Velha, porque foi a imitação das tentativas postas em pratica, bastantes annos antes, pelo celebre marechal Bugeaud, que foi um dos primeiros generaes coloniaes do exercito francez, e mal applicada porque as nossas tentativas careceram de recursos e de elementos apropriados.

Mappa das praças de pret que continuaram na Provincia mais tempo do que o marcado na lei

Graduações	Effectivos medios em			Pediram readmissão no serviço do Ultramar em			Tiveram baixa do serviço ficando residindo na Provincia em			Pediram remissão do serv.º militar ficando residindo na Provincia em			Total das praças que ficaram na Provincia por mais 2 annos					
													1904		1905		1906	
	1904	1905	1906	1904	1905	1906	1904	1905	1906	1904	1905	1906	Total	%	Total	%	Total	%
Sargentos e equiparados	224	239	238	90	50	83	2	2	0	1	1	2	93	41,5	53	22,6	85	35,6
Cabos, soldados e equiparados	610	644	657	252	21	158	20	10	38	7	9	14	279	45,7	40	6,2	210	31,9
Total das praças de pret	834	883	895	342	71	241	22	12	38	8	10	16	372	44,6	93	14,9	295	32,9

A primeira colonia militar que se organisou entre nós, se não estamos em erro, foi a de Tete, que era constituida pelos soldados de uma das companhias do batalhão de caçadores n.º 1, de Moçambique. A má administração, a dualidade de profissão dos soldados, que não faziam serviço militar porque tinham de arrotear a terra, e que não colonisavam porque tinham guardas e formaturas, e esse lastimavel abandono a que se lançaram por tantos annos as colonias e os que para cá vinham, fizeram com que os resultados fôssem mais do que nullos, anti-disciplinares.

Mais tarde, em 1896, volta de novo a surgir a ideia que os francezes tinham posto já de parte e que entre nós, 41 annos antes, tinha dado maus resultados. E então a tentativa foi mais longe, subiu ás alturas de S. Bento, e com o apoio dos santos da casa decreta-se uma verba de 100 contos para as primeiras tentativas. Mas os defeitos organicos eram os mesmos, se não foram aggravados. Queria-se agricultura, commercio e industria e decreta-se que a instrucção militar dos officiaes e praças fôsse *esmerada*, e para isso era exigida a cada colonia a obrigação de construir mesmo carreiras e campos de tiro. No reino, n'esse tempo, pouco se pensava n'esse ramo de instrucção, mas em todo o caso, para os que se iam dedicar ao labor dos campos africanos, era-lhes imposta essa obrigação. Anomalias que não se comprehendem e aberrações que não se justificam.

O que é verdade é que esse systema de colonisação a *tambour battant*, que em bom portuguez se lhe póde chamar a *toque de caixa*, só deu insuccessos e só serviu para crear desalentos. O que hoje se pretende não é isso, o caminho a seguir é outro. Se se quizer desenvolver a colonisação com o elemento militar, devem-se mandar para cá praças de pret com a edade propria para bem poderem resistir ao clima e devem dar-lhes, depois de cumprida a sua obrigação militar, os elementos essenciaes para viverem isoladamente, isto é, fóra dos regulamentos militares, independentes dos seus superiores e camaradas, para d'esta fórma poderem depôr as armas e lançar mão dos instrumentos de trabalho que, como colonos, lhes garantisse a vida futura. E se fôssem efficazmente auxiliados pelo estado, sem favores e sem excepções, o conhecimento que como militares pudessem adquirir dos recursos economicos das provincias em que servissem,

ser-lhes-ia mais util a elles do que as cartas de empenho e a ignorancia cega que muitas vezes trazem os colonos que para cá veem.

DAVID RODRIGUES
Cap. d'infanteria.

PATRIA, BANDEIRA E REGIMENTO

Allocução proferida por occasião do Juramento de Bandeira na Escola Pratica de Infanteria em 20-1-907 pelo tenente Guedes Vaz (1)

Soldados! — A obediencia ás ordens superiores que muitas vezes parecerá a abstracção da propria personalidade, o alheiamento de nós proprios, e que é apenas consequencia da consciencia nitida que temos do valor d'essa grande força que se chama «Disciplina», leva-nos em muitas circumstancias a fazermos das fraquezas — forças, — a tentarmos as mais difficeis emprezas.

(1) Chegou-nos, por mero acaso, ás mãos a brilhante allocução que o nosso amigo e talentoso collaborador d'esta «Revista», o sr. tenente Guedes Vaz, pronunciou na Escola Pratica de Infanteria pela occasião do juramento dos recrutas.

No intuito de a levar ao conhecimento de todos os nossos regimentos a publicamos tambem.

Está escripta com a maior despretenção, mas commove-nos, porque n'ella rebrilham todas as qualidades que devem enaltecer a alma do soldado.

A simplicidade e o sentimento com que o nosso amigo traçou a sua allocução, notavel por todos os titulos, tornam-na mais apreciada, e por isso mesmo ella se acommoda inteiramente a despertar no coração dos nossos soldados novos o amor da patria, guiado pela Bandeira e fortalecido pelo Regimento.

E' por isso que eu, cumprindo gostosamente uma ordem do nosso ex.mo coronel e apenas receioso da minha insufficiencia, vou tentar intrepretar os sentimentos em que nós todos — officiaes — commungamos, muito embora eu esteja certo de que qualquer outro se desempenharia com muito maior brilho d'essa tarefa.

Este apontoado de pensamentos, embora singelos e muito repetidos já, ser-me-hia difficial coordenal-o e reproduzil-o de improviso, porque me fallece a memoria e careço por completo dos dotes de orador.

Escrevi, portanto: e apraz-me dizer-vos francamente, lealmente, como soldado que me honro de ser, que apenas o soube fazer como se me dirigisse familiarmente a qualquer de vós.

Amanhã, quando o pensamento verdadeiramente humanitario de s. ex.a o ministro da guerra tiver produzido os seus fructos, isto é, quando o vosso espirito se libertar das trevas do analphabetismo, reconhecereis que é bastante, para fazer o que eu fiz: possuir um coração de soldado e não ser de todo ignorante.

Soldados: — As exigencias da instrucção militar trouxeram-vos a esta escola antes que podesseis conhecer os vossos regimentos.

Ouvistes certamente alguma vez falar com desagrado do regimento, mas, pelo pouco que conheceis do serviço militar, já deveis ter comprehendido que vos enganaram, ou por ignorancia ou por malevolencia.

Se alguem carregou de côres escuras o quadro que vos apresentou do regimento, esse alguem foi certamente um mau soldado!

Para o mau soldado o regimento será mau, como para o mau cidadão é má qualquer sociedade em que tenha de viver.

Para esse o regimento será uma especie de presidio, onde lhe algemam a vontade rebelde, onde lhe domam os instinctos de indisciplina.

No regimento o preguiçoso trabalha, o insolente cala-se, o insubordinado submette-se! Eis a razão porque o mau soldadado maldiz do regimento.

Mas para os bons soldados, para aquelles que comprehendem a nobreza da sua missão, para aquelles a quem ensinaram que não ha terra livre sem exercito, nem exercito sem soldados, para aquelles que teem a felicidade de comprehender que a defeza da sua terra, longe de ser um

tributo pesado, é um grato dever, porque é mais nobre ainda do que defender o proprio lar e a propria familia, defender o lar e a familia de todos; para esses o regimento não póde deixar de ser uma nobre familia!

Quem não viu ainda, por occasião de um chamamento de reservas, a commoção, o enthusiasmo com que se abraçam antigos camaradas, contrastando com a frieza, com a indifferença quasi, que manifestam ao encontrarem-se, de regresso ás suas aldeias, com os seus conterraneos?

E' que a amizade contrahida no regimento só encontra similhança no amor de familia, no amor de irmãos!

E, depois, embora isto vos pareça exaggerado, ficae sabendo que nunca sereis tão independentes como no regimento: No regimento, o unico senhor é o regulamento, a que todos, officiaes e soldados, egualmente obedecemos. No regimento não ha, como disse um escriptor illustre, nem industriaes caprichosos, nem commerciantes interesseiros, nem funccionarios arbitrarios, nem chefes intolerantes! No regimento impera apenas um elevado ideal de dever e de justiça!

Santa e nobre familia é o regimento!...

Os algarismos que trazeis nos barretes talvez, para muitos de vós, nada mais signifiquem do que simples numeros de ordem... Enganaes-vos! Esses algarismos representam mais e muito mais! São verdadeiros brazões de nobreza, tanto ou mais gloriosos do que os que tendes visto n'essas pedras d'armas que se ostentam nas casas solarengas das vossas cidades, villas ou aldeias! Esses numeros são o timbre da fidalguia dos vossos regimentos, distinguindo-os como ramos da grande e nobilissima familia que se chama: Exercito!

Essa nobreza é a verdadeira, porque foi conquistada nos campos de batalha em luctas onde a victoria nem sempre se mediu pelo numero dos combatentes!

Cada um d'esses numeros lembra um feito glorioso: Infanteria 1, o regimento de Gomes Freire, lembra o Roussilon e Catalunha; infanteria 2, Magul; infanteria 11, Albuera; infanteria 8 e 19, o Bussaco; caçadores 2 lembra Marraquene; caçadores 3, Coolella; etc., etc...

Citei ao acaso. Todos! Todos os vossos regimentos teem o seu numero escripto a lettras luminosas no livro d'ouro da nossa terra!

Foram soldados como vós que, contra os mouros, em Ourique, fundaram a monarchia portugueza!

Foi com soldados como vós que Nuno Alvares e o Mestre d'Aviz derrotaram, em Aljubarrota, as hostes de D. João I de Castella! Eram soldados como vós aquelles com que, no Oriente, Affonso de Albuquerque e outros gloriosos capitães zombaram do valor e do poder dos mussulmanos. Foi, por ter esse louco heroico — D. Sebastião — perdido em Alcacer-Kibir soldados como vós que a nossa independencia se perdeu por 60 annos!

Foram soldados como vós que, no Montijo e em Montes Claros, demonstraram aos soldados de Filippe IV de Hespanha que Portugal só póde ser portuguez!

Foi commandando soldados como vós que, ha dois seculos, o Marquez das Minas atravessou a Hespanha em som de guerra e foi a Madrid impôr aos hespanhoes um novo rei!

Foi contando com soldados como vós que, em 1763, o grande Marquez de Pombal declarou a guerra á Hespanha e á França a um tempo e elle bem sabia que não contava em vão: Esses soldados disciplinados e valorosos fizeram recuar aos primeiros tiros das suas avançadas os dois exercitos colligados!

Foram contingentes de todos os vossos regimentos: Transmontanos, Minhotos, Durienses, Beirões, Extremenhos, Alemtejanos, Algarvios, que formaram a brilhante, embora desgraçada, legião do Marquez d'Alorna que, encorporada no exercito de Bonaparte, atravessou a Hespanha, a França, a Allemanha, a Austria e foi até ao coração da Russia! Compartilhou da sorte do grande exercito francez, mas ao menos, na batalha de Wagram, uma das mais gloriosas de Napoleão, a meia-brigada portugueza teve a gloria de arrancar esta phrase ao grande general: «Poupem-me os portuguezes!» E' que elle bem vira que aquelle punhado de valentes tinha salvo o exercito imperial na crise mais difficil!

Foram os vossos regimentos que, desde 1807 a 1814, em 15 batalhas, 211 combates e 50 outras acções — 276 ao todo, — libertaram a peninsula do exercito francez, levando os seus valentes soldados de bayonetas nos rins até á propria França!

Foi n'uma d'essas batalhas, no Bussaco, que os soldados inglezes, nossos alliados, festejaram com «hurrahs»

de enthusiasmo, no mais acceso do combate, as cargas brilhantes dos nossos regimentos 8 e 19.

Foi tambem por essa occasião que alguns regimentos viram inscriptos nas suas bandeiras estes versos de Camões, o nosso poeta:

«Julgareis qual é mais excellente»
«Se ser do Mundo rei, se de tal gente!»

Emfim: Foi com soldados dos vossos regimentos que, ha menos de uma duzia d'annos, o heroico Mousinho d'Albuquerque, essa brilhante figura de cavalleiro medieval, derruiu em Chaimite, a lenda aterradora do poderoso rei de Gaza!

Bem vêdes que vos deveis orgulhar de serdes soldados portuguezes; bem vêdes que vos deveis vangloriar dos vossos regimentos!

Soldados: — Ides confirmar, ratificar o vosso juramento de bandeiras. Sabeis o que é a Bandeira?...

E' o symbolo sagrado da Patria!

E sabeis o que é a Patria?

Que condão, que magia terá essa palavra que mais de uma vez tendes ouvido pronunciar com devoção e enthusiasmo no comicio ou no pulpito, ouvindo ler uma passagem da nossa historia ou, no jornal, um novo feito dos nossos nas campanhas d'Africa? Não é certo que sentis como que um frémito, um arrepio que vos percorre a espinha, que parece levantar-vos os cabellos, seccar-vos a garganta e humedecer-vos os olhos, que vos vinca no rosto um sorriso de alegria ou uma ruga de dôr?...

Porque será?... Que magico encanto terá essa palavra: «Patria!» ?...

E' que esse nome sagrado exprime, na sua simplicidade, tudo quanto para vós existe de mais caro: A casinha onde nascestes e que alveja ao longe, nas charnecas do Alemtejo, nas campinas da Extremadura, nas veigas do Douro e Minho, nas praias do Algarve, debruçada nos fraguedos, da Beira e Traz-os-Montes. O campo que vossos paes orvalham com o suor do seu rosto. A lareira, onde vossos avós, com as cabeças alvas de neve de muitos invernos, vos contavam velhas historias de principes e fadas e mouras encantadas. O cemiterio onde alguns d'elles repousam já. A ermida onde vos baptisaram e on-

de recebestes a primeira communhão. A vossa mãe, as vossas irmãs, a vossa noiva!

A Patria é a fusão de todos os sentimentos n'um só sentimento, de todas as vontades n'uma só vontade, de todas as vidas n'uma só vida!

Ahi tendes porque, ao ouvirdes pronunciar essa palavra, sentis abalar todo o vosso ser. E' que o amor da patria é um sentimento que Deus gravou bem fundo no coração de todos os homens; e é esse sentimento que nos arranca lagrimas amargas de indignação quando a julgamos humilhada ou menospresada; lagrimas de alegria quando a julgamos respeitada e feliz; lagrimas de enthusiasmo quando ouvimos ou lêmos as paginas fulgurantes da nossa historia, os feitos heroicos dos nossos antepassados.

O culto sagrado da Patria, cujo apostolado é de nós todos — Portuguezes — é, como a religião de Christo (que tambem é nossa) todo feito de «amor» e de «paz», porque não ha «amor» comparavel ao que devotamos á nossa querida terra, nem «paz» que sobreleve á da consciencia do dever cumprido.

O symbolo da Patria é a Bandeira.

Dizem todos os que foram um dia chamados a honrar o nome portuguez para além do Oceano, como para além das fronteiras, que é preciso ser-se soldado, marchar por caminhos que não são os do nosso Portugal, ouvir falar outra lingua que não aquella com que nossas mães nos embalaram; que durante dias seguidos de fadigosas etápes e combates, além dos nossos irmãos d'armas, nada mais vejamos da nossa terra do que a nossa bandeira, fluctuando, esfarrapada mas altiva sempre, no centro do nosso regimento; que é preciso tudo isso para comprehendermos bem nitidamente quanto encerra de grande esse pedaço de sêda!

Na batalha de Toro, D. Duarte d'Almeida morreu abraçado a ella!

Pois bem: Se um dia, dizimado o vosso regimento, a virdes caír, o ultimo de entre vós que tiver um alento ainda, arraste-se até ella, abrace-a tambem, guarde-a bem dentro da sua farda... Depois, finda a lucta do dia, quando os sobreviventes percorrerem piedosamente esse campo de mortos para lhes dar sepultura, verão aqui e acolá centenas de physionomias lividas mas energicas, consoante as surprehendeu a morte... verão linhas in-

teiras, lividas mas attentas, mãos crispadas na coronha, como se, com vida ainda, aguardassem o toque de «carregar»... Mas entre todas essas physionomias uma se notará illuminada como nenhuma outra! E' a d'aquelle que, com a morte na garganta, poude ter o seu ultimo pensamento para a sua bandeira, e teve a suprema ventura de morrer ungido por ella!

Infelizmente, não tendes aqui a Bandeira dos vossos regimentos!...

Não a podereis conhecer desde já...

Não lhe poderemos prestar as honras que lhe são devidas, saudando-a militarmente, com um misto de commoção e de respeito, um misto de devoção e enthusiasmo, o coração transbordando de amor, os olhos transbordando de lagrimas!

Ella é «azul» e «branca»! (Já vol-o disseram os vossos officiaes). «Azul» como o ceu e como o manto da Virgem nossa Padroeira! «Branca» como as consciencias puras e como a neve das nossas serras! «Ella» falta-nos aqui, mas todos nós a temos bem gravada no coração e no pensamento.

Na sua falta, ides jurar sobre a espada do nosso coronel! E' pratica que vem de longe. Os primeiros cavalleiros do christianismo prestavam os seus juramentos sobre a cruz formada pela lamina e as guardas das suas espadas gloriosas.

Reparae bem que é o mais sagrado de todos os juramentos, este que ides contrahir, perante Deus, perante os vossos camaradas, perante os vossos concidadãos, de defender a patria e o rei.

A espada, além de representar a cruz, symbolisa tambem o sentimento mais bello que póde albergar o coração de um soldado. Emquanto a virdes brilhar ao lado das vossas bayonetas, segui-a sempre porque seguireis o caminho da honra!

GRANADAS DE MÃO

O major do exercito francez Niessel, no seu interessante livro — *Enseignements tactiques decoulant de la guerra russo-japonaise* — refere-se ao emprego de granadas de mão durante a campanha da Mandchuria.

Este assumpto é interessante, porque sendo facil constituir-se estes artificios de guerra no proprio campo de batalha, evidentemente é mais um elemento valioso, quer para a defeza quer para o ataque, com que se reforça a potencial dos exercitos.

Não ha nada inutil n'este mundo e não deve desprezar-se nunca as lições da experiencia.

Com quanto se saiba que da guerra russo-japoneza não sahiu nenhum ensinamento que modificasse fundamentalmente os principios da tactica, é, porém, certo, e isso já foi reconhecido na douta Allemanha militar, que nos detalhes alguma cousa se evidenciou que reclama as attenções e o estudo de todos aquelles que se consagram a esta ordem de trabalhos.

O largo uso que se fez da fortificação de campanha durante os combates da Mandchuria deve conduzir-nos ao estudo da resolução de variados problemas.

As marchas de noite, os combates de noite, tão preconisados no exercito japonez, e dos quaes tirou esse exercito um tão notavel resultado na sua recente campanha, teem preoccupado todo o mundo militar.

O uso das granadas de mão, com exito n'essa formidavel guerra, deve tambem constituir elementos valiosos e poderosos de estudo.

Mas, infelizmente, vêmos todas estas cousas desprezadas entre nós.

A Escola Pratica de Infanteria, que deveria constituir uma verdadeira escola progressiva, onde se ensaiassem

todas as innovações que a experiencia de outros exercitos tem consagrado como uteis, queda-se dentro da letra restricta e rigida dos regulamentos, seguindo uma estrada rotineira, d'onde a larga iniciativa, em todo o seu pujante desenvolvimento, se encontra divorciada.

Não nos consta que até ao presente se tenha alli estudado todos os variadissimos problemas que resultam ou devem resultar de um largo emprego da fortificação no campo de batalha, como seria a dotação da ferramenta portatil ás unidades de infanteria, a sua qualidade, os typos de obras a effectuar, a forma de as effectuar debaixo de fogo, poupando vidas, etc., etc.

O mesmo com referencia ás manobras de noite, cuja importancia ninguem pode contestar.

Mas isto que dizemos nasce no nosso espirito apenas pelo muito que queremos á Escola Pratica de Infanteria, e pelo muito que desejamos que a arma lhe deva, além do que já lhe deve, e que não é pouco na verdade.

Deveria ser na Escola Pratica de Infanteria que se deveriam praticamente ensaiar as granadas de mão.

Dois exemplos tirados da guerra russo-japoneza veem mostrar a importancia do uso d'estes artificios de guerra.

Eil-os:

Durante a offensiva japoneza, na noite de 5 de março de 1905, na batalha de Mukden, nas alturas de Eurionko, effectuava o ataque o regimento de infanteria n.º 47.

As companhias tinham o seguinte despositivo:

A' frente 15 granadeiros de cada companhia (soldados voluntariamente offerecidos para esta arriscada operação) munidos de granadas de mão; 30 a 40 passos á retaguarda uma secção de cada companhia em atiradores, e 50 passos atraz d'estes as outras secções em ordem unida.

Os soldados portadores das granadas quando chegaram a alguns passos apenas de distancia dos russos, atiraram as suas granadas, o que obrigou a retirada precipitada do inimigo.

E', porém, certo que quasi todos os granadeiros ficaram mortos alli.

Outro exemplo, e este então presenceado pelo capitão allemão Hoffmann, vem pôr em completo destaque as vantagens do emprego das granadas de mão na defensiva.

O capitão Hoffmann, era addido militar ao exercito russo na Mandchuria.

A 14 de março de 1905, durante a retirada do exercito russo, depois da batalha de Mukden, occuparam estes uma posição fortificada sobre a margem norte do rio Fan-Ho. O regimento n.º 30 de infanteria japoneza recebeu ordem para tomar essa posição. A primeira linha tinha-se approximado a pouco e pouco da posição russa, e seriam 9 horas da manhã quando a 12.ª companhia do regimento 30 se dispunha a dar o assalto.

Os russos deixaram que a companhia se aproximasse a 20 ou 30 passos, e só então é que sahiram dos seus abrigos e lançaram sobre os japonezes granadas de mão. Em alguns segundos a companhia ficou inteiramente aniquillada, tendo escapado apenas 4 praças que se tinham refugiado junto mesmo á obra occupada pelos russos.

A impressão que este episodio de guerra produziu no capitão Hoffmann foi grande, porque parecia que uma onda de ferro tinha sido lançada pela posição russa para destruir tudo o que encontrava na sua frente.

Diz o jornal francez d'onde extrahimos estes dois exemplos, aliás bem caracteristicos e typicos do uso proveitoso das granadas de mão, tanto na offensiva como na defensiva, que esta questão se não deve perder de vista, sobretudo na previsão de combates de noite e em volta de pontos de apoio do campo de batalha.

Pela nossa parte chamamos tambem a attenção da Escola Pratica da nossa arma para o estudo que, a nosso vêr, ella deve fazer sobre a utilisação d'estes artificios de guerra.

Não queremos finalisar este artigo sem citarmos as proprias palavras com que o actual major Niessel encerra o capitulo referente ás granadas de mão no seu livro acima referido.

«Se bem que todos estes processos offerecem um caracter de improvisação, não se pode negar, comtudo, o desenvolvimento do emprego das granadas de mão e a sua importancia. Tem-se já procurado aperfeiçoal-as e munil-as com um novo systema menos primitivo de communicar-lhe o fogo. Mas, n'este caso, fabricar-se-hiam engenhos de guerra muito ligeiros, e os combatentes preferem continuar a confeccionar as suas granadas de mão com os envolucros velhos dos shrapnells».

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 7 — 1907)

V

Desmontagem e montagem

1) Desmontar a metralhadora

Para a desmontagem da metralhadora, que deve fazer-se sempre que tenha feito fogo e ainda de tempos a tempos para limpeza e substituição de mesturas e empanques, procede-se como segue:

1.º — Prime-se pela serrilha o fecho da tampa da culatra e levanta-se completamente;

2.º — Leva-se á frente a manivella d'armar com uma das mãos emquanto que com a outra se extrahe o bloco, fazendo-o rodar de 60 gráus para qualquer dos lados para o desligar da haste da biela ao mesmo tempo que se cede á força da mola recuperadora deixando que a manivella volte á primitiva posição;

3.º — Premido e puxado o botão-mola do reforçador do recúo, extrahe-se. Faz-se rodar á esquerda o corpo anterior do reforçador puxando-o no sentido do eixo do cano e extrahe-se tambem. Com chave propria desaparafusa-se sufficientemente para a extracção o ampliador da face anterior do cano. Com a mesma chave desrosca-se o fixador do reforçador do recúo, continuando a desroscal-o á mão, até sahir;

4.º — Impelle-se com as duas mãos a caixa da mola recuperadora para a frente a qual se solta dos pernos da face esquerda da caixa da culatra, desprendendo-se os gaviões da cadeia articulada;

5.º — Extrahe-se o alimentador puxando-o normalmente ao cano;

6.ª — Extrahe-se a cadeia articulada fazendo-a rodar e puxando-a ao mesmo tempo;

7.º — Com a mão esquerda prime-se o extremo da cavilha-mola do punho duplo emquanto que a mão direita rodando-a e puxando-a, a extrahe;

8.º — Extrahe-se, puxando-o verticalmente, o punho duplo;

9.º — Tira-se a haste do gatilho puxando-a e voltando-a á direita;

10.º — Tiram-se as placas esquerda e direita;

11.º — Puxam-se os tirantes extrahindo o cano e separando-os d'este. Depois tira-se o amianto do empanque á bocca e colloca-se estirado, sobre o deposito de agua.

2) Montagem da metralhadora

1.º — Mette-se o cano com o empanque posterior no deposito com a lettra de referencia para cima; e, antes de o introduzir completamente, ligam-se-lhe os tirantes levando-se tudo á frente, aos seus logares. O amianto deve ser de um comprimento de $0^{m},28$, e de um diametro aparente de $0^{m},002$, bem encebado e collocado em espiraes sobrepostas e unidas, o que se faz com a ajuda de uma tala de madeira e de forma que ao ser introduzido no deposito não seja cortado pelo bronze, afim de poder assegurar uma bôa obturação da agua e ao mesmo tempo permittir um movimento facil ao cano;

2.º — Mettem-se as placas esquerda com perno e direita com escape e rolete;

3.º — Põe-se a haste do gatilho;

4.º — Colloca-se o punho duplo e cavilha-se;

5.º — Mette-se o eixo da biela e cavilha-se;

6.º — Põe-se o alimentador no seu logar;

7.º — Mettem-se os gaviões da mola recuperadora nos engates da cadeia, leva-se a caixa á frente com força e fixa-se nos pernos;

8.º — Põe-se o empanque á bocca enrolando-o da esquerda para a direita, por cima, no cano, encostando-o o mais possivel com os dedos por movimentos no sentido do enrolamento. Este empanque deve estar tambem encebado como o empanque posterior;

9.º — Aparafusa se o fixador e aperta-se com a chave, tendo o cuidado de não o apertar forçadamente quando algum fio d'amianto se introduza na rosca. E' indispensavel que fique bem apertado contra o bronze e sem interposição de amianto nas roscas;

10.º — Monta-se o ampliador da face anterior do cano e aperta-se com a chave depois de bem encostado ao cano;

11.º — Põe-se o reforçador do recúo, roda-se á direita e mette-se o botão-mola;

12.º — Com a vareta e um trapo n'esta faz-se a limpeza do cano interiormente depois do que se lubrifica;

13.º — Leva-se á frente a manivella d'armar e levanta-se a haste da biela introduzindo-se o bloco que faz rodar de 60º lançado na caixa da culatra onde deve cahir sobre as guias. Largando a manivella, elle vae ao seu logar;

14.º — Fecha a caixa da culatra abatendo a tampa.

3) Desmontar o bloco

1.º — Solta-se o percutor;

2.º — Solta-se a noz premindo o gatilho;

3.º — Tira-se a cavilha-mola, o eixo da forquilha de fixação e ligação a esta;

4.º — Tira-se a alavanca dupla de elevação do porta-cartuchos;

5.º — O eixo do desarmador;

6.º — O eixo da noz soltando-se a mola do percutor;

7.º — O porta-cartuchos;

8.º — O percutor;

9.º — O eixo do detentor e este.

4) Montar o bloco

Pondo-se este com a direita para cima procede-se como segue:

1.º — Introduz-se o detentor com a mola para a esquerda;

2.º — Mette-se o percutor;

3.º — A noz e o seu eixo;

4.º — O desarmador e seu eixo;

5.º — O porta-cartuchos;

6.º — A alavanca dupla de elevação do porta-cartuchos depois de abater o percutor;

7.º — A mola do percutor com o ramo maior para a direita;

8.º — A forquilha, eixo e cavilha depois de armar o percutor, entre a cauda da noz e a do detentor.

Para a execução de todas as operações de montar e desmontar que indicamos, são necessarios muito pequenos esforços, com excepção apenas da montagem da mola do percutor, que deve ser ajudada com um cabo de madeira de qualquer ferramenta.

Todas as peças ajustando-se perfeitamente requerem tanto para a desmontagem como para a montagem mais cuidado na applicação dos esforços do que força exagerada.

A desmontagem e montagem do bloco só deve fazer-se quando se trata de limpar completamente a metralhadora e para a substituição de qualquer peça.

No caso accidental de haver de substituir-se uma peça do bloco, faz-se uso do bloco completo de reserva emquanto se faz a substituição ou guardando este para ser feita sem precipitação.

(Continua) CAP. BUGALHO.

PROMOÇÃO A TENENTE

DOS

Alferes regressados do ultramar e sua collocação na escala d'accesso

No ultimo numero d'esta *Revista* ficou demonstrado que os alferes promovidos a este posto em conformidade com as disposições do decreto de 14 de novembro de 1901 devem ser promovidos a tenente no dia 1 do mez de dezembro immediato áquelle em que terminarem a commissão, em harmonia com as seguintes disposições de lei:

1.ª — Serão promovidos a tenente os alferes das armas de cavallaria e infanteria que contem quatro annos de posto, sendo dois, pelo menos, de serviço effectivo nas tropas, e satisfaçam ás condições geraes da promoção; artigos 19.º e 55.º da carta de lei de 12 de junho de 1901.

2.ª — Os alferes do corpo de almoxarifes d'engenheria e artilheria, que no dia 1 de dezembro de cada anno con-

tem quatro annos de posto e satisfaçam ás condições geraes de promoção, serão promovidos a tenentes; § 1.º do artigo 3.º da lei de 30 de junho de 1903 publicada na ordem do exercito n.º 8, 1.ª serie, do mesmo anno.

3.ª — O serviço dos officiaes do exercito do reino, nas commissões ordinarias de serviço no ultramar, é contado, para os effeitos de promoção ao posto immediato, como prestado nos corpos das armas a que pertencem os referidos officiaes e aproveita para a contagem dos prasos que tenham de ser passados nos postos, designados na carta de lei de 12 de junho de 1901; artigo 21.º e § 2.º do artigo 178.º do decreto com força de lei de 14 de novembro de 1901.

*

Em virtude d'esta ultima disposição, o tempo de posto dos alferes promovidos em conformidade com o decreto de 14 de novembro de 1901 deve ser contado desde a data da sua promoção, ficando assim com eguaes direitos aos dos alferes promovidos directamente para preenchimento de vagas na metropole, como eguaes são tambem as condições a que uns e outros teem que satisfazer para serem promovidos ao referido posto.

Demais, o tempo para o effeito do augmento de soldo por diuturnidade de serviço é contado, para todos os subalternos, desde a data da promoção a alferes, e assim, se a diuturnidade exigida para o posto de tenente não fosse contada desde a mesma data, dar-se-hia o facto dos alferes que servissem no ultramar contarem os primeiros annos para o effeito do augmento de soldo correspondente a doze annos de serviço, como subalterno, e tempo nenhum para o augmento relativo a quatro annos, pelo simples motivo do augmento de soldo ser, n'este caso, acompanhado do distinctivo de tenente; isto é, um alferes contaria determinado tempo para o effeito de diuturnidade e nenhum para o mesmo fim.

Com esta doutrina aggravar-se-hia tambem o prejuizo que tiveram os alferes já regressados do ultramar, em consequencia de terem preenchido as vagas de tenente, com atrazo na sua promoção a alferes directamente para o reino e a tenente para o ultramar, onde teriam servido apenas dois annos e em melhores condições economicas.

Ainda pois que o decreto com força de lei de 14 de novembro de 1901 fôsse omisso, n'esta parte, o tempo

para a promoção, por diuturnidade, a tenente dos alferes promovidos em conformidade com as suas disposições, não poderia deixar de ser contado desde a data da promoção a este posto e, portanto, devem ser promovidos no dia 1 de dezembro immediato ao mez em que terminarem a sua commissão, mas é justo que o sejam sem prejuizo dos alferes que devam occupar mais alto logar na escala d'accesso e que não tiverem o tempo exigido para a promoção por não terem servido no ultramar, por analogia com a doutrina do § 2.º do artigo 55.º da lei de 12 de junho de 1901.

Comtudo, os alferes que regressaram do ultramar e se apresentaram no ministerio da guerra até ao fim de novembro de 1906 não foram ainda promovidos, devido, certamente, ao desejo d'aguardar o resultado dos trabalhos da commissão nomeada pora definir os logares que os mesmos officiaes devem occupar na escala d'accesso.

*

Se não ha razão para se sustentarem duvidas ácerca da promoção a tenente dos alferes regressados do ultramar, tambem pelo que respeita á collocação dos mesmos officiaes na escala d'accesso a lei parece não ser menos explicita.

Diz-se que a difficuldade da collocação dos alferes na escala d'accesso reside na impossibilidade de conciliar os artigos 6.º e 10.º de decreto-de 14 de novembro de 1901. Se assim é, mal se comprehende que seja e não se percebe bem onde está a differença entre a forma da collocação dos alferes e a dos restantes officiaes, porque o artigo 10.º determina apenas que, pelo que respeita aos alferes de cavallaria e infanteria, as deslocações a effectuar na escala d'accesso, por virtude do artigo 6.º devem simplesmente ter logar entre os alferes provenientes da classe dos sargentos, para não prejudicar a relação estabelecida no artigo 49.º da carta de lei de 12 de junho de junho de 1901, entre os officiaes habilitados com o respectivo curso e os provenientes da classe dos sargentos, e isto obtem-se mantendo inalteraveis os logares occupados por alferes habilitados com o curso e fazendo as deslocações exclusivamente entre os restantes, tal e qual como se deve proceder para com os outros officiaes.

Por esta forma, sempre que um alferes proveniente

da classe dos sargentos tenha que passar á direita d'um ou mais alferes habilitados com o curso, ha de haver necessariamente outro da mesma proveniencia que tem de passar á esquerda dos mesmos officiaes, mantendo estes, portanto, a altura que occupavam antes da troca de logares entre os alferes provenientes da classe dos sargentos, como determina o artigo 10.º

Para mais facil comprehensão do que fica exposto, encontra-se no fim d'este artigo um mappa hypothetico de 25 alferes promovidos em 1903, com indicação dos logares que lhes pertenceriam na escala d'accesso se a promoção para o ultramar se fizesse sem prejuizo e dos que lhes ficaram pertencendo em virtude dos logares que subiram os alferes promovidos em conformidade com as disposições do decreto de 14 de novembro de 1901.

Para melhor intelligencia d'esse mappa, e como seu complemento, é este acompanhado dos quadros n.ºs 1 e 2 a que o mesmo allude.

Por elle se vê que, como ficou dito, o problema se reduz a uma simples alteração nos logares occupados por alferes provenientes da classe dos sargentos.

*

Parecerá extraordinario que no mappa, embora hypothetico, se considerasse apenas 10 alferes habilitados com o curso, quando seria mais natural considerar 30, visto ter havido 45 vagas, necessarias para a promoção dos 15 alferes provenientes da classe dos sargentos.

Embora a promoção a alferes dos aspirantes a official não esteja como a dos sargentos ajudantes, dependente das vacaturas, o numero considerado no mappa é, na verdade, diminuto, mas o que se pretende demonstrar é a forma como se altera os logares dos alferes provenientes da classe dos sargentos sem prejudicar os habilitados com o curso, e, para isso, basta considerar um pequeno grupo d'estes, pois que a forma de proceder é rigorosamente a mesma, seja qual fôr o numero d'aspirantes promovidos a alferes.

*

As deslocações effectuadas no referido mappa estão em rigorosa harmonia com a doutrina dos artigos 6.º e 10.º e constituem, talvez, o melhor meio de mostrar a

ordem definitiva pela qual devem ficar os alferes, em virtude dos referidos artigos.

Comtudo, para bem comprehender esta ordem, pode ainda admittir-se a hypothese de não ter havido promoções a alferes no reino n'um periodo superior a 4 annos. Se esta hypothese se realisasse, ninguem encontraria difficuldade na collocação dos alferes regressados do ultramar, na lista dos sargentos ajudantes, e as vagas que depois se dessem seriam prehenchidas pelos sargentos ajudantes do *n* e pelos alferes regressados, pela ordem definitiva em que já estavam por haverem terminado a commissão.

A hypothese formulada não se realisa, mas as deslocações são feitas como se ella se realisasse.

(Continúa). *J. T.*

TIRO NACIONAL

A ordem do exercito n.º 11, de 28 de junho, traz um decreto dictatorial organisando carreiras de tiro nas sédes dos concelhos e povoações importantes, com o fim de diffundir pela população a pratica do tiro ao alvo, preparando d'este modo valiosos elementos com que a patria possa contar no momento do perigo.

O pensamento inicial d'este decreto é na verdade altamente patriotico e não pode deixar de merecer incondicionalmente os nossos mais sinceros e enthusiasticos applausos.

Quanto ao decreto em si mesmo merece-nos alguns reparos, que opportunamente apresentaremos n'esta *Revista*

com a intenção tambem patriotica de concorrermos com a nossa quota parte para o fim altruista que se procura attingir.

N'este assumpto do tiro temos, na verdade, avançado alguma cousa desde que entre nós houve a feliz ideia de dar á infanteria a sua autonomia, creando-se a direcção geral de infanteria.

Não desejamos fazer historia retrospectiva, mas todos sabem que ainda não ha muitos annos muitas centenas de soldados passavam á reserva sem nunca terem dado um tiro ao alvo.

As cousas mudaram, e n'essa parte, felizmente, o progresso é bem assignalado.

No tocante ao tiro nacional é que estamos ainda muito no principio.

Não é de um momento para outro que se criam habitos novos n'um povo.

O peso dos mortos é sobre os vivos bem mais efficiente do que á primeira vista parece.

A herança moral, os estimulos herdados das gerações passadas teem tal poder imperativo que loucura seria pensar em modificar habitos e sentimentos de um povo, só com o traço de pena de um decreto.

«As ideias, diz um author celebre, não se formam senão apoz uma elaboração muito lenta, transformam-se em sentimentos e penetram então nas obscuras regiões do inconsciente, onde formam os nossos pensamentos».

. . . . . .

«A vida de um povo, as suas instituições, as suas crenças e as suas artes não são mais do que a trama visivel da sua alma invisivel. Para que um povo transforme as suas instituições, as suas crenças, e as suas artes, é preciso que primeiro transforme a sua alma».

Ora n'esta transformação da alma de um povo é que está a grande difficuldade.

Essa transformação será lenta, como convem para ser duradoura. Deve principiar pela escola de instrucção primaria.

Nunca poderemos modificar e transformar o lar domestico sem que da escola nasça a luz que vá lentamente transformando as ideias em sentimentos, para mais tarde elaborarem os pensamentos generosos, que devem dar vulto e grandeza á alma do povo.

E' um erro, e dos mais funestos, pretender que o mestre escola seja apenas o homem encarregado de ensinar a lêr os nossos filhos.

Não, mil vezes não.

E' mister que elle seja tambem e principalmente o educador dos homens do futuro, que lhes infiltre no cerebro e no coração o germen de ideias generosas que constituam a sementeira bemdicta em prol da grandeza da nossa patria; que o livro, que a creança lê e relê nos mais verdes annos, não seja uma frivolidade de conceitos soltos, de contos pueris, de licções escusadas e muito antecipadas, mas uma biblia civica onde se grave os grandes ensinamentos moraes que façam da creança um bom filho, e mais tarde um excellente marido, um optimo pae e um grande cidadão.

Assim, sim, por esse caminho é que poderemos chegar longe, e todo o bom cidadão deve envidar os maiores esforços para concorrer, com o que puder, e como puder, para a transformação da nossa escola de instrucção primaria.

O tiro nacional na Suissa é uma instituição enraizada na alma do povo.

Por isso mesmo é que é uma coisa séria.

O douto general francez Langlois ainda no anno passado foi presencear, por seu alvedrio, as grandes manobras do exercito suisso e as suas impressões estão hoje publicadas em livro que felizmente temos presente.

Diz o general que o soldado suisso executa durante a sua vida, na elite, na landwehr e nas sociedades civis, um minimo de 1:025 tiros ao alvo, ao passo que o soldado francez, comprehendendo a reserva territorial nunca vae além de 584 tiros!

Esta simples revelação põe bem a claro o valor do tiro na Suissa e o carinho e o zelo e o interesse com que o suisso se dedica a uma instrucção tão util e tão indispensavel á defeza da patria suissa.

O decreto de 27 de junho é, sem a menor contestação, um passo, mas um grande passo, dado no bom caminho, e a nós, á infanteria, principalmente, cumpre o dever de empenhar os maiores esforços para se alcançar o mais que fôr possivel n'esse trabalho tão productivo e tão necessario á defeza da nossa querida patria.

BIBLIOGRAPHIA

Annuario da Escola do Exercito — *Anno lectivo de 1906-1907.*

Acabamos de receber esta importante e interessante publicação, que, com a maior lucidez e methodo, nos põe ao corrente do estado prospero e florescente do nosso primeiro estabelecimento scientifico-militar.

A Escola do Exercito mereceu-nos sempre a maior sympathia, e é com verdadeiro desvanecimento que acompanhamos os progressos notaveis, que de anno para anno, alli se vão realisando, o que muito honra o seu douto corpo docente.

No Annuario que temos presente ha a destacar a proficientissima oração com que o sr. major Oliveira Simões, distincto lente da Escola do Exercito, e nosso muito querido amigo, abre a sessão solemne para inauguração dos trabalhos escolares de 1906-1907.

Lemos meditadamente esse notavel trabalho do illustre professor e distincto homem de sciencia, e, confessamos que nos deixou uma impressão bem funda no nosso espirito, não sabendo nós mais que admirar, se a riqueza da linguagem vernacula, a forma modelar do discurso, se a pujante manifestação do estudo, da alta probidade scientifica do lente, que assim honra o exercito, a Escola e a sciencia.

E'-nos absolutamente impossivel, e com magoa o dizemos, poder dar n'este logar uma pallida ideia do discurso do sr. Oliveira Simões, que tanto brilho e renome espalha no Annuario que temos presente, porque os acanhados moldes da nossa *Revista* não nos dão o espaço que para tal empreza seria necessario.

Mas não queremos, nem devemos deixar de inserir aqui uma passagem da oração a que nos estamos referindo, e que põe em relevo, por um lado, o artista da palavra, por outro, o educador, e ainda a grandeza da alma do sr. Oliveira Simões como pensador e como patriota.

«Instruir e educar o exercito é engrandecer e fortalecer a patria, que consubstancia e representa.»

«Nas escolas militares se formam os mestres, os apostolos do dever, a quem compete instruir e educar a nação que lhes entrega e confia o que tem de mais precioso — os seus filhos mais validos de corpo e de espirito».

«Não basta ao official que seja um compendio de virtudes civicas, um conjuncto de elevados dotes moraes, um sacerdote da honra nacional; que tenha uma inquebrantavel energia physica, o espirito de obediencia voluntaria, reflectida e consciente, a suggestão impulsiva do mando, a audacia com a prudencia, a resolução e a ponderação cautelosa, a coragem indefectivel, a abnegação até ao heroismo, o heroismo até á morte. Sem instrucção o official é incompleto, não satisfaz ao preceito geometrico que Napoleão definiu para o perfeito equilibrio, exigindo-lhe tanto de base como de altura, tanto de caracter como de saber».

Que estas sinceras verdades se gravem para sempre na alma de todos os nossos camaradas é o que do coração deseja a «Revista de Infanteria», que muito agradece a offerta do precioso livro que tanto conforto nos deu.

Secção do extrangeiro

Belgica.—As experiencias feitas em 1901 e 1902, no campo de Beverloo, determinaram a adopção da metralhadora Hotchkiss para o armamento da infanteria de fortaleza e para as divisões de cavallaria.

A exiguidade do orçamento do ministerio da guerra não permittiu ainda proceder-se a esta despeza.

O ministerio da guerra acaba de encommendar o primeiro lote de 40 metralhadoras para a defeza dos intervallos dos fortes da posição de Anvers.

*

O ministerio da guerra acaba de publicar um novo regulamento relativo ao serviço de vigilancia e de reconhecimentos.

Este trabalho que, na opinião de officiaes d'aquelle paiz, é original e muito interessante, divide-se em trez brochuras.

A primeira trata propriamente do assumpto especial que interessa não só ao estado maior, mas a todas as armas, fornecendo numerosos ensinamentos relativos á maneira como se devem executar em campanha as destruições, tendo uma carta com a rede telegraphica e telephonica da Belgica, tratando a telegraphia com muito desenvolvimento.

As outras duas brochuras, uma, contem a descripção dos uniformes de campanha dos diversos corpos e serviços da França e a outra da Allemanha.

N'estes dois volumes encontramos a distribuição das grandes unidades dos dois paizes, com todos os detalhes dos seus effectivos de guerra, dispositivos de marcha, de concentração e de bivaque.

Dizem que as gravuras representando as tropas dos dois paizes estão admiravelmente bem feitas.

Como não temos nada semelhante entre nós, chamamos a attenção de quem competir para que se coordene um regulamento no sentido do belga, que reputamos necessario e muito facilita o estudo dos officiaes.

Julgamos ocioso dar mais desenvolvimento a este voto, que tão singelamente aqui deixamos consignado.

Inglaterra. — Sabe-se de fonte auctorisada que o grande Rei Eduardo VII de Inglaterra, fará em breve uma visita ao Imperador da Russia.

A opinião publica na Russia está hoje toda favoravel á Inglaterra, e o proprio Czar muito grato e reconhecido ao Rei Eduardo, pela maneira como elle tem cumprido a sua promessa, ajudando a sustentar a Russia, durante esse periodo desolador por que tem passado.

Não ha a mais pequena duvida de que a acção diplomatica d'esse grande Rei, cuja preoccupação constante e unica é o engrandecimento e a felicidade da sua patria, tem sido efficaz e talvez o primeiro e maior elemento da paz que a Europa está disfructando.

Sabe-se que tanto no ministerio dos negocios estrangeiros da Russia como no Foreign Office da Inglaterra se teem dado instrucções para que haja as melhores e mais cordeaes relações entre os dois povos.

Estados-Unidos. — Ha ao presente uma grande excitação nos circulos officiaes dos Estados Unidos da America contra as reclamações japonezas pelos factos succedidos na California.

O governo do Mikado é accusado de desprezar a extrema boa vontade do presidente Roosevelt e de aproveitar-se dos incidentes, ainda os mais insignificantes, para crear difficuldades internacionaes.

Parece que esta attitude do Japão esconde ou occulta um pensamento reservado de guerra, por isso mesmo que o governo americano sabe que nos arsenaes e nos estaleiros maritimos japonezes se trabalha de noite e dia.

Dizem de Tokio que o Mikado a muito custo pode conter o ardor bellicoso do seu povo.

Espera-se que a influencia da França e da Inglaterra leve o povo japonez a não fazer a guerra, mas nada nos assegura e garante que os preparativos navaes do Japão não sejam, na verdade, senão o inicio de uma grande guerra contra os Estados-Unidos.

*

O governo de Washington parece ter decidido que a esquadra americana se concentre no Pacifico.

Esta noticia causou uma profunda emoção nos Estados-Unidos e ainda que o presidente Roosevelt desminta a noticia, todavia, receia-se na grande republica, dos sentimentos anti-americanos do Japão.

França. — As principaes manobras do corrente anno serão dirigidas pelo illustre general Hagron, um dos generaes em que a França deposita justificadamente as maiores esperanças.

As manobras terão logar no departamento da Charente.

*

A 3 kilometros de Besançon acaba de ser inaugurado o novo campo de instrucção militar de Valdahon, no meio do maior enthusiasmo da população.

O general Bailly, commandante da 25.ª brigada de infanteria, n'um discurso muito applaudido, agradeceu os votos da municipalidade e da população pelo progresso da instrucção do exercito, assegurando os melhores sentimentos da tropa para com o elemento civil.

Entre nós, pelo contrario, inutilisam-se esforços dedicados e sinceros no sentido de dotar o exercito com campos de instrucção. Haja vista com o que aconteceu ao campo de Alcochete.

*

As cosinhas rolantes, já ensaiadas na Allemanha e na Russia, começaram a ser experimentadas na França.

O regimento de infanteria n.º 26 possue já uma nova cosinha de campanha.

Consta de um carro puxado por cavallos, tendo um fogão e um grande caldeiro com compartimento especial para se cozer legumes.

Uma combinação feliz encontrada pelo inventor d'esta especie de cosinha rolante permitte fazer-se uma excellente sopa em menor tempo do que é ordinariamente gasto.

O café é feito n'um apparelho especial que anda ligado a esta cosinha.

Cada cosinha é acompanhada de dois depositos rolantes.

Um é destinado a transportar a carne fresca, constituindo uma verdadeira reserva frigorifera; o outro é para conservas.

No deposito das conservas encontram-se caixas de carne, café, batatas, etc.

10.º ANNO SETEMBRO DE 1907 N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A conservação das novas espingardas

No numero de dezembro do anno passado da nossa *Revista*, pag. 373, chamámos a attenção da commissão de aperfeiçoamento da nossa arma para a descoberta do chimico allemão Klever, da Colonia, de um oleo «Ballistol» destinado a perseverar os canos das espingardas da acção corrosiva das polvoras nitradas.

Vamos insistir novamente sobre este assumpto, que reputamos da maior importancia, porque damnificadas as paredes da alma das nossas espingardas, ninguem poderá ter confiança no tiro.

Vae n'isto não só uma questão technica ligada intimamente á defesa nacional, mas tambem uma questão economica digna da maior ponderação.

O artigo que segue é traduzido directamente do jornal allemão «Kriegstechnische Zeitschrift» e para elle novamente chamamos a attenção das entidades competentes.

* * *

BALLISTOL

Pelo uso da polvora nitrada, forma-se no interior dos canos das espingardas (na alma) uma especie de residuo humido, em camadas mais ou menos espessas, que decompõe sensivelmente o aço dos canos com rapidez.

Esta humidade começa a produzir-se immediatamente depois do tiro e continua durante semanas e até mezes, mesmo não se fazendo uso da arma, e apesar da sua limpeza regular.

A causa d'este residuo humido ou *suor* pode explicar-se da seguinte forma: Sabe-se que á temperatura normal se podem comprimir gazes em recipientes metallicos de qualquer natureza, com pressões enormes, sem que estes gazes possam atravessar as paredes dos mesmos recipientes para irem espalhar-se na atmosphera, sendo isto devido á cohesão das moleculas metallicas que a isso se oppõem.

Esta cohesão é tão grande e tão pequena a porosidade metallica, que os gazes não podem sahir pelos intervallos intermoleculares. Para nos servirmos d'um exemplo, podem os gazes comparar-se a pequenissimas areias, que não podem passar pelos furos d'um crivo de malha muito apertada, mesmo com o emprego de grandes pressões, não conseguindo estas pressões augmentar o espaço intermolecular, isto é, as malhas do crivo, ao contrario, parece que se apertam pela expansão molecular, chegando a partir a massa metallica quando a pressão é superior á resistencia do metal. Tudo isso porém muda por completo augmentando a temperatura; as moleculas vibram mais rapidamente, augmentam os espaços intermoleculares, podendo assim os gazes passar com muito maior facilidade.

Experiencias feitas, mostram que não é nada difficil fazer passar qualquer gaz atravez das paredes metallicas incandescentes. Voltando ao nosso exemplo da passagem d'areia pelo crivo, seria o caso do alargamento dos furos do mesmo crivo, do que resultava passarem as areias quasi exclusivamente pela acção da gravidade.

No cano da espingarda passa-se phenomeno identico na occasião do tiro.

Pela transformação da polvora em gazes, a temperatura attinge no primeiro terço do andamento do projectil dentro do cano, 1300 a 1400° centigrados e uma pressão de 2300 até 2600 atmospheras o que corresponde 2300 até 2600 kg. pr. 1^{cm2} que diminuem gradualmente até á sahida do projectil do cano. O aquecimento do interior do cano já é excessivamente grande pela inflammação e augmenta ainda pelo atrito do projectil no primeiro terço do seu percurso dentro do cano, que em geral não é sufficientemente tomado em consideração. Só para fazer

entrar o projectil no cano, são precisas já algumas centenas de atmospheras de pressão.

Como tambem se observou, o aquecimento do interior do cano na primeira camada é enorme, quasi incandescente, pode até dizer-se incandescente, tomando em devida consideração o augmento da pressão pela passagem do projectil, que se transforma em calor. Esta camada por isso torna-se permeavel para os gazes durante o tiro. Os gazes são premidos para dentro dos poros abertos da camada do aço incandescente. Não se poderá facilmente dizer qual a profundidade d'esta camada atacada pelos gazes, mas, comtudo, alguma certeza se pode obter a este respeito, observando ao microscopio delgadas laminas do cano, cortadas transversalmente e convenientemente polidas.

No momento da sahida do projectil do cano, começa este a resfriar immediatamente, especialmente na camada superior, deixando as moleculas d'esta em oscillação, diminuindo assim os intervallos intermoleculares successivamente até se tornarem outra vez impermeaveis aos gazes, de maneira que, os que se acham contidos nas camadas inferiores, ficam presos dentro das paredes metallicas. Se estas paredes fossem cortadas transversalmente e observadas ao microscopio, distinguir-se-hiam nitidamente 3 camadas:

A 1.ª, a interior, saturada de gazes mas já impermeavel, como acima explicamos.

A 2.ª, media, tambem saturada de gazes, mas a temperatura ainda sufficientemente elevada para tornar o aço penetravel aos gazes.

A 3.ª, o resto do aço exterior do cano que está em contacto com o ar atmospherico impermeavel para os mesmos gazes.

A 1.ª e 3.ª camadas cobrem como se vê, como 2 pelles, a 2.ª de um e de outro lado, que tambem começa a esfriar, não deixando sahir os gazes para fora, diminuindo os espaços intermoleculares e apertando assim os gazes que ficam presos nos intervallos. Quando o cano estiver frio, ha que distinguir sómente duas camadas em logar de tres:

A interior: saturada de gazes;

A exterior: sem gazes.

Os gazes ali contidos, ficam sujeitos, pela approximação cada vez maior das moleculas do aço, a uma grande pres-

são molecular, e devia suppôr-se que este estado assim continuaria, se não interviessem outros phenomenos. O estado absoluto da inercia não existe na materia. Todas as moleculas vibram constantemente, devido ás irregularidades na temperatura no ar atmospherico.

A cohesão molecular deve naturalmente ser alterada em virtude d'aquella circumstancia e egualmente a da expansão dos gazes contidos nos intervallos intermoleculares do aço. Se a expansão dos gazes chega a ser superior á pressão molecular do aço, estes sahem pelos poros livremente, auxiliados ainda pelas differenças de temperatura e da pressão atmospherica.

São estes gazes que actuando constantemente na massa metallica do cano da arma, formam aquelles residuos humidos, essa especie de *suor*, a que acima nos referimos.

Estes gazes são fortemente nitrados (Nitrocellulose ou Nitroglycerina) e corrosivos. Parecerá á primeira vista que os gazes acidos só atacam as superficies com que estão em contacto, mas que não o fazem estando embebidos na massa sob a pressão molecular.

Este contrasenso esclarece-se facilmente pela natureza chimica de todos os acidos anhydros, pelas theorias adoptadas na chimica; acidos anhydros não dão reacção, por exemplo, o acido sulphurico anhydro não reage contra metaes. No nosso caso são chimicamente indifferentes os gazes, emquanto estão embebidos no aço, porque são absolutamente anhydros.

Quando elles apparecem na superficie começam a hydratar-se em presença da humidade do ar, transformando-se em acidos, e n'este caso exercem a sua influencia corrosiva.

Não resta duvida alguma que estes gazes são acidos, porque facilmente se neutralizam por solutos alcalinos, emquanto que com solutos neutros não se obtem o mesmo resultado.

Não é pratico o emprego de solutos hydro-alcalinos para fazer desaparecer o *suor*, porque elles tambem atacam o aço do cano. Está n'isso explicada a impotencia de todos os oleos neutros empregados até agora contra o *suor*, porque estes oleos não teem nenhuma afinidade chimica que os neutralise e por isso não podem exercer nenhuma acção sobre elle.

O que acabamos de expôr é confirmado pela obser-

vação d'um cano de espingarda servido com polvora nitrada. Apesar de limpezas continuadas e unturas successivas com oleos neutros, o aço do cano enferruja, e mais nos mezes humidos que no tempo secco, como é facil observar.

Tambem aquelle suor não se mostra por egual distribuido no interior do cano. Apparece primeiramente na parte anterior do cano, debaixo da alça.

Sendo a pressão dos gazes e a temperatura mais elevadas no 1.º terço do comprimento do cano e especialmente no meio e no extremo d'este terço, é claro que é aqui que mais facilmente se dá a infiltração, como as experiencias poderão certamente confirmar.

Para remediar estes inconvenientes, começou um chimico allemão a fazer os estudos necessarios para encontrar um meio para evitar e combater aquelle *suor* e a consequente oxidação, porque é fora de duvida que só por esta forma é possivel augmentar a duração da arma e conservar a sua justeza, extrahindo ao aço, pouco a pouco, os gazes embebidos n'elle.

Não nos parece possivel poder alcançar este fim, pela invenção d'uma nova polvora, visto haver cada vez mais tendencia para augmentar o alcance da arma, pelo augmento da sua velocidade inicial.

E não se chegará a este resultado, diminuindo a pressão e a temperatura de combustão da polvora. Poderia juntar-se á polvora uma materia, que anniquilasse a influencia dos gazes, mas ha razões para suppôr que esta materia diminuiria a acção balistica da polvora.

Resta, pois, sómente o meio de encontrar um ingrediente chimico, capaz de tirar pouco a pouco os gazes embebidos no aço, neutralisando-os, e o referido chimico allemão conseguiu isso com a invenção d'um novo oleo chamado «Oleo Ballistol Klever».

O raciocinio que o levou á descoberta do novo oleo foi o seguinte:

Segundo as observações que ficam expostas, só um oleo de reacção alcalina era proprio para se combinar com os productos acidos do «suor» do tiro, neutralisando-os, e transformando-os em saes soluveis.

Em primeiro logar, fizeram-se experiencias com os oleos alcalinos já conhecidos na industria, que são essencialmente soluções dos oleatos de soda e potassa em oleos de vaselina caracterisados pela sua solubilidade na agua.

Estes oleos costumam conter pouco mais ou menos 30 % de oleatos alcalinos. Nas experiencias effectuadas com estes oleos, verificou-se que effectivamente tendem a extrahir os gazes contidos no aço dos canos, evitando d'esta forma o *suor* do tiro, mas por outro lado apresentam um serio inconveniente. O acido oleico polymerisando-se sob a influencia dos componentes acidos do *suor*, resinifica-se, ficando tão fortemente adherente ao cano, que só por meio d'uma escova d'arame pode ser tirado, o que evidentemente damnifica o cano. Além d'isso, estes oleos teem a propriedade desagradavel de separarem-se a uma temperatura de 7° c. em duas camadas, que só pela elevação da temperatura até 15 ou 20°, podem ser reunidas.

Estes oleos tiveram pois de ser postos de parte.

A solução do problema conseguiu-se finalmente, graças á descoberta do novo oleo, denominado Ballistol Klever.

Em confronto com os outros oleos, este contem apenas 15 % de oleato de alcali de constituição especial e 15 % de oleo de vaselina, pelo menos. A composição chimica do oleo é tal, que exclue a possibilidade de polymerisação, e portanto, resinificação, encontrando-se o oleato ligado ao oleo de vaselina por intermedio d'um alcool de ponto de ebulição elevado. Com relação ao seu peso especifico, os componentes do oleo são por tal forma equilibrados que não se desemulsionam mesmo a 7° c., nem se alteram chimicamente até á temperatura de 20° c. Este oleo alcalino é proprio para se combinar chimicamente com os productos acidos do *suor* do tiro, dissolvendo-o em forma de saes neutros.

E' preciso observar, que o oleo entrando em contacto com o aço, portanto tambem no cano da espingarda se torna esbranquiçado, o que provem de vestigios de humidade absorvidos do ar atmospherico.

A emulsão resultante que produz justamente o tom esbranquiçado, dissolve-se completamente passadas poucas horas, ficando o oleo no cano no estado de perfeita limpidez. Segundo as observações feitas, esta absorpção de humidade é favoravel á neutralisação do *suor* do cano. Como se sabe o oleo de vaselina e o alcool amylico, são electrolytos fracos, ao passo que a agua como electrolyto mais energico favorece a combinação facilitando a neutralisação dos productos acidos pelo alcali. A combinação resultante de caracter salino, dissolve-se no oleo, sahindo

facilmente com este. As paredes do cano ficam completamente limpas, sem serem atacadas.

Além d'isso, o novo oleo actua como protector contra a ferrugem, muito mais energicamente, do que todos os oleos neutros. Estes ultimos não se podem combinar com a humidade atmospherica, ao passo que o «Ballistol Klever», tem tendencia para a absorver guardando a sua força protectora contra a ferrugem, até que 95 e 98 partes de agua se tenham combinado com 5 a 2 partes de oleo. Esta propriedade evita o enferrujamento dos componentes da espingarda expostos á chuva, nomeadamente da culatra. O oleo forma com a agua da chuva uma emulsão espessa esbranquiçada, que facilmente se tira, podendo ser substituida por oleo fresco.

Em virtude das propriedades physicas e chimicas do *Ballistol*, pode-se estabelecer o seguinte:

A applicação do oleo nas armas é muito simples. Depois da limpeza usual, dá-se oleo no cano da arma como de costume, procedendo-se aliás com o *Ballistol Klever* como com qualquer outro oleo.

Emquanto existir algum oleo alcalino no cano, a oxidação é impossivel. O emprego do oleo alcalino para a neutralisação do *suor*, é preferivel ás soluções alcalinas aquosas, porque estas podem damnificar o material do cano. O emprego simultaneo d'um oleo e d'um alcali, deve ser considerado como o tratamento ideal da arma, porque ao mesmo tempo que se combate o effeito nocivo do suor do tiro, obtem-se a acção lubrificante do oleo. O uso das soluções aquosas constitue apenas um expediente de momento, com o perigo continuo de consequencias nocivas. *O oleo actua por si mesmo emquanto existirem gazes no aço*, absorvendo-os continuadamente e affastando o perigo da oxidação.

Pelo uso do «Ballistol», consegue-se poupar bastante tempo e trabalho, pois que se evita completamente o esforço moroso da limpeza do oleo resinificado. Basta uma simples limpeza com estopa e a applicação do oleo fresco. *Ao mesmo tempo, obtem-se uma diminuição consideravel de oleo*, que não deixa de ser importante. Já fica dito que o *Ballistol Klever*, como producto contra a oxidação não tem rival.

Pela descoberta do *Ballistol Klever*, conseguiu-se resolver dois problemas importantes: o combate efficaz e duradouro do *suor* do tiro, e o tratamento adequado da arma, garantindo a sua bôa e perfeita conservação.

PEQUENOS CALIBRES

Por vezes se tem discutido, tanto em Portugal como no estrangeiro, a influencia dos pequenos calibres (6^{mm},5) das espingardas, na guerra.

Tem-se dito que o effeito das feridas produzidas pelos pequenos calibres é por vezes pouco perigoso, e que, portanto, quem estiver armado com uma espingarda de 6^{mm},5 está em condições de inferioridade aos que tiverem uma espingarda de 7^{mm},7 ou de 8^{mm}.

Não se deve esconder que esta questão impressionou vivamente os officiaes do exercito japonez, na ultima guerra, porque sendo o armamento da infanteria japoneza de 6^{mm},5 e o da russa quasi 8^{mm}, os japonezes consideravam-se em condicções de inferioridade no tocante ao seu armamento.

O director do arsenal de Tokio, todavia, declarou mui peremptoriamente que a experiencia da ultima guerra não authorisava a pensar-se na mudança de armamento, emquanto se não encontrar uma espingarda automatica que satisfaça a todas as exigencias da guerra.

Ora, como a nossa infanteria se acha agora armada com uma optima espingarda de 6^{mm},5, convem esclarecer bem este ponto, para que não haja entre nós pouca confiança no nosso armamento.

Sendo certo que nem todos os officiaes japonezes são concordes com a opinião do director do arsenal de Tokio, e portanto, havendo ainda quem julgue que o calibre de 6^{mm},5 não é sufficientemente vulnerante, nota-se, todavia, uma unanimidade na affirmação de que a espingarda japoneza não se mostrou no combate inferior á espingarda russa.

Sobre este assumpto o major von Dani, do exercito austriaco, e que acompanhou o exercito japonez na campanha da Mandchuria, como addido militar, relata um facto que põe bem em evidencia que a questão do cali-

bre na pratica da guerra não tem a importancia que a imaginação, mais ou menos exaltada, ás vezes lhe dá.

A circumstancia de um soldado attingido por uma bala poder continuar no combate, e ás vezes por muito tempo, nada prova com referencia ao effeito das feridas produzidas por este ou por aquelle calibre.

A sensibilidade das feridas depende muitas vezes não só do temperamento do ferido, como, na maior parte dos casos, da impressão produzida pela presença do proprio sangue.

Diz o major von Dani que viu muitos soldados ligeiramente feridos, e que estavam em estado de poder continuar o combate, retirarem para as ambulancias ao verem-se manchados de sangue.

Cita o exemplo de uma praça da 2.ª brigada continuar no fogo, não obstante ter sido ferido n'um pé por uma bala de 8^{mm}. Este caso era apontado com orgulho pelos officiaes japonezes, o que parece mostrar que não era vulgar.

Quem escreve estas linhas já presenceou, em combate, uma praça ser ferida n'um pé com uma bala de 11^{mm} e continuar no fogo; ser novamente ferida no outro pé, e continuar sempre no seu posto, com a maior coragem e a mais sancta dedicação.

E' certo que esta praça, que estava de joelhos, só viu o seu proprio sangue quando acabou o combate.

Se estes factos, tanto o japonez como o portuguez, fossem a resultante de ferimentos produzidos por balas de $6^{mm},5$, dir-se-ia que tal bala era pouco vulverante.

Mas não, n'um caso, o ferimento produzido foi por uma bala de 8^{mm}, no outro os dois ferimentos foram por uma bala de 11^{mm}.

Mas ha mais.

No combate de Kapoungaï, a 10 de março de 1905, durante a batalha de Mukden, conta o major von Dani, que uma companhia do 29 de infanteria japoneza, sob o commando do capitão Iamada, executava o ataque a uma posição russa, atravez o leito do Houn-Ho.

Esta companhia tinha 90 praças na primeira linha.

A companhia atravessou, n'um lanço de 500 metros, uma parte pedregosa do leito do rio, e o capitão Iamada notou que as balas russas faziam saltar pequenas pedras. De repente o capitão sentiu um pequeno choque no braço esquerdo, e que lhe pareceu proveniente de uma pedra.

Chegado a uma insula, cujo solo era arenoso, sentiu outro choque n'uma coxa.

Ficou muito admirado porque alli não haviam pedras para saltar.

Atravessou um vau no outro braço do rio, e sentindo-se fatigado, parou um pouco na agua, não muito longe da margem occupada pelos russos, e viu que todos os seus soldados continuavam a correr tendo passado á frente delle.

Ficou satisfeito por vêr que a sua companhia não tinha perdido um só homem. Mas olhando por accaso para a agua viu que ella se manchava de sangue, e só então é que reconheceu que estava ferido.

Sentiu immediatamente uma *dôr muito aguda, reconhecendo que não estava em estado de poder continuar a avançar.*

No entretanto a companhia tinha encontrado um abrigo, evacuando os russos a sua posição presuadidos que o seu fogo não tinha produzido effeito algum. Mas a verdade é que dos 90 soldados que avançavam na primeira linha de ataque 40 estavam feridos.

No entretanto todos continuaram a correr e só depois de terem parado junto ao abrigo e que viram sangue nos seus corpos é que deram pelas suas feridas.

Este episodio foi relatado ao major von Dani pelo proprio capitão Iamada, que não era a primeira vez que era ferido.

Agora imagine-se que este facto tinha succedido não com balas de 8^{mm}, como eram a dos russos, mas com balas de $6^{mm},5$ como eram as dos japonezes.

Diriam logo todos os phantasistas: é que a bala de $6^{mm},5$ não tem o poder de fazer parar uma força que ataca á carreira.

E, comtudo, o que se tem reconhecido é que a sensibilidade das feridas é fortemente excitada por uma grande impressão moral que resulta da circumstancia do ferido vêr o seu proprio sangue.

Nem os estudos theoricos, nem as experiencis nas carreiras de tiro em animaes vivos e mortos, nem as experiencias no campo da batalha são desfavoraveis aos pequenos calibres.

A nossa infanteria está, portanto, muito bem armada com o melhor modelo de espingarda conhecido hoje na Europa.

Estudos militares nos Açôres

O castello de S. João Baptista, na Ilha Terceira, é uma fortaleza ainda hoje classificada de 1.ª classe, que desempenhou importante papel em algumas epochas da historia patria.

A Ilha Terceira foi o derradeiro rincão da terra portugueza que baqueou á investida da usurpação castelhana.

Por espaço de dois annos, após 1580, conseguiu manter hasteada a bandeira nacional, resistindo valorosamente ás acommettidas de Castella que, sem a posse da ilha, se não podia considerar dominadora do archipelago açoreano, então, como hoje, de excepcional importancia pelo privilegio da sua posição geographica.

O archipelago era, então, o ponto de escala das naus do ultramar que ainda nos traziam dos seus ricos despojos.

Era aqui, portas da Europa a dentro, que ellas recebiam comboio das armadas que vinham a defendel-as dos ataques ousados dos piratas e corsarios.

A ilha cahiu, alfim, sob o dominio de Castella, não sem que para isso Filippe 2.º contra ella tivesse que enviar, com uma poderosissima armada, o seu mais famoso cabo de guerra, o celebre marquez de Santa Cruz.

E' esta uma soberba pagina da historia patria no momento em que a indomita valentia do velho Portugal cahira desastrosamente na aventura de Alcacer-Kibir soltando o seu ultimo arranco na debil resistencia da ponte de Alcantara.

Senhor da ilha, Filippe 2.º cuidou, sem demora, de erguer n'ella uma poderosa fortaleza que servisse de capitolio a todo o archipelago, abafando veleidades de resistencia com o seu importante presidio.

Tornava-se, demais, necessario offerecer seguro asylo aos, ainda ricos, despojos do ultramar, sobre que cahiam agora, com avidez extrema, os inimigos ferrenhos do leão de Castella.

Ergueu-se, pois, a poderosa fortaleza que, pelo diante, e até ainda aos nossos dias foi, não só o centro do governo militar do archipelago, mas tambem da administração civil pelas larguissimas attribuições—discricionarias em muitas conjunções—que tiveram os seus governadores.

Sacudido o jugo de Castella pelos portuguezes, soffreu a fortaleza um largo assedio por parte das forças das *ordenanças* da ilha, que sós, desajudadas de qualquer soccorro do continente, conseguiram determinar a rendição do pendão hespanhol, não obstante a sua heroica resistencia.

Longe do continente, a fortaleza não figurou, depois d'isso, nos combates sanguinolentos que tantas vezes conturbaram o solo patrio; mas ainda nas luctas constitucionaes o castello, como a ilha, não ficaram estranhos ás pugnas fratricidas d'esse agitado periodo da historia nacional.

Quando a causa liberal ia de todo perdida no continente, dominada pelos sequazes do antigo regimen, foi aqui que ella veiu encontrar guarida, como já em 1580 aqui viera soltar o ultimo alento a independencia da patria.

Do castello partiu o grito de revolta que havia de permittir a organisação na ilha, das forças que, desembarcando no Mindello, determinaram o triumpho do actual regimen.

* * *

A preponderancia militar da fortaleza sobre todo o archipelago não a poderia deixar esquecida no conjuncto de sabias providencias com que, no reinado de D. Maria I, se acudira á instrucção militar, dando-lhe um notavel impulso.

A Academia de Marinha, a Escola de Construcção Naval, a Academia Real Militar do Rio de Janeiro, a Academia Real de Marinha e Commercio, no Porto, a Academia Real de Fortificação, de que depois sahiu a Escola do Exercito, foram outros tantos exemplos d'este inte-

resse pela instrucção militar, que muito se avantaja ao impulso que tivera no reinado anterior (1).

Em 16 de setembro de 1799 se enviavam ao conde d'Almada, governador e capitão general nos Açôres, alterações ao regimento de 1766, anno em que foi creada a capitania general.

Pelo n.º 13 d'essas alterações se determinava «que para instrucção militar se estabeleça no Castello de S. João Baptista uma *aula de estudos mathematicos* debaixo da regencia de um habil official, ficando ao arbitrio do governador o nomear aquelle official que lhe parecer de maior instrucção na dita faculdade e revestido de prudencia para subir á cadei a, assim como tambem um substituto para os seus impedimentos».

Esta previdente e util disposição não teve, ao que parece, immediato cumprimento, naturalmente pelo periodo agitado em que entraram os negocios militares no continente do reino.

Só em 29 de março de 1805 se estabeleceram os estatutos pelos quaes se devia regular aquella aula, modelado o seu plano d'estatutos sobre os principios e curso litterario que se seguia nos regimentos d'artilharia de Portugal.

---

(1) Effectivamente, conforme o proprio testemunho de Latino Coelho (Hist. Pol. e Mil., pag. 58, vol. III), o marquez de Pombal «não tinha pelas coisas militares esta zeloza predilec-«ção e este ardor inextinguivel que o estavam convidando para «os assumptos civis e para o fomento da nação».

E mais abaixo (pag. 83) diz: «Póde affirmar-se, com ver-«dade, que sómente durante os breves annos do commando do «conde de Lippe o exercito prosperou e floresceu e se egualou «ás boas tropas europeias».

. . . . . .

«Com a ausencia do conde de Lippe, os antigos abusos re-«nasceram com grande intensidade e as leis deixaram de cum-«prir-se. Nos ultimos annos do reinado de D. José o *exercito ha-«via retrocedido ao estado em que jazera em tempos do seu prede-cessor*».

A fundação da *Academia de fortificação, artilheria e desenho*, instituto scientifico de largo alcance para a educação profissional dos militares e de que sahiu a actual Escola do Exercito, deve-se aos esforços de Martinho de Mello. Havia-a concebido já no governo de Pombal, não o conseguindo, porém, por um infeliz espirito de emulação do marquez e por haver criticado, por vezes, a acção tibia e frouxa d'este nos negocios do exercito e da armada.

As esperanças que se conceberam quando se ordenou o estabelecimento d'esse plano de estudos, não corresponderam, ainda assim, á espectativa, não obstante os Açôres ficarem fora das luctas que, nos annos seguintes, tiveram por theatro o continente.

Em 1810 o governador e capitão general fazia subir á real presença informações que denotavam o pouco aproveitamento dos que frequentavam as aulas ao mesmo tempo que propunha a necessidade de melhorar os estudos d'ellas, com novas e mais convenientes providencias.

Tomando em consideração estas informações, foi servido o regente mandar estabelecer uma academia de instrucção militar na cidade d'Angra em 19 de novembro de 1810, publicando os estatutos que ordenava se observassem com a mais pontual exacção.

Por elles se determinava que o batalhão de infanteria com exercicio de artilharia que, então, guarnecia o castello passasse a ter unicamente exercicio de artilharia.

Todos os officiaes do referido batalhão seriam obrigados aos Estudos Militares determinados e só pela acquisição d'elles é que poderiam pretender accesso nas promoções.

Pelos estatutos se considerava o estudo das sciencias «mathematicas como um dos meios necessarios, para que «os militares possam possuir fundamentalmente, e em «toda a extenção possivel, os differentes ramos de conhe«cimentos que constituem a sciencia da guerra» e, attendendo a estas considerações, distribuiam esse estudo no curso de 4 annos, pela forma seguinte:

1.° anno. — Lêr a *arithmetica* de Besout e explicar o lente aos discipulos, com a maior clareza e precisão possivel as ideias fundamentaes de Numeração, funcções dos numeros quadrados, cubicos e extracção das suas raizes; proporções arithmeticas e geometricas; vantagens, usos e propriedades dos logarythmos.

Geometria (Besout), *supprimindo perfeitamente a geometria na falta de logica de que os discipulos não terão talvez conhecimeutos;* applicações da geometria com addicção da secção de solidos e secção correspondente da geometria de Lagendre.

Trignometria — seus principios, proposições e usos, passando o lente successivamente a pratical-os no campo na presença dos discipulos, ensinando-lhes o uso dos ins-

trumentos mechanicos e a applicação das proposições geometricas e trignometricas nos trabalhos geodesicos e graficos, no levante das cartas topographicas, na avaliação das distancias pela simples inspecção, «acostumando «o espirito do discipulo ao golpe de vista militar, sem o «qual nenhum proveito poderá colher dos Estudos Mili- «tares».

Algebra (Besout) — terminando no primeiro anno com o capitulo das equações do 2.º grau.

2.º anno. — *Algebra transcendente* — resolução de equações superiores ao 2.º grau; demonstração analytica das proposições já conhecidas pelo methodo synthetico; differença dos dois methodos e suas applicações;

Theoria das secções conicas.

Calculo — differencial e integral, menos os pontos multiplos e de inflexão e equações differenciaes de 1.ª, 2.ª e 3.ª ordem.

Explicação clara das doutrinas que tiverem immediata applicação nas sciencias militares.

Mechanica — Explicação com toda a clareza do seu uso e applicação, «por ser a parte mais interessante da «mathematica».

Noções elementares applicaveis á balistica.

3.º anno. — *Fortificação.* — Fortificação regular, o bastante para o artilheiro saber artilhar as praças; necessidade da figura de fortificação, uso e propriedades das differentes linhas que a compõe, precisão dos revestimentos, fossos e estradas cobertas, etc.

(Emquanto não houvesse compendio proprio o 1.º volume de Antoni, seguido nas academias militares portuguezas, illustrado com Foisac, P. Paul e Gui de Vermon).

Tactica — Marchas, evoluções e formações; elementos que compõe o corpo do exercito, batalhão e o esquadrão; evoluções e manobras na offensiva e defensiva; ordens de marcha; tactica *pequena e sublime*, com applicação dos conhecimentos adquiridos no curso mathematico, especialmente geometricos e mechanicos.

Frisando a importancia dos conhecimentos tacticos pelas alterações occasionadas pela invenção da polvora, dando uma differente direcção á forma de fazer a guerra, recommendava-se á falta de compendio em *lingua vulgar* as obras de Folard, Fenquière, Puisegur, Turpin, Gui de Vernon, não sendo para omittir a *Tactica de Azevedo*, apesar de se limitar á historia da tactica.

4.º anno. — *Artilharia* — pelas obras de Muller, supprimindo o superfluo e minucioso.

Balistica — estensão das noções do 2.º anno.

Minas — Tratado de Fosa.

N'este anno sahiria o lente ao campo com os discipulos assistindo aos exercicios de artilharia que n'este anno deviam ser frequentes para que os officiaes se habilitassem na applicação da theoria e da pratica.

Desenho — para se poder colher das cartas as vantagens que ellas offerecem e se instruirem os alumnos no desenho dos mappas topographicos e a representar com exactidão os objectos que em qualquer terreno se apresentam ao observador militar.

Geographia — combinada com a aula de francez.

Para a Regencia das 4 aulas de Estudos Militares havia tres lentes: dois para o 1.º e 2.º anno de mathematica e o terceiro para as materias do 3.º e 4.º anno.

Os exames seriam feitos segundo as disposições da carta dos Estatutos da Academia Real da Marinha de 15 d'agosto de 1779.

A Academia Militar d'Angra, inaugurada com grande solemnidade em 4 de novembro de 1811 deu alguns alumnos distinctos; os acontecimentos politicos de 1828 vieram, porém, embaraçar os seus trabalhos, sendo extincta em 1832.

Uma disposição muito louvavel dos estatutos, revela bem o interesse dedicado á instrucção n'este reinado em que nem tudo foram sombras e desastres.

Por essa disposição se dizia que «não se limitando a «liberalidade do principe regente em distribuir as luzes e «as sciencias a certa e determinada classe de vassallos, «manda que se facilite o ingresso das aulas *a todo e qual-«quer vassallo seu*, propondo-se preferir para todos os «empregos e cargos publicos aquellas pessoas que, com «maior assiduidade, se applicassem aos Estudos e fizes-«sem publicos progressos».

*
* *

Interrompidos, como dissemos os trabalhos da Academia em 1828, o governo provisorio estabelecido na Ilha Terceira decretava em 1830 a fundação de uma escola militar provisoria com os 4 annos seguintes:

1.º — Arithmetica, algebra, geometria e trignometria rectilinea.

2.º — Algebra superior, calculo differencial e integral e mechanica.

3.º — Fortificação e artilharia.

4.º — Tactica superior e desenho militar.

A' frequencia das escolas eram admittidas as pessoas que tivessem approvação n'um exame das 4 operações, lêr, escrever, e lingua franceza para entrar no 4.º curso.

Dos trabalhos d'esta escola não temos agora conhecimento; mas é de prever que tenha sido ephemera a sua duração pelo agitado periodo que se seguiu á sua fundação até ao estabelecimento definitivo do regimen liberal.

Crêmos que as ligeiras notas que ahi ficam não serão de todo despidas de interesse.

Referem-se a um pequeno recanto da patria que é, ao mesmo tempo, uma das melhores joias do seu dominio pela sua posição estrategica.

A excellencia d'essa posição subirá de ponto quando a abertura do Canal de Panamá lhe der o commando da navegação que tão profundas transformações virá trazer á politica naval do velho e novo mundo.

Pelo lado historico, nunca será demasiado estudar o passado das nossas instituições militares, hoje ainda tão periclitantes e motaveis como a vida nacional, açoitada pelo vento agreste da descrença e do desanimo por melhores destinos.

F. Borges Junior
Tenente d'infanteria n.º 25.

PROMOÇÃO A TENENTE

DOS

Alferes regressados do ultramar e sua collocação na escala d'accesso

(Conclusão)

Para um official que serviu nas colonias determinar o seu logar na escala d'accesso, basta conhecer o ultimo nome do *n* na data da sua promoção e o numero de promoções effectuadas paro o ultramar depois do dia em que esse nome entrou no *n*.

Assim, se um alferes promovido para o ultramar tiver á sua direita, e á esquerda de *n*, mais 12 promovidos para as colonias, occupará na escala o 13.º logar dos que á esquerda de *n* estiverem occupados por alferes provenientes da classe dos sargentos. Se porém o ultimo do *n* estiver tambem no ultramar e tiver, por isso, subido na escala, serve de regulador o ultimo do *n* que estiver no reino.

Ainda um exemplo mais correcto da determinação dos logares na escala: abra-se o almanach referido a 31 de dezembro de 1905, pagina 154, e supponha-se que, para um determinado alferes promovido para o ultramar, em 1902, o ultimo do *n* era o n.º 24 na classe, sr. José Maria Mendes, e que depois d'este ter entrado no *n* até á data da promoção d'aquella, foram promovidos 18 para as colonias; n'este caso, o logar d'esse alferes seria o 19 dos alferes provenientes da classe dos sargentos que ficam

á esquerda do sr. José Maria Mendes, que é o logar que hoje occupa o n.º 85 na classe, sr. José Marques, ou, por outras palavras, seria promovido a capitão na 8.ª vaga que se désse depois de promovido o alferes habilitado com o curso n.º 80 na classe, sr. Luiz Gonzaga Cardoso de Menezes.

E' preciso porém observar que só os officiaes promovidos para o ultramar em 1902 não teem mais operações a fazer para determinarem o seu logar na lista. Todos os outros, antes d'applicarem a regra antecedente, teem de considerar os officiaes em serviço no ultramar, e em commissão ordinaria, como se estivessem ainda nos logares que occupavam antes de terem sido promovidos.

Evitar-se-hia isto se no almanach se conservasse os officiaes promovidos para o ultramar, até completarem a sua commissão, nos logares que occupavam antes de serem promovidos, como parece mais simples e mais logico.

Na verdade, não se comprehende bem a rasão pela qual os officiaes que vão servir no ultramar são collocados á esquerda dos d'egual graduação, n'uma altura diversa da que lhes compete occupar quando regressarem ao reino, sejam quaes forem as condições do seu regresso.

*

As alterações na ordem da inscripção na escala, nada teem com o posto que os individuos prejudicados então tiverem.

Supponha-se que um alferes a quem pertenceu o posto antes d'acabar a commissão, foi ainda promovido a tenente para o ultramar, antes de concluir a primeira commissão. Este tenente, no fim de 4 annos, deve occupar o logar que lhe pertencer entre os alferes e, no fim de 6 annos deverá subir mais os logares a que tiver direito pela sua nova commissão.

Supponha-se ainda que um alferes que ficou no reino e que tem de passar á esquerda d'outros que foram promovidos para o ultramar antes d'elle ter entrado no valor de *n*, foi promovido a tenente para as colonias. Este official tem d'occupar o seu logar á esquerda dos alferes que o preteriram e, quando terminar a commissão, deverá subir na escala, arrastando comsigo esses alferes, que só por motivo disciplinar ou por outra promoção que não

quizerem acceitar para o ultramar, poderão novamente encontrar-se á esquerda d'esse que preteriram.

Não ha outra solução justa e logica e mais conforme com a lei, porque os alferes que foram em tenentes para o ultramar não ignoram que o artigo 6.º garante aos alferes que completarem a commissão, os logares que na data da sua promoção a tenente estavam ainda occupados por outros nomes, e sabem portanto, que a sua subida na escala deve ser regulada por essa nova lista, porque é n'esta que a lei os auctorisa a preterir quem voluntariamante quiz ser prejudicado.

Por outro lado os preteridos ignoravam tambem que os alferes regressados do ultramar, tendo garantida outra collocação na escala, seriam arrastados pelos tenentes e importar-lhes-hiam maior preterição.

*

Os alferes do corpo d'almoxarifes d'engenheria e artilheria que terminaram a sua commissão no anno de 1906, devem ficar no almanach referido a 31 de dezembro do citado anno, immediatamente á direita do alferes Antonio Dias que foi promovido no reino em 11 de novembro de 1904 e não estava comprehendido no valor de *n*.

Como porém não houve promoção a alferes no reino desde 1899 até 3 de novembro de 1903 e o valor de *n* foi de 3 n'este ultimo anno citado, será este o numero d'alferes promovidos directamente para o reino que no almanach referido a 31 de dezembro de 1907 deve estar á direita de todos os alferes promovidos para o ultramar até ao referido dia de novembro de 1903, passando para á esquerda dos referidos officiaes, o alferes que até ao citado dia 11 de novembro esteve fóra do valor de *n*, visto não se ter offerecido para ser incluido na lista a que se refere o artigo 7.º do decreto de 14 de novembro de 1901, ficando á esquerda d'este os restantes alferes promovidos para o ultramar em 1903, isto é, os promovidos depois de 3 de novembro.

Quadro n.º 1

Escala provisoria dos alferes promovidos em 1903

N.º na classe	Nomes	Data d'alferes correspondente á sua altura na escala	Alferes desde (data do decreto)	Estão no ultramar
1	Θ A.	20 de janeiro	20 de janeiro	
2	Θ B.	20 de março	20 de março	
3	Θ C.	» » »	» » »	
4	Θ D.	26 de junho	26 de junho	
5	Θ E.	20 de setembro	20 de setembro	
6	Θ F.	» » »	6 de janeiro	1
7	Θ G.	10 de outubro	» » »	1
8	Θ H.	» » »	10 de outubro	
9	Θ K.	» » »	» » »	
10	A'	15 de novembro	15 de novembro	
11	B'	» » »	» » »	
12	C'	» » »	» » »	
13	D'	» » »	» » »	
14	E'	» » »	» » »	
15	F'	» » »	» » »	
16	G'	» » »	» » »	
17	H'	» » »	» » »	
18	K'	» » »	» » »	
19	L'	» » »	» » »	
20	Θ L.	16 de novembro	6 de março	1
21	Θ M.	20 de dezembro	20 de dezembro	
22	Θ N.	—	10 de junho	1
23	Θ P.	—	» » »	1
24	Θ R.	—	10 de agosto	1
25	Θ S.	—	25 de dezembro	1

Quadro n.º 2

Escala definitiva dos alferes promovidos em 1903, organisada em 1907

N.ºs na classe	Nomes	Data d'alferes correspondente á sua altura na escala	Alferes desde (data do decreto)	Estiveram no ultramar
1	Θ A.	20 de janeiro	20 de janeiro	
2	Θ B.	20 de março	20 de março	
3	Θ C.	» » »	» » »	
4	Θ F.	26 de junho	6 de janeiro	1
5	Θ G.	20 de setembro	» » »	1
6	Θ D.	» » »	26 de junho	
7	Θ L.	10 de outubro	6 de março	1
8	Θ E.	» » »	20 de setembro	
9	Θ N.	» » »	10 de junho	1
10	A'	15 de novembro	15 de novembro	
11	B'	» » »	» » »	
12	C'	» » »	» » »	
13	D'	» » »	» » »	
14	E'	» » »	» » »	
15	F'	» » »	» » »	
16	G'	» » »	» » »	
17	H'	» » »	» » »	
18	K'	» » »	» » »	
19	L'	» » »	» » »	
20	Θ P.	16 de novembro	10 de junho	1
21	Θ R.	20 de dezembro	10 de agosto	1
22	Θ H.	—	10 de outubro	
23	Θ K.	—	» » »	
24	Θ M.	—	20 de dezembro	
25	Θ S.	—	25 de dezembro	1

Lisboa, 5 de julho de 1907.

J. T.

METRALHADORAS

(*Continuado do n.º 8 — 1907*)

Alimentação da metralhadora

Como vimos, a metralhadora é um motor a gazes. Para que funccione, torna-se indispensavel que seja alimentada; e se, para o geral dos motores a gazes se empregam estes, mais ou menos ricos, n'aquelle estado, nas metralhadoras empregam-se sob a forma de polvora contida em cartucho e a qual se faz inflammar produzindo os gazes que se expandem em momentos precisos, tal como succede nos motores.

N'estes, a força obtida com a explosão dos gazes é aproveitada para um fim mais ou menos industrial, como para accionar machinismos de muitas e diversas naturezas; na metralhadora, os gazes teem por fim essencialmente lançar a bala na atmosphera nas mesmas condições de uma espingarda que fizesse fogo com o mesmo cartucho, aproveitando-se ao mesmo tempo para gerarem o movimento do machinismo para o tiro, que é constante, emquanto ella tiver cartuchos a consumir.

Se a boa alimentação d'um motor é uma das bases principaes para o seu bom funccionamento, na metralhadora é a principal. E a alimentação d'esta arma, sendo simples, requisita comtudo cuidados que, sendo á primeira vista successivos e difficeis de ter, não o são

quando a pratica do manejo e uma instrucção cuidada habituem o pessoal a este serviço.

Na alimentação da metralhadora deve attender-se sobre tudo:

a) Ao cartucho;

b) A's fitas carregadoras;

c) Ao carregamento das fitas e seu acondicionamento nos cunhetes.

a) Cartucho

O cartucho da metralhadora é o cartucho com bala de $6^{mm},5$, egual em tudo, na fórma, comprimento, carga, etc., ao que serve á espingarda Mauser-Vergueiro. A bala é cylindro-ogival como a usada na nossa Mannlicher, mas com a ogiva mais aguçada, o que aliás é uma fórma predominante das balas alongadas cylindro-ogivaes de fabrico allemão e inglez.

As metralhadoras estão fabricadas para usarem o cartucho com a carga de $2^{gr},9$ de polvora allemã 1296 b ou o equivalente de polvora portugueza e que produza velocidades iniciaes (Vo) de 750^{m} e pressões de 2:300 a 2:500 atmospheras. O comprimento total do cartucho é de $82^{mm},5$ com tolerancia para menos até 82^{mm}.

Funccionando automaticamente a metralhadora pelo recúo augmentado por dispositivo especial (reforçador), é claro que ella funccionará bem, sempre que a carga da polvora dê, á bocca, a pressão conveniente para o tiro. Se ella porém fôr diminuida ou exagerada, só entre muito pequenos limites o será; e nenhuma importancia pratica trará ao funccionamento da metralhadora a não ser um asynchronismo no tiro quando haja uma pequena variação nas cargas, o que se nota pelo ouvido.

O comprimento do cartucho é de capital importancia para o bom funccionamento da metralhadora.

Se elle estiver comprehendido entre os limites acima indicados, a metralhadora funcciona perfeitamente; se fôr mais comprido, não poderá entrar no alimentador, podendo occasionar a ruptura de alguma peça d'este; e se fôr mais curto, podendo fugir ás guias que o devem conduzir ao logar proprio, atravessa-se no alimentador não se deixando agarrar pelo porta-cartuchos e sustando o tiro.

O cartucho da metralhadora deve ser *indeformavel*.

O novo cartucho é modernamente muito acceitavel a esse respeito; mas dados os esforços violentos de tração que soffrem as balas, tanto ao carregar as fitas como ao serem desalojadas d'ellas para serem introduzidos no cano; e ainda dando-se alteração na dureza do metal por uma longa armazenagem, torna-se indispensavel uma forte ligação da bala ao colo da caixa por meio de cravamento, como de ha muito já usam diversos paizes como a Inglaterra, Belgica, Allemanha, etc.

Esta fixação, indispensavel para o cartucho das metralhadoras, é convenientissimo tambem para o das espingardas pela certeza que se tem de que o cartucho está como veio da fabrica e que com elle se obtem o tiro nas condições de justeza e segurança que se lhe exige. E inconveniente não traz nenhum, por que um accrescimo de 100 atmospheras nas pressões é nada, se attendermos ás differenças de pressões que se medem entre dois cartuchos praticamente eguaes em carga de polvora.

A qualidade da munição empregada tem uma importancia tão capital que, como já dissemos, os italianos na Abyssinia com as más munições que possuiam, não poderam fazer funccionar as metralhadoras Pratt e Whitney o que muito concorreu para os desastres de que foram victimas n'aquella campanha.

b) Fitas carregadoras

A espingarda tem a lamina carregadora para conter os cartuchos com que se carrega, assim como a metralhadora tem as fitas para o mesmo fim.

São estas constituidas por duas tiras de linho de $6^{m},30$ de comprido e $0^{m},04$ de largo, sobrepostas e cravadas por meio de laminas de latão de fórma, a entre cada duas d'estas laminas se alojar um cartucho. A fita póde conter 250 cartuchos.

De trez em trez alojamentos as laminas de latão excedem a fita com o fim de poderem servir de guias aos cartuchos quando entram no alimentador e permittem uma contagem facil dos cartuchos que a fita contenha. Nos dois extremos da fita estão cravadas umas pontas de latão destinadas a facilitar a entrada no alimentador.

As fitas, para que não sejam origem de mau funccionamento da metralhadora devem, embora muito usadas, não se encontrar rotas ou mordidas pelas serrilhas dos impulsores, por virtude de um carregamento pouco cuidado ou por um uso muito prolongado. E' preferivel, quando assim estejam, inutilizal-as para nunca mais poderem servir, a usal-as para o tiro que nunca pode ser á vontade do atirador e sim será interrompido a cada passo.

Deve tambem attender-se a que as laminas guias estejam direitas, não torcidas ou partidas, substituindo se as laminas quando tal aconteça.

Quando as fitas depois de um largo uso não mantenham bem os cartuchos, pódem molhar-se em agua e assim servirão mais algumas vezes. No entanto é preferivel não fazer mais uso d'ellas.

c) Carregamento das fitas e seu acondicionamento

Os cartuchos são introduzidos na fita por meio de uma machina especial que se monta sobre qualquer meza ou leito de um carro e inclusivamente na pina do carro de munições.

O carregamento á mão, alem de ser muito moroso e incommodo, não introduz os cartuchos egualmente nos alojamentos.

No carregamento á machina, unico admissivel, especialmente quando se trata de carregar fitas novas, deve attender-se principalmente a que o alargador da machina não fure ou rasgue a fita e que as laminas guias se não deformem.

Para isso, quando a fita é nova e as duas partes que se sobrepõem estão tão unidas que difficultam a passagem do alargador da machina, ao mesmo tempo que se dá á manivella muito vagarosamente ajuda-se com a mão livre a entrada do alargador; ou antes, outro homem com um cartucho embalado, vae affastando em cada alojamento as fitas emquanto o outro dá á manivella.

Quando o cartucho está proximo de ser completamente alojado, isto é, quando a extremidade da bala dista cerca de dois centimetros da linha das pontas das guias metallicas, deve com a manivella, forçar se muito lentamente a entrada do cartucho para que elle escor-

regando sobre as paredes do alojamento vá ficar com a ponta da balla no alinhamento das pontas das guias.

E' especialmente para attender esta posição dos cartuchos na fita, unica que, garantindo um seguro movimento da mesma no receptor, dá maior duração ás fitas, sendo quasi impossivel que as serrilhas dos impulsores as rasguem, o que não succede quando os cartuchos não entram até áquella linha.

Quando as fitas são usadas já, não se torna necessario tanto cuidado no carregamento á machina, por os cartuchos irem com muita facilidade aos seus logares. No emtanto sempre se deve verificar depois do carregamento que todos os cartuchos estão no seu logar. A velocidade do carregamento pode ir até 120 por minuto ou mais com as fitas usadas. As fitas depois de carregadas são immediatamente mettidas nos cunhetes especiaes do carro de munições.

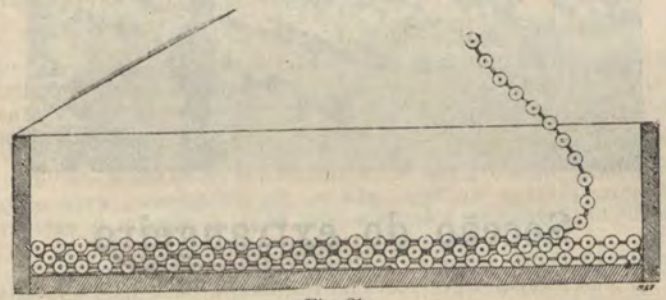


Fig. 21

Os cunhetes teem na tampa exteriormente, e no fundo interiormente, pintados a tinta branca, trez cartuchos, com o fim de as fitas serem alli introduzidas em zig-zag (fig. 21), e ambas com os cartuchos na mesma disposição que os pintados.

Fechado o cunhete, sabe-se como elle deve ser collocado ao lado da metralhadora de forma que os cartuchos fiquem com as balas para a frente, pelos cartuchos que se acham pintados na tampa.

Para accondicionar as fitas nos cunhetes estende-se no fundo a parte da fita que não tem cartuchos e dobra-se sobre ella, a todo o comprimento do cunhete, uma porção e assim successivamente em zig-zag (fig. 21) até

final. Sobre esta procede-se com a segunda fita da mesma maneira, pois cada cunhete contem duas. E' necessario cada vez que se dobra a fita para a sobrepôr, no cunhete, carregar na dobra sem o que não caberiam as duas.

Quando pois o cartucho satisfaça ás condições que atraz se indicam, as fitas estejam como se disse e no seu carregamento e acondicionamento se observem os cuidados apontados; ter-se-ha a certeza de que a alimentação da metralhadora está garantida e removida assim uma causa primordial do mau funccionamento.

(Continúa).

CAP. BUGALHO.

Secção do extrangeiro

Estados-Unidos. — Não obstante os governos dos Estados-Unidos e do Japão procurarem resolver o conflicto existente entre os dois povos por meios pacificos, é certo que a imprensa dos dois paizes discute com tal ou qual violencia a possibilidade da guerra, e quando uma questão tão delicada como esta começa a golpes de penna pode bem terminar a golpes de espada.

A nossa impressão, no momento em que traçamos estas linhas, é que a guerra rebentará quando menos se esperar.

Mas esta guerra tem na verdade maiores difficuldades para o Japão do que teve a guerra com os russos na Mandchuria.

A marinha de guerra dos Estados-Unidos possue ao presente 28 unidades couraçadas com 192 boccas de fogo de grosso calibre e 368 de calibre medio.

A marinha de guerra japoneza possue 21 unidades couraçadas com 91 boccas de fogo de grosso calibre e 270 de calibre medio.

Por esta parte não ha a menor duvida que a superioridade

numerica está do lado dos Estados-Unidos, que, separados do Japão por 9 mil kilometros, que tanta é a distancia que vae de Yokohama a S. Francisco da California, forçariam a esquadra inimiga a uma travessia de 16 a 18 dias se quizesse fazer a guerra no territorio americano.

Mas como o valor de uma unidade couraçada não depende sómente da parte material do navio, mas tambem da sua parte moral, podemos talvez affirmar que as duas esquadras se equilibram, se é que a balança não pende mais para o lado dos japonezes, visto haver absoluta superioridade dos officiaes e marinheiros nipponicos sobre os officiaes e marinheiros dos Estados Unidos.

Seja qual fôr o resultado da grave excitação existente entre os dois paizes, temos como certo que nenhum d'elles se abalançará a uma guerra sem ponderar bem e muito maduramente o resultado final d'esse acto violento que, a despeito de todas as conferencias que fôrem havendo em Haya, continuará a ser a ultima razão, com manifesto desprezo das potencias pelos platonicos sonhos da paz universal.

Se a guerra rebentar as Philipinas estam naturalmente indicadas para representarem, talvez, um dos mais importantes papeis n'esse conflicto, trazendo aos americanos n'essa occasião profundos desgostos e grandes prejuizos.

Será o momento da vingança.

E' que Deus cose direito com linhas tortas.

Em S. Diégo, que é o porto de mar mais meridional dos Estados-Unidos, no Pacifico, foi preso um official japonez que tentava tirar croquis do porto de Rosecraus commandado pelo major Getchell.

Este facto produziu viva commoção em Washington.

E no War-Office americano ter-se-ha pensado, talvez, no grave erro commettido de se não ligar ao exercito aquella attenção e aquelle cuidado que, em todos os paizes que amam a sua dependencia, se liga.

O exercito americano é espantosamente inferior, e nem termo de comparação pode ter com o exercito japonez.

*

A perspectiva de uma guerra, entre os Estados-Unidos da America e o Japão, obriga-nos a lançar a nossa attenção para a grande Republica do Novo Continente.

Diante do grave problema da dominação do Pacifico, dos grandes interesses commerciaes ligados a esse dominio, não deve surprehender a ninguem que mais anno menos anno haja, como resultante do choque de interesses das duas potencias que querem ter a supremacia n'esse mar, uma formidavel guerra.

Os Estados-Unidos da America, seguindo a tradição do povo inglez, teem um exercito em demasia insufficiente.

As suas tropas regulares são em pequeno numero, e portanto muito desproporcionaes á grandeza e vastidão da confederação por cuja defeza devem velar, sendo além d'isso tambem de má qualidade.

As suas milicias, aonde ainda se mantem a usança absurda e archaica da eleição dos officiaes pelos soldados, o que eviden-

temente esmaga por completo o espirito da disciplina, que é absolutamente indespensavel manter-se nas fileiras do exercito, estão longe, muito longe de poderem satisfazer ás exigencias da defeza nacional, e são a miude theatro de largos escandalos, que por vezes teem forçado o governo americano a dissolver unidades inteiras.

Ainda ha pouco o mais antigo regimento de milicias de New-York State, regimento que data de 1786, foi supprimido.

Fastidioso e impertinente seria mostrar aqui n'esta singela noticia a serie de escandalos vergonhosos que, com frequencia lamentavel, succedem entre as tropas dos Estados-Unidos.

No momento presente o acontecimento do dia é a reorganisação, que parece ser agora definitiva, da sua artilheria.

Não nos cançaremos a mostrar a incoherencia e as hesitações que desde 1865 tem havido com a artilheria americana.

Fazer, desfazer, tornar a fazer, sem plano, sem technica, sem methodo, sem cousa alguma tem sido a elaboração pesada, fastidiosa, ingrata e até perigosa para a honra do paiz, que com uma leviandade e uma certa inconsciencia, tem produzido o estado maior dos Estados-Unidos.

Agora fixou-se na separação completa da artilheria de costa da artilheria de campanha.

A artilheria de campanha compõe-se de 6 regimentos a 3 batalhões (que serão os nossos grupos) tendo cada batalhão 3 baterias a 4 peças.

A artilheria de costa consta de 5:000 homens divididos em 170 companhias, agrupadas em 14 unidades, tendo cada unidade por chefe um coronel.

As companhias teem uma organisação irregular, não havendo homogeneidade nos seus quadros.

Como o assumpto que ao presente mais preoccupa o governo de Washington é o perigo de uma guerra com o Japão, guerra que deverá ser essencialmente naval, é para a artilheria de costa que estão voltadas todas as attenções.

E n'esta ordem de ideias as manobras projectadas para este anno serão exclusivamente executadas pela artilheria de costa (coast artillery), se manobras houver.

E para que as taes manobras possam ter o desenvolvimento que as circunstancias reclamam, o general Murray, chefe da arma de artilheria, propôz que a milicia dos Estados maritimos tomasse parte nos taes exercicios, e que ficasse sendo considerada como *reserva da artilheria de costa*.

Diz-se que além d'isto, o mesmo general alvitra tambem o sensato parecer de que, combinado com a defeza fixa das posições fortificadas, houvesse uma defeza mobil, para oppôr a qualquer tentativa de desembarque, e que as companhias de milicias encarregadas d'esta missão fossem consideradas como *supporte da artilheria de costa*, podendo-se junctar-lhe baterias montadas de milicia.

Como se vê, a defeza das costas é o problema do dia.

Consta que quasi todos os estados maritimos, com excepção apenas da Carolina do Norte e de Delaware, que ainda estão hesitantes no momento em que escrevemos estas linhas, deram o seu assentimento a este plano.

Hespanha. — Como nos annos antecedentes a secção de infanteria da Escola Central de Tiro organisou cursos especiaes de tiro para officiaes.

Para tenentes esses cursos duraram de 15 de abril a 15 de junho e para capitães irão de 1 a 30 de setembro.

França. — Parece que, por emquanto, quem caminha na vanguarda do movimento tendente a resolver o problema da navegação aerea é a França.

O balão dirigivel «Patrie» effectuou uma ascenção que durou duas horas.

O aerostato elevou-se de Chalais-Meudon e fez um longo circuito de evoluções sobre Houilles, Maisons-Laffitte, Saint-Germain-en-Laye, Marly e Viroflay.

Chegou ás portas de Paris e desceu no mesmo sitio de onde se elevou.

Os officiaes do parque de Chalais é que manobravam o balão

Dois generaes tomaram logar na barquinha ao lado dos aeronautas militares.

*

Os lamentaveis acontecimentos do sul da França, que puzéram em evidencia a frouxidão da disciplina n'aquelle grande exercito, trouxe á tela da discussão receios e medos sobre o futuro da grande Republica, trazendo aos espiritos reflectidos e amantes da sua patria inquietações graves.

Mas, pergunta-se, é só o enfraquecimento da disciplina o mal de que enferma o exercito francez?

Parece que não.

Ha uma anecdota contada pelo general Langlois, no senado, que responde a esta pergunta, no dizer do chronista francez da «Revue Militaire Suisse».

«Ha pouco tempo, officiaes japonezes fôram ao campo de Châlons vêr os nossos exercicios, os nossos tiros, as nossas manobras, e principalmente o nosso material de 75.

«As baterias manobraram muito bem, os tiros foram excellentes, e os nossos jovens officiaes julgaram ter produzido uma impressão profunda nos seus camaradas japonezes.

«Sim! Mas na conversação que se seguiu, um dos officiaes japonezes — e todos tinham feito a campanha da Mandchuria — disse: Tudo o que nós acabamos de vêr é muito bom, muito interessante; mas, na guerra, ha apenas duas coisas que marcam: o moral nas tropas e o caracter nos chefes».

*

Na Inglaterra a impressão produzida por esses acontecimentos e pela demissão dos grandes chefes militares tem sido grande.

A «Pall Mall Gazette» diz:

«No estado presente das relações internacionaes, tudo o que affecte o bem estar do exercito francez não nos poderá ser indifferente. O exercito francez interessa-nos tanto quanto a marinha britannica deve interessar aos francezes. Assim, quando nós

vêmos medidas condemnadas sem reservas e sem attenuantes por um soldado tão distincto como o general Langlois, que descreve a situação como *imminentemente perigosa*, é impossivel que a indifferença relativa com que o povo francez encara estes avisos nos não espante.

«Ainda não ha muito tempo que a França viu e sentiu as consequencias possiveis de uma preparação insufficiente para a guerra.

«Nós, que somos amigos da França e que apenas queremos o seu bem, notamos, com pesar, que ella não tomasse a peito a lição d'este *alerta*, ao qual o sacrificio do grande ministro dos negocios estrangeiros Delcassé poude pôr fim.»

*

E' este o maior defeito da nossa raça.

O povo latino não costuma vêr o perigo de longe e muito menos preparar-se prudente e tenazmente para o conjurar a tempo. E isto não deixa de ser um grande infortunio!

Allemanha.— A questão dos balões dirigiveis continúa a preoccupar seriamente os allemães.

Em agosto do anno passado foi creada em Hegel, a titulo de ensaio, uma companhia para os balões com motor, composta de 3 officiaes, 19 sargentos e 75 praças.

O systema empregado era o de Parseval-Ligsfeld, em opposição ao empregado por Zeppelim.

Parece que os resultados obtidos com o principio meio-fixo foram bons.

Mas agora, ainda ha poucos dias, o major Gross, commandante do batalhão encarregado da aerostação, construiu um novo dirigivel que deu os mais satisfatorios resultados.

Esse novo dirigivel, levando na barquinha o capitão Sperling, o engenheiro Basenach e o major Gross, fez no meio da atmosphera varias evoluções com grande precisão, chegando a parar-se repentinamente o motor, para de novo o pôr em movimento, sem que d'esse brusco e premeditado incidente resultasse o menor inconveniente.

O balão voltou para o seu deposito ao cahir da noite.

*

Foi organisado um concurso, por uma sociedade de aeronautas allemães, para a construcção de um motor para dirigiveis que permitta que o balão se possa conservar no ar durante 10 horas.

Até agora, os motores conhecidos não dão rendimento superior a 3 horas.

10.º ANNO OUTUBRO DE 1907 N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

O ENSINO MILITAR COLONIAL

O nosso exercito continental é, segundo a ultima organisação militar das forças ultramarinas, simultaneamente exercito colonial, pois que é com os seus elementos, que a elle não deixam de pertencer, que são organisadas as unidades europeias e constituidos os quadros das unidades indigenas que occupam, pacificam, guarnecem e policiam os nossos vastos dominios coloniaes. E esta orientação, que foi nitidamente traçada e definida na reorganisação de 14 de novembro de 1901, é crivel que continue a prevalecer porque está perfeitamente assente e admittida no nosso meio militar e colonial.

E', sem duvida, esta a norma que melhor se coaduna com o nosso meio, com a nossa falta de recursos e mesmo com o papel que desempenhamos na politica europeia. E' Portugal uma nação essencialmente colonial, e hoje, mais do que nunca, tem o nosso paiz a sua vida perfeitamente ligada ao futuro das suas colonias. E n'uma nação como a nossa, que, por ser pequena, não pode aspirar a ter accentuado pezo na balança da politica europeia, mas tendo, em compensação, ricas e ferteis colonias, de que precisa e deve cuidar insistentemente, o melhor papel, o mais glorioso e o mais pratico que se pode dis-

tribuir ao exercito é o de colonial. Portugal não precisa de exercito metropolitano para fazer prevalecer a opinião das suas chancellarias, porque não pode ter essas aspirações. Se, porém, sob este ponto de vista o nosso exercito tem uma missão limitada, sob o ponto de vista colonial a sua acção e interferencia é indispensavel. E os tempos modernos, este pequeno cyclo dos 15 annos ultimos, teem mostrado á evidencia e d'uma forma indiscutivel, que é nas colonias que reside a sua tarefa principal.

Essa orientação quer-nos parecer, pois, que será duravel por muito tempo. E' sem duvida, certo que mais cedo ou mais tarde essa lei será modificada. Ha mesmo muita gente que insta para que o systema de recrutamento, principalmente dos officiaes, seja alterado. E nós acreditamos que assim succeda. O que, comtudo, não será alterado é o principio que se estabeleceu de que as forças coloniaes sejam recrutadas d'entre os elementos do exercito da metropole. Acreditamos mesmo que se modifique tudo, excepto essa obrigação que, d'uma fórma ou d'outra, continuará prevalecendo. D'isso estamos convencidos, e é em face d'essa convicção que vamos tratar do assumpto que serve de epigraphe a este artigo.

Tendo o exercito metropolitano de ser ao mesmo tempo exercito colonial, é logico que a instrucção, principalmente dos officiaes, seja orientada e ministrada de fórma a satisfazer a esse duplo fim. E é isso uma necessidade imperiosa, porque as exigencias do serviço e da guerra colonial são muito diversas das exigencias e fins da guerra continental. O meio, os processos, o clima, a propria natureza do terreno, os armamentos, os recursos, o transporte e principalmente os adversarios, são completamente differentes. Justo é, portanto, que as instrucções o sejam tambem, para não haver hesitações, nem sobresaltos, nem receios, nem perigos. Ora, para alcançar o fim que se tem em vista, tanto na vida militar como em qualquer outro ramo da actividade humana, é necessario estar identificado com os processos que se teem de empregar.

Até hoje, porém, nem sempre se tem procedido d'esta fórma sob o ponto de vista militar. A instrucção que se ministra, tanto nas escolas preparatorias como na escola especial, tem simplesmente em vista educar os jovens officiaes para a guerra continental, o que não se coaduna bem com a dualidade de missões que mais tarde lhe serão

impostas. Na Escola do Exercito as grandes nações estrangeiras são mesmo tomadas para modelo, embora os recursos sejam outros, os meios differentes e até os fins por vezes diversos. E essa orientação tem em parte contribuido para que não se eduquem os officiaes e se criem organismos apropriados ao nosso temperamento, ao meio em que vivemos, á missão que temos a desempenhar e aos recursos de que dispômos. A imitação estrangeira produz por vezes fructos exoticos que não conviria obter. Um extranho que conheça bem os exercitos das nações que pelo seu poder e aspirações rivalisam entre si e que procurasse fazer a analyse do nosso ensino e mesmo de uma grande parte da nossa regulamentação, não tardaria a tirar a conclusão de que nos preparavamos, embora no papel e na theoria, para fazermos guerra á mais poderosa das nações europeias. Se, porém, isso tem o seu lado bom, porque torna a instrucção mais completa, tem tambem o inconveniente, devéras attendivel, de nos roubar tempo para dedicarmos a nossa attenção aos assumptos. embora mais modestos, mas que nos são mais peculiares e necessarios. E os assumptos que estão n'estas condições são todos aquelles que se prendem com as questões coloniaes, que hoje são tão necessarias á vida do official, como as meramente militares.

Devido a essa orientação, os officiaes que para cá são mandados, veem desconhecendo por completo os assumptos que aqui teem de tratar e versar se a sua curiosidade e amor ao estudo, alliados a um certo desprendimento ao dinheiro, os não levar a comprar livros á sua custa onde possam colher elementos de que precisam lançar mão no novo meio em que passam a viver. E se as colonias, se estas regiões africanas, ainda para muitos são um mytho ou labyrintho de coisas tenebrosas, onde a cada passo se experimentam surprezas, se passam privações e se soffrem tormentos, a falta d'essa illustração especial ainda vae aggravar mais as trevas que lhe ennuviam o seu espirito e lhe engrandecem os seus receios. E as classes illustradas, ás quaes pertence o exercito, d'uma nação colonial, como a nossa, não devem desconhecer o que ellas são, o que ellas valem, como n'ellas se vive e como n'ellas se deve proceder. Se os nossos officiaes precisam ter esses conhecimentos, a Escola do Exercito não pode deixar de lhes ministrar essa instrucção.

Se a orientação seguida tivesse sido esta, talvez os fructos colhidos tivessem representado para todos beneficios ainda mais accentuados. No estado actual das coisas, os primeiros tempos, quasi que o primeiro anno de commissão, é dispendido n'um tirocinio cheio de sobresaltos, incertezas e hesitações sobre os assumptos mais rudimentares que ahi bem poderiam ser ministrados. E esta circumstancia, aggravada, como é, pela differença de clima, diversidade de meio e por um certo numero de preconceitos e receios que acompanham uma grande maioria dos que para cá veem pela primeira vez, fazem tambem com que essa aprendizagem seja um mau anno para o official e mesmo para os serviços que desempenham. O que estamos dizendo já não deve ser novidade para ninguem. O proprio Mousinho de Albuquerque tratou este mesmo assumpto, embora ao de leve, no seu primoroso livro **«Moçambique»**. Com magua dizemos, porém, que apesar da sua auctoridade e da sua phrase suggestiva, não temos visto que se tenha mudado de orientação, como de resto parecia natural que se fizesse.

A' nossa escola da Bempostinha, visto ser escola de preparação de officiaes para o exercito metropolitano e colonial, lhe pertence indubitavelmente o inicio d'essa nova phase do ensino militar, pois que á não ser assim o official difficilmente ou só á custa de muito trabalho proprio é que poderá corresponder cabalmente á dualidade de missões que lhes são impostas. E se uma instrucção é necessaria, a outra tambem não se dispensa. Não queremos, comtudo, dizer, e é conveniente accentuar, que a instrucção colonial sobreleve a instrucção propriamente militar e technica. Somos mesmo de opinião que se esta orientação se radicar não deve ter um sentido tão lato como muitos lhe querem attribuir. A existencia de um curso meramente colonial para militares teria, é certo, grandes vantagens, principalmente para os que pretendessem fazer vida pelas colonias. O nosso ponto de vista é, comtudo, mais limitado e restricto por ser apenas applicavel á missão que o official, na sua qualidade de militar, é chamado a desempenhar aqui, como commandante de tropas.

E n'esta qualidade ninguem poderá dizer que elle não precise de conhecer a tactica e estrategia colonial, meios de transporte, systemas de pacificação e occupação, organisação e constituição das tropas europeias e indigenas,

noções geraes sobre as raças, politica, habitos e costumes das populações aborigenes, hygiene, etc. Estes assumptos poderiam muito bem ser ministrados em cadeiras apropriadas e correlativamente com as disciplinas congeneres. Se na cadeira de geographia e historia se se ensinasse orographia colonial e a marcha das campanhas principaes que cá se teem effectuado, conjunctamente com algumas noções sobre a politica imperial da Inglaterra e a preponderancia mundial e economica da Allemanha, o official adquiriria conhecimentos modernos e de toda a actualidade que, além de lhe serem uteis, lhe serviriam de estimulo e de moderno elemento educativo. Poder-se-ha objectar que professores e alumnos ficavam muito sobrecarregados. Talvez, mas se o estudo d'aquellas materias é necessario, acabe-se com o que é superfluo e ensine-se o que é util e pratico. E n'esse sentido alguma cousa se pode fazer.

A determinação das coordenadas geographicas é um estudo que tambem não deve deixar de se exigir aos officiaes que para as colonias são mandados. No reino não se exige aos officiaes de infanteria e cavallaria esses conhecimentos especiaes. E comprehende-se que assim succeda, porque, para serem bons officiaes e cidadãos prestantes, não precisam conhecer essa especialidade, não só porque para os trabalhos que exijem esses conhecimentos ha um corpo especial, mas tambem porque podendo dispôr com facilidade das cartas do estado maior, das geodesicas e itinerarias e mesmo da carta agricola e geologica, teem sempre pessoal e cartas que lhes fornecem os elementos de que precisam para bem se desempenharem da sua missão.

No ultramar não succede porém assim. As cartas das nossas provincias coloniaes ainda não estão feitas e o que existe chega mesmo a ser devéras defeituoso. E não havendo por cá os orgãos e o pessoal technico que se deve encarregar d'esses serviços, tarde se chegará a dispôr de cartas perfeitas, completas e que não envergonhem. E no entretanto todas as vastas regiões das nossas possessões africanas teem sido seguidas e atravessadas por officiaes de infanteria e cavallaria. E se tivesse havido o cuidado de lhes ensinar esses conhecimentos, a sua passagem por esses pontos ficaria assignalada, desde que houvesse o cuidado de lhe fornecer um theodolito e um chronometro, com as respectivas coordenadas geographicas. E

se isso se tivesse feito e se esses elementos se tivessem reunido, disporiamos hoje, sem dispendio de maior, de cartas perfeitas e completas.

Dir-se-ha que esses officiaes não teem os conhecimentos sufficientes para resolver esses problemas. Não queremos discutir esse ponto. Diremos no entretanto que no estado actual d'essa sciencia e em virtude da forma pratica em que está posta, pois que todos os calculos e formulas estão reduzidos a tabellas, a sua determinação pratica está ao alcance de todos os que teem a illustração d'aquelles officiaes. O proprio marinheiro, que a toda a hora precisa lançar mão do seu sextante, se lhe perguntarem a explicação das coisas e se o pretenderem empenhar no campo especulativo d'essa sciencia, certamente encolherá os hombros com um sorriso desdenhoso e responderá triumphante — costumo chegar ao meu destino. E da mesma forma o official que andasse por cá percorrendo regiões desconhecidas, logo que terminasse a sua commissão entregaria o resultado das suas observações e poderia dizer de si para comsigo — prestei um bom serviço. E prestava realmente, porque o andar pelas colonias no estado actual é o mesmo que viajar pelo desconhecido conduzido pela mão d'um preto.

Lourenço Marques — junho 1907.

DAVID RODRIGUES
Cap. d'infanteria.

Instrucção militar preparatoria

A recente providencia de S. Ex.ª o ministro da guerra sobre a instrucção militar preparatoria, veiu fazer convergir geraes attenções sobre uma das questões que mais interessam á organisação efficaz da defeza nacional.

No já longo periodo de ensaio do regimen constitucional entre nós, bem se póde dizer que as instituições militares teem acompanhado de perto a inconstancia e versatilidade que tem presidido a todos os actos da vida nacional.

Hoje ainda, 70 annos volvidos, fazendo um balanço aos variadissimos ensaios de organisação militar, é licito — e triste — affirmar que é pouco menos que completamente inefficaz a nossa preparação para a guerra, não obstante um ou outro progresso attingido em alguns serviços do exercito e não obstante tambem as quantiosas sommas com este dispendidas n'esse largo periodo.

A nação tem votado sem contrariedade essas sommas, certamente respeitaveis para as forças do seu thesouro; o exercito desempenhou-se, por seu turno, da missão de consumil-as, procurando com boa vontade — não o duvidamos — dar-lhe destino o mais adequado; mas certo é que nem a nação jámais se interessou em saber da applicação do seu dinheiro, nem tão pouco o exercito procurou sempre verificar se as formulas da sua constituição assentavam bem sobre o organismo nacional.

Buscou-se muito e com bons intuitos, é verdade, copiar dos figurinos estrangeiros os melhores spcimens de organisação militar, seguindo, fidelissimamente, n'este ponto, a orientação geral da administração constitucional, sem estudar as condições especiaes do nosso meio, não attendendo á sua cultura e desprezando de todo algo de bom que nos fornecia a tradicção militar.

Esta errada orientação, alliada ao deploravel atrazo da educação nacional, conduziu-nos á situação — lamentavel, por certo — de, n'esta hora tão adiantada já do progresso europeu com o correspondente aperfeiçoamento das instituições militares, assentarem estas, entre nós, sobre o corpo da nação como um organismo sem vida, que só poderia haurir quando intimamente associado com aquella.

Quer dizer: exercito e nação, completamente divorciados quando a formula, hoje consagrada, da *nação armada*, como expressão necessaria das forças de defeza dos estados, não permitte mais, entre uns e outros, as linhas divisorias de já remotos tempos.

Em taes condições, não admira que surjam na imprensa e no proprio parlamento algumas vozes auctorisadas bradando contra incuria tão grande na nossa preparação para a guerra. Justificadas são essas vozes se se attender a que a funcção primaria dos orgãos da defeza nacional — o homem — se ache entregue a uma regulamentação quasi ficticia.

A instrucção militar da população valida, o dever sa-

grado para o cidadão de vir preparar-se nas fileiras do exercito para a defeza commum, acha-se na verdade imposto a um restricto numero.

O serviço pessoal, obrigatorio, não passa ainda, entre nós, de uma pura illusão.

Temperado, então, com o palliativo da remissão attinge o dominio de uma pungente ironia, entre tantas que a administração nacional nos apresenta em seus ficticios processos.

Possuimos, ao menos, grandes massas de reservas, mas reservas de que nem a parte necessaria para mobilisar as divisões activas, offerece a minima garantia de uma instrucção séria.

Triste balanço!

*

Em presença de tal situação, o que pensam aquelles que dedicam algum cuidado ás questões da defeza nacional?

Uns, reduzidos pelas organisações poderosas dos grandes estados, pedem mais sacrificios pecuniarios á nação para manutenção das suas instituições militares; outros, impulsionados por uma democracia exaltada reclamam o systema miliciano (typo suisso) sem cuidarem de saber: 1.° se um tal systema nos custaria menores sacrificios; 2.° se tal systema seria de proficua applicação em um paiz com a nossa educação e onde elle não representa uma fonte de tradicção.

Pretendem outros, finalmente, obter, dada a situação das nossas instituições militares e as condicções do paiz, uma formula intermedia que sirva, ao menos, de transição para uma definida organisação.

Pretende-se, assim, suavisar o tributo de sangue que as populações recebem com manifesta hostilidade, procurando-se, por outro lado, alliviar de algum modo o sacrificio pecuniario do thesouro em suas apertadas circumstancias.

Ao mesmo tempo procura-se estabelecer uma mais intensa união entre o exercito e a nação, exercendo uma larga educação civica n'esse estreito contacto.

Obedece a este plano a recente providencia do sr. ministro sobre que tem recahido geraes encomios.

A nobre intenção que a inspira merece-os realmente tendo a recommendal-a, alem d'isso, uma disposição que

muito poderá concorrer para combater o analphabetismo nacional por uma forma pratica e immediata. Essa disposição, justamente com a que torna o ensino obrigatorio nos corpos do exercito são de altissimo valor e illustrando notavelmente a gerencia de S. Ex.ª.

Urge, porem, investigar se os resultados corresponderão a uma intenção de tão largas vistas e de tão reconhecida utilidade.

Primeiro que tndo, a obra que se tem em vista é tão vasta que reclama numerosos cooperadores, muitos d'elles fóra dos quadros do exercito.

O parocho e o professor são os dois auxiliares do exercito n'essa missão patriotica, mas dadas as condicções da nossa educação civica e o affecto que as populações têem manifestado pela instituição, é pouco licito esperar que possam encarnar o pensamento do nobre ministro antes que uma remodelação profunda no ensino nacional não venha formar novas gerações para um tal apostolado.

Estas mesmas considerações poderemos nós applicar aos *educadores* que do exercito tem que baixar ao seio das populações a cooperar na apostolisação.

Em que escola se tem formado esses educadores?

Não será difficil de responder desde o momento em que queiramos ter a franqueza de reconhecer que, por motivos mais ou menos attendiveis, pouco ou nenhum cuidado se tem prestado nas fileiras á educação moral das tropas.

A obra que se tem visto é de perfeita evangelisação; as tristes condicções a que — estulto seria occultal-o — chegou a vida nacional, amortecida a fé em todos os ideiaes, não consentem, infelizmente, abundem os apostolos.

E bem certo é que os nossos apostolos desacreditam, quasi sempre, as obras mais generosas.

Diz-se, no emtanto, que das regiões governativas não se demorará em apparecer um conjuncto de medidas que venham completar a providencia a que nos vimos referido. Desejaremos todos que assim aconteça; sabendo-se, porém, que entre a sua applicação e os seus effeitos mediará, por certo, largo espaço e urge, no emtanto, que sem demora. entremos n'um periodo activo de preparação militar, aproveitando com criterio os elementos de que dispomos presentemente.

Como o poderemos conseguir?

Offerecendo vantagens immediatas que provoquem estimulos verdadeiros n'aquelles que criminosa—ou inconscientemente—procuram eximir-se ao mais sagrado dos tributos.

São essas vantagens que deve offerecer o recente decreto do sr. ministro da guerra.

Offerecel-as-ha esse decreto nas bases que apresenta?

Parece-nos não poder votar pela affirmativa.

Mais vantajosa reducção do tempo de servico offerece a actual lei de recrutamento com menores exigencias e não tem colhido ella, até hoje, resultados apreciaveis.

O recente decreto exige:

1.º—que seja atirador de 1.ª classe.

2.º—que se aprenda a instrucção militar nas carreiras.

3.º—Que se saiba ler e escrever.

Concede n'estas condicções reducção de um anno de serviço.

Pela lei de recrutamento, com menos exigencias obtem-se uma reducção que baixa a 100 dias de serviço

Pois se esta maior concessão não tem dado resultados apreciaveis como esperal-os d'aquella.

Dir-nos-hão que o estabelecimento de carreiras nas sédes dos concelhos facilitará o seu accesso aos mancebos que procurem obter aquellas vantagens.

Nem assim se conseguirá, pois a frequencia ás actuaes carreiras pode considerar-se diminuta.

A exigencia de atirador de 1.ª classe parece-nos demasiada e só ella concorrerá para que a recente medida seja de deficientes resultados. Parece-nos que deveria exigir-se para aquellas concessões um approveitamento regular na carreira, mantendo a reducção aos 100 dias para os de 1.ª classe.

Vamos um pouco longe já n'estas considerações, havendo excedido mesmo, talvez, aquillo que nos permittia a nossa penna desauctorisada. Ao longe, fóra do dominio das fontes de segura informação, é possivel que os nossos reparos sejam descabidos. Para melhor elucidação, aguardamos, pois, que fallem os que, para tanto, tem competencia.

F. Borges Junior

Tenente d'infanteria n.º 25.

O EXERCITO AMERICANO

Ninguem ignora que a prohibição dos alumnos japonezes frequentarem as escolas officiaes nos Estados-Unidos provocou entre as duas nações uma tensão de relações que, conforme annunciam as gazetas, pode conduzir a um conflicto sangrento.

A eminencia d'esse conflicto tem naturalmente prendido as attenções dos militares de todos os exercitos, não sendo por isso de estranhar que no nosso haja muitos anciosos pelo desenrolar das peripecias que poderão surgir.

Se um seculo de paz tem enervado as qualidades guerreiras de que o nosso paiz deu sobejas provas, nos portuguezes reside ainda um certo espirito que, embora platonicamente, desperta por estas occasiões.

Foi assim que todos nós seguimos com verdadeiro interesse, chegando até a estabelecer sobre os seus resultados curiosas controversias, as guerras hispano-americana, anglo-boer e russo-japoneza.

São não só os ensinamentos que a guerra moderna traz principalmente ao estudo da tactica que nos seduzem; são tambem os variados incidentes que nos prendem e nos levam até passionalmente a tomar calor por um ou outro dos belligerantes.

Razões variadas, filiadas na sua maior parte em mo-

tivos ethnicos e no receio a elles inherente d'uma presumivel hegemonia do *amarello*, levaram para os russos as nossas sympathias; identicas serão as que guiarão as nossas opiniões, se a guerra rebentar entre os Estados-Unidos e o Japão.

O extraordinario desenvolvimento, não só intellectual como material, que esta nação tem experimentado nos ultimos tempos, os cuidados incessantes que ella dedica ao progressivo aperfeiçamento dos seus officiaes e dos seus meios de defeza, não são, certamente, motivos de regosijo para a velha Europa.

Se o projecto, já delineado pela politica japoneza, da absorpção da China chegar a ser um facto consummado, o Japão adquire por esse meio novos elementos materiaes que hão-de fatalmente contribuir e poderosamente para a satisfação dos seus presumiveis designios.

O *perigo amarello*, o terrivel pesadello da politica internacional europeia, vae-se successivamente desenhando em tons mais nitidos; as chancellarias lobrigam-o, mas encaram-o talvez como uma manifestação de inevitavel fatalismo de que a Europa soffreria as consequencias.

E, occorre perguntar agora, se a ainda problematica lucta com os Estados-Unidos da America finalisar com vantagens moraes e materiaes para o Japão, como conter este colosso, estimulado pelas victorias successivas e brilhantes? Como impedir que elle lance mais alto as suas vistas, arrojando-se a emprezas d'um maior renome e de maior satisfação ao seu orgulho crescente?

Questões de difficil resposta e que apenas puzemos aqui como preliminar a umas singelas notas sobre o exercito americano, notas que se nos affiguram de evidente actualidade, no momento em que d'um instante para outro se pode declarar o rompimento das hostilidades entre os dois paizes.

*

Nação essencialmente trabalhadora, a America possuia antes da guerra com a Hespanha um reduzido exercito de 25.000 homens, destinado apenas a assegurar a bôa ordem interna; nunca se compenetrara da necessidade que poderia ter de apoiar pela força os seus direitos.

A guerra com a Hespanha, se provocou um movimento de que os americanos ainda hoje se orgulham, pe-

los sentimentos patrioticos que revelaram os milhares de voluntatios que de toda a parte affluiram, se permittiu avaliar a coragem e civismo de muitos dos seus subditos, como Roosevelt e tantos outros, teve sobretudo o condão de lhe patentear nitida a urgencia da organisação d'um exercito regular, forte e disciplinado. Não existia por essa data, como não existe ainda hoje alli, o serviço pessoal obrigatorio e por isso os Estados Unidos recorreram ao voluntariado e com excellentes resultados.

O seu exercito permanente foi, em fevereiro de 1901, elevado a 100.000 homens, alem de 125.000 de reserva; ninguem dirá que seja numeroso um tal exercito, mas a America prefere que os cidadãos trabalhem pela sua prosperidade individual a conservar uma grande parte d'elles desviada das suas naturaes occupações.

Os defeitos que o systema de recrutamento pelo voluntariado offerece, são em parte corrigidos nos Estados Unidos por exigencias feitas aos que se alistam.

Devem não só ser cidadãos americanos no goso dos seus direitos civis e politicos e saber ler, escrever e contar, mas ter ainda conhecimentos geraes e conhecer regularmente a lingua ingleza.

Só são admittidos homens ageis e vigorosos, com menos de 28 annos d'idade e com um minimo de $1^{m},61$ d'altura.

O alistamento dos voluntarios é por 3 annos e teem direito a alimentação, fardamento e equipamento e ainda a um pret mensal de 12.000 réis. Os seus alojamentos são vastos, arejados e muito confortaveis. Os sargentos vencem 45.000 réis por mez.

Apoz 30 annos de serviço, tanto os officiaes como os sargentos e os soldados, teem direito á reforma com um equivalente a $^{3}/_{4}$ do vencimento que perceberam durante os 3 ultimos annos de serviço.

As readmissões dão aos voluntarios um acrescimo de pret de approximadamente 22.000 réis por anno. O recrutamento dos officiaes é feito entre as classes ricas e a burguezia, sendo, porém, facultado a todos o accesso aos altos postos.

Cada senador e cada deputado tem o direito de, annualmente, fazer entrar um alumno na Escola Militar de West-Point.

Os candidatos que ficam approvados n'uma severa d'admissão são admittidos na Escola por 4 annos, onde

soffrem os rigores d'uma disciplina que lhes não permitte nem fumar, nem beber vinho, cerveja ou aguardente. Nos dois primeiros annos não ha concessão de licença alguma e só no fim d'elles os alumnos teem direito a uma licença de dois mezes e meio, finda a qual regressam á Escola com identico regimen nos dois annos seguintes. Os exames effectuam-se de 6 em 6 mezes, sendo inexoravelmente expulso o alumno que em qualquer d'elles ficar reprovado.

Completados os cursos vão tirocinar para as escolas especiaes das armas que escolheram; os artilheiros para Fortress Mouroe, os cavalleiros para Fort-Railey, os engenheiros para Washington, os infantes para Fort-Leavenworth.

Os tirocinios são de dois annos e terminados elles, são os alumnos promovidos a tenentes. O recrutamento da marinha de guerra opera-se como o do exercito de terra.

*

Os uniformes do exercito americano são identicos para todas as armas e serviços.

No verão, usa-se uniforme de kaki d'algodão e chapeu de feltro amarellado; no inverno o chapeu é o mesmo, o kaki d'algodão é substituido por kaki de lã e usa-se mais uma capa sem mangas nem distinctivos. O chapeu é levantado da aba esquerda, como o das nossas tropas coloniaes, e alli usam os soldados a insignia da arma a que pertencem, no meio da qual se colloca o n.º do regimento.

Os officiaes usam os distinctivos das patentes nas golas e nas platinas; o chapeu tem um cordão de seda.

Todas as tropas possuem ainda um uniforme de passeio, composto d'um dolman azul escuro com botões de cobre e vivos vermelhos, negros ou brancos, d'uma calça azul claro e d'um képi.

No exercito americano ha poucas condecorações militares; a unica official é a medalha de honra, que raras vezes é concedida e dá direito a uma pensão annual de 45.000 réis. E' uma simples cruz de bronze de quatro ramos, que se usa ao pescoço, pendente d'uma fita tricolor, vermelha, azul e branca.

Todavia, o governo americano reconhece as condecorações qne alguns circulos militares concedem aos seus

membros; estão n'este caso a medalha de Cincinnati, a medalha da guerra da seccessão, a medalha de Cuba e a medalha da China.

O exercito americano compõe-se de 35 regimentos d'infanteria, 15 regimentos de cavallaria, comprehendendo cada um 12 esquadrões, 100 baterias d'artilheria de campanha, 126 baterias d'artilheria de costa e um certo numero de batalhões de engenheria, além d'um corpo especial de telegraphistas e do serviço de aerostação militar, que é independente da engenheria.

Assim, em tempo de guerra, a America póde dispôr de 100.000 homens de tropas regulares, 125.000 de milicias ou reserva e 400.000 voluntarios, pouco mais ou menos.

Agosto de 1907.

A. David Branquinho
Tenente d'administração militar.

RECRUTAMENTO

DOS

SARGENTOS PARA O ULTRAMAR

Quando, em varios artigos publicados n'esta *Revista*, apreciamos a auctual organisação militar colonial, não nos esqueceu tratar do recrutamento dos sargentos alvitrando o que se nos afigura mais consentaneo para manter ali auxiliares razoaveis. Voltando hoje ao assumpto não o fazemos com o intuito de quem pretende impor o seu modo de ver, mas sim devido a que, tendo-se mudado de orientação, se enveredou por um caminho que nós nunca aconselhariamos. — Referimo-nos á extrema facilidade que hoje ha em se impor a obrigação de serviço no

ultramar, processo injusto e deshumano que nenhum escriptor medianamente conhecedor da vida colonial aconselharia, tanto mais não consignando o decreto regulador do assumpto compensação ligitima e efficaz de modo a encontrar-se o justo equilibrio entre o sacrificio e a recompensa.

O decreto de 14 de novembro de 1901 diz, effectivamente, que os 2.os sargentos que tenham servido no ultramar, nos termos do n.º 3.º do artigo 31.º da organisação militar colonial approvado pelo referido decreto, serão promovidos a 1.os sargentos na primeira vaga que occorrer *se tiverem as habilitações legaes e forem approvados no respectivo exame.* — Mas como, por via de regra, esses 2.os sargentos, recentemente promovidos, quando seguiram para o ultramar, *não teem as necessarias habilitações* nem as podem adquirir em seis mezes, succede que tal vantagem é simplesmente uma phantasia, porque elles não serão approvados no respectivo exame. O §.º unico do artigo 8.º do regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito parece querer melhorar as condições dos referidos sargentos permittindo-lhes fazer exame do curso de habilitação para 1.º sargento no primeiro anno lectivo *se estiverem matriculados no referido curso na data da imposição do serviço.* — Esta condição é que poderia muito bem ser dispensada, em nossa humilde opinião. Bastaria dizer-se que os 2.os sargentos a quem fosse imposta a obrigação de serviço no ultramar, que não estivessem habilitados com o curso de habilitação para 1.º sargento, frequentariam o 1.º anno lectivo apoz o seu regresso á metropole, e, concluido o referido curso, seriam submettidos a exame para o posto immediato sendo a elle promovidos, caso sejam approvados, na primeira vacatura.

Mas tudo isto não passaria ainda de mera concepção theorica, porque o sargento, em regra, não recebe no ultramar a minima preparação visto que a maioria passa o tempo nos destacamentos e nas repartições fazendo mappas, serviços que, evidentemente, não são de molde a estimular o amor ao estudo nem a sua pratica aproveita para o accesso.

Não exageramos, pois, affirmando que a maioria dos sargentos não estará habilitada, mesmo no fim de um anno lectivo, porque este lapso de tempo, com todas as contingencias de serviço, não chega para fazer o curso, es-

tudar o programma e praticar como se torna mister. Está, pois, provado que a unica vantagem que a lei estabelece para os 2.os sargentos a quem se impõe a obrigação de servir no ultramar é impraticavel, na maioria dos casos. Mas o sacrificio fez-se e o sargento não foi, por via de regra, causa unica de não obter resultado, o que será devido, em grande parte, ás condições do meio em que viveu.

Se ousamos apresentar um alvitre sobre o modo de proceder com os 2.os sorgentos a quem se venha a impôr a obrigação de serviço no ultramar é porque, em absoluto, nos não repugna que a lei o prescreva, mas simplesmente quando seja absolutamente indispensavel, porque o problema colonial tem de resolver-se, custe o que custar; mas não como regra, como está acontecendo, porque de tal processo, alem de ser uma violencia que raro se explicará, ha-de resultar, forçosamente, muito mal ao exercito porque difficultará o recrutamento dos seus quadros inferiores. Vejamos este exemplo: — Ha dias, conversando nós com um chefe de familla, aquem aconselhavamos que assentasse praça a um seu filho, foi-nos respondido que ao rapaz não repugnava o serviço militar mas não assentaria praça porque era quasi certo ir para o ultramar logo que fosse promovido a 2.° sargento. — Não tivemos objecção a fazer porque o nosso interlocutor tinha razão. Registámos, porém, o facto, convencidos de que era necessario dar-lhe publicidade para que nas estações superiores se estude o assumpto, porque vale a pena, em nosso entender.

A lei não deve ser qualquer cousa tão repellente que obrigue ao supremo esforço para ser cumprida. Em tal caso essa lei deve ser posta de parte.

O soldado portuguez marcha, de cabeça erguida, para os confins da terra, se ali ha um pedaço da nossa Patria a defender, — com o seu regimento, o seu batalhão ou a sua companhia. Mas atirar com elle, isoladamente, para o interior do sertão, em lucta com elementos varios, não deve ser. E' injusto. E' deshumano, repetimos.

Já aqui demonstrámos (1) que, com a actual organisação militar no ultramar, o deportado e o reincidente,

(1) Uma etape pelo Batalhão desciplinar d'Angola. *Revista d'Infanteria* — dezembro 1904.

permanecem em Africa em melhores condições do que a maioria das praças que vão servir nas unidades ultramarinas. E a má situação d'estes sobe de ponto se lhes tiver sido imposta a obrigação de lá servir.

Escrevemos nós (1) que os 2.os sargentos que appareciam no ultramar não eram mais do que maus cabos com trez divizas. Mas com isto não quizemos dizer que não se deveria mandar os 1.os cabos no posto immediato, mas simplesmente tivemos em vista oppôr quaesquer razões para que se puzesse de parte o errado principio de que para as colonias tudo serve, porque não é assim. Devem ir, mas devidamente habilitados, porque lá não ha meio de se habilitarem, como demonstrámos.

Outro processo em que temos de insistir é na acceitação dos offerecimentos dos 2.os sargentos que desejem servir no ultramar no posto immediato. Que duvida ha em acceitar offerecimentos de rapazes que, com tal sacrificio, desejam definir e abreviar a sua carreira? Ajudar alguem, sem prejuizo de outrem, é uma acção boa cuja pratica consola as almas bem formadas. No caso presente só vemos vantagens para o serviço. No regresso, esses 1.os sargentos entrariam no quadro na razão de 2/3 das vagas, sendo 1/3 reservado para ser preenchido pelos concursos feitos na metropole, para não augmentar o numero de supranumerarios, se se der o caso d'estes serem em tal numero que rasoavelmente não possam entrar pela metade das vagas, como está determinado.

Se alguns 2.os sargentos se julgarem prejudicados pela entrada no quadro de 2/3 dos 1.os sargentos regressados do ultramar, a esses 2.os sargentos diremos nós que, nos tempos que vão correndo, mal vae áquelles que, pacientemente, resolvem esperar em casa que o futuro lhe prepare as suas conveniencias. A lucta pela vida exige hoje o esforço maximo, portanto, á Africa, á Asia ou ao Novo Mundo, ahi se irá se tanto fôr necessario. E' isto positivamente.

Depois do que deixamos exposto pode concluir-se que o recrutamento dos sargentos para o ultramar deverá fazer-se, salvo melhor opinião: — 1.º Por concurso entre os 1.os cabos e 2.os sargentos já em serviço nas unidades ul-

(1) Organisação militar colonial — *Revista d'Infanteria* — outubro de 1905.

tramarinas; — 2.º Por transferencia do exercito do reino, com o posto de accesso, dos 1.os cabos e 2.os sargentos quando satisfaçam ás condições geraes; — 3.º por imposição de serviço, quando seja absolutamente indispensavel, aos mais modernos de cada classe do exercito do reino.

Estes 2.os sargentos serão os preferidos, em egualdade de circumstancias, para ingresso em emprego publico, ainda mesmo depois de promovidos a 1.os sargentos.

Parece-nos conveniente que na legislação sobre empregos civis, no ultramar, se façam as possiveis alterações de modo que nos diversos quadros tenham ingresso alguns sargentos que hajam servido nas unidades ultramarinas por determinado tempo, com bom comportamento, como se faz na metropole.

Os 1.os sargentos em excesso serão considerados supranumerarios e o seu numero faltará nos 2.os sargentos, para que sempre se saiba quantos ha a mais d'uns e a menos d'outros, afim de se poder regular futuras requisições e fazer a distribuição conforme as conveniencias do serviço.

Evidentemente ha um pequeno augmento de despeza com o processo de recrutamento que apontamos. Mas tambem o serviço fica beneficiado, e a protecção á classe dos sargentos, de modo a estimular-lhe o amor pela profissão militar, é cousa que, em nosso attender, justifica um pequeno augmento de despeza.

Os 1.os cabos, quando haja falta, serão escolhidos pela sorte, o que é um pouco differente do que acontece com os 2.os sargentos. Além d'isso, a vantagem de ficarem desligados de todo o serviço militar depois de completado o tempo de serviço no ultramar é uma recompensa importante se elles a souberem apreciar.

28—7—907.

F. S.

METRALHADORAS

(*Continuado do n.º 9 — 1907*)

Velocidade de tiro. Efficacia. Dados balisticos

Tendo a metralhadora Maxim o cano do mesmo calibre da espingarda e fazendo uso do mesmo cartucho, pareceria que as suas qualidades balisticas deveriam ser as mesmas que as da nossa espingarda «Mauser-Vergueiro.

Não é, porém, rigorosamente assim, não só pelas consideraveis differenças nas espessuras dos canos de uma e outra, o que causa diversas derivações, como porque o traçado interior não é perfeitamente egual na espingarda e na metralhadora, o que altera as pressões e a marcha do projectil

Alem d'isso o tiro da metralhadora nunca póde considerar-se como o tiro individual, a que é um pouco superior em dispersão, mas sim como o tiro collectivo, a que é bastante inferior tambem em dispersão.

Na metralhadora os tiros succedem-se, quando ella ainda vibra com o tiro anteriormente feito. De mais a sua ligação ao reparo é feita de forma, a poder produzir um feixe de trajectorias que, batendo uma relativamente grande profundidade, conserva uma pequena dis-

persão em largura. (*) Isto tem especialmente por fim contrabalançar uma má avaliação de distancia ou um erro de alça.

Ainda no tiro de guerra, muita differença ha entre o tiro de espingarda e o da metralhadora.

N'aquella, o soldado, a quem é demandado um esforço a cada tiro, depressa se cança e se esgota, fazendo tiros cada vez peiores e mais successivos, não podendo fazer muitos tiros justos, para o que contribue, e em muito, o estado de maior ou menor excitação, segundo o temperamento, em que póde encontrar-se em combate.

A metralhadora alcunhada pittorescamente de *atirador sem alma*, póde fazer milhares de tiros sempre com a mesma justeza, velocidade e efficacia, embora o atirador esteja nervoso e cançado.

Suppondo, pois, que um bom atirador, em que concorrem as melhores qualidades, póde fazer 8 tiros bons no primeiro minuto, a metralhadora dando, no peior dos casos, 400 tiros, equivale em potencial de fogo a 50 bons atiradores.

Mas se estes cincoenta bons atiradores, no primeiro minuto fazem 8 bons tiros, no segundo farão tiros mais precipitados e peiores e continuando até fazer poucos e maus, por para isso contribuirem aquellas causas já apontadas, alem do esgotamento muscular. E a metralhadora continua fazendo sempre o seu fogo, com a mesma justeza, velocidade e efficacia, como no primeiro minuto. Não é pois exagerado o computar-se que uma metralhadora, em muitos casos, se equivale a 150 homens de infanteria.

Sobretudo ainda, a facilidade com que a metralhadora bate pequenas ou grandes zonas de terreno, quer em largura, quer em profundidade, não pode comparar-se á fórma difficil e extenuante porque se póde conseguir o mesmo com 150 homens, tendo de se lhes indicar os objectivos e alças, que podem variar a cada momento e para cada fracção d'aquelles 150 homens.

(*) Em tempo humido distingue-se, distincto, o feixe de trajectorias no ar, pela vaporisação rapida da agua em suspensão na zona que as balas sobre-aquecidas atravessam.

As zonas de terreno que a metralhadora bate, são com precisão de tiro e grande percentagem util de pontos de impate no alvo, emquanto que com a espingarda não acontece o mesmo.

Dissemos atraz que, no peior dos casos (pessoal extenuado ou já defficiente por baixas soffridas) a metralhadora póde fazer 400 tiros por minuto. Ora, para a carregar gastam-se quatro segundos; e para consumir uma fita de 250 cartuchos, vinte e quatro. Póde pois considerar-se de 500 tiros por minuto, a velocidade de tiro da nossa metralhadora.

Damos a seguir alguns dados balisticos da metralhadora.

Não são porem, no que dizem respeito á justeza e ao que com elle se relaciona, os verdadeiros. pelo motivo de, artificialmente se augmentar a dispersão, como teremos occasião de vêr, quando se tratar do reparo. Os numeros que seguem são, no geral, resultado de experiencias feitas tiro a tiro. (*)

Damos a par os dados balisticos obtidos com o cartucho «com bala de ponta» com a carga de 3,gro que conservando as pressões no mesmo numero, suplanta a todos os respeitos, a munição commum adoptada, em todas as suas qualidades de tiro de guerra.

(*) Quanto ás penetrações, as segundas são resultados de experiencias tambem, mas com cargas superiores dando pressões muito perto de 3:400 kilogrammas, as quaes tivemos occasião de fazer e por ordem superior. quando a commissão de infanteria propoz a bala nova de ponta que, comparativamente com a ogival foi mandada estudar, não excedendo aquellas pressões. N'essa occasião ainda paiz algum adoptára tal munição. Talvez por isso ella não foi adoptada tambem no nosso. Hoje, é a munição official da Allemanha a da França e em breve será a da Inglaterra. Nós ficamos com a antiga munição, bala ogival, quando poderiamos ter o legitimo orgulho de havermos sido os primeiros a possuir a nova. Resta, porém, á nossa infanteria a esperança da adopção da nova bala porque a commissão que a regeitou deixou, *com a preferencia do cano unitario para a espingarda*, o caminho livre para mais cedo ou mais tarde ser adoptada a bala de ponta, quando se quizesse... abstrahindo da graduação das alças.

Dados	Bala ogival 218 P = 10gr,1. Carga = 2gr,9	Bala de ponta 305 P = 9gr,07 Carga = 3gr,0
V o	750 } d = 21	790 } d = 13
V 25	729 }	777 }
V 900	312	378
Pressões	2:300 kg.	2:300 kg.
Duração de trajectos	850m: 900m: 950m 1'',875 ; 2'',025 ; 2'',190	850m: 900m: 950m 1'',560 ; 1'',685 ; 1'',825
Ordenadas a meia distancia:		
De 300	0,28	0,20
» 600	1,69	1,06
» 900	5,52	3,15
» 1200	12,45	7,46
» 1500	24,75	15,22
» 2000	62,46	39,09
Zona perigosa para o infante de 1m,60.	Inferior a 600m	Até 700m
Dispersão a 600m	V = 0,m97 ; H = 1,m06	V = 0,68 ; H = 0,69
» » 1200m	V = 3,m08 ; H = 1,m85	V = 2,66 ; H = 1,42
Penetrações:		
Mad.a de pinho secca a 400m	Penetra 0m,72	Penetra 0m,80
Aço nickel de 5mm,45	a 25m não atravessa	a 25m atravessa
» » » 4mm,5	a 50m não atravessa	a 75m atravessa

	Mesma bala V 25 = 798; Carga 3gr,14 Press. = 3.250	Mesma bala V 25 = 877; Carga = 3gr,30 Press. = 3.350
Aço nickel de 6mm,1	Atravessa até 75m	Atravessa até 150m
» » » 5mm,08	» » 125m	» » 250m
» » » 4mm,12	» » 225m	» » 400m
» » » 3mm,15	» » 500m	» » 700m
Ferro de 12mm,0	» » 200m	» » 300m
» » 9mm,0	» » 300m	» » 450m
Mad.a de pinho secca	75m: 200m: 400m: 800m 1m,24 ; 1m,0 ; 0m,78 ; 0m,60	75m: 200m: 400m: 800m 1m,24 ; 1m,30 ; 0m,92 ; 0m,65
Terra solta	600m 0m,30	600m 0m,30

Interrupções no funccionamento; suas causas e forma de as remover. Cuidados a observar

No funccionamento da metralhadora podem dar-se interrupções que teem causas ou na arma, ou nas munições e na alimentação consequentemente. Repetimos, porém, o que já atraz dissemos: *quando a metralhadora estiver bem montada e as operações da alimenta-*

ção tenham sido cuidadas e feitas com boas munições, a metralhadora funcciona sempre bem.

As interrupções do funccionamento são em geral devidas a uma das seguintes causas (fig. 22):

I—O bloco não poder vir á retaguarda o necessario para que possa permittir a descida ao porta-cartuchos (I);

II—O bloco não poder cerrar-se contra o cano, no seu movimento para a frente (II);

III—O porta-cartuchos não poder tomar a sua posição mais elevada e junto ao cano (III);

IV—Falta de inflammação do cartucho, ou recuo insufficiente dado pelo cartucho (IV).

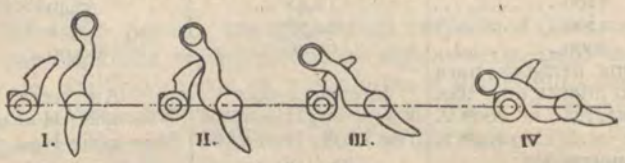


Fig. 22

N'estes differentes casos a manivella d'armar accusa, exteriormente, como se vê na fig. 22, o logar em que se encontram o bloco e porta-cartuchos e por isso facil é reconhecer, pela sua posição, a causa da interrupção.

As razões por que taes causas se produzem são respectivamente:

I. *Molla recuperadora muito forte; attricto excessivo no movimento do cano; falta de lubrificação, ou cartucho com pequena carga.*

A *molla recuperadora* deve estar tensa, de forma que offereça uma resistencia comprehendida entre $2^{k},948$ e $3^{k},628$ ao movimento de rotação da manivella d'armar.

Um dynamometro, marcado em libras (arrateis), acompanha a metralhadora e com elle facil é, ao montal-a para o tiro, dar á mola força, comprehendida n'aquelles limites.

Para isso, levantada a tampa da caixa da culatra e tirado o bloco, liga-se por uma argola do dynamometro este ao botão da manivella d'armar, e com o pollegar na outra argola faz-se a tracção verticalmente. Lendo a escala no momento em que a manivella começa a deixar o descanço no rolete, o numero indica a carga da mola, que deve ser comprehendida entre 6 e 8 libras.

Se a metralhadora se interrompe no fogo por a mola recuperadora estar forte em demasia, depois de medida a tensão, enfraquece-se, fazendo rodar as vezes necessarias o parafuso da mola para a esquerda, por meio do travessão. Cada 6 voltas completas do parafuso n'este sentido, correspondem pouco mais ou menos a uma libra de perda de tensão.

Se a tensão a baixar é grande, torna-se muito mais rapido e mais commodo tirar a mola com a caixa e livremente, desandar o parafuso, o necessario.

Attricto excessivo no movimento das partes moveis. Se, estando a mola em força conveniente, ainda a alavanca accusar a mesma posição, é porque o attricto das partes moveis é exagerado.

Então, tirado o bloco e a mola recuperadora, introduz-se um annel do dynamometro no reforço do eixo da manivella d'armar, posta pouco mais ou menos vertical, e puxando pela outra argola, o esforço não deve passar de $1^{k},812$, ou seja mais ou menos 1,75 de escala do dynamometro, para que as partes moveis recuem.

Os empanques estarão mal feitos, ou com quantidade exagerada de fio de amianto. Executando-se os empanques como atraz se disse, desapparece esta causa de interrupção do funccionamento.

Falta de lubrificação. Se a paragem ainda se dá com a mola carregada no minimo de tensão, é necessario lubrificar todas as peças em attricto.

II. A razão d'este incidente é devida sómente *á má qualidade do cartucho, quer no que respeita ao metal quer á má cravação da bala.*

Levanta-se a tampa da caixa da culatra e prime-se o porta-cartuchos de cima para baixo ao mesmo tempo que por pequenos movimentos se levanta a manivella d'armar. Tira-se o bloco, tendo o cuidado de conservar sempre completamente descido o porta-cartuchos para que o percutor não possa em caso algum bater os cartuchos. Extrahem-se estes fazendo-os escorregar ao longo do porta-cartuchos ao mesmo tempo que se lhes facilita a passagem pela pressão que se deve exercer sobre os fixadores.

Umas vezes o cartucho deixando a base no porta-cartuchos, partiu-se, tendo o immediato entrado na camara e vindo com a parte anterior do antecedente vestida. N'este caso tiram-se os cartuchos do porta-

catuchos e torna-se a collocar o bloco e a carregar.

Outras vezes a parte anterior do cartucho que se partiu fica dentro do cano. Extrahe-se com o apparelho que acompanha a metralhadora, puxando fóra o mais possivel a cavilha central; voltar a manivella completamente á frente; introduzir a parte filetada no cano até que o apparelho se encoste a elle; forçar pouco a pouco a entrada da cavilha central ao mesmo tempo que se dá o movimento rapido para um e outro lado ao cabo de ferro do apparelho; puxando por este, finalmente, vem o pedaço da caixa do cartucho que se encontrava no cano e que se solta facilmente tornando a fazer entrar o mais possivel a cavilha central.

Quando a fixação da bala do cartucho não é bem solidamente feita, algumas vezes durante os movimentos que antecedem a sua entrada no cano, a bala cae na caixa da culatra e a polvora espalha-se n'esta e na camara o que obsta á entrada dos cartuchos. Torna-se necessario limpar bem a camara e tirar a bala que esteja no fundo da caixa da culatra.

III. Este incidente póde ter por causas ou *mola recuperadora fraca, ou falta de lubrificação, ou bloco defeituoso, ou má alimentação;* e, em qualquer dos casos deve deixar-se de exercer immediatamente pressão sobre o gatilho e dar uma pancada rapida sobre o botão da manivella, que força esta a ir ao seu logar.

Premido o gatilho, se a seguir ou depois de alguns tiros *se repete a mesma interrupção,* dão-se algumas voltas da direita para a esquerda, por cima, ao parafuso da mola, para lhe augmentar a tensão.

Se ainda se tornar a renovar o incidente, levanta-se a tampa e *lubrificam-se todas as partes em attricto.*

No caso de nova interrupção *substitue-se o bloco.*

Quando ao abater-se a manivella ella resista e não desça completamente, é porque o *defeito é na alimentação.*

Levante-se a tampa e examine-se, sem o tirar, o alimentador. Vêr-se-ha, provavelmente, que os cartuchos não estão em boa posição. Veja-se como se conserva a fita. Se está livre, ajusta-se, puxando-a pela esquerda para a frente (cartucho pouco fóra das dimensões toleradas por deficiencias ou excesso de comprimento, ou muito introduzidos na fita).

Se a fita está presa no alimentador, os cartuchos estarão muito atravessados (ainda cartucho fóra das dimensões ou mal introduzidos nas fitas) tira-se o bloco, tendo o cuidado de fazer descer o porta-cartuchos.

Substitue-se o bloco e leva-se a manivella á frente. Estando o porta-cartuchos na sua posição mais baixa e fóra das guias, levanta-se um pouco, deixando vir tambem pouco á retaguarda a manivella d'armar; eleva-se o porta-cartuchos até que as orelhas vão de encontro ás suas guias nas paredes da caixa da culatra. Puxando á retaguarda a manivella d'armar, o cano recua, os impulsores do bloco d'alimentação vão á direita enfraquecendo consideravelmente a pressão exercida sobre ella, de sorte que puxando-a pela esquerda e para a frente o cartucho seguinte pode occupar uma posição correcta.

Levando a manivella á frente o bloco cae nas guias, fecha-se a caixa da culatra, deixa-se a manivella, e puxando a fita para a esquerda ao mesmo tempo que se leva á frente e de novo se larga a manivella d'armar, está a metralhadora novamente preparada para o tiro.

IV. No caso de *uma falta de inflammação,* que pode ser por motivo ou *de fraqueza da mola do percutor,* ou porque *o percutor está quebrado ou gasto,* ou *por corrosão do mechanismo contido no bloco,* ou por *cartucho defeituoso,* ou ainda *porque o bloco tem peças quebradas,* em todos estes casos, quando a manivella d'armar indica um accidente d'esta natureza, leva-se á frente a manivella e larga-se ao mesmo tempo que se puxa a fita para a esquerda. Por esta forma o cartucho defeituoso, se o é, foi para o canal ejector.

Convem observar que quando se dê qualquer d'estes casos se deve deixar decorrer alguns segundos antes que se faça descer o cartucho para o canal d'ejecção, afim de prevenir um desastre muito provavel.

Nos trez primeiros e no quarto caso, substitue-se o bloco.

(Continúa).

CAP. BUGALHO.

A DISTRIBUIÇÃO DO NOVO ARMAMENTO

Informou a imprensa diaria que no presente mez a nossa infanteria receberia a sua nova espingarda.

E' um facto que registamos com o maior desvanecimento, porque traduz um assignalado progresso, pelo qual temos, com tanta sinceridade, propugnado com enthusiasmo ha longos annos.

Parece-nos, e não temos razões para pôr em duvida, que simultaneamente com as espingardas Mauser-Vergueiro, serão tambem distribuidos os protectores dos pontos de mira.

E é uma questão da maior importancia essa.

Por isso mesmo que a nova espingarda possue optimas qualidades balisticas, sendo de uma justeza admiravel, é que importa os maiores cuidados na sua conservação, e, muito especialmente o evitar-se deformações do ponto de mira, o que annullaria por completo a justeza do tiro.

O soldado, em regra, por maiores que sejam os cuidados em o instruir convenientemente no tocante á conservação da sua espingarda, nunca offerece nem póde offerecer garantia segura de proceder em conformidade com a instrucção recebida.

A espingarda acompanha-o sempre, nos exercicios, nas marchas, nas guardas, por toda a parte, e nada mais facil do que encostando-a a uma parede, batendo com ella de encontro a um muro ou a qualquer corpo rigido, deixando-a cahir, por acaso, no pavimento de calçadas, etc., promover involuntariamente a deformação do ponto de mira, parte aliás muito delicada da arma, inutilisando d'esta fórma as vantagens da sua grande superioridade entre as espingardas modernas.

Ha uma qrande variedade de protectores de pontos de mira.

Conhecemos tres variedades de protectores metalicos e duas de couro.

O melhor é, sem duvida, o adoptado pelo exercito allemão, sendo todavia o mais caro.

Nós não queremos discutir neste momento esse assumpto, que reputamos secundario.

O mais importante e essencial é que as espingardas tragam no acto da sua distribuição protectores do ponto de mira.

Appelamos para o nobre ministro da guerra, conscios de que não appelamos em vão, tantas provas de verdadeiro interesse tem S. Ex.ª dado pelas cousas do exercito.

O sr. ministro da guerra não consentirá que logo no começo se inutilise tanto esforço, tanto trabalho e tanto dinheiro.

Se o sr. conselheiro Pimentel Pinto tem a fortuna e o prazer de vêr hoje coroada a sua obra generosa do rearmamento do exercito, como affirmação segura da sua dedicação e do seu amor aos mais caros e sagrados interesses da Patria; o nosso velho e querido amigo, tenente coronel Vergueiro, o feliz inventor da culatra adoptada, deve exultar de contentamento por vêr o exercito possuir a melhor arma conhecida, devido ao seu talento, ao seu estudo, ao seu trabalho e ás suas canceiras.

A todos as nossas felicitações cordealissimas, não esquecendo a commissão de infanteria que deu a mais cabal prova da sua competencia technica e o mais nobre exemplo de isenção e de amor patrio.

Secção do extrangeiro

Inglaterra. — Segundo as experiencias feitas no polygono de Bisley ficou assente que a infanteria ingleza seria brevemente dotada com uma munição contendo a bala ponteaguda (Sharp-nosed Bullet).

Vê-se que a bala ponteaguda se vae generalisando por toda a Europa, tendo Portugal perdido uma optima occasião de a ter adoptado quando isso não custava nem um ceitil.

A commissão dos officiaes de infanteria que foi á Allemanha

assistir á fabricação das espingardas Mauser-Vergueiro, com um zelo e uma alta comprehensão do seu dever, estudou a bala ponteaguda, apresentou um lucido relatorio sobre essa nova bala, e informou que, embora o exercito allemão conservasse no maior segredo os estudos que muito a occultas fazia de uma nova bala terminada em ponta, eram certos esses estudos, tendo alguns officiaes da commissão adquirido provas materiaes do facto nas carreiras de tiro, concluindo por pedir que se adoptasse a nova bala cuja superioridade não admittia a menor contestação.

Pois o facto bem triste, a negra realidade, que se prende bastante á nossa indole dolentemente rotineira, foi essa que ahi vêmos — a commissão technica de artilheria rejeitou a bala ponteaguda.

Um dos argumentos, e bem curioso argumento na verdade, foi de que nenhum exercito europeu ainda tinha semelhante modelo de bala.

Pois poucos mezes depois de affirmação tão gratuita, apparecia ao vento da publicidade a noticia de que a França já de ha muito usava a bala ponteaguda, a Allemanha ia-lhe no encalço, e a seguir a Belgica, a Suissa, a Italia, e agora a Inglaterra, lá vão no bom caminho, deixando-nos a nós na esteira de um progresso tão assignalado que... desprezámos.

Triste sina a nossa.

E ainda ha quem queira tirar á infanteria o direito e o dever de estudar e só por si resolver tudo quanto pertença ao nosso modo de acção na guerra.

Só a infanteria é que nunca pensou nem pensa em tirar aos outros o que lhe pertence.

*

Umas experiencias muito interessantes fizeram-se ha pouco a bordo do couraçado «Dreadnought».

O grande rei Eduardo, a rainha Alexandra, o principe de Galles, a princeza Victoria e o duque de Connaught assistiram a bordo do couraçado ás referidas experiencias.

Fizeram-se doze tiros com as peças de 12 pollegadas contra um pequeno alvo de menos de 5 metros de altura e outros 5 de largura, collocado á distancia de 2:410 metros.

D'estes 12 tiros, 11 attingiram o alvo, sendo 9 na mouche.

Tão notavel resultado impressionou vivamente a familia real, tendo o rei Eduardo VII felicitado pessoalmente os artilheiros, que parece terem batido o record de todas as marinhas do mundo.

Em seguida houve evoluções de 9 submarinos em volta do couraçado, com o melhor exito.

E' d'este modo que a Inglaterra procura corresponder á sua grande missão no mar.

Belgica. — Em 1911 terá a cidade de Anvers concluidas as suas importantes obras de defeza, tornando-se n'essa epocha uma das mais bem defendidas cidades do mundo, na opinião de um douto official de engenheria belga.

Além da linha de fortes que a circumda, ha uma segunda

linha de defeza apoiada nos fortes e em numerosos reductos, sendo absolutamente impossivel qualquer surpreza.

Póde sustentar um cerco de maior duração do que foi o de Porto-Arthur.

Mas tudo isto cahirá por terra, tudo isto será tempo, trabalho e dinheiro perdidos se não se tratar de organisar uma defeza aerea que annulle a acção dos balões dirigiveis, que em poucos instantes poderão bombardear os fortes e a cidade, de cima, sendo impotentes e inuteis as defezas actuaes para tal systema de bombardeamento.

Isto vem pôr a nu a necessidade que todos os estados teem presentemente de consagrar-se ao estudo da navegação aerea que tantos progressos vae fazendo na Europa.

Japão. — O principe nipponico Kouni obteve auctorisação do governo allemão para fazer um anno de serviço no 2.º regimento de infanteria da guarda prussiana.

China. — A China civilisa-se e pretende seguir o movimento europeu nos progressos do seu exercito. Recentemente foram creados no Celeste Imperio 4 cathegorias de escolas militares.

Em cada provincia, abrangendo as colonias da Mandchuria, foram creados collegios militares (Lou-chun-siao-sué-tang) que recebem rapazes para lhes ministrar uma instrucção geral apropriada á preparação do serviço militar. Este curso dura 3 annos.

Em Tchili, Cheusi, Houpé e Kiangson, crearam-se escolas militares preparatorias, 2.ª cathegoria das escolas militares, (Lou-chun-sué-tang). Este curso que dura 2 annos, tem por fim completar a instrucção geral dos rapazes e dar-lhes uma instrucção militar elementar. Concluidos estes dois cursos os alumnos vão fazer no exercito serviço durante 4 mezes, como soldados e como sargentos.

Depois são admittidos na escola militar de candidatos a officiaes, 3.ª cathegoria (Lou-chun-pin-kouan-sué-tang) onde fazem um curso de anno e meio, findo o qual são mandados fazer serviço de official nos corpos, mas com a graduação correspondente ao nosso aspirante. Ao fim de 6 mezes d'este serviço o commandante do corpo passa um certificado de aptidão áquelles que o merecem, sem o que não podem fazer um exame final para a sua promoção a official.

Esta escola e bem assim a escola militar superior, 4.ª cathegoria, encontram-se em Pekin.

Para a escola militar superior (Lou-chun-da-mé tang) vão então os officiaes que em dois annos de serviço tenham mostrado serem os melhores, e esses são destinados ao estado-maior.

Calcula-se que, para as 36 divisões já completamente organisadas á europeia, é necessario que as escolas forneçam 2.000 candidatos por anno.

Austria. — Depois das nltimas experiencias feitas com metralhadoras ficou resolvido definitivamente a adopção d'estas machinas de guerra no exercito.

O typo adoptado é a «Schwarzlose».

O novo modelo estudado na escola de tiro de Bruck parece que apresenta vantagens sobre a Maxim.

Diz o jornal «Zeit» que a nova «Schwarzlose» é tão solida e tão resistente como a Maxim tendo um mecanismo muito mais simples.

Além d'isto o seu preço é 4 vezes menor do que o preço do Maxim.

Allemanha. — Quatro regimentos da guarda foram dotados com uma companhia de metralhadoras cada um.

*

Presume-se que terminada a guerra do sudoeste africano allemão esta potencia mantenha nos territorios conquistados as seguintes forças militares;

17 companhias de infanteria montada; 4 secções de metralhadoras; 3 baterias de campanha e 3 baterias de montanha tudo constituindo um effectivo de 4.000 homens.

A colonia será dividida em dois districtos militares, ficando o estado maior em Windhuk.

A capital do 1.º districto será Otawi, comprehendendo 17 guarnições, e do 2.º districto Keetmannshoop comprehendendo 12 guarnições.

Cada companhia de infanteria montada terá a seguinte composição: — 1 capitão, 1 tenente, 3 alferes e 112 praças de pret.

Cada bateria de campanha, a 4 peças, terá, 1 capitão, 1 tenente, 3 alferes e 119 praças de pret.

As baterias de montanha terão a mesma composição deferindo apenas nas praças de pret que são 112,

Cada secção de metralhadoras tem duas armas, 2 officiaes e 48 praças de pret.

Além d'isto haverá 4 destacamentos de telegraphistas, e o pessoal necessario para os depositos, armazens e hospitaes.

As estações telehraphicas serão opticas e sem fio.

*

No mez passado o Imperador da Allemanha, Guilherme II, foi a Wilhelmshavew para assistir á maior demonstração naval que regista a historia da marinha allemã.

90 navios de guerra tomaram parte nas manobras navaes, cujo thema era demonstrar que Borkum, Emden, Héligoland e Wilhelmshavew não possuem as defezas necessorias para repellir um ataque.

Um mez antes tinha o rei Eduardo VII de Inglaterra passado revista, ao sul do seu paiz, a uma esquadra de 184 navios que se enfileiravam magestosos e imponentes em 12 renques de aço e ferro que vomitavam fogo á passagem do yaht real.

Depois d'isto que haja em Haya as conferencias que quizerem.

Russia. — Acaba de fechar-se o contracto entre o governo e a casa Armstrong, de Inglaterra, para a construcção de 3 couraçados, 3 cruzadores e 5 canhoneiras. Estes navios deverão ficar concluidos entre 1908 e 1910.

10.º ANNO NOVEMBRO DE 1907 N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

As nossas victorias no sul de Angola

Quando nos chegou ao conhecimento a feliz noticia do primeiro brilhante triumpho dos nossos camaradas nessa memoravel campanha contra os Cuamatas, a nossa Revista estava impressa.

Não pudémos, por esse motivo, enviar d'aqui, no numero passado, uma saudação calorosa a esses heroes que, já por fórma tão nobremente assignalada, põem em flagrante evidencia o esforçado valor do nosso soldado, a sua indefectivel fé na nossa bandeira e o seu acrisolado amor pelos destinos da nossa Patria.

Hurrah pela columna do sul de Angola!

Hurrah pelo seu valente e audaz commandante!

Hurrah por todos os officiaes e soldados que em circumstancias tão difficeis, desprezando a vida, luctam honrada e denodadamente pela gloria e pelo futuro do nosso bem amado torrão natal!

E assim, Portugal poude ainda mais uma vez mostrar aos olhos das demais nações do mundo que esta raça de sonhadores, cuja missão historica tem sido das mais ferteis em feitos grandiosos para as conquistas da civilisação, encontra sempre em seus filhos um culto ferveroso de encendrado amor por tudo quanto significa honra e dever.

O nosso soldado, que hoje como nos tempos epicos

da nossa gloriosa historia, nunca receiou medir-se com os mais aguerridos e mais valentes soldados das nações guerreiras. lá está no paiz dos Cuamatas, longe do lar onde nasceu, soffrendo a nostalgia da familia, luctando contra um clima ingrato e por vezes traiçoeiramente mortife o, sem o menor conforto, ou, quiça, talvez com falta de agua e de sadia e reparadora alimentação, derramando o seu sangue e morrendo no campo de batalha cheio de fé, e inflammado no sentimento mais nobre e mais altruista da alma humana, o lidimo amor da Patria.

Lá está, altivo e orgulhoso, firmando o nosso direito com a ponta das suas bayonetas, regando com o seu sangue generoso aquelle paiz selvagem, e conquistando para Portugal, com todo o seu esforço, com todo o seu soffrimento, soffrimento quasi sempre tão mal comprehendido por quem nunca experimentou as contingencias de uma lucta á mão armada, o reconhecimento notoriamente publico de que *queremos* manter integro o nosso patrimonio colonial, continuando a nossa missão civilisadora pelos plainos barbaros do certão que a muitos se afigurava indomito.

Por isso, a nossa alma está toda ao meio desse punhado de valentes soldados que tão corajosamente affrontam a furia guerreira dos povos mais aguerridos e temiveis da Africa occidental, vencendo-os, subjugando-os, embora essas victorias brilhantissimas, e das mais notaveis das nossas guerras coloniaes, tivessem sido pagas com muito sangue, e como que sublimadas com a perda de tantas vidas preciosas, nossos irmãos queridos que immolaram na ara sancta da honra do nosso paiz o ultimo alento da sua existencia.

Para esses, para os que morreram no campo de batalha defendendo o direito e a honra da nossa gloriosa bandeira, e conquistando, com o sacrificio voluntario e generoso da sua vida, o alargamento da nossa acção civilisadora e benefica no sertão Africano, o preito sentido da nossa saudade e a homenagem sincera do nosso eterno reconhecimento.

Oxalá que esses nossas irmãos tão queridos, martyres do dever civico, apostolos da ideia grandiosa da unidade da Patria, da integridade do seu territorio, da continuação da nossa missão historica em face do mundo, da crença de um Portugal Maior, sentissem, na hora derradeira da sua morte, o côro de bençãos de todo este paiz, agradecido

transmittido no doce sorriso da bandeira que elles viam fluctuar victoriosa no meio do quadrado invencivel.

Para os vivos, para os vencedores, para aquelles que continuam ainda batalhando e cimentando com o seu proprio sangue os alicerces de uma moderna civilisação no meio d'esse paiz de barbaros, os hurrahs mais enthusiasticos da nossa admiração, o abraço da confraternidade militar, e os agradecimentos mais calorossos pelo seu heroismo e pela sua bravura.

Honra e gloria a todos, e que o ceu receba em seu seio o martyrio de uns, o sacrificio de outros e o esforçado valor de todos.

Uma saudade para os mortos, um cordeal abraço de viva e enthusiastica satisfação e de parabens para os vivos.

«Honrae a Patria que a Patria vos contempla».

S. A. O PRINCIPE REAL EM LOURENÇO MARQUES

Pelos jornaes de Lourenço Marques e alguns do Transvaal que recebemos, e por noticias particulares e fidedignas que tivemos d'aquella cidade sabemos que foi impunente e grandiosa a forma como S. A. o Principe Real, D. Luiz Filippe, foi recebido na capital da nossa florescente provincia de Moçambique. E justo foi esse acolhimento feito ao primeiro principe portuguez que visitou aquella tão historica como rica colonia, porque o nosso futuro rei mostrou, com a viagem que fez, acompanhar e proteger todo esse resurgimento colonial que felizmente se está accentuando dia a dia. E as nossas colonias que nem sempre teem sido devidamente patrocinadas pela mãe patria bem merecem, pelo que valem e pela influencia que teem e que ainda podem vir a ter no futuro do nosso paiz, se cuide d'ellas e se amparem em todo o seu fomento e progressos.

E os habitantes da nossa formosa e florescente cidade de Lourenço Marques bem comprehenderam, segundo as noticias que recebemos, a alta significação d'essa viagem e as beneficas consequencias que d'ahi lhes podem advir, pois que, salvo poucas excepções, todos profiaram em contribuir o mais possivel para augmentar o brilho e o explendor d'essas festas. Houve, porém, algumas excepções e pela forma como nos são apresentadas é um facto que nos entristece e compunge, pois que essas excepções apenas se notaram da parte da colonia portugueza, quando era exactamente essa que se devia esmerar em não revelar, n'essa occasião, resentimentos de qualquer especie. Todas as mais colonias, principalmente a ingleza, indiana e chineza, que n'aquella cidade, alem da portugneza, são as colonias preponderantes, organisaram com enthusiasmo festas de iniciativa propria, fazendo subscripções, offerecendo mensagens e até objectos de arte e valor, levantando arcos triumphaes, ornamentando ruas e as suas proprias casas etc., etc. E n'estas condições, ver alguns elementos da colonia portugueza retrahidos e indifferentes é um facto que sem duvida entristece e compunge, repetimos.

Se nós, portuguezes, não nos elevarmos uns aos outros, não poderemos contar que os extrangeiros nos elevem. E' simplesmente umas questão de patriotismo bem comprehendido; se esse falha sem duvida desapparece tudo, porque é signal que já desappareceram os proprios sentimentos de nacionalidade.

Mas, deixemos a excepção, felizmente pequena, sem vulto nem importancia, para encararmos as festas pelo lado geral. E n'esta ordem de ideias o primeiro numero que se deve pôr em destaque, quer pela sua imponencia, quer pela sua significação, é a parada dos 18.000 pretos que pelas ruas principaes da cidade, do caes até á egreja, mais de 2 kilometros, formaram no dia da recepção de Sua Alteza em alas de um e outro lado, em filas de 3 e 4 homens, e o batuque que no dia seguinte se realisou na parte aterrada do pantano do caminho de ferro. Quem tem estado em Africa e tem andado pelo interior poderá ajuizar facilmente o aspecto extraordinario, raro e pittoresco que esses 18.000 selvagens dariam á cidade, com todos os seus apetrechos de guerra, as suas pelles, os seus escudos, rodellas e azagaias, plumas com que enfeitavam a cabeça, os seus cantares, as suas canções

guerreiras, as suas exclamações e esgares e, emfim, todo esse conjuncto de mil phantasiosas coisas com que o preto se apresenta, enfeita e arma. Era, dizem-nos, um espectaculo grandioso, imponente e suggestivo, que parece ter encantado Sua Alteza e que deixou a todos deslumbrados. O batuque, pelo que vemos nos jornaes de Lourenço Marques e transvaalianos, podia apenas ser equiparavel ás festas que nos tempos aureos de Roma se realisavam nos seus famosos *circus*.

E dada uma palida ideia da imponencia que essas festas podessem ter, é justo tambem se evidéncie a significação que ellas possam representar. Até hoje, que nos conste, ainda nação alguma colonial conseguiu reunir dentro de uma cidade um tão elevado numero de pretos. E no entretanto em Lourenço Marques é a segunda vez que esse espectaculo se realisa, pois que no anno passado, por occasião da visita dos Duques de Connaught realisou-se tambem um batuque com cerca de 15.000 pretos. Esse facto, que aos olhos de todos causa assombro, e nomeadamente aos estrangeiros, porque conhecem as difficuldades com que por vezes luctam nas suas colonias quando tentam coisa semelhante, é sobremaneira honroso para o nosso exercito e marinha, que souberam pacificar esses povos d'uma forma tão submissa, obediente e respeitosa. Ha no nosso paiz quem chore o dinheiro que se dispende com as expedições, ha quem ainda não possa ver as despezas que se fazem com as nossas diminutas praças coloniaes, ha quem lhe pretenda até negar os serviços prestados, mas a prova da sua sem razão está precisamente na reunião de um tão elevado numero de pretos, que durante 3 dias se conservaram em Lourenço Marques, sem que tivesse havido uma desordem, um desacato, uma nota triste que viesse manchar aquelles dias festivos. Isso fez-se, e fez-se á custa do exercito e da armada.

Ha tambem quem tenha combatido e combata ainda o regimen militar em que teem vivido as nossas colonias. Evidentemente este regimen deve ser substituido pelo regimen civil logo que a pacificação esteja perfeitamente assegurada e o preto totalmente submettido. Nós não discutiremos pois n'este momento se essa occasião chegou ou não. O que, porém, queremos salientar é que se não fosse a proficuidade d'esse regimen sob o qual Moçambique tem vivido depois das campanhas de 95, a reunião de um numero tão elevado de indigenas no coração d'uma

cidade talvez não se podesse levar a cabo com um exito tão accentuado. Aquellas campanhas abriram a entrada para essas bastas regiões que hoje occupamos n'aquella fertil provincia, e o regimen militar, sua consequencia natural e logica, faz com que hoje possamos colher tão beneficos fructos. Honra pois aos heroes das campanhas e honra a todos os nossos camaradas que souberam tornar o preto n'um instrumento tão docil. E esses resultados são de tal forma patentes que pelas noticias que temos, o que mais admirou os estrangeiros foi o ver tão extensas *mangas* conduzidas, guiadas e commandadas apenas por meia duzia de officiaes, que eram os chefes das circumscripções e commandos que os acompanhavam. E realmente é para admirar.

Nas festas realisadas em Lourenço Marques em honra de Sua Alteza o Principe Real ha um numero a que pela sua natureza especial não podemos deixar de nos referir, e que com muito prazer e orgulho nosso vemos relatado minuciosamente nos jornaes que nos foram mandados. Referimo-nos ao almoço que pelo «Gremio Militar» foi offerecido ao sr. D. Luiz Filippe. Sobre este assumpto daremos a palavra ao *O Futuro* e «Transvaal Leader» e «Star», aquelle de Lourenço Marques e estes de Johannesburg, que descrevem essa festa com bastantes pormenores.

«O almoço no Gremio Militar, que foi de 102 talheres, começou ao meio dia, em seguida á festa das creanças. Na *mess* havia oito mezas. Na primeira estava Sua Alteza, tendo á direita o sr. governador geral e á esquerda o almirante inglez. A segunda meza era presidida pelo sr. Ministro, tendo á sua direita o sr. Bispo e á sua esquerda o coronel Chedas. A terceira era presidida pelo sr. capitão David Rodrigues, presidente do Gremio Militar, tendo á sua direita o sr. secretario geral e á sua esquerda o major Silburn, membro do parlamento do Natal. As restantes eram presididas pelos mais membros da direcção, tendo á sua direita os chefes dos serviços e á esquerda representantes sul-africanos ou officiaes inglezes.»

Ao *champagne*, segundo o mesmo jornal, Sua Alteza foi brindado pelo capitão David Rodrigues, nosso querido e saudoso collega n'esta redacção, cujo discurso, todo cheio de brilho litterario é do theor seguinte e que transcrevemos do *Futuro*:

Alteza, meus senhores:

A classe militar rejubila por vêr Vossa Alteza visitando esta provincia, acompanhado por um ministro da Corôa e tendo ao seu lado um governador geral que tantos e tão revelantes serviços teem prestado ás colonias, não só pela subida honra que nos concedeu acceitando esta festa, mas tambem porque se tudo o que vae vêr não é obra exclusivamente de militares, quer de mar, quer de terra, porque todas as classes aqui teem trabalhado patriotica e utilmente, póde em todo o caso dizer-se affoutamente que é a elles principalmente devida.

As colonias, Senhor, eram n'outros tempos consideradas como simples plagas africanas, onde se passavam inclemencias, onde se soffriam tormentos e onde por fim se encontrava a propria morte, Esses tempos passaram devido á efficaz intervenção do exercito e da nossa gloriosa armada, que desbravaram o caminho aos seus progressos, arrostando com os maiores perigos, e hoje são as colonias consideradas como o verdadeiro sol nascente que, com a sua aurora radiosa, que em muitas d'ellas se tem apresentado d'uma forma cheia de esperanças, tem representado o inicio da nossa restauração economica e financeira. Hoje são mesmo um verdadeiro manancial d'onde brotam constantemente a felicidade e o bem estar de muitos dos nossos concidadãos.

E n'essa transformação abençoada o exercito e a armada contribuiram em larga escala em todas as epochas da nossa historia colonial. As vetustas fortalezas que hoje se encontram ainda mostram, com as suas muralhas rugosas, o que foi a nossa antiga dominação, levada a cabo pelos nossos antepassados sob a egide dos reis vossos avós.

Dos nossos feitos modernos, d'essas memoraveis campanhas realisadas ha cerca de 16 annos, quer ao sul do Save, quer do Barué, quer na Zambezia, quer em Moçambique, não encontrará Vossa Alteza um padrão que sirva para mostrar ás gerações vindouras o que ellas foram, o que ellas valeram e o que ellas significaram. Existe, porém, o pequenino cemiterio de Marracuene para mostrar ao mundo como os soldados portuguezes sabem morrer pela sua patria e pelo seu rei. E o respeito que nos infunde esse pequeno cemiterio pela sua simplicidade, os encantos magicos que nos desperta com a sua posição sobranceira ao Incomati e a forma como o indigena da região nos recebe e acata, são o bastante para mostrar, como se tudo isso fosse um monumento collossal, todo o valor moral d'essa gloriosa epopeia.

O verdadeiro monumento consiste porem na paz, ordem e harmonia que reinam entre os povos d'esta região, no acatamento com que as nossas auctoridades são recebidas, na forma como Vossa Alteza vae ser acolhido e finalmente em todos os progressos que ultimamente se teem realisado, incluindo os d'esta formosa cidade que jaz a nossos pés.

Mas a acção dos militares não fica, Senhor, restricta ao campo de batalha Na paz o militar anda constantemente, de noute e de dia, sem confortos e commodidades, dormindo pelo matto, percorrendo caminhos invios para alargar a nossa occupação e para consolidar a nossa soberania, fazendo administração e justiça, montando postos e abrindo estradas, levantando pontes e redes

telegraphicas, construindo caminhos de ferro e levando, emfim, na ponta da sua espada, como uma aureola flammejante, todos os primordios da civilisação e do progresso.

O militar nas colonias é mesmo equiparavel ao apostolo que evangelisa a verdade e condemna a tyrannia, porque se este cumpre uma missão santa, o militar, fazendo vingar a paz e a ordem, fazendo triumphar a justiça e lançando á terra os germens da civilisacão e do progresso d'estes povos barbaros, cumpre a missão mais nobre que é dado desempenhar aos homens das gerações modernas. E os serviços d'esta classe são de tal forma relevantes que vão mesmo á propaganda, pois que a ideia d'um Portugal Maior,—esse sonho pelo qual todos nós pugnamos — encontra em todos os militares um acolhimento ardente e por muitos d'elles tem sido espalhada, defendida e propagada.

E se ha, meus Senhores, alguem que se póde exprimir d'esta forma, sou sem duvida eu, porque de todos os presentes sou talvez o que menos serviços tem prestado ás colonias, quer pela insignificancia dos serviços que me são commettidos, quer pela minha pouca permanencia n'ellas. Mas, apezar d'isso, reconheço que, n'esta lucta abençoada em que todos andamos empenhados com tal ardor que puzémos de parte as nossas commodidades, abandonámos as nossas familias, esquecemos o bello sol, o bello ceu e o bello clima do nosso paiz, ter como premio de consolação a visita que Vossa Alteza nos fez é um facto que muito nos anima, estimula e honra e que penhorados agradecemos.

E eu, apezar do membro mais insignificante d'esta classe, agradecendo em nome de todos os associados d'este Gremio a visita que Vossa Alteza nos fez e a honra que nos concedeu com a sua augusta presença, peço a todos os meus consocios, aos representantes das nações estrangeiras, aos chefes dos diversos serviços provinciaes e aos representantes das differentes classes que me acompanhem n'um viva a SS. MM. El-Rei e Rainha, á familia real portugueza e a Sua Alteza o Principe Real.

Viva Sua Magestade El-Rei e Sua Magestade a Rainha.

Viva a Familia Real Portugueza.

Viva Sua Alteza o Principe Real.

Sua Alteza, diz o mesmo jornal, que se achava profundamente commovido com a maneira carinhosa como aquella saudação foi acclamada por aquelles que tiveram a honra de assistir ao almoço, dignou-se responder nos seguintes termos:

Meus camaradas e amigos:

Agradeço a manifestação que acabais de me fazer, que muito estimo e aprecio. Como militar que sou, sinto-me bem entre vós e reconhecendo os serviços que tanto o exercito como a armada tem prestado ao desenvolvimento das nossas colonias, peço me acompanheis n'um brinde aos nossos camaradas que a estas horas se estão batendo no sul d'Angola pela patria e pelo seu rei.

O nosso querido amigo e antigo camarada de redacção, capitão David Rodrigues, foi, segundo vimos nos jornaes sul-africanos, calorosamente felicitado pelos seus camaradas, officiaes estrangeiros e comitivas do sr. ministro da marinha e de Sua Alteza pelo caloroso e enthusiastico brinde que fez ao sr. D. Luiz Filippe.

Pela nossa parte jubilosamente felicitamos tambem o nosso antigo companheiro de redacção e amigo e todos os nossos camaradas que no ultramar tão dignamente souberam receber, Sua Alteza o sr. D. Luiz Filippe, na sua viagem de estudo ás nossas colonias.

A Sua Alteza foi tambem offerecido um artistico diploma de socio honorario do Gremio Militar, que era um primoroso trabalho artistico do sr. Alberto Panallo, encerrado em uma pasta de velludo e seda com cantos de prata feita na capital do Natal.

Administração militar

Talvez que alguns encarem como uma caturrice a insistente constancia com que vimos demonstrando o atrazo injustificado em que se encontra a nossa administração militar.

Certo é, porém, que procedendo de tal fórma e procurando determinar a remodelação dos anachronicos serviços a seu cargo, nós julgamos cumprir um dever de que contamos não nos arrepender, e isso nos basta como incentivo á tarefa pessoalmente imposta.

De mais sabemos nós que todos reconhecem a importancia dos serviços d'administração militar. A sciencia d'essa comprehensão, porém, maior estranheza nos provoca por vermos abandonada a organisação em moldes modernos d'um serviço de que inicialmente depende em

campanha a bôa preparação physica das tropas, indispensavel ao exito da lucta.

Se alguns dos problemas de interesse vital para o exercito se vão successivamente resolvendo, se mesmo para a instrucção technica da administração militar alguma cousa se tem feito nos ultimos tempos, forçoso é confessar que a organica dos serviços enferma ainda de males originarios que se não tem tentado remedeiar.

O defeito capital da organisação administrativa, como varias vezes temos accentuado, consequencia logica da errada orientação que presidiu á sua factura, é a quasi absorpção de todos os serviços proprios pelo esterilisante e na generalidade improficuo trabalho de contabilidade e escripturação.

A malfadada *manga d'alpaca*, o terrivel pezadello de todos nós que d'ella habitualmente nos servimos, ao mesmo tempo que sentimos que a nossa actividade poderia ser melhor aproveitada em outros serviços de valor real, atrophia as faculdades intellectuaes e dá um falso caracter á nossa missão.

Esse falso caracter que ella hoje tem, se constitue um eminente perigo para o exercito que seria sua obrigação coadjuvar nos transes difficeis da guerra, colloca ainda o serviço n'uma inferioridade que não pode coadunar-se com a indole da instituição que suppomos dever existir para a segurança e integridade do territorio.

Esta inferioridade, esta pouca importancia, que da actual organisação deriva para a administração militar, redunda fatalmente n'uma desvalorisação de esforços, d'aptidões e de bôas vontades dos seus officiaes, collocando-os em secundario plano.

O restricto campo em que ainda hoje exercem as suas funcções, a subalternidade em que se enfileiram os serviços burocraticos e com justa razão, não são effectivamente de molde a dar grande importancia ao seu corpo d'officiaes.

Dissemos, nós, porém, que reputamos errada a orientação attribuida a administração militar e poucas serão as opiniões divergentes, pois poucos se convencerão que o fim de tal instituição nos exercitos seja urdir maior ou menor numero de papelinhos.

Collocal-a no seu devido logar, organisar convenientemente os seus variados serviços, dar ao seu corpo d'officiaes as regalias e considerações que merecem servidores da Patria, que para a sua defeza contribuem, embora não

combatam, são medidas de inadiavel urgencia, de claro patriotismo.

Mas, antes mesmo que uma revolução radical nos nossos processos administrativo-militares se realise, alguma cousa se póde ir fazendo já, no sentido de melhorar as condições do seu corpo d'officiaes, dando-lhe regalias que usufruem outros seus camaradas do exercito.

Sahem annualmente da Escola do Exercito 7 ou 8 aspirantes que para os corpos e escolas praticas vão fazer um anno de tirocinio para serem promovidos ao posto immediato.

Se, como succede com a cavallaria e infanteria, terminado o tirocinio fossem promovidos a alferes *independentemente* da vaga, outro reparo não teriamos a fazer que não fôsse o da injustificavel differença de vencimentos que uns e outros percebem como aspirantes, pois que emquanto que os de cavallaria e infanteria teem 800 réis diarios, os da administração militar teem direito a 700 réis apenas.

Esta desegualdade avoluma-se, porém, com a aggravante de os aspirantes na administração militar só serem promovidos a alferes *por vaga*, o que lhes prolonga uma inferior situação economica por tempo indeterminado.

N'um quadro reduzido, como o da administração militar, com basto numero d'officiaes em disponibilidade, (um dos fructos da lei de 14 de novembro de 1901), com demorada promoção, dá-se hoje o estranho caso de haver aspirantes com dois e meio annos de posto e com fundados motivos para não supporem attingil-a antes que identico prazo tenha decorrido. D'um mesmo curso succede até que, sendo uns já tenentes, outros são ainda aspirantes!

Esta situação, sobre prolongar-lhes uma vida economica que não póde ser desafogada, sobre demorar-lhes no futuro a promoção a tenente por diuturnidade, colloca-os ainda em inferioridade de vantagens em relação aos sargentos que, por meio d'um concurso simples, sem tirocinios e sem exigencias de habilitações especiaes, dão no posto d'alferes ingresso n'um mesmo quadro.

Singela é a enunciação d'esta anomala situação dos aspirantes, mas nem por singela deixará de calar no animo de todos os que se interessam pela resolução de proble-

mas que, embora de interesse restricto, teem como os de maior valor, jus a ser devidamente ponderados.

Baseiou a lei de promoções, que hoje vigora, a determinação da promoção a tenente por diuturnidade, quando os diversos alferes theoricos contassem 8 annos apoz a matricula no 1.º anno das escolas superiores de habilitação ao ingresso na Escola do Exercito.

Assim se applica em todas as armas e para os medicos e veterinarios, com cursos especiaes fora da nossa primeira escola militar, identico principio se adoptou.

Não succede o mesmo com a administração militar, como logo apoz a publicação da citada lei notámos em artigo da «Revista Militar» e como agora temos novamente de accentuar.

Abstrahindo mesmo da circumstancia fatal de varios annos no posto de aspirante é facil constatar que aos officiaes theoricos da administração militar são exigidos 2 annos como preparatorios dos Institutos industriaes e commerciaes, 1 anno no curso respectivo da Escola do Exercito, 1 anno de tirocinio como aspirantes e 5 annos de posto d'alferes, ou sejam 9 annos para ascenderem a tenentes por diuturnidade, determinação esta em completa desharmonia com o espirito da lei de promoções que já citámos.

De bôa justiça seria, pois, alterar para 4 annos a permanencia exigida no posto de alferes, como se concedeu já aos officiaes do corpo d'almoxarifes de engenheria e e artilheria.

Estas são, a nosso ver, as correcções urgentes ás desegualdades que deixámos esboçadas, correcções que por todos seriam bem recebidas por assentarem em principios justos e que actuariam ainda como um estimulo que em nenhuma collectividade é tão necessario como no exercito.

Lisboa, 6—8—1907

A. David Branquinho
Tenente d'administração militar.

PELO GENERALATO

Em 1899, quando a nossa *Revista* contava apenas um anno de existencia, consagrámos a esta momentosa questão um estudo serio e consciencioso, onde se demonstrava a injustiça, a desigualdade e até a desharmonia, em face das necessidades do exercito, com que estava feita a repartição dos generaes pelas differentes armas.

Continuámos n'essa propaganda nos annos subsequentes de 1900 e 1901 sem que tivessemos logrado vêr attendida a justiça da nossa causa.

A questão hoje apresenta-se mais grave ainda, por que além do mais, temos a organisação do nosso exercito incompleta, não havendo um general para cada brigada de infanteria, pelo menos.

O estado presente do nosso generalato destaca-se do seguinte quadro:

Armas e serviço d'Estado Maior	Quadro dos coroneis	Generaes existentes
Estado Maior	6	2
Engenheria	10	5
Artilheria	15	5
Cavallaria	14	7
Infanteria	49	7

Quer dizer, emquanto que a infanteria com um quadro de 49 coroneis tem apenas 7 generaes, as restantes armas todas sommadas, com 45 coroneis, teem 19 generaes.

Porque razão esta desproporção espantosa?

Qual o motivo de ordem technica, ou profissional, ou economica, ou moral, porque se mantem este estado de coisas, em briga com os mais nobres principios da justiça e em flagrante opposição com as necessidades reaes do nosso exercito?

Não sabemos a origem, a verdadeira causa d'este mysterio, cujas consequencias perniciosas são bem patentes.

Ha coroneis de infanteria que foram tirocinados para o posto de general ha cêrca de cinco annos, e que só d'aqui a outros cinco, quando muito, é que poderão attingir esse posto.

Quer dizer, é a estagnação, é a perda de todos os enthusiasmos, de todo o incentivo, de todo o estimulo, jazendo-se assim 10 annos a espreitar a terra da promissão, que nunca chega.

A vida militar, tão cheia de sacrificios, de responsabilidades, de contrariedades e mil aborrecimentos a cada instante, sendo a mais mal remunerada nas sociedades modernas, torna-se mais ardua e penosa quando é aggravada com a paralysação do movimento na escala do accesso, e quando essa paralysação é em resultado da adopção de principios mais ou menos artificiosos, em opposição declarada com a justiça e com a equidade.

E é precisamente o facto que se está passando com o posto de general em relação á nossa arma.

Temos 12 brigadas de infanteria e uma direcção geral, e para tudo isto apenas 7 generaes!

Não seria preciso dizer-se mais nada.

Actualmente, só duas brigadas de infanteria é que são commandadas por generaes.

E esta questão para a disciplina e para a instrucção dos corpos não é indifferente.

Não carecemos entrar em grandes divagações para mostrar a inconveniencia que sempre existiu e ha-de existir, emquanto a natureza humana não mudar, de haver commandos permanentes com o mesmo posto dos commandados.

De maneira que a equidade, a justiça, a technica, a

disciplina, a instrucção, tudo, emfim, impõe a necessidade de uma revisão da lei, no tocante á promoção ao generalato.

E a urgencia d'essa revisão é imperativa.

Por agora limitamos as nossas considerações a levantar a questão n'este pé, chamando para ella a attenção do sr. ministro da guerra, na esperança de que seremos attendidos, embora com o firme proposito de não largarmos mão d'este assumpto cuja importancia ninguem pode pôr em duvida.

O ASSUCAR NA ALIMENTAÇÃO DO SOLDADO

O Dr. Joly, do exercito francez, acaba de proceder a detalhadas e minuciosas experiencias afim de conseguir por meio do assucar tornar menos molestas e embaraçosas as marchas do soldado de infanteria.

Fundou-se no principio de que o assucar é um optimo alimento muscular, e por tanto essencialmente proprio para a producção do movimento.

Conseguiu que duas companhias de infanteria, tiradas ao acaso de um regimento, fossem submettidas durante 20 dias a uma ração diaria de assucar que variou entre 60 e 165 grammas por praça, sem que resultasse para os soldados o menor embaraço degestivo, ou o mais leve signal de intolerancia.

Substituiu depois na ração diaria, 100 grammas de carne por 120 de assucar, sem que os soldados se resentissim da reducção da carne. O supplemento de assucar foi acceite com prazer pelo maior numero em bebidas assucaradas, café, vinho e agua.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

1.º Melhorou as condicções physiologicas da praça

sujeita a um certo trabalho muscular, actuando sobre o numero de pulsações cardiacas, sobre o rythmo respiratorio e sobre o peso do corpo;

2.° Augmentou, n'uma grande proporção, a resistencia physica e reduziu ao minimo o numero dos impossibilitados.

O augmento da alimentação assucarada fez-se sentir principalmente de uma fórma especial e manifesta como preventivo dos accidentes attribuidos ao calor e á fadiga durante as marchas e manobras.

Durante trez dias de marcha substituiu a totalidade da ração de carne por 300 grammas de assucar a cinco praças que voluntariamente se prestaram a esta experiencia.

Estas cinco praças fizeram as suas ultimas etapes sem sentirem fadiga alguma.

Estas grammas de assucar eram distribuidas no café brando que levavam nos cantis, no café do grande alto e no da noite.

Em alguns casos foi tambem tomado em vinho quente.

Parece que valeria a pena estudar-se entre nós este assumpto.

HISTORIA MILITAR UNIVERSAL

O nosso camarada e amigo, o sr. major João Corrêa dos Santos, tem em preparação uma importantissima obra militar, em 12 volumes, que, sem duvida, muito vem enriquecer a nossa litteratura militar.

Trata-se nem mais nem menos do que de uma *Historia Militar Universal*, cuja importancia e valor a ninguem é dado desconhecer.

N'um meio tão restricto como o nosso, tendo um mercado tão pequeno, impossivel é intentar um trabalho de tamanho folego, sem o auxilio do Ministerio da Guerra.

Publicando nós a introducção do 2.° volume da obra, procuramos não somente proporcionar aos nossos estimaveis assignantes uma ideia do trabalho do nosso camarada e collaborador, mas tambem chamar a attenção do sr. ministro da guerra para este assumpto, que reputamos de grande importancia.

INTRODUCÇÃO

> L'histoire nous montre que de grands empires se sont dépeuplée. L'empire romaim a vainement essayé de lutter contre la dénatalité qui se manifestait déja sous Auguste.
>
> Henri Secrétan. — La Société et la Morale. — pag. 341. Edicção de 1897.

Envolta no sudario das suas miserias, vestida com a mortalha de todas as ignominias, jaz sepultada na noute dos tempos a velha Roma. Durante seculos o seu nome ecoou pelos pontos mais distantes do mundo, a sua gloria brilhou intensamente até aos confins da terra, a austeridade dos seus filhos trouxe ao seu intimo convivio os povos de todo o orbe. Roma foi grande! Grande quanto póde ser uma nação, que se sustenta na moralidade, e na boa administração. Roma foi poderosa! Poderosa quanto póde ser uma nação com um exercito bem disciplinado, com uma organisação militar bem orientada. Roma foi illustre! Illustre quanto póde ser um paiz dos maiores vultos no governo, e dos maiores luminares na sciencia; patria dos mais illustres capitães, e dos mais brilhantes escriptores; berço dos caracteres mais honestos e mais austeros, e dos poetas mais insignes. Roma foi orgulhosa! Orgulhosa pelo seu poder e pela sua civilisação; pela sua litteratura e pelas suas artes; pelas suas leis e pelas suas legiões; pelo seu nome e pelas suas virtudes. E Roma cahiu! Cahiu quando o orgulho se transformou em soberba e a liberdade em licença; cahiu, porque á moralidade succedeu o desvergonhamento; á honra a deshonra; ás batalhas contra estranhos as luctas fratricidas; ás legiões de bons soldados, as legiões de assalariados; á civilisação a barbaria. Roma cahiu, e rapido foi o seu declinar, espantosa a sua queda.

Nos campos da Pharsalia e de Actium tinham perecido os ultimos homens de valor. A palavra patria havia sido riscada da lingua de Horacio e de Virgilio, e o feroz egoismo campeava livremente por toda a parte. Em Roma haviam-se extincto as crenças; o impudor dominava a sociedade decadente. Nos circos, por entre o vozear estonteador, infrene da plebe, o gladiador ia deante do camarote imperial proferir as palavras do estylo: — *Ave Cesar! murituri te salutant!* — Os romanos só pedem, — *panem et circenses!* Nas paredes dos edificios appareciam os

annuncios de espectaculos degradantes. Convidava-se o povo a ver espectaculos, que nunca viu, nem tornaria a vêr, — *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus* est. — (1) Perdido todo o prestigio e todo o credito; inutilisados, um a um todos os seus recursos; dissipadas, uma por uma, todas as tentativas de rejuvenescimento, Roma passou ao dominio da historia.

A herança que ella recebeu da sua tão illustre mãe, a Grecia, a quem a legou? Legou-a a um povo, que a conserve, ou que a augmente; a uma nação que conserve essa herança como um penhor sagrado da memoria de um povo tão illustre em todas as manifestações da actividade humana? Não. A herança coube aos barbaros! Essa herança vae ser mutilada, dividida pelas hostes barbaras, que de toda a parte acodem ás fronteiras do moribundo imperio para avidamente se apossarem de tudo. A's bellezas da arte espera-as o camartello demolidor; ás riquissimas bibliothecas aguarda-as o incendio; aos homens de valor espéra-os o punhal, ou o veneno. E, por toda a parte, o mundo romano é pasto de roubos, de incendios, de morticinios. Tristissimo e desolador espectaculo! Como deveriam tremer de indignação, sob o marmore dos tumulos, as ossadas dos vencedores Zama e de Ecnoma! Como foi ultrajada a memoria tão illustre de um Cincinnatus e de um Scipião, de um Regulo e de um Cesar, de um Cicero e de um Tito!

A historia romana é um quadro colorido com as mais vivas côres das maiores virtudes, e com as côres mais sombrias dos maiores crimes; é um livro, que as nações devem ter sempre aberto, porque nas suas paginas refulgem as mais divinas inspirações de amor patrio, e as mais sordidas paixões e odios. Desde o seu alvorecer, nas margens do Tibre, até ao seu declinar no reinado dos filhos de Theodosio, o grande, Roma offerece vastissimo campo a todas as locubrações dos sabios, offerece assumpto para vastas obras, e para extensos poemas. Na his-

(1) — Cagnat dá-nos um exemplo de um annuncio.

La troupe de Suetoius Certes, edile,
Donnera une scéance a Pompei,
La veille des calendes de Juin.
Combats et chasse
Félix luttera contre des ours.
On tendra des voiles sur l'amphithéatre.

toria romana, mais do que em qualquer outra, andam constantemente em lucta, o amor e o odio, a dedicação desinteressada e a inveja, a liberalidade e a usura, o bem e o mal, a virtude e o vicio, a sanctidade do lar domestico e o lupanar. Na extensa mortalha do imperio romano lá jazem, envoltas, as crenças, as instituições, as sciencias, as lettras e as artes. Vae ser mudada a face politica e moral do mundo e, volvidos que sejam dez seculos de luctas porfiadas, de combates sangrentos, ha-de surgir a verdadeira civilisação e a verdadeira philosophia.

É de trevas o periodo em que vamos entrar. As luctas não teem eguaes na historia; a civilisação não existe, nem as artes surgiram ainda. Sobre as ruinas do imperio romano surge um cahos de 977 annos, conhecido pela designação de Edade Media, periodo indispensavel para estabelecer a desorganisação das sociedades antigas, e para fazer surgir as sociedades modernas; immenso cadinho onde se fundiram as antigas instituições para em moldes appropriados serem vasadas as instituições novas. A historia medieva é um periodo de luctas e de trevas; n'elle surgem guerreiros e prophetas; n'elle se degladiam principios e crenças; n'elle se entrechocam religiões e costumes.

*
* *

A paz profunda, que os romanos gozaram durante os reinados de Adrianno e dos Antoninos, pouco tempo durou, mercê dos caprichosos tyrannos homens sanguinarios, que de novo pezaram sobre o throno romano. Forçados a esmagar as provincias com as mais violentas medidas; dispostos a sustentar uma guarda, que protegesse as suas pessoas haviam comprado a peso de ouro, a paz dos paizes circumvisinhos. O imperio romano estava nas mãos de uma tyrania militar, que se alastrava por toda a parte, e que impunha o seu ferreo jugo acompanhado das maiores violencias. A este estado deve-se juntar a rapida successão dos imperadores, incapazes de qualquer reforma, por isso que os assassinatos, e os mais hediondos crimes lhes tiravam a vida pouco tempo depois da sua ascenção ao throno. Era d'este modo que se apressava a queda do imperio, já bem abalado nas suas longinquas fronteiras pelos barbaros, ávidos de entrarem no convivio de uma civilisação, que os romanos não souberam divulgar.

Dos generaes romanos haviam elles aprendido as precisas noções da arte da guerra, noções que de muito lhes valeram quando se voltaram contra a propria Roma. Pobre e esgotada de todos os recursos, a *cidade eterna*, teve de ceder perante as hordas barbaras commandadas por habeis e valorosos chefes, que ao invadirem o imperio romano deixavam na sua passagem um rasto de sangue e de cinzas. A resistencia era impossivel no estado decrepito em que se encontrava a sociedade romana. Os prazeres mais desregrados haviam effeminado a tal ponto a sociedade, que não havia meio de obter homens aptos para a guerra; era o luxo, eram os lupanares, eram os prazeres da meza, n'uma palavra a devassidão mais estupenda, que dominava a sociedade romana. O exercito, se é que se póde dar tal nome a essa reunião de homens dos fins do IV seculo, que nem um pallido reflexo era d'essas legiões, que deram tantas glorias a Marius e a Cesar, e que haviam subjugado Carthago, a mais terrivel e poderosa rival de Roma, nada valia. Os escriptores militares da decadencia haviam, é certo, reduzido a um corpo de doutrinas, as regras e preceitos a seguir na guerra; mas quem se importava com isso? A lingua latina havia já experimentado a corrupção proveniente da mistura com os barbaros. Aulus Gelius, (1) queixava-se, amargamente, dos vicios e das barbarias de que a bella lingua de Cicero, de Horacio e de Virgilio estava sendo victima; mas os seus protestos, as suas lamentações perdiam-se no meio d'esse cahos a que tão impropriamente se chamava sociedade romana. Os primeiros grandes escriptores christãos com o seu talento não poderam impedir a queda de Roma. S. Cypriano, (2) S. Jeronymo, (3) e Santo Agostinho, (4) debalde tentaram morigerar os costumes d'esse

(1) — Rhetorico e grammatico que viveu 160 annos depois de Christo. A sua obra principal são as — *Noctes atticae* — em 20 livros.

(2) — . hascius Caecilius Ciprianus. — Morreu em 258. Foi bispo de Carthago e escreveu 81 cartas, que além de estarem escriptas em estylo lucido, denotam profundo conhecimento das questões politicas.

(3) Eusebius Hieronymus — Nasceu em 330 e morreu em 419, É o auctor da versão latina dos textos sagrados, versão adoptada pela Egreja, sob o titulo de *Vulgata*.

(4). — Aurelius Augustinus. — Foi bispo de Hiponna. Morreu em 430 depois de Christo. É o mais profundo e mais sabio dos escriptores sagrados. A sua obra principal — *De civitate Dei* — revéla a sua vastissima erudicção.

povo outr'ora tão illustre, tão brioso e que havia cahido n'um tal estado de entorpecimento, que não havia forças capazes de o arrancar do abatimento em que jazia. Se o impudor dominava todos os actos sociaes, se o mal entendido orgulho havia despedaçado os ultimos elos, que ligavam a sociedade romana, de que poderiam servir essas nobres tentativas de varões tão cheios de virtudes e de saber? Fallar em patria aos romanos de então! Mas que significação poderia ter essa palavra divina, para espiritos obtusos pela immoralidade, para homens dominados pela devasidão, para cidadãos consagrados, exclusivamente, ás paixões mais desenfreadas? Fallar n'essa epocha, verdadeiramente calamitosa, em civismo e dedicação! Mas que ideia poderiam formar d'essas palavras aquelles que haviam renegado os seus antepassados, que procuravam apagar as paginas fulgentissimas da historia do seu paiz, que haviam apostatado das crenças e das virtudes dos seus maiores para se afogarem no pégo da mais abominavel das deshonras? As revoluções internas haviam já espalhado aos quatro ventos as cinzas dos heroes de Zama, dos bravos de Ecnoma, dos immortaes de Asculum. A raça mascula dos primitivos romanos desapparecera, e fôra substituida por uma raça mesquinha, que os barbaros iam dominar.

As luctas dos barbaros iniciadas em Pollentia, na victoria alcançada pelo vandalo Stilicão, vão encher de assombro o mundo. Attila derrotado nos campos catalaunicos é forçado a sahir da Gallia, e irrompe pela Italia, reduzindo a cinzas as cidades por onde passa. Dirige-se a Roma, que é salva pela dedicação do papa Leão I, o Grande. Genserico chamado á Italia com os seus vandalos pela imperatriz Euxodia não poupa Roma, que é regada com sangue durante quatorze dias. As luctas succedem-se; e, como se não bastassem os odios de raça para as tornar terriveis, surgem as seitas com o arianismo, surge uma nova religião com Mahomet, surgem as investiduras, as communas, o feudalismo e mil outras causas que hão-de fazer rios de sangue.

(*Continua*).

J. C. dos Santos
Major

METRALHADORAS

(*Continuado do n.º 10 — 1907*)

Pelo que fica exposto se vê que a maior parte das causas da interrupção do funccionamento são devidas: ao cartucho defeituoso, mal fabricado, de facil deformação ou com a bala não segura ou não fortemente ligada á caixa, por cravação.

Logo que o cartucho seja bom, (e modernamente o fabrico do cartucho está aperfeiçoadissimo em toda a parte), a metralhadora bem montada e a alimentação cuidadosamente feita, todas aquellas causas desapparecerão.

Cuidados a observar para assegurar o bom estado e o bom funccionamento da metralhadora

Para obviar ás interrupções e garantir a conservação da metralhadora e o seu bom estado, vamos indicar os cuidados que com ella se devem ter.

Estes cuidados são antes, durante e depois do tiro.

I) Antes do tiro

a) Assegurar-se de que a alma do cano está vasia, para o que basta tirar a cavilha do punho e levantar este sufficientemente para que, depois de tirar o bloco, se poder ver atravez do cano.

b) Reconhecer que o refrigerador está cheio d'agua, o que se consegue tirarando a tampa roscada que fecha o furo da entrada da agua e observando se esta está ao nivel

mais elevado, com a metralhadora um pouco inclinada para a frente.

Esta condição é de muito grande importancia sobretudo para a conservação do cano.

A fig. 23, de photographia tirada quando se faziam no paiz as experiencias que levaram a commissão de infanteria á escolha da nossa metralhadora, apresenta quatro aspectos que, mostrando a importancia d'esta condição para a conservação, indica tambem quantos tiros é a metralhadora susceptivel de dar ininterruptamente — quando bem vedado o refrigerante — sem o minimo inconveniente para o cano.

Fig. 23

Na I, a metralhadora deu 300 tiros e vê-se distinctamente que ainda não se gastou nada da agua pois ella não chegou a começar a vaporisar-se. Na II, deu 750 tiros e o vapor começou poucos momentos antes a produzir-se e começa a sahir com pequena pressão. Na III, a metralhadora deu 1500 tiros, o vapor pro-

duz-se com abundancia e rapidez, saindo com ruido proprio, tendo o cano chegado ao mais elevado gráu de temperatura de que é susceptivel, quando completamente envolvido na agua. Na IV finalmente, a arma deu 3:000 tiros, a agua é já insufficiente para cobrir o cano e o vapor sahindo, deixa reconhecer que não se deve ir muito além no tiro sem novo abastecimento de agua.

Se isso succedesse, o cano, esbraseado, rapidamente perderia a dureza, as estrias desappareceriam rapidamente e o travamento seria insufficiente para que o tiro automatico se continuasse e este cessaria em curto tempo por muito haverem, ao mesmo tempo, as pressões decrescido consideravelmente á bocca.

Porque, se a metralhadora é um verdadeiro motor a gazes como já tivemos occasião de observar, o refrigerante com o cano, é uma caldeira de vapor unitubular. E, se n'estas, a agua não cobrir os tubos, estes rebentam e a agua vae substituir o fogo que por elles passara; na metralhadora não acontece o mesmo por a espessura do cano ser consideravel e as pressões interiores no refrigerador serem insignificantes relativamente, mas o cano inutilisa-se.

No entretanto em ambos os casos o resultado é o mesmo: avaria que pode ser grave.

Vê-se pois que é, como dissemos, muito de attender esta condição, especialmente para conservação da metralhadora.

Quando ella dê 3500 tiros ininterruptos, o que será muito raramente, ou 3000 em varias series, dever-se-ha reabastecer de agua, o refrigerante.

c) A caixa de ferramentas deve estar a bom alcance, e aquellas dispostas na caixa de forma invariavel, para se poder immediatamente tirar a que seja necessaria. De ordinario o sargento que acompanha a metralhadora deve levar comsigo ou em saco de couro na propria metralhadora, o bloco de reserva, para a mais rapida substituição no caso de interrupção devido a quebra de qualquer das peças do bloco que estava na metralhadora.

d) Observar que as munições sejam as proprias e muito principalmente que as balas estejam bem cravadas na caixa do cartucho. Não o estando, é contar com interrupções a cada momento até que a polvora de algum cartucho obstrua a camara e ponha fóra de ser-

viço a metralhadora emquanto não soffrer nova limpeza, que é demorada.

e) Observar que as fitas estejam bem carregadas e bem acondiccionadas nos cunhetes, como atraz se indicou.

f) Verificar que as peças que recuam o façam, não demandando mais que o esforço já indicado, bem como que a molla recuperadora esteja na carga conveniente.

g) Lubrificar as peças que se movem durante o tiro e limpal-as do pó, se o tiverem.

As peças a lubrificar são as que adeante diremos quando tractarmos da lubrificação.

h) Finalmente, os empanques devem estar feitos de fórma a conservar completamente vedado o refrigerante. Se elle deixar sahir a agua, pôr os empanques como já se indicou.

II) Durante o tiro

a) Assegurar-se de que ha agua sufficiente no refrigerante de fórma que o cano esteja sempre coberto pela agua. Esta observação será feita em intervallos do fogo.

b) O apontador deve agarrar o punho duplo com as mãos, evitando que a direita soffra pancada da manivella d'armar, o que interromperia o tiro e o feriria.

c) Attender a que a fita não possa ser detida nos seus movimentos, durante o tiro.

d) Attender a que os cunhetes sejam postos no logar conveniente e com as balas na direcção da bocca do cano.

e) Os serventes abrigarem-se o melhor possivel quer atraz do escudo quer deitando se.

f) Em caso de rapida mudança de posição descarregar a metralhadora e enrolar a fita na mesma, sem a tirar do alimentador.

g) Durante uma interrupção temporaria de fôgo, havendo já muito poucos cartuchos na fita, é melhor substituil-a por outra carregada.

h) Se durante o combate é necessatio retirar a fita do alimentador, e esta já tiver muitos cartuchos consumidos ganha-se tempo se em vez de a tirar pela direita carregando nos botões dos detentores do alimentador, ella for cortada no estremo da parte que já não tem cartuchos.

III) Depois do tiro

a) Descarregar a metralhadora e não deixar nenhum cartucho carregado no canal ejector.

Para isso toma-se uma caixa de cartuchos, dos já consumidos e, abrindo a caixa da culatra e levantando o bloco depois de levar á frente a manivela d'armar introduz-se a caixa do cartucho no duplo extractor encostada ao fixador inferior. Deixando ir ao seu logar o bloco e largando a manivela d'armar, a caixa do cartucho detonado vae expellir o cartucho que se encontra no canal ejector, occupando o seu logar.

b) Limpar bem e lubrificar interiormente o cano e camara, para evitar a corrosão.

c) Abater o percutor, premindo o gatilho.

d) Fixar bem a metralhadora ao reparo apertando fortemente as ligações dos aparelhos de pontaria em direcção e profundidade.

e) Recolher as caixas de cartuchos vasias, separando as que não tiverem detonado.

f) Vêr se algumas das peças do bloco estão em mau estado, como o percutor, molas, etc., para serem substituidas logo que possa ser.

Para isto, basta fazer funccionar estas peças sem ser necessario desmontar o bloco.

g) Tão cêdo quanto possivel dar uma limpeza mais completa á metralhadora e lubrifical-a de novo.

(Continúa)

CAP. BUGALHO

Emprego tactico das metrelhadoras com infanteria no ataque e defensa

Foi o nosso exercito, recentemente, dotado com metralhadoras, machinas de guerra que, pela sua contextura, evidenciam quanto é prodigioso e progressivo o engenho humano.

Coube, a honra de receber as primeiras metralhadoras, systema Maxim, á arma de infanteria, a qual orgulhosa das suas brilhantes tradicções, quer na abnegação que conduz ao heroismo, quer no trabalho que enaltece, tem de sustentar, com galhardia, essa distincção, por um estudo perseverante, embora modesto, ao

assumpto tão complexo, como é o de assentar em bases seguras para obter o maximo resultado d'esta maravilha da mechanica.

Não restará duvida de que entre os nossos camaradas da arma, especialmente áquelles a quem mais de perto interessa o assumpto, tenha sido bastante debatido debaixo dos variados pontos de vista por que possa ser encarado o emprego d'estas machinas em combate nas diversas situações tacticas, tanto mais que não existe ainda entre nós qualquer publicação que esclareça a questão.

N'esta orientação, resolvemos apresentar a traducção d'um bem elaborado artigo do capitão do exercito japonez, F. Takenouchi, publicado no "Journal of the Royal United Service Institution", no qual, com esse superior criterio de praticar, esse fino espirito de observar, apanagio d'uma raça altaneira que em vinte annos de evolução intellectual conseguio o assombro mundial, se expande o pouco que ha, relativamente, ao emprego das metralhadoras no campo de batalha, deduzido directamente em dois combates nas steppes da Mandchuria, unicos até hoje, em que, aquellas machinas, tiveram representação.

MATERIAS

1.º—Indicações geraes;
Valor pratico em campanha;
Transportes: tripé e viatura;
Concentração ou distribuição:
2.º—Ataque:
Combate em que ambos os flancos estão engajados;
Posições para operar;
Ataque coroado de exito, sua successão;
Perseguição
3.º Defensa:
Locaes para a metralhadora;
Sua distribuição em pontos intermedios;
Abrigos e posições alternativas;
Abertura de fogo e escolha de alvos;
Retirada;
4.º—Conclusão.

INDICAÇÕES GERAES

A metralhadora é d'uma recente adopção, o seu emprego em campanha está ainda no seu inicio. Na ultima guerra só depois da batalha de Sha-Ho é que ella foi usada pela infanteria no campo de batalha, e a nossa experiencia sobre o seu emprego limita-nos ás acções de Hei-kou-tai e Mukden. A maioria dos officiaes não teve, portanto, opportunidade de estudar as caracteristicas ou o emprego das metralhadoras, e conseguintemente é demasiado cedo para regulamentar o seu emprego. Comtudo, é de esperar que o que se segue no estudo d'este assumpto vá mais álem.

Transportes: Tripé ou viatura (2 rodas)— Os transportes uzuaes para a infanteria são o tripé e a viatura ligeira de duas rodas: o primeiro póde ser indifferentemente a dorso de solipedes ou em viatura.

O transporte em viatura (n'este numero inclue-se o tripé transportado em viatura) está sujeito a graves objecções debaixo do ponto de vista tactico. Diminue a mobilidade da metralhadora operando com a infanteria, póde, no entanto, não ser aproveitavel quando se torne necessaria: de noute o barulho do rodado da viatura denuncia ao longe a sua presença ao inimigo; tambem nas proximidades do inimigo a presença da viatura, nas linhas de atiradores, é praticamente uma impossihilidade. O emprego de metralhadoras com infanteria deve, portanto, ser do systema de tripé transportado a dorso de animaes fóra do campo de batalha, e conduzido a braços quando as condições tacticas aconselhem esse meio; assim a metralhadora tornar-se-ha valiosa em qualquer situação.

Seguem-se as principaes caracteristicas da metralhadora: —

1.º—O desenvolvimento d'um nutrido fogo de infanteria por curtos intervallos de tempo.

2.º—Em limitado espaço, a producção d'um concentrado feixe de trajectorias n'um determinado local.

3.º—Achando-se em posição póde, sobre uma limitada frente, produzir o mesmo effeito que um grande numero de espingardas, não sendo, comtudo, só por si, sufficiente para parar um ataque.

Concentração e dispersação (no ataque ou defensa).—O resultado do emprego conjuncto do um certo numero de metralhadoras não é por fórma alguma a somma dos seus diversos valores. Por exemplo, sobre uma limitada frente ha uma pequena differença debaixo do ponto de vista de tempo ou effeito de fogo, comtudo empregamos 2 ou 6 metralhadoras. Alem d'isso, o total de munições dispendidas n'um curto intervallo de tempo é tão grande que, se não fôrem uzadas com toda a parcimonia, o resultado não contrabalançará os meios. Tambem os recursos de munições fornecidas mais de perto, escalões de reserva e columna de munições, rapidamente esgotarão o municiamento se tiverem de abastecer um certo numero de metralhadoras.

O agrupamento de metralhadoras deve evitar-se o mais possivel, é este o principio, exceptua se quando uma larga frente tenha sido coberta por metralhadoras (como, para proteger o espaço entre dois fortes demasiadamente afastados.) E' admissivel, ao mesmo tempo debaixo do ponto de vista theorico e effeitos do fogo a distribuição de uma metralhadora por cada localidade, se se considerar a unidade por metralhadoras como uma só, mas o imperfeito estado mechanico das metralhadoras, os frequentes emperramentos n'um complicado mechanismo, a facilidade como podem ser postas fóra do combate pelos fogos do inimigo, impõe como minimo duas metralhadoras para a machina unidade.

ATAQUE

Combate em que ambos os flancos estão engajados.—A maneira de proceder n'estas circumstancias exige que a guarda avançada immediatamente se apodere e mantenha firme n'uma posição a fim de dar tempo ao corpo principal para se desenvolver. N'este caso, em que pela rapidez não se torna necessario o prolonogamento do combate, a facilidade de movimento e o effeito do fogo levado pela metralhadora torna-a especialmente recommendavel.

Depois do primeiro desenvolvimento, a maior parte das vezes, quando a missão da guarda avançada fôr de demorar o inimigo, a metralhadora não é por muito tempo conveniente. O commando que empregar as metralhadoras para substituir o fogo de infanteria mostra ignorancia sobre o assumpto; deve utilisar completamente as caracteristicas do seu poder offensivo regularisando o consumo de munições, e fazer o seu emprego no combate por breves periodos, por exemplo, para repellir um ataque da infanteria adversa.

Agora passo a considerar a hypothese em que o commando destaca todas ou sómente uma parte das suas metralhadoras, para a guarda avançada. Os principaes argumentos são os mesmos para o caso da artilheria de campanha. O principal dever da guarda avançada é demorar um combate ou sustentar uma acção, não ha ahi necessidade da presença d'um grande numero de metralhadoras; no entanto o commando desejará certamente as metralhadoras na direcção do combate decisivo. Por consequencia, uma parte deve ser destacada para a guarda avançada, mas o nucleo mais importante adstricto ao corpo principal. Por exemplo, com 6 metralhadoras, 2 farão parte da guarda avançada e as restantes do corpo principal.

(Continua)

MINEIRO D'ALMEIDA
Cap. de caçadores n.º 1

Secção do extrangeiro

Allemanha. — O ministro da guerra adoptou um typo de automovel blindado, podendo conduzir 10 atiradores da élite, destinado ao serviço de esclarecedores e de reconhecimentos.

As opiniões dos peritos militares allemães estão divididas, havendo quem sustente o pouco ou nenhum valor d'estes automoveis na guerra moderna.

Parece que as experiencias effectuadas não teem dado resultado satisfactorio, attendendo á facilidade com que estes vehiculos são postos fóra de serviço, e portanto á pouca ou nenhuma confiança que pode haver n'estas novas machinas de guerra.

Todavia, o que é certo é que o typo está escolhido e a encommenda já feita.

*

Trabalha-se com uma actividade febril em construcções navaes no imperio germanico. Os estaleiros do estado estão atulhados com trabalho. Recorreu-se aos estaleiros particulares de Vulcain, de Bloom e Voss, da Germania, e de Schichan, aos quaes se fez a seguinte encommenda: dois navios de linha, um cruzador couraçado, dois pequenos cruzadores, um navio-escola e um certo numero de torpedeiros, tudo na importancia de 147 milhões de marcos.

Resulta que a Allemanha no presente semestre de inverno tem 15 unidades novas em construcção, em differentes graus de acabamento, sendo: 6 couraçados, 2 cruzadores couraçados, 4 pequenos cruzadores e 3 navios destinados, um a transporte de minas maritimas, e 2 para escola de artilheria.

Os torpedeiros não são contados n'este numero.

*

O imperador acaba de nomear o novo grão-duque de Baden chefe da 5.ª inspecção militar, que comprehende os 14.º, 15.º e 16.º corpos do exercito.

O novo grão-duque passa por possuir grande talento militar.

*

O orçamento do exercito allemão prevê as seguintes unidades:

Infanteria — 216 regimentos;
Caçadores — 18 batalhões;
Metralhadoras — 16 grupos;
Cavallaria — 99 regimentos;
Artilheria de campanha — 94 regimentos;
Artilheria de posição — 18 regimentos;
Engenheria — 27 batalhões.
Tropas de caminhos de ferro — 3 regimentos;
Telegraphistas — 4 batalhões;
Tropas de aerostatos — 1 batalhão;
Trem — 23 batalhões.

Servia. — Partiram já de Belgrado 17 officiaes servios destinados a tirocinarem no exercito francez.

Japão. — A artilheria japoneza vae ser toda transformada, substituindo-se o material que serviu na ultima guerra por outro mais moderno e mais poderoso.

A casa Krupp é que fornece os canos da nova peça, pertencendo aos arsenaes do estado japonez o acabamento do material, inclusivé a construcção da nova culatra.

A nova peça receberá o nome de *peça do 38.º anno do Meiji.*

França. — Vae proceder-se a um concurso de pombos-correios, podendo concorrer todas as sociedades departamentaes que estejam nas condições da lei.

O ministro da guerra determinará quaes as associações admittidas a este concurso do Estado.

Inglaterra. — Não deixaram de ter certa originalidade e por isso mesmo de despertar um certo interesse as experiencias ha pouco realisadas no campo de Aldershot com projectores electricos.

Simulou-se um ataque nocturno de uma columna a uma posição atravez de um terreno illuminado por projectores electricos. As praças assaltantes levavam o seu uniforme de kaki guarnecido com folhas verdes e ramos de arvores presas á cintura, com o fim de mascararem a sua posição e não serem distinguidos no meio do terreno.

O que é certo é que não obstante os projectores electricos serem manobrados por officiaes experientes, não foi possivel descortinarem os assaltantes, que se tornavam immoveis ao serem illuminados pelo feixe de luz, para recomeçarem o avanço quando os projectores se desviavam para outra direcção.

A experiencia deu o melhor resultado a favor do assalto.

*

No campo de Bulford projectam as auctoridades militares construir uma estação aereostatica, destinada a ensaios e estudos de navegação aerea.

Entre Aldershot e Salisburylain ha um espaço de mais de 20:000 metros quadrados, especialmente destinado aos tiros de artilheria, onde poderão fazer-se experiencias de ballões sem se temer a indiscripção do publico.

Por toda a parte, em todos os paizes trabalha-se activamente nos estudos da navegação aerea, e é ponto assente que, mais tarde ou mais cedo, tal navegação virá a ter grande influencia nas guerras modernas.

Os desastres successivos que tal navegação tem causado, o despendio de avultadas sommas, o desmoronar de tantas phantasias e de tanto estudo e locubração de gabinete não puderam ainda arrefecer, e não poderão jámais, a crença viva, a confiança e a cega certeza de que se ha-de dominar um dia o espaco como se dominou o mar.

Por isso vemos a França, a Allemanha, a Italia, a Inglaterro e a Belgica trabalharem com denodado valor na realisação da grande problema da navegação aerea.

Em Portugal ha um talentoso e muito distincto official que tem como certo ter resolvido esse problema da maneira mais pratica e mais satisfatoria porque elle pode ser resolvido.

Sabemos que se trabalha na construcção de um modelo pequeno, destinado apenas a provar, na pratica, a verdade dos principios scientificos em que se baseia a theoria.

Mas a falta de recursos deixará tudo mergulhado apenas n'uma aspiração e nada mais.

A Inglaterra lá vae construir a sua estação em Bulford e proseguir nos seus estudos.

E parece que a Inglaterra é que mais se aproxima da resolução do grande problema.

Estados-Unidos da America. — A esquadra dos couraçados do Atlantico, que vae partir para o Pacifico como medida preventiva e protectora da integridade e autonomia dos Estados-Unidos, tem provocado na imprensa dos dois paizes, *Japão* e *Estados-Unidos*, uma seria e grave discussão.

O governo americano esforça-se por declarar que não podem ser mais pacificas e amistosas as relações entre os dois paizes, mas o povo não acredita em tal e está convencido que Roosevelt deseja a guerra e que a guerra ha-de rebentar.

A verdade, porém, é que a questão, aliás seriissima e da mais alta gravidade da immigração japoneza nos Estados-Unidos, ainda não está regulada entre os dois governos, e não nos parece que seja indicio evidente de se querer resolver essa importantissima questão por meios diplomaticos, enviando para o Pacifico uma grande e poderosa esquadra de couraçados.

Os jornaes americanos estão divididos n'esta contenda, que representa para os Estados-Unidos um momento historico difficil e grave.

Uns, applaudem a medida governativa, outros, atacam-na, e ha até quem ligue a estes factos de politica externa intentos mesquinhos e pequenos de politica interna, que se correlaciona com o drama que brevemente se deve desenrolar nos Estados-Unidos para a eleição presidencial.

Seja como fôr, continuamos com a mesma convicção, que a questão e grave é que o seu desfecho provavel é uma tremenda guerra entre o Japão e os Estados-Unidos.

Hespanha. — Depois de varias experiencias e ensaios entre os modelos de artilheria de tiro rapido das casas Krupp, Canet e Schneider (Creusot) o governo hespanhol optou pelo modelo Schneider fazendo a esta importante fabrica franceza uma encommenda de 50 baterias de campanha.

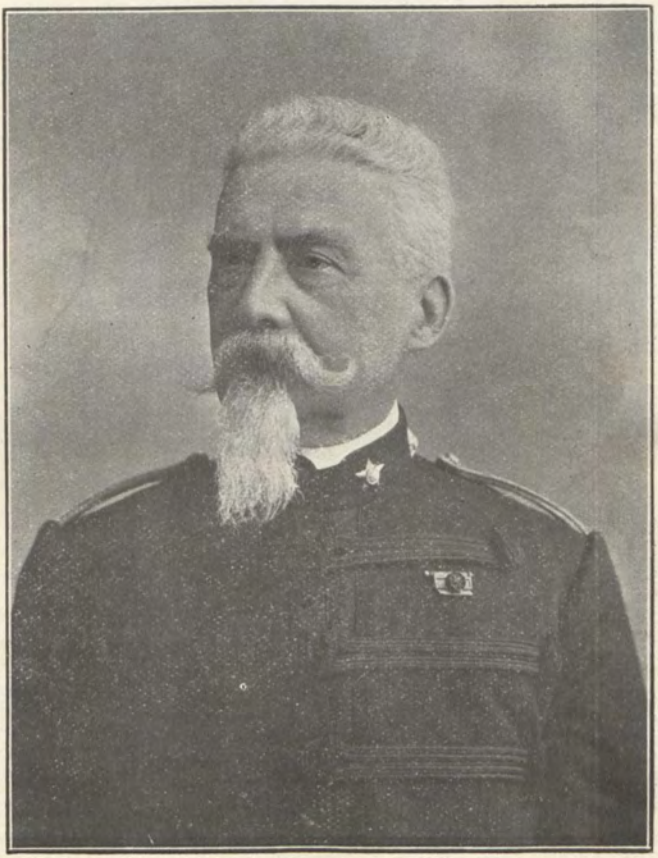
As côrtes tinham já votado no anno passado o rearmamento da sua artilheria.

Havia no exercito hespanhol duas correntes: — uma que se encommendasse apenas 50 a 100 peças no estrangeiro, ficando o resto da fabricação destinada á industria nacional; outra que toda a artilheria fosse comprada por uma só vez nas fabricas estrangeiras.

Prevaleceu esta corrente.

Em Carabanchel fizeram-se ensaios definitivos, e consta que tanto o ministro da guerra, general Primo de Reviera, como o general Martitegui, chefe do estado maior general, e em geral todos os distinctos officiaes do paiz visinho que a elles assistiram, ficaram plenamente satisfeitos com o resultado obtido.

Partiu já para a França uma commissão de officiaes para adquirir 20 metralhadoras destinadas a experiencias que hão de dar como resultante uma grande encommenda d'esta arma para o exercito visinho.



GENERAL

Cesar Augusto Kuckenbuch dos Prazeres

10.º ANNO DEZEMBRO DE 1907 N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

GENERAL

CESAR AUGUSTO KUCKENBUCH DOS PRAZERES

A *Revista de Infanteria* tarja hoje de luto a sua primeira pagina em sentida homenagem á memoria do honrado general que era em vida o Director Geral da Arma de Infanteria.

Prematuramente deixou de existir um nobre caracter e uma grande alma.

Toda a arma sente dolorosamente essa perda, porque todos nós tivemos sempre, por tão distincto chefe, o respeito e a amizade que as suas qualidades raras e excepcionaes sabiam conquistar.

Todos os que tiveram a fortuna de servir sob as ordens do general Prazeres bem de perto sentiram que alli havia o militar disciplinador, o fiel cumpridor do dever, o mestre intelligente e sabedor, que espontaneamente captava a estima dos seus subordinados, com a lealdade do seu proceder e a escrupulosa correcção de todos os seus actos.

N'estas palavras maguadas de profunda saudade com que procuramos honrar a lembrança do chefe que o exercito, e, em especial, a arma de infanteria, acaba de perder, apenas praticamos um acto de justiça.

E' que o amigo pode vir desfolhar, é certo, sobre a campa ainda quente do general Prazeres, as pobres e murchas flôres de uma saudade intensa, mas o escriptor militar, que tem a desempenhar uma alta missão, cerra os ouvidos á amizade para que da sua penna, embora em transe maguado, refulja apenas a justiça.

E toda esta pagina não almeja a outra coisa.

Toda a vida do nobre general, consagrada ao serviço da patria, constitue modelo palpitante e quente que por todos nós deve ser imitado.

Mas onde a sua figura se destaca, em pujante relevo, é no commando, o commando que lhe forneceu motivo para elle poder desenrolar todas as suas bellas qualidades, sendo rigoroso e benevolo, disciplinador e paternal, cumpridor e tolerante, sabedor e pratico, emfim, podendo sempre dispôr do seu regimento, porque em cada soldado elle tinha um subordinado que o sabia honrar.

A sua acção fecunda como director geral da nossa arma está na lembrança de todos, e ficará para sempre gravada nas carreiras de tiro e nos exercicios e tirocinios na Escola Pratica de Infanteria.

Affavel para com todos, embora muitas vezes aquella apparencia severa de soldado trahisse os delicados sentimentos da sua alma generosa, o general Prazeres não teve nunca um inimigo.

Despido de vaidades fementidas, sem outras ambições que não fossem servir lealmente a sua patria e honrar nobremente o exercito, baixa á sepultura sem uma mancha na sua farda, deixando de si, no paiz que o respeitava e no exercito que o estremecia, uma memoria venerada, por que é a resultante das scintillações d'aquelle grande caracter.

As manobras do exercito hespanhol

NA

GALLIZA

Achando-me casualmente na Galliza, quando começou a deslocação das forças estacionadas na região para o acampamento de Bóveda, tive a natural curiosidade de apreciar de *visu* o estado de preparação para a guerra do exercito hespanhol, representado ali por forças relativamente importantes.

As ligeiras notas que tomei, e comprehender-se-ha bem que outras não poderia tomar, dada a minha qualidade d'official, não indo commissionado para assistir ás manobras, e as impressões que me deixou o que tive ensejo d'observar, me pareceram não serem destituidas de interesse, apresentando-as aos meus camarados, sendo certo que a litteratura militar do visinho reino e o que se passa no seu exercito, não são assás conhecidas entre nós, que preferentemente desviamos as attenções para as instituições militares da França e da Allemanha.

Como foi dado a conhecer pela nossa imprensa diaria, a concentração das forças effectuou-se no acampamento de Bóveda, logarejo distante 10 kilometros da estação do caminho de ferro de Monforte, estação de desembarque para as unidades que effectuaram os transportes de concentração em caminho de ferro.

Antes de proseguir devemos dizer que propriamente manobras na accepção mais corrente do termo, comprehendendo varias hypotheses e situações desenrolando-se em dias successivos, não houve. Houve apenas um exercicio de combate realisado entre a Sierra Modarra e as alturas de San Gil, em volta do acampamento, na manhã

de 23, no qual tomaram parte as forças reunidas do 8.º corpo de exercito, e que parece ter tido em vista justificar essa concentração, que não se explicaria só pela exhibição da parada do dia 24, e revista passada pelo Rei Affonso XIII.

E não ha duvida que para o Estado Maior Central, a execução do thema estrategico elaborado, apresentava um interesse secundario, e que o interesse principal estava em verificar como se realisaria a mobilisação do 8.º corpo. Havia serias apprehensões, até certo ponto justificaveis, por causa do grande numero de emigrantes que annualmente sahem da Galliza, de que não seria possivel preencher, com os reservistas da região, os effectivos a mobilisar; assim como não faltava quem accusasse os gallegos de pouco patriotas e os julgasse capazes de não comparecer, se n'um dado momento fossem chamados ás fileiras.

Esses receios devem ter desapparecido, se foram effectivamente elles, e não razões d'ordem politica que levaram o Estado Maior Central a escolher o 8.º corpo, para esse fim. Effectivamente as faltas d'apresentação dos homens convocados, não foi alem, na generalidade, de 18 %, e citavam-se varios exemplos de reservistas, residindo no Mexico e Republica Argentina, que acudiram ao chamamento. Todavia as conclusões, sob este ponto de vista, não são decisivas, por isso que é logico perguntar se as cousas se teriam passado de modo identico, se em vez de 3 classes de reserva, que elevaram o effectivo dos batalhões a 500 homens approximadamente, tivesse sido necessario convocar mais classes para elevar as unidades aos effectivos do pé de guerra. A falta de apresentação deu-se principalmente na infanteria, sendo quasi nulla nas outras armas. Ora isto é que nos faz ter duvidas se a infanteria, encontraria n'esta região, os effectivos necessarios para a constituição de todas as suas unidades no pé de guerra.

As forças que tomaram parte nas manobras, debaixo da direcção do general Martitegui, constituiam duas divisões, respectivamente commandadas pelo general Caselas e Barraquet, e compunham-se de 2 companhias de sapadores do 6.º regimento mixto de engenharia, secções da 1.ª e 7.ª commandancias de administração militar, 1 regimento d'artilheria montada e o 3.º de montanha, regimentos n.º 25 de cavallaria da Galliza e n.º 2 de Al-

buera, regimentos de infanteria n.º 11 de San Fernando, n.º 42 de Ceriñola, n.º 3 del Principe, n.º 17 de Burgos, n.º 8 de Zamora, n.º 54 de Izabel a Catholica, n.º 57 de Zaragosa e n.º 37 de Murcia. Faziam tambem parte do corpo de exercito, 1 companhia de aerostação, 1 corpo voluntario de automoveis, 1 secção de radio-telegraphia, 1 secção de cyclistas, e os serviços sanitarios correspondentes.

Como se vê da enumeração d'estas unidades, a constituição do corpo de exercito, não foi feita só com elementos do 8.º corpo, mas completada com os do 7.º corpo.

Os regimentos de artilheria e cavallaria mobilisaram só tres das suas baterias e esquadrões; os regimentos de infanteria, 2 batalhões de 4 companhias, com effectivo approximado de 120 homens, divididos por 3 pelotões. O parque administrativo pareceu-me muito bem constituido, não succedendo outro tanto ao material sanitario.

Como era natural, as minhas attenções incidiram particularmente sobre a infanteria, e pude vêr que na composição de cada regimento d'esta arma, entrava por batalhão, 1 muar conduzindo uma cantina de cirurgia, e por companhia uma mochila de pensos e 4 macas de mão; os homens não dispunham de estojos de penso individual; por cada 2 companhias, 1 muar de ferramentas (12 pás e 12 picaretas, de modelo igual ao nosso material de sapadores de infanteria); 1 carro de munições por batalhão e 1 muar por companhia, conduzindo 2 cofres de munições; 1 carro de bagagens (typo alemtejano) para o regimento. Os elementos para a constituição do trem de combate dos corpos, com pequenas excepções, foram-lhes distribuidas na occasião.

Por aqui se vê que as unidades não iam dotadas com todas as viaturas e impedimentos que a organica dos modernos exercitos exige.

Esta circumstancia simplificou-lhes o seu funccionamento nas situações de marcha, estacionamento e combate.

Notei tambem o evidente intuito, que ha no exercito hespanhol, de aligeirar o infante pela reducção dos artigos do seu equipamento. Assim é que o soldado alem de 2 cartucheiras e 1 patrona menos pratica do que a nossa, transportava sómente uma mochileta de tela branca, muito ligeira, contendo um pequeno numero de effeitos de ves-

tuario. Sobrepondo-se á mochileta uma especie de sertã de folha de ferro, atracada áquella por um francalete. Completando este equipamento um frasco de vidro com capa de feltro, e um pequeno copo de folha para agua preso ao cinturão entre as cartucheiras. Tambem não vi artigo especial do equipamento para transporte dos viveres de reserva, o que até certo ponto se justifica pelo uso que faz o exercito hespanhol de rações comprimidas, taes como bolacha e carnes em pequenas latas de folha, faceis de acondicionar na propria mochileta. Os equipamentos regimentaes, tambem muito reduzidos, especialmente o chamado material de bivaque, dando-nos tudo a impressão de ser muito pouco dispendioso e facil de improvisar facilitando a mobilisação de grandes massas de homens.

Claro está que n'estas condições taes artigos debaixo do ponto de vista technico deixam a desejar, tratando-se sobre tudo d'uma campanha de certa duração.

Porém, a contrastar com esta bem orientada intenção de aligeirar o soldado, o uniforme de campanha por elle usado, é o que ha de mais improprio.

Bem sei que n'um exercito que, como o hespanhol, tem um apegado culto pelas tradições, que são a fonte do bello espirito militar que n'elle se sente viver, esta e outras velharias, não são faceis de bannir. O uniforme de campanha, comprehende o capote vestido, o rós coberto d'uma capa de oleado preto, e a tiracolo uma manta de lã, a qual pela applicação que vi dar-lhe, tem talvez, por fim, substituir a nossa tenda-abrigo. Não é pois para admirar que a despeito da notavel resistencia de que deu provas o soldado hespanhol, o numero de baixas por insolação fôsse avultado n'alguns corpos que tiveram de se transportar pela via ordinaria até ao acampamento.

Logo na primeira étape, o regimento de Zamora de guarnição no Ferrol teve 40 baixas, e o mesmo succedeu ao pessoal e gado do 3.º regimento d'artilheria de montanha, que encontrei entre Sarria e Boveda á 1 hora da tarde, por signal, executando um alto.

Tambem, parece-me, não foram attendidos, como deviam ser, os preceitos da escolha da melhor hora, para as forças iniciarem as suas étapes, realizadas debaixo d'um sol abrazador, o que me faz dizer, que só devido á excepcional resistencia ás fadigas, e magnifica disciplina das tropas, deve o commando não ter visto os effectivos fundidos em baixas por insolações.

Com relação a vestuario o Estado Maior Central, já havia reconhecido a necessidade da sua substituição, ensaiando um novo uniforme, que a imprensa da região designou por uniforme japonez. Foi experimentado por um batalhão do regimento de San Fernando, e se não estamos em erro, tanto na côr amarello esverdeado, como no talhe teria sido antes decalcado no uniforme experimentado n'alguns regimentos de infanteria franceza, haverá um anno, conforme os jornaes militares noticiaram então. A vantagem principal d'este uniforme, alem da sua pouca visibilidade, está na consistencia do tecido, e no modelo do blusão, amplo e de gola rebatida.

O primeiro dia de mobilisação variou entre 11 e 13 de setembro, para os corpos montados, e 15 a 17 do mesmo mez para os differentes regimentos de infanteria, incorrendo em 1.ª deserção, os homens que não se apresentaram até ao 3.º dia a contar d'aquelle que tinha sido designado para o corpo a que pertenciam. Como na noite de 21, isto é, oito dias depois d'aquelle em que começou a mobilisação, todas as forças estavam reunidas no acampamento de Bóveda, vê-se que poucos exercicios de preparação tiveram nas suas guarnições, e a maneira brilhante como se apresentaram em todas as situações se deve unicamente á solida e cuidada instrucção que vem sendo ministrada ha uns annos a esta parte no exercito hespanhol, e por tal fórma que os reservistas não accusavam differenças que os distinguissem das praças do activo.

Com a assistencia do Rei e seu estado maior, teve logar, na manhã de 22, a missa campal na planicie de Las Chas, onde se levantava o acampamento. Este offerecia um aspecto verdadeiramente imponente com as suas tendas de campanha, quasi todas novas, de pannos muito brancos, e desenvolvendo-se n'uma extensão de 3 kilometros e meio, por perto de 1 kilometro de profundidade.

Na tarde d'esse dia executaram já as tropas alguns movimentos preparatorios para occupação das posições, onde se deveria travar o combate do dia immediato.

No dia 23 ás 5 horas da manhã, principiou a desenvolver-se o thema de combate, subordinado á seguinte hypothese: O inimigo estava senhor da parte *N* e *NO* da Galliza, e marchava sobre Monforte, com o fim de se apoderar do nó de estradas que ali confluem, e conduzem ao interior do paiz.

N'esta conjunctura as forças do 8.º corpo, são concentradas rapidamente em Bóveda, para tomarem o passo ao inimigo, occupando as fortes posições ao Norte da planicie de Las Chas, e assegurarem a posse do referido nó de estradas. As forças do 8.º corpo, são appoiadas pelas do 7.º.

O thema tactico do dia 23, consistiu na occupação das posições que cobriam o acampamento, com o fim de repellir o inimigo, que segundo informações da cavallaria de segurança, marchava sobre Rubian.

O inimigo, que se suppunha ser de effectivo superior á defeza, era figurado por 1 batalhão, 1 esquadrão e uma bateria.

Não pude acompanhar de perto o desenvolvimento do combate, em todas as suas phases, e da posição inicial da artilheria da defeza, onde me situei, asssisti ao desenvolvimento da guarda avançada, aos preliminares da lucta, e a um reforçamento do flanco direito da linha de combate, pelos regimentos de San Fernando e Ceriñola, que até então se haviam conservado em 2.ª linha, a coberto d'uns pinhaes.

Mas o pouco que vi, foi o bastante para confirmar o juizo que fazia do estado da instrucção e disciplina da sua infanteria.

Apezar dos esforços que se exigiram aos homens, vi-os executar movimentos fatigantes com a mais perfeita ordem, e sem o minimo affrouxamento na disciplina. Essas manifestações peculiares, e até certo ponto justificaveis, de homens que nas marchas, atravez dos campos se atrazam, que não passam d'uma formação a outra, com a indispensavel regularidade, que não conservam a disciplina do fogo, fazendo com que este degenere n'um tiroteio desordenado e febril, o que, n'estes combates simulados, denuncia simplesmente defficiencias de instrucção, e uma fraca acção dos chefes sobre o soldado, nada d'isso vi. E cousa notavel, tudo se executava bem, sem necessidade de advertencias dos graduados, sem tumultos ou vozearia, nem estimulos.

Cada qual fazia bem, porque antecipadamente estava senhor do que lhe cumpria fazer, sem duvida, por muito habituado a fazel-o.

A infanteria, nas suas pequenas subdivisões, caminhava na zona dos fogos aproveitando muito bem o terreno, e com uma grande flexibilidade abandonava as po-

sições de tiro, para avançar por secções de costado com os homens a um de fundo.

O fogo empregado foi quasi sempre o individual, o que está de accordo com os ensinamentos da ultima guerra. Pareceu-me, no emtanto, a sua abertura muito prematura, e que o fogo individual, algumas vezes, foi executado, para alem das distancias em que se póde obter um rendimento compensador do consumo das munições.

Vi praticar sem esquecimento, a ligação das differentes unidades d'uma mesma linha tactica, por meio de patrulhas collocadas nos flancos. As fracções em reserva, chegavam aos logares onde tinham de estacionar e ahi os homens, sem alterar a formação, escolhiam uma posição á vontade, deitados e de preferencia sentados, guardando a mais completa ordem e silencio. E nota digna de registo, é que estas fracções, rapidamente se estabeleciam, por terem de marchar atravez de terrenos accidentados com alongamentos minimos. Attribúo este facto, não só á perfeita disciplina, como tambem ao aligeiramento do equipamento e natureza do calçado das tropas de infanteria, sapato e uma curta polaina de panno. Muito deverá ter concorrido, tambem, para obter estes resultados, a pratica das marchas bi-semanaes, regularmente executadas nos corpos de infanteria. Lembrei-me logo do nosso infante, que a despeito das suas comprovadas qualidades de resistencia, nos dá sempre a impressão d'um homem que se arrasta penosamente, mercê da carga que transporta, e muito especialmente do actual modelo de calçado, que com frequencia lhe inutilisa os pés, enchendo-lh'os de escoriações.

As unidades em reserva é que teriam adoptado formações muito concentradas, ainda que a coberto das vistas do inimigo, mas collocadas em faxas de terreno batido pelos fogos contrarios. N'uma d'essas posições vi 3 batalhões em linha de columnas contiguas de batalhão.

Pelas razões atraz expostas, não pude apreciar bem como a cavallaria, e mesmo a artilheria se comportaram em todo o decurso do combate, mas parece-me pelo que respeita á cavallaria que esta arma abusou das cargas, e a artilheria não preparou nem appoiou sufficientemente os ataques da infanteria. D'aqui o parecer que o combate travado entre os dois partidos, se reduziu ao fogo das suas infanterias.

O combate terminou cerca das 11 horas da manhã, recolhendo as forças, á tarde, ao acampamento.

No dia 24, teve logar a revista passada pelo Rei, e no dia 25 começaram as diversas unidades a retirar para as suas guarnições.

Antes de fechar estas ligeiras notas, queria fazer uma synthese das impressões que me deixou o que me foi dado observar, n'esses oito dias em que debaixo dos olhos se me depararam uma variedade de pequenos motivos, pelos quaes ia aferindo o valor do exercito hespanhol.

Essas impressões resumo-as no seguinte: um exercito servido por officiaes trabalhando com manifesta devoção pelo seu mister, e por soldados com um elevado espirito militar e uma admiravel disciplina, e ao qual, talvez, por causas d'ordem financeira, tem escasseiado até agora, os elementos materiaas, e mais largos campos de instrucção e processos de estudo.

Mas não se vá suppôr que este estado de cousas subsistirá, porque como disse o general Martitegui no banquete offerecido aos addidos militares, inglez, allemão, francez e turco, que assistiram ás manobras, o exercito hespanhol está no inicio da sua reconstituição. E n'esse sentido trabalha e trabalha muito, acompanhando o movimento de reconstituição nacional, em que os nossos visinhos se acham empenhados, e desde que lhe sejam fornecidos os elementos que ainda lhe faltam, vel-o-hemos transformado n'uma formidavel força, que a nós, por muitas razões, não deve passar despercebida, cumprindo-nos acompanhar a sua evolução, muito especialmente depois da entervista de Carthagena.

O que não padece duvida, é que as qualidades apontadas, compensam só por si, muitas faltas materiaes; e justo é dizer que o espirito militar e de disciplina não o deve o exercito exclusivamente ao trabalho dedicado do seu corpo de officiaes, mas tambem muito ao verdadeiro carinho e interesse que o povo tem pelas instituições militares, de fórma que o soldado ao entrar nas fileiras, leva já o espirito formado por uma sã educação social, e a comprehensão nitida do dever que vae cumprir.

E' esta a impressão por mim recolhida do contacto com o elemento civil d'aquelle paiz. E era vêr n'esta occasião, o enthusiasmo com que todas as classes se interessavam e celebravam os trabalhos que as tropas iam executando, discutindo-os com criterio, e sendo este o

assumpto obrigado da conversa, por toda a parte, nos cafés, passeios, hoteis, etc. Em todas essas conversas se revelava, até nas proprias creanças, um grande amor patrio, e o orgulho do nome hespanhol, sentimentos que os reune a todos.

O que custa a crêr é que estando nós tão perto, nem sempre vejamos, ou não queiramos vêr, estas cousas que tanto nos interessam, chegando a ser criminoso tanto alheiamento.

Lisboa, 28—10—1907

EDUARDO CORREIA.
Cap. de caçadores da Rainha.

SARGENTOS

As ordens do exercito publicaram ultimamente algumas disposições beneficiando os sargentos, o que nos leva a crer que chegou a hora em que os poderes dirigentes resolveram olhar para tão prestimosa classe, que jazia n'um criminoso abandono desde ha muitos annos, tendo apenas a estimular-lhe algum amor pela profissão militar, um regulamento de empregos publicos de efficacia algo duvidosa, em nosso parecer, apezar de algumas disposições impôr a sua execução, sem outro futuro condigno, visto que a reforma era uma verdadeira miseria e a promoção apenas attingiria, brevemente, o menor numero, devido a um curto limite de idade. Mas o actual titular da pasta da guerra, com a largueza de vistas de que tem dado exuberantes provas, mais parecendo um official que nunca se desviára do regimento, observando ahi toda a

engrenagem militar, que parece conhecer a fundo, tem procurado alliviar a situação de tão uteis quão necessarios servidores do estado, collocando-os á altura de se lhes poder exigir o exacto cumprimento dos seus deveres.

O sargento, traço de união entre o official e o soldado, tem um papel importantissimo no desempenho dos deveres que nos merecem especial attenção — a instrucção e a disciplina. Para nós pouco importa que o sargento apresente o mappa mais ou menos perfeito, pois que apenas precisa estar certo. O que nós queremos é que tenha a noção de que a instrucção e a disciplina são os dois unicos factores que na paz justificam a existencia dos exercitos, cujo objectivo é preparar-se para o guerra; queremos que attenda com benevolencia o soldado da sua companhia, ensinando-o, guiando-o, aplanando-lhe, emfim, todas as difficuldades, para que elle não incorra em erro. E, sobre tudo, que tenha sempre em vista que o soldado é um filho da patria que veio aprender a defendel-a, e que, portanto, tem direito a ser tratado com benevolencia, como homem que é e que vem prestar ao seu paiz o maior serviço que nos é dado prestar, sacrificando-lhe tudo, até a propria vida.

E' n'isto que nós queremos vêr o sargento exercer a sua importante missão, e para que o possa fazer conscientemente se tem procurado melhorar-lhe a situação, tendo-se já conseguido bastante, mas não tudo quanto elles razoavelmente ambicionam, é justo confessar.

A questão de se dar a importancia do auxilio para rancho aos que não arrancham, é uma questão que continúa a ser assumpto obrigatorio. E' uma questão de consciencia. A nossa fraca imaginação perde-se em conjecturas sobre os motivos que poderão determinar que se não attenda esta tão justa pretenção.

O estado dispende uma importancia qne não reverte a favor de ninguem porque a alimentação não está melhorada, ou não o está a ponto de se justificar o sacrificio dos que mais precisam. E' o que temos notado.

Na hypothese, porem, dos sargentos virem a ser attendidos, o que aliás é esperança nossa, e podendo acontecer que em alguns corpos da provincia grande numero de sargentos aproveite da faculdade de não arranchar, por terem familia, ficando assim muito reduzido o numero de arranchados, difficultando, portanto, uma razoavel alimentação, visto que esta é, evidentemente, tanto

melhor quanto maior fôr o numero dos que contribuem, torna-se mister que, na ordem que, por ventnra, venha a mandar dar a importancia do auxilio aos sargentos não arranchados, fique esclarecido que esse beneficio só é extensivo aos casados, e aos que, por quaesquer circumstancias, tenham familia a seu cargo. Os solteiros, que tenham familia que os sustente, continuam a deixar o auxilio em favor do rancho, se não preferirem arranchar.

Parece-nos ser esta a melhor fórma de collocar as cousas em justo equilibrio, evitando ainda outros prejuizos visto o serviço de rancho só ser desempenhado por aquelles que, sendo arranchados, tenham um anno de praça como sargentos, cujo numero ficaria muito reduzido. O auxilio poderia, em nossa opinião, ser abonado na relação de vencimentos descontando 200 réis os arranchados, e 100 réis, importancia do auxilio, os que não preferirem arranchar por serem alimentados pela familia.

*

De outro assumpto nos vamos occupar, de immediato interesse para os sargentos d'infanteria, certos da razão que lhes assiste e a qual facilmente se demonstra. Referimo-nos ao augmento de um sargento ajudante nos regimentos d'infanteria a tres batalhões. Não comprehendemos a razão porque, em 1901, o legislador deixou um batalhão sem sargento ajudante, que lhe deve pertencer segundo a sua organisação tactica. Havendo regimentos com dois batalhões e dois sargentos ajudantes, a falta de um sargento ajudante nos regimentos a tres batalhões resente-se logo que estes tenham um batalhão separado do corpo. Alem d'isso uma simples vista d'olhos pelos quadros geraes das differentes armas, nos convence que ha desfavor para os sargentos d'infanteria; e se estes não estão, presentemente, muito atrazados, em relação aos seus camaradas das outras armas, é isso devido, com certeza, ao grande numero de sargentos promovidos a alferes para o ultramar nos ultimos annos. Mas, como essas promoções não devem continuar porque isso não só não é cumprir a lei que diz no seu § 2.º do art. 8.º, que as vagas de subalterno serão, de preferencia, preenchidas pelos alferes offerecidos, mas tambem porque está hoje demonstrado que, no regresso, não ha meio facil de dar entrada no quadro a esses alferes sem grande prejuizo

seja para quem fôr, que o cumprimento integral da lei teria evitado — succederá que os sargentos d'infanteria estarão em breve extraordinariamente atrazados ainda mesmo que lhes augmentassem 24 sargentos ajudantes. A percentagem dos sargentos ajudantes é na cavallaria de trinta e tal, e na infanteria dezenove; por isso a antiguidade de 1.º sargento do ultimo sargento ajudante promovido na cavallaria é de 7 de abril de 1900, e a do de infanteria, de 24 de outubro de 1899. Se forem augmentados 24 sargentos ajudantes na nossa arma ainda o ultimo 1.º sargento attingido pela promoção fica sendo mais antigo que o seu camarada de cavallaria. Parece-nos, pois, de toda a justiça, que essa desigualdade seja attenuada com o augmento de um sargento ajudante nos regimentos de infanteria a tres batalhões. Este sargento ajudante poderia ser encarregado de toda a escripturação dos livros de matricula tornando uniforme este serviço, unico que, segundo o nosso modo de vêr, merece toda a attenção, tratando-se de papelada, dispensando-se assim um amanuense, ficando ainda o serviço muito melhorado.

*

Escrevendo sobre sargentos parece-nos não vir fóra de proposito fallar da conservação dos effectivos, que bem desfalcados costumam a andar, visto que o assumpto os interessa directamente.

Parece que o regimento não passa de um simples deposito encarregado de fornecer amanuenses para toda a parte. E' o que se chama, verdadeiramente — pedir por bocca. — São amanuenses para quarteis generaes, administração militar, districtos de reserva, telegraphos, etc. De modo que nos regimentos estão os 1.ºs sargentos que tem de fazer o serviço que o regulamento attribue a quatro individuos. Isto não póde continuar assim, porque a instrucção é extraordinariamente prejudicada. Está hoje averiguado que, se a instrucção por companhias não deu o resultado que o legislador previu, foi isso devido aos graduados estarem em toda a parte menos onde devem estar. A instrucção das reservas, com um pessoal completo, está a attestar o que dizemos, porque os resultados não podem ser melhores.

Urge, pois, vêr este assumpto. — Entre os reformados deve encontrar-se muitos sargentos aptos para amanuen-

ses, a titulo de uma pequena gratificação. Pois lance-se mão d'elles. E quando, extraordinariamente, tenha que se ir buscar sargentos aos corpos, esses devem passar immediatamente a supranumerarios para que a sua vaga seja preenchida. D'outra fórma no regimento continuará a falta de graduados. No *serviço do corpo* cada companhia não deve ter impedido mais de um sargento, salvo quando algum desempenhe serviço nomeado por escala, para que se não tenha de recorrer a *emprestimos* que não dão resultado, em nosso parecer. E' preciso que o soldado conheça bem o seu superior immediato assim como este o deve conhecer, o que não acontecerá se os sargentos andarem constantemente a mudar de companhia.

Se se der o caso de, na mesma companhia, haver dois sargentos com foros de *optimos* amanuenses, de modo a serem indispensaveis, um d'elles deve ser transferido de companhia. Devemos, porem, observar que nós não acreditamos em taes *especialidades* porque notas, requisições e mappas toda a gente sabe fazer.

F. S.

Questões vitaes da infanteria

A machina destinada a produzir movimentos militares, compõe-se, como todas as machinas, de partes differentes; da sua perfeita composição e conveniente dependencia resulta a sua efficacia; o seu fim commum deverá ser: reunir como propriedades essenciaes, a agilidade e a força.

Lloyd.

Ninguem poderá traduzir em menos palavras, o conjuncto de condições a que deve satisfazer todo o organismo militar, como as que foram publicadas pelo illustre escriptor Lloyd e que acima transcrevemos.

Sabe-se que todas as questões d'organisação geral, são solidarias umas das outras, e por isso uma das alte-

rações introduzidas n'uma das partes do edificio militar, necessita quasi sempre uma consolidação das restantes, ou antes do conjuncto. Se um vicio d'organisação deu grande incremento a uma das partes d'um organismo, esta parte desenvolve-se com o sacrificio das restantes e absorve-as na sua grande maioria. O elemento accessorio tornar-se-ha preponderante, emquanto que o orgão principal ficará atrophiado.

Os phisiologistas classificam de monstro todo o ser que se apresenta n'estas condições particulares d'organisação.

Todas as partes que constituem o organismo militar, devem estar intimamente ligadas, todas as armas devem caminhar de mãos dadas até ao momento em que a infanteria e a cavallaria vejam desapparecer as grandes distancias, e, corpo a corpo, operem com a bayoneta prodigios de valor, ao mesmo tempo que a artilheria, companheira inseparavel da infanteria, continúa desbravando o caminho e destruindo todos os obstaculos que possam déter a marcha da sua irmã dilecta no combate.

Não deve nem póde haver distincções d'armas nem privilegios de garantias. Ainda que os legendarios ataques á bayoneta arrancassem a Suvarow, n'um momento d'enthusiasmo, a bella phrase, de ser dcida a bala e sabia a bayoneta, não podemos de forma alguma admittir privilegios para qualquer arma ou serviço, e a todas somos ob igados a reconhecer a mesma importancia e valor real. Todas cooperam para um fim commum, ainda que disponham de meios differentes.

E' pois necessario que se cuide em não difficultar os meios que as lições da guerra aconselham, como indispensaveis, para que cada arma se desempenhe da sua missão.

Entre esses meios, ha uns que precisam d'um estudo profundo, e d'uma rasgada iniciativa, para se porem em pratica, outros ha tambem d'importancia capital e que, apesar de constituirem quasi que ligeiros incidentes, poderão ser resolvidos de momento, apenas com o auxilio d'uma ligeira ponderação.

Alem d'isso, quasi todos pensam, d'uma forma analoga sobre os assumptos que vamos apresentar, e portanto não será difficil que se tente pôr em pratica algumas medidas que satisfaçam quasi por completo ás justas aspirações da infanteria.

Como dissemos, não deve haver armas privilegiadas, mas é licito admittir dentro de cada arma aspirações, que conciliem os interesses da collectividade com os interesses do Estado, e quando essas pretensões partem d'uma arma, que tem como caracteres predominantes: a facilidade incomparavel do seu recrutamento, a rapidez da sua instrucção, o menor dispendio do seu material, parece-nos que tudo levará a fazer convergir as attenções para que esses desejos se satisfaçam.

Entre as aspirações que a infanteria portugueza apresenta como justas e que pertencem á cathegoria das que não exigem um estudo profundo para a sua immediata resolução destacam-se as duas seguintes:

a) Montada para os capitães d'infantaria;

b) O posto d'alferes para os individuos que completam o curso d'infanteria, por analogia com a artilheria e engenheria.

São estas as duas questões que precisam ser resolvidas e o seu proprio enunciado é tão evidente, que dispensavam quaesquer considerações em seu abono; mas não queremos deixal-as ao abandono, sem as revestirmos d'alguns argumentos que se podem citar, para convencer alguem que não concorde com a facil intuição do assumpto.

Montada para os capitães d'infanteria

Dizem alguns escriptores militares, e com justificado motivo, que o capitão constitue uma das principaes engrenagens de toda a machina militar e por isso tudo é pouco, quanto se faça para lhe augmentar o seu valor. O capitão está para a sua companhia, assim como o coronel para o seu regimento.

Deve-se attender a tudo que tenha por fim augmentar-lhe o valor, ou facilitar a sua missão, porque tudo isso redundará em beneficio da instituição que se serve.

Quem faça uma rapida analyse da missão do official que occupa na gerarchia militar o grau de capitão d'infanteria, notará que elle deve vigiar constantemente a sua companhia, transportando-se frequentemente da testa á cauda.

Uma companhia em marcha itineraria occupa uns 80 metros de profundidade e se o capitão marchar a pé, não só não se poderá exigir-lhe uma continua vigilancia, como

não se poderá impôr-lhe uma fadiga tão excessiva, que não o deixará em condições de poder prestar serviços n'um momento mais opportuno.

No serviço de segurança em estação, poderá a companhia occupar uma frente com uma profundidade de 1:000 metros, e ninguem póde conceber, como é que o seu commandante deve vigiar todo o serviço, se tiver de fazer todo o trajecto a pé.

Alem d'isso, o capitão tem de reconhecer previamente o terreno antes de estabelecer a sua companhia, e se fizer parte do serviço de segurança em marcha tem egualmente de percorrer trajectos consideraveis.

Poderão apresentar duas objecções, os que acham que haja inconvenientes em distribuir montadas aos capitães d'infanteria: as d'ordem moral e d'ordem economica. As primeiras poderão surgir quando se julgue que produza mau effeito nas tropas, o capitão ter de se apear na occasião de combate. Ora esta questão, liquida-se por varios processos; mas tudo desapparecerá se o regulamento determinar que o capitão se apeie para dirigir o combate. N'estas condições, o facto do capitão se apeiar, não representará uma cobardia, mas o cumprimento d'uma ordem perfeitamente justificada pelas exigencias do serviço.

As objecções d'ordem economica, ainda que constituam motivo apreciavel, não bastam para que se ponha de parte por completo o assumpto. Deve-se procurar a solução para o problema. Se as nossas circumstancias economicas não permittem que de momento sejam fornecidas montadas a todos os capitães d'infanteria, como se faz n'outros exercitos, estabeleça-se pelo menos o direito á montada no momento da mobilisação, aos commandantes de companhia, providenciando-se, para que na epocha de menos fadiga para os cavallos dos regimentos de cavallaria, se ministre n'estas unidades a instrucção d'equitação aos officiaes d'infanteria.

O capitão precisa estar sempre bem disposto, para, no momento do perigo, possuir a maxima energia disponivel para grandes emprehendimentos, e em geral é o ultimo a deitar-se no estacionamento e o primeiro a estar álerta, para poder garantir e fiscalisar as dezenas de vidas que tem sob a sua responsabilidade.

Tudo aconselha pois, que o capitão se poupe nas marchas para produzir o maximo esforço n'um dado momento decisivo. Se a deficiencia dos nossos effectivos não tem

permittido que se aprecie a valer, qual é a fadiga imposta ao capitão d'infanteria, não devemos de fórma alguma cahir no vicio resultante d'essa má apreciação e deve-se empregar os meios para que se saia d'esta situação embaraçosa, antes que a dura realidade da experiencia venha mais tarde confirmar—o que Deus não permitta nunca,—que fômos victimas d'uma indesculpavel imprevidencia.

Os aspirantes d'infanteria

Como se sabe, o inicio da carreira dos officiaes d'infanteria tem soffrido varias perturbações e todos os nossos legisladores teem recuado, sem que ninguem o possa justificar, quando procuram nivelar a origem da entrada do official d'infanteria, na escala hierarchica militar, com a das outras armas e serviços.

E' um facto que a tradição enraizou, não se sabe como, e não ha maneira de o demolir por completo, ainda que o legislador a quem se deve a actual lei de promoção já lhe desse um profundo golpe, com a criação da diuturnidade no posto d'alferes; mas ainda conservou para as armas de infanteria e cavallaria o posto d'aspirante a official, com a exclusão d'este posto das armas d'artilheria e engenheria.

Haverá alguma exigencia tactica ou organica que leve a conceber a necessidade de se conservar apenas nas armas d'infanteria e cavallaria o posto de aspirante a official?

Absolutamente nenhuma.

Não ha fórma possivel de se descortinar uma unica causa que faça o nosso espirito conformar-se com uma excepção, que é incomprehensivel, por se tratar d'individuos que sahem da mesma escola, na mesma occasião e orientados pelos mesmos mestres, na instrucção e educação militar.

Não é por este systema que se conseguirá manter os laços de confraternidade e fazer desapparecer as castas dentro do exercito, pois que com este processo, o Estado declara, por um meio indirecto, que os officiaes d'infanteria e cavallaria não teem os mesmos direitos á consideração publica que os seus camaradas das outras armas.

Os factos nem sempre se medem pela realidade, mas algumas vezes, pelo que as apparencias traduzem.

Não ha no exercito duas opiniões que estejam em desaccordo ácerca d'este assumpto, e por isso se deve procurar na occasião oportuna, fazer desapparecer esta anomalia, de effeitos tão crueis para a arma de infanteria e cavallaria, e que por todas as fórmas têem mostrado que não o merecem.

Se por acaso se entende, que as responsabilidades impostas ao official são de tal ordem, que se torna indispensavel criar um situação ou estado de transição entre a sua vida escolar e a carreira das armas, e se julgue que o posto de aspirante a official é necessario para estabelecer esta transição; conserve-se então esse posto, mas egualmente para todas as armas e nunca com a fórma de excepção que elle apresenta actualmente.

Não ha principio algum, d'ordem scientifica ou moral, que nos indique que os officiaes não devam sahir todos da escola do exercito com o mesmo posto, muito embora se conserve a differença de gratificação mais avultada, para os que tiverem de estudar cursos mais longos.

E' esta a verdadeira doutrina imposta pela justiça e pela razão.

Os sargentos d'infanteria

Se o capitão d'infanteria deve collocar-se em condições de produzir, n'um dado instante critico, o maximo esforço, tambem se deve contribuir para auxiliar todos os meios que lhe facilitam a sua missão. Entre os auxiliares do capitão figuram os sargentos, que no combate moderno desempenham e desempenharão um papel cada vez de maior responsabilidade. Não só é importante o papel que o sargento póde desempenhar durante o combate, nas marchas e estacionamento, como tambem no serviço burocratico das companhias, e por isso se comprehende que, entre as provas de consideração que a Allemanha dispensa aos officiaes inferiores do exercito, figure a suppressão da espingarda e mochila, que passou a ser substituida pela espada e revolver com um equipamento muito ligeiro.

E effectivamente, não se poderá exigir com tanta facilidade a um sargento que marcha carregado com a mochila durante uma longa *étape*, o mesmo serviço, que se exigiria, se fosse livre d'aquelle estorvo.

O inconveniente que resulta d'uma tal substituição é

quasi nullo em face das vantagens excedentes. Assim o comprehendeu a Allemanha e tratou de pôr em pratica este facto, que já tem sido presenceado por officiaes portuguezes que ultimamente teem visitado o exercito germanico.

São estas tres questões que resumidamente apresentamos, d'uma extrema simplicidade, mas apesar d'isso, a sua prompta resolução muito póde contribuir para aperfeiçoar os meios d'acção da infanteria, e portanto para pôr esta arma em condições de satisfazer ao fim commum da machina militar que, como deixamos transcripto, foi indicado por Lloyd.

J. S.

A instrucção da nossa infanteria

«Os exercicios têem por fim preparar os chefes e os soldados para a guerra; devem pois ser todos dirigidos, tendo em vista o combate.»

(*Regulamento de manobras para a infanteria japoneza, de 1906*).

Quando estas linhas virem a luz da publicidade, já nas fileiras dos nossos regimentos de infanteria e dos nossos batalhões de caçadores, se contarão mais esses milhares de mancebos, que nos são confiados para que os instruamos e tornemos aptos a pegar em armas para a defeza da Patria e sua gloria. Coincide a entrada do contingente d'este anno com a distribuição ao nosso infante

do novo armamento Mauser-Vergueiro, ultimamente adoptado.

A Kropatschek vae pois gosar finalmente d'um relativo descanço. Ganhou-o bem e gloriosamente, como gloriosamente a empunhou o nosso soldado de Marraquene a Chaimite, das margens do Cunéne á Embala do Cuamato Grande!

«Nova arma — novo manejo».

Assim, com a nova Mauser-Vergueiro uma simplificação no actual manejo se operou.

Abandonaram-se movimentos inuteis, e n'outros, de necessario apparato, suprimiram-se as velhas formulas anacrónicamente espalhafatosas.

Consequencia logica: um tal ou qual somatório de tempo, que forçoso se torna aproveitar utilmente.

Urgente é pois que, ao entrar o novo contingente, se adoptem novos processos de educação e de instrucção para o soldado recem-alistado.

Hoje em dia — e principalmente para paizes pequenos, e de fracos recursos, como o nosso — a instrucção do soldado de infanteria deve assentar n'este axioma:

«Instrucção, tendo em vista, no grau mais accentuado, a guerra».

Tudo o que seja pois dar-lhe confiança em si, na sua arma, e em quem o dirige — se deve desenvolver. Tudo o que — pelo contrario — represente um desperdicio escusado de energia e de tempo — se deve abandonar.

Conseguir que elle leve para a sua terra, o maior numero de conhecimentos *aproveitaveis* n'um *casus belli* — tal deve ser o incontestado ideal de quem manda e de quem obedece.

De resto, o tempo, que o soldado permanece na fileira, é, cada vez mais limitado. Justo é pois que o aproveite.

Nas proprias nações ricas, em que as exhibições aparatosas podem ter uma certa justificação, os espiritos esclarecidos pedem a sua relegação para um segundo plano. O Regulamento Allemão, seguindo o forçado e natural curso de taes ideias assim o preconisa, dizendo que «os exercicios de parada, vem em segundo logar...»

Isto faz-se na Allemanha — a primeira entre todas as potencias militares, pela poderosa força dos seus exercitos e pela profunda seriedade com que ali são olhadas as questões militares...

Deixamos ao leitor a conclusão do nosso pensamento...

Até hoje, a instrucção do nosso soldado — não assentando em base alguma sólida, não sendo conduzida sob nenhuma orientação moderna, nem visando nenhum fim pratico — tem andado seguramente atrazada de 10 annos (ou mais...) relativamente á d'aquelles paizes, onde se olha a serio em ter exercito.

D'este modo, o soldado ao ser dado prompto da instrucção de recruta, sahe mal preparado e conhecendo deficientemente a sua verdadeira missão. Depois, entra n'um periodo — que se prolonga lássamente até ao seu licenciamento para a reserva — em que elle emprega a sua actividade em: fazer guardas, diligencias, destacamentos, guardas d'honra — emfim um triste estendal de cousas, que seriam muito proprias n'um corpo militar de segurança publica, mas que assentam no soldado, como uma casaca de Brummel no corpo de um rustico.

Dir-me-hão: os nossos recursos são poucos. Bem o sabemos .. Mas, mesmo dentro da nossa pobreza, mais alguma cousa se póde fazer — e que se não faz.

A questão consiste, a nosso vêr, em romper com velhos habitos, velhos processos, e em querer olhar o problema bem de frente e com olhos de vêr... O resto virá fatalmente.

Muito, muitissimo ha a ensinar ao soldado, e vasto campo se abre para o *instructor* e para o *educador*.

Depois de uma cuidada instrucção e educação individual, depois de uma instrucção em ordem unida simples e isempta de grandes evoluções de taboleiro — já hoje archaicas e que poderão encantar e fazer pasmar os leigos mas, que obrigam a sorrir de piedade os téchnicos — nós desejariamos vêr, a par de uma meticulosissima instrucção de tiro, uma completissima instrucção de campanha.

E desnecessario se nos torna accentuar que a educação moral e civica do soldado — nós ambicionavamos vêl-a desenvolvida e orientada com segurança e com firmeza.

E' isto o que se precisa praticar em Portugal, para que possamos ter uma infanteria, que inspire confiança, e não uma verdadeira *chair á canon*, valente e soffredora — immolada em caso de guerra a erros de orientação durante muitos annos accumulados, a verdadeiros *raids* de optimismo, que podem conduzir ás maiores desgraças!

Estamos habituados a ouvir depreciar as qualidades

do nosso soldado. Indolencia, incuria, um acentuadissimo abandono de si proprio — tudo lhe assacam, com maior ou menor exactidão... Mas a par d'isto, quantas e quantas bellas qualidades elle não tem!

Creiam: a materia prima é boa. O meio é que a estraga. E senão vejamos, como no meio da sua rusticidade, elle aprende e aprende com gosto, quando póde ser ensinado com methodo, quando *elle vê* que o que aprende é *util, serve para alguma cousa!*

Poderá não ter — e não tem — o grande aprumo, a desenvolta *crânerie* do de outros exercitos.

Não foi feito para espectaculosas paradas. E' bisonho, triste, é... *gebo*, não tem arrogancia, não impõe... E' um pobre galucho...

Mas... mas, mais gloria que não désse á sua terra, dá-lhe a suprema certeza de ir, quando bem dirigido, onde vão os melhores. As campanhas coloniaes o dizem!

Parte um corpo de tropas para o Ultramar? Quem falta? Ninguem!

E quanta resistencia, quanta sobriedade, quanto espirito de sacrificio — são os officiaes que lá os commandam, que o attestam — elle não mostra: alli, onde não ha estradas planas para marchar, onde o clima mata, e onde, *malgré tout* — é preciso vencer e se vence!

Instruido com disvelo, desenvolvidas as suas naturaes aptidões, corrigidos os seus defeitos, levantado o seu espirito por uma completa transformação de educação militar — elle será soldado para se medir — como se mediu em 1810, no Bussaco, com os granadeiros de Massena — com os melhores, e para honrar com o seu sangue obscuro a terra onde nasceu.

Talvez estas palavras sejam producto de uma fé exagerada nas qualidades do nosso *troupier*. Talvez...

Mas é essa fé, que nós, os officiaes, devemos ter, para que a nossa missão não seja pouco mais do que improficua!

A quem o dirige cabe pois o dever sagrado de não o conduzir ao combate, como o pastor conduz o seu rebanho, ou como quem leva gado ao açougue.

Uma arma, como a nossa, destinada, em todas as guerras, a ir morrer, se tanto fôr preciso, junto ás posições inimigas, assegurando e decidindo da victoria — tem de se preparar a serio para a *ultima ratio!*

Para isso precisa aprender a combater, segundo os

modernos processos de combate; necessita trenar-se nas marchas, que dão resistencia; precisa praticar em *estacionar*, *em se guardar*, em guardar o exercito de que é a parte principal.

Alguma cousa—bastante mesmo, diremos—se póde fazer nos dois annos, que o soldado permanece na fileira.

Unicamente é urgente, que abandonemos os processos de instrucção até aqui seguidos, que se faça desviar para o seu verdadeiro curso a nossa actividade e que, sobretudo, não nos pretendamos illudir!...

Imprescindivel se torna facultar ao nosso corpo de officiaes de infanteria—o transplantar para a pratica os conhecimentos theoricos adquiridos.

A infanteria portugueza precisa «não parar!»

«Quem pára, dorme e, quem dorme morre!»—como no aforismo da retirada da Russia. Precisa-se reavivar energias, dar emprego a vontades de trabalhar: ambas estão ameaçadas de se subverter n'este *mare magnum*, de commissões de espolio, de papelada e d'administração!

O verdadeiro sitio de actividade dos nossos regimentos e dos nossos batalhões é—no *campo!*

Mandem-n'os pois para o campo mais vezes, muitas vezes, tantas vezes quanto possivel! Ha falta de effectivos, ha falta de quadros—que estão atarrachados a mesas, garatujando papelada, e dando tratos de polé ao entendimento na bella redacção de uma nota, no altissimo problema da venda de um capote já usado?

Mas—meu Deus—mais vale uma modesta escola de pelotão, de secção, de esquadra mesmo, *no campo*, do que uma portentosa escola de companhia com muitas evoluções complicadas no taboleiro da parada.

E nos corpos da nossa arma ha tanta prodigalidade em exercicios na ordem unida e tanta e avara parcimonia nos de serviço de campanha...

Pois experimente-se. E certamente veremos em logar do soldado de «ar arrastado» das *mudanças de frente*, coévas da Snider—um soldado novo, despertando n'um avanço, simultaneamente cauteloso e intrépido, ao longo de uma sebe, ao abrigo de um muro, ao longo de um vallado...

E veremos ainda mais: os nossos officiaes—vendo-se assim livres d'um serviço improprio da sua profissão, obrigados a applicar na pratica conhecimentos adquiridos,

livres emfim das peias com que o actual systema os tolhe —sentirem, que o seu trabalho é util, porque é a applicação das suas faculdades á verdadeira razão de ser do exercito: a defeza da Patria!

Outra cousa ha contra que nos devemos precavêr.

Referimo-nos á *pressa em instruir, ao ensino de pé no estribo á moda do arabe*, na phrase pittoresca e exacta d'um nosso camarada muito distincto.

Muitos ha que pretendem, que o soldado d'hoje precisa de menos tempo para *ser soldado* do que o de tempos idos.

A isto objectaremos o que a tal respeito diz o general Langlois, n'um artigo recente: «Esquece-se que em troca a educação individual, sob o ponto de vista do combate moderno, se tornou larga e delicada; hoje o soldado tem que operar muito mais abandonado do que outrora, deve saber utilisar admiravelmente o terreno, sob pena de se expôr a um fracasso na offensiva; ser um excellente atirador e capaz de graduar por si mesmo o fogo da sua arma, conforme as circumstancias: em uma palavra: mostrar uma iniciativa que só lhe póde dar uma profundissima educação individual em pleno campo, nos terrenos e situações mais variadas».

Assim deve ser o soldado de hoje.

Resumindo:

—Desejamos que ao soldado de infanteria portugueza seja dada uma instrucção, tendo em vista, no maior grau, o serviço de campanha.

—Desejamos que uma profunda modificação se faça em todos os nossos processos de ensino.

—Desejamos que abandonemos tudo o que é inutil e tudo o que desvia o serviço da infanteria do seu campo de actividade natural.

—Desejamos que a educação moral e civica do soldado — que é, por assim dizer, a sua verdadeira *formação* —adquira um alto grau de intensidade, pelo desenvolvimento dos grandes sentimentos patrioticos.

Assim a incorporação do contingente de 1907 pudesse ser um verdadeiro marco miliario, a partir do qual caminhassemos para o verdadeiro progresso da nossa gloriosa arma, que é, e será sempre a *Rainha das Batalhas!* Mas... «si l'infanterie reste la reine des batailles, sa royauté ne va pas sans de lourdes charges; plus que jamais il lui faut une préparation logique et compléte, qui, jointe á

une abnégation absolue lui permettra de jouer dans la bataille le rôle principal, pour lequel elle est faite, que nul ne peut tenir á sa place, et qui, s'il est mal rempli, ne peut permettre de prétendre um succés».

Assim o diz, e muito bem, o Comité da redacção da «Revue d'Infanterie».

Lisboa, novembro de 1907.

EURICO DE SAMPAIO SATURIO PIRES
Alferes de caçadores d'El-Rei.

A RESERVA DE MUNIÇÕES DA NOSSA INFANTERIA

Agora, que temos novo armamento de infanteria, é mister consagrar o maior cuidado e interesse ao capital assumpto da dotação das respectivas munições que por cada espingarda devemos ter em deposito.

Espingardas sem munições nada valem.

Os japonezes que, com as brilhantes victorias na sua ultima guerra, tanto emocionaram o mundo, tinham a seguinte dotação de munições de infanteria:

a) Cada soldado transportava nas suas 3 cartucheiras 120 cartuchos e 30 na mochila; no decorrer da campanha o numero dos cartuchos da mochila foi elevado a 60;

b) O trem de combate de cada batalhão transportava cerca de 60 cartuchos por praça:

(*c* As columnas de munições cerca de 90;

d) O parque de armamento de divisão 150;

(*e* O parque de munições do corpo de exercito 300.

Total, cerca de 800 cartuchos por espingarda.

E é preciso notar-se que esta cifra nada tinha de absoluto.

Estes 800 cartuchos representavam um minimo, porque as auctoridades militares tinham a maior liberdade de acção e a maior iniciativa, para poderem lançar mão dos meios que julgassem mais convenientes e adequados, para augmentar as reservas de cartuchos.

E tanto que, logo que os soldados se desembaraçavam das suas mochilas recebiam um notavel supprimento de cartuchos.

Tambem não se deve esquecer o escrupuloso cuidado, quasi religioso dever, com que os japonezes aproveitavam os cartuchos dos feridos e dos mortos.

Na batalha de Mukden os soldados da 12.ª divisão japoneza receberam 600 cartuchos cada um.

Na batalha de Liao-Yang (8 dias) cada soldado consumiu 400 cartuchos; na de Cha-Ho (12 dias) 600 cartuchos; na de Sandepou (7 dias) 350 e na de Mukden (15 dias) 750.

D'aqui se deve inferir que é necessario que no começo da guerra tenhamos armazenados 1:000 cartuchos por espingarda.

E' calculo bem simples de fazer.

E como nós temos 100 mil espingardas do novo modelo Mauser-Vergueiro, resulta que o stoque que carecemos ter em deposito será de 100 milhões de cartuchos.

Ora, calculando que a nossa fabrica de munições de infanteria tem um rendimento de 30:000 cartuchos por dia, trabalhando em cheio, vê-se que em 365 dias podemos conseguir apenas 10 milhões de cartuchos. E como póde calcular-se tambem serem annualmente indispensaveis, pelo menos, 3 milhões de cartuchos para instrucção das praças do activo, dos reservistas chamados em agosto, das sociedades civis e mais classes de tiro civil, computando em 40 mil o numero annual dos individuos que recebam instrucção de tiro, consumindo n'essa instrucção 70 a 80 cartuchos, vê-se que a producção de cartuchos de infanteria que annualmente podemos armazenar fica reduzida apenas a 7 milhões de cartuchos.

E sendo isto assim, precisamos trabalhar em cheio durante 15 annos para a nossa infanteria poder ter em deposito os cartuchos indispensaveis para o começo da guerra.

Tal periodo ou póde ser demasiado curto ou então tão longo que tudo possa comprometter.

Ninguem póde prevêr, com muita antecipação, quando haverá necessidade de pegar-se em armas para defender os sagrados direitos da nossa patria.

Muitas vezes, por maiores que sejam os desejos de paz de um povo, é esse povo forçado a acceitar a guerra, porque uma nação que não possa ou não saiba defender-se é indigna de pertencer ao numero dos paizes livres.

Logo, urge como sabia medida preventiva e de incontestado alcance para a defeza nacional, ou adquirir-se no

estrangeiro um stoque de 50 milhões de cartuchos, como base inicial da reserva definitiva do nosso cartuchame, ou ampliar-se a nossa fabrica de Chellas de modo a que tenha um rendimento diario de 60.000 cartuchos.

Deve, todavia, notar-se que reputamos o numero das nossas modernas espingardas insufficiente para as necessidades do nosso exercito mobilisado.

Se grande deve ser a gratidão de todo o infante para com o então ministro da guerra, o sr. general Pimentel Pinto, que dotou a nossa infanteria com o maior numero de espingardas que até hoje temos possuido, devemos manter a esperança, e que é para nós uma nobre aspiração, de que o notavel homem de estado opportunamente completará a sua obra adquirindo, pelo menos, outras 100 mil espingardas.

Mas, se assim succeder aggravada fica ainda a delicada questão do municiamento da nossa infanteria.

N'este ultimo caso o alargamento da fabrica de cartuchame impunha-se como uma medida patriotica.

A dotação de cartuchame attribuida a cada soldado em campanha pelos nossos regulamentos é absolutamente insufficiente para a guerra moderna.

Os russos, que no começo da campanha tinham uma dotação de cartuchos sensivelmente egual á nossa, viram-se obrigados a augmental-a, chegando á haver regimentos em que cada praça fez 400 tiros n'um só dia, e outros em que, em 5 dias de combate, o consumo de cada praça elevou-se a 800 cartuchos.

E a experiencia da guerra é quem n'estes assumptos deve dar a lei.

D'estas simples considerações se deprehende a imperiosa necessidade de os poderes constituidos dedicarem a maior attenção e cuidado para o municiamento da nossa infanteria, porque o que actualmente existe não vale nada.

Comprehende-se bem que não queremos entrar a fundo, nem deviamos fazel-o, n'uma questão tão melindrosa como esta.

O nosso intuito, esboçando apenas o quadro, é chamar a attenção de quem tem por dever velar pela defeza nacional, concorrendo nós, por este modo, com o nosso quinhão de sinceridade e boa fé para a resolução de um problema que tanto interessa aos destinos do nosso paiz.

BIBLIOGRAPHIA

Ferramenta portatil da Infanteria, por *Luiz Henrique Pacheco Simões*, capitão de caçadores n.º 5.

Felizmente, e com grande desvanecimento o dizemos, é hoje notavel a pleiade de officiaes da nossa arma que se consagra com afincado amor ao estudo, trazendo para o livro o resultado das suas locubrações, na legitima e nobre ambição de divulgar conhecimentos d'esta nossa tão difficil profissão.

O nosso amigo, sr. capitão Pacheco Simões, versou uma materia que é hoje da mais palpitante utilidade para o exercito, mas muito em especial para a infanteria.

E versou-a com superior criterio e notavel dedicação.

A ferramenta de campanha é uma segunda arma que não póde deixar de acompanhar o nosso soldado.

Os progressos extraordinarios das machinas de guerra que os exercitos modernos teem á sua disposição impõem a fatal necessidade de se contrapôr elementos que, embora não as possam annullar, tenham, pelo menos, a virtude de diminuir-lhes os effeitos.

E no primeiro plano está, sem a menor duvida, a ferramenta portatil da infanteria.

Não podemos, nem este é o logar proprio para o fazermos, desenvolver a these, brilhantemente tratada pelo nosso amigo, o sr. capitão Pacheco Simões, reforçando-a com exemplos bem typicos e bem nitidamente caracterisados da ultima grande guerra entre a Russia e o Japão.

A lição foi dura, não ha duvida, mas deve ser proveitosa para quem tem por dever consagrar ao interesse da defesa nacional o seu maior desvelo.

Agradecemos muito cordealmente a offerta do precioso livro, registando aqui, com profundo reconhecimento, a gentil e amabilissima dedicatoria com que nos distinguiu este nosso amigo e talentoso camarada.

E terminamos esta noticia fazendo nossas as palavras do sr. capitão Pacheco Simões: — «Agora que a nossa infanteria se encontra dotada com um bom equipamento e que em breve vae receber nova arma, era occasião opportuna de lhe completar o material com a ferramenta portatil, artigo actualmente tão indispensavel em campanha ao infante como a propria espingarda.»

Mapa de la Provincia de Extremadura — districtos de Leiria, Santarem e Lisboa, pelo capitão de Engenheiros do exercito hespanhol, *D. Benito Chias y Carbó.*

Recebemos o mappa referido, montado em tela, podendo dobrar-se e trazer-se na algibeira, editado pela casa Alberto Martin, de Barcelona.

Conhecemos o «Atlas Geographico de Portugal» do nosso camarada D. Benito Chias, que é sem duvida um trabalho perfeito, impresso a nove côres, minucioso e exacto nos seus detalhes, salientando-se as vias de communicação, os rios, as montanhas e as povoações, permittindo uma facil procura d'aquillo que se desejar porventura encontrar.

Pois o mappa que gentilmente nos foi offerecido, e que muito penhoradamente agradecemos, faz parte da collecção publicada e encontra-se á venda em todas as livrarias pelo modico preço de 200 réis.

Secção do extrangeiro

Grecia. — O governo grego encommendou ás officinas Creusot trinta e seis baterias de campanha systema Schneider-Canet, a 4 peças e 12 armões por cada bateria, 6 baterias de montanha tambem a 4 peças. Cada peça traz o municiamento de 200 tiros.

A commissão de officiaes gregos encarregada de redigir o caderno de encargos é presidida pelo coronel Varvoglis.

França. — Suscita-se agora uma nova questão sobre o numero de peças de campanha que deve ser attribuido a cada bateria.

O major Aubrat sustenta que, com o novo material de 75 de tiro rapido, cada bateria deve ter 3 peças apenas.

«A' medida que o material de artilheria se vae aperfeiçoando, diz o major Aubrat, o numero de peças por mil espingardas e por bateria deve ir diminuindo, embora o numero de armões necessarios para o aprovisionamento de cada peça seja augmentado.»

Sem querermos entrar n'este debate, que a nós nos não pertence, apresentamos aqui esta noticia, a titulo de curiosidade, por ser a primeira vez que vemos na imprensa estrangeira preconisado o principio de 3 peças por bateria.

Italia. — No presente anno as grandes manobras italianas revestiram um notavel interesse, não só pela importancia das forças em operações como pelo desenvolvimento que se deu a todos os serviços de campanha.

O terreno escolhido para as manobras foi fronteiriço á Suissa, em frente mesmo á grande estrada do Simplon. Foram chamadas 3 classes de reservistas para reforçar o exercito activo.

O partido vermelho, que representava o invasor, era constituido por dois corpos de exercito, I e III, a duas divisões. Total do partido vermelho — 16 regimentos de infanteria (47 batalhões), 2 regimentos de bersaglieres (8 batalhões), 2 regimentos de cavallaria (12 esquadrões), 32 baterias de artilheria de campanha, 4 companhias de engenheria, uma secção de metralhadoras, infanteria, (experiencia) e todos os serviços da primeira e segunda linha. Este partido, que era commandado pelo tenente general Maiononi d'Intiguano, foi elevado a metade do effectivo de guerra, tendo 1:500 officiaes, 32:000 praças e 6.000 cavallos.

O partido azul, tropas da defeza, comprehendia o II corpo do exercito (duas divisões) e uma divisão de cavallaria independente, a 7.ª.

Total do partido azul — 12 regimentos de infanteria (35 batalhões), 1 regimento de bersaglieres (3 batalhões), 1 companhia de cyclistas, 5 regimentos de cavallaria (30 esquadrões), 21 baterias de artilharia de campanha, 2 baterias a cavallo, 3 companhias de engenheria, 2 secções de metralhadoras, cavallaria (experiencia), um parque aerostato e todos os serviços de primeira e segunda linha.

Commandante o tenente general Roger.

Tropas — 1:300 officiaes, 25:000 praças e 6:500 cavallos.

Total das forças em manobras 72:000 homens, ou sejam mais 15:000 homens do que nas manobras precedentes.

Não podemos, pela estreiteza do espaço dar uma noticia desenvolvida d'estas importantissimas manobras, mas sempre devemos dizer que se procurou dar aos exercicios uma feição tanto quanto possivel approximada da guerra. Deu-se a maior liberdade possivel aos chefes dos partidos, limitando-se a intervenção da direcção das manobras de modo a não entravar a espontaneidade das operações. Não mais signaes convencionaes para se começar e terminar as operações de cada dia.

Austria. — Segundo informa um jornal militar allemão, o ministro da guerra da Austria-Hungria, quer seguir na esteira da França e da Allemanha no tocante á adopção da nova bala ponteaguda.

E' mais um exercito que quer aproveitar o que nós leviana e imprudentemente despresámos,

Não podemos nunca occultar a funda magua que nos produzio decisão tão contraria á verdade e aos interesses do exercito e defesa da patria, como essa que para ahi appareceu, pondo-se de parte o alvorecer de uma nova luz que tão notavelmente melhorava as condições ballisticas da nova arma se adoptassemos a nova munição com a bala ponteaguda!

As experiencias preparatorias feitas no exercito austro-hungaro já terminaram com um exito notavel.

Espera-se que em resultado dos ensaios em grande escala que vão começar já, fique a assumpto definitivamente resolvido.

O jornal *Jahrbucher fur die deutsche Armee und Marine* não nos dá nenhum esclarecimento sobre os detalhes do novo projectil ponteagudo estudado agora na Austria.

13016-14/00
-52-1911-

INDICE

Adriano Beça, *major de infanteria*

A evolução da tactica de infanteria 9, 36, 107, 138

Antonio Guedes Vaz, *tenente de infanteria*

Patria, Bandeira e Regimento 233

A. David Branquinho, *tenente d'administração militar*

A alimentação da cavallaria na guerra..... 6
Subsistencias militares 78
Administração Militar 211, 329
O exercito americano 299

A. P.

O recrutamento de officiaes para o ultramar... 149, 201

Capitão Bugalho

Metralhadoras 15, 86, 97, 129, 161, 193, 243, 279, 308, 342

C. L.

A diuturnidade de serviço dos subalternos..... 125

C. M.

Instrucção de tiro da infanteria 203

David Rodrigues, *capitão de infanteria*

As praças de pret das tropas coloniaes..... 1, 65
Tiro Nacional 18
As praças de pret europeias das tropas coloniaes.... 225
O ensino colonial..... 289

Domingos Patacho, *capitão de infanteria*

Um «Raid» de infanteria em Angola 118

Eduardo Correia, *capitão de caçadores*

As manobras do exercito hespanhol na Galliza..... 355

Eurico de Sampaio Saturio Pires, *alferes de caçadores*

A instrucção das companhias de metralhadoras dos nossos batalhões de caçadores 173
A instrucção da nossa infanteria..... 373

F. Borges Junior, *tenente de infanteria*

Estudos militares nos Açores..... 267
Instrucção militar preparatoria 294

F. P.

Promoção a tenente..... 220, 246, 274

F. S.

Organisação militar colonial..... 22, 57
Medalha militar..... 169
Recrutamento dos sargentos para o Ultramar 303
Sargentos..... 363

J. Camacho, *capitão de caçadores*

A instrucção de gymnastica e o concurso realisado no batalhão de caçadores n.º 1.. 183

J. Corrêa dos Santos, *major de infanteria*

Historia militar universal..... 336

J. S.

Questões vitaes da infanteria..... 367

J. V. de Sande e Lemos, *general*

Preambulo d'uma conferencia realisada no regimento de infanteria 15 na epocha de inverno de 1889. 217

L.

A reorganisação da Escola do Exercito 178

Luiz Alves Martins, *capellão do exercito*

A Bandeira Portugueza..... ..... 145, 175

Mello e Athayde, *tenente de infanteria*

Marchas e corridas 69

Mineiro d'Almeida, *capitão de caçadores*

Emprego tactico das metralhadoras com infanteria no ataque e defensa 346

Da Redacção

Novo regulamento do serviço interno dos corpos..... 26
Soldos 27, 43
A distribuição das metralhadoras pelos nossos batalhões de caçadores..... 33
A festa militar. 52
Regulamento de manobras para os grupos de metralhadoras de 1 de setembro de 1904, do exercito allemão 75, 205
Ao Sr. Ministro da Guerra..... 85
A mobilisação da 4.ª divisão militar..... 88
O tiro de infanteria, ensinamentos da guerra russo-japoneza..... 122
O carregador da Mauser-Vergueiro..... 136
Uma nova bala de infanteria..... 152
Os sargentos..... 116, 153, 187, 208
Granadas de mão 240
Tiro nacional..... 250
A conservação das novas espingardas..... 257
Pequenos calibres 264
A distribuição do novo armamento 316
As nossas victorias no sul de Angola..... 321
S. Alteza o Principe Real em Lourenço Marques.... 323
Pelo generalato 333

O assucar na alimentação do soldado 335
General Cesar Augusto Kuckenbuch dos Prazeres .. 353
A reserva de munições da nossa infanteria..... 379

Bibliographia

Concepto y estudio de la Historia Militar 61
A Defeza de Portugal..... 92
Apontamentos para um curso elementar de hydrographia..... 155
A guerra russo-japoneza. 156
Manual do 2.º sargento de infanteria 157
Quelques mots sur les mathematiques en Portugal... 222
Annuario da Escola do Exercito..... 253
Ferramenta portatil da infanteria..... 382
Mapa de la Provincia de Extremadura..... 383

Secção do extrangeiro

Allemanha 31, 61, 93, 126, 159, 191, 222, 288, 320, 349
Austria..... 96, 319, 383
Belgica..... 96, 254, 318
Bolivia..... 128
Bulgaria..... 128, 224
Canadá..... 224
China..... 319
Estados Unidos 63, 160, 255, 284, 352
França..... 95, 158, 224, 256, 287, 350, 383
Grecia..... 383
Hespanha..... 31, 160, 287, 352
Hollanda..... 159
Inglaterra..... 32, 94, 191, 255, 317, 351
Italia..... 128, 224, 383
Japão..... 63, 158, 192, 319, 350
Noruega..... 64
Roumania..... 127
Russia..... 62, 96, 320
Servia..... 350
Suissa..... 127, 192